

3-6Arruda,S

CARTAS

DE

SIMPLICIO D'ARRUDA

a seu compadre

NICOLAU TORTULHO,

e d'este áquelle,

AUTOR * * *

DESENTRANHADAS DO PERIODICO

O BARCELLENSE,

E OFFERECIDAS AO EX.mo SR. MINISTRO DA JUSTIÇA BARJONA DE FREITAS, E AOS FREQUENTADORES DO TRIBUNAL D'ESTA VILLA, E HABITANTES DA COMARCA

BARCELLOS, NA TYPOGRAPHIA DO BARCELLENSE

1874.

Nota: Estas cartas iniciaram
a sua publicação no
Baculeum nos 16/1/1873
nº 4 (Nno I).
No jornal explicita-se
B. J. B só durante 1868
[illegible] de
[illegible] pelo ...
(nº 70, 13/11/1873)

A Sua Maria, como vizinha do Protagonista

offerece

O autor.

CARTAS

DE

SIMPLICIO D'ARRUDA

a seu compadre

NICOLAU TORTULHO,

e d'este áquelle,

Oferece à Camara
Municipal de Barcelos
30 de Julho de 1953
João Patrício Bandeira

CARTAS

DE

SIMPLICIO D'ARRUDA

A SUA CONTRADIZ

NICOLAU TORTULHO.

Barcelona
Penn.

C. M.
BARCELOS
BIBLIOTECA
Nº 7219

H.S2.2.61

31. VII. 1953

C. M. B.
BIBLIOTECA

CARTAS

DE

SIMPLICIO D'ARRUDA

a seu compadre

NICOLAU TORTULHO,

e d'este áquelle,

AUTOR * * *

DESENTRANHADAS DO PERIODICO

O BARCELLENSE,

E OFFERECIDAS AO EX.mo SR. MINISTRO DA JUSTIÇA BARJONA DE FREITAS, E AOS FREQUENTADORES DO TRIBUNAL D'ESTA VILLA, E HABITANTES DA COMARCA

BARCELLOS, NA TYPOGRAPHIA DO BARCELLENSE

1874.

PROLOGO.

Os escriptos estampados n'um Periodico *são quazi tão duradouros, e permanentes, como o que fôr desenhado no pó subtil, ou na arêa movediça.*

O tempo, e outras varias circumstancias factiveis troncam, extraviam, e dilaceram essas folhas avulsas, em que sahiram publicados taes escriptos, produzindo n'ellas então o mesmo effeito, que no pó, ou na arêa produz o vento.

Não assim o que fôr publicado n'um livro, por mais mediocre, que seja a tiragem, *que d'elle se fizer: o que n'elle se estampa, além do caracter de permanencia, tem a bem fundada presumpção, de que chegará ao conhecimento das gerações futuras.*

Se louva, serve então o livro de sonóra tuba, que incite, os que o lêrem, e prestarem a devida homenagem de respeito e veneração,

que a virtude, e merito merecem; se pelo contrario profliga, e verbera o vicio, é um pelourinho edificativo, em que, como castigo moral, a opinião publica com mão firme lhe imprime na hedionda fronte o indelevel ferrete da mais infamante maldicção.

Foi pois com este ultimo intuito, e para desaggravo dos habitantes d'esta importante comarca, e brioza Villa, onde nos ufanamos de ter nascido, que deliberamos colligir, e desentranhar do periodico=O BARCELLENSE=*as interessantes, e instructivas cartas de* Simplicio d'Arruda *a seu Compadre* Nicolau Tortulho, *e d'este áquelle; nas quaes seu denodado auctor magistralmente profligou as escandalosas torpesas, e demazias d'uma auctoridade corrupta e malversora, insolente e malcriada, tão cynica e desbragada, que sendo accuzada de actos e crimes os mais infamantes, não teve o melindre de requerer. como devia, se estava impolluto, uma syndicancia, que de algum modo o adealbasse!*

Uma auctoridade, que não hezitou ser juiz contra o homem, cujo figadal inimigo elle é, por ter tido a coragem de lhe patentear as

mazelas saniozas, e de lhe desafivelar a mascara da hipocrizia, com que apparentava de probo e honesto!!

No volume, que publicamos, encontrará quem quizer ser o Plutarco *dos homens vis e abjectos, ou escrever um* Flos iniquorum, *basto viveiro de dados biographicos para escrever a vida do mais* prestante e honesto *Varão!*

Com este nosso trabalho, que confiamos merecerá a acceitação do Publico, assim como a mereceram as referidas Cartas, quando publicadas no Barcellense, *prescindindo do deleite, que tão amena leitura deve cauzar, julgamos fazer um relevante serviço á Cauza Publica, e mais principalmente á boa administração da Justiça.*

Barcellos, 27 *de Junho de* 1874.

O Editor.

José Joaquim Lopes da Silva

Carta de Simplicio d'Arruda a seu compadre Nicolau Tortulho.

Compadre e Amigo.

Que tivesse festas alegres, e que o novo anno, que principiou com maus bigodes, para que a gente possa fazer finca-pé n'elle, lhe porporcione occazião de felicidades sem fim, são os meus desejos, e da sua comadre, que o traz sempre nos caracoes de sua lembrança.

Eu cá vou indo, como Deus é servido, gemendo e chorando com os meus calos, e com o rheumatismo, que é o que persegue a velhice.

Sua comadre, para quem as *cuias* forão uma descoberta mais milagroza do que o *condurango*,

por lhe tapar as pelladellas, e encobrir as cans, passaria ainda por uma rapariga, se a não aponquentasse o flato: se alguem lhe disser, que são hemorroidas, toda se abespinha, e pega fogo. Nessa zanguinha em nada desdiz de todas as do seu sexo; porque, desde Eva até os nossos dias, ainda nenhuma confessou, que padecia tal molestia!

Compadre, o nosso Barcellos sahiu por fim da monotonia, em que vivia sepultado.

Suscitou-se uma cruzada contra o Juiz de Direito, acerca de quem, não ha ninguem, que não conte sua anecdota, mais ou menos resivel, mais ou menos escandaloza.

Desde o momento, que elle aqui chegou teve a rara habilidade pelo seu desmarcado orgulho, e modos arrogantes e grosseiros, de semear um vastissimo alfobre de antipathias, que o tempo tem ustificado; e feito medrar prodigiosamente.

Se fosse ainda uzado o *ostracismo*, elle, que nem em miniatura se parece com *Aristides*, tinha por certo a sorte desse grande homem!

O homunculo, tomando, como servilismo, a affabilidade, e maneiras delicadas, com que os nosso conterraneos teem por costume tratar todos os hospedes, começou logo a tratar a todos tão desabridamente, e com uma sobranceria tão despotica, e menos-presadora, que chega pelos geitos a metter-se-lhe na cacholla, que na verdade era *alguem, que vinha d'algures;* e tudo era uma homenagem devida a sua *alta prosopopeia*, sem se lembrar, que o tempo dos capitães-mores já acabou!

O *Kan* da Tartaria, (não o procure no kalendario, nem no Flos sanctorum, porque é idólatra) sentado no seu throno, nunca olhou com mais desdem para o menor de seus vassalos, do que este *bachaletezinho* costuma olhar para os que concorrem ao tribunal.

Nos arroubos de sua fatua, e infundada soberba, para não entregar na mão aos officiaes de diligencias os autos, ou papeis, que despachava, atirava-os ao chão, e é d'ahi que elles os tomavão, para entregar aos escrivães, ou ás partes.

Eu desculpo d'algum modo este proceder; porque os officiaes de diligencias, para izolar a corrente do magnetismo animal, que se podia estabelecer entre o juiz e elles, devião ter luvas de pellica branca calçadas.

Chama-se o homemzinho *Manoel José Botelho*, e me dizem, que é natural de *Sinfães*, que demora nas fragosidades do Douro. circumstancia, a que muitos attribuem os modos e trato grosseiro, que o destinguem.

O nome, já em si, é prozaico de mais, e pouco inculcador; tem um bafio de aldeão, um cheiro a montezinho, que tresanda, e tanto elle conhece isso, que anda empenhando-se com quantos santos e santas ha na corte celeste para abandonar o *Manoel José*, e assignar-se v. g. *Barão*, ou *Visconde da Zina*, ou outra qualquer couza.

Se o nome o não abona, nem inculca, muito menos o recommenda a figura, que na verdade é exquizita, senão ridicula. Mais parece um barbeiro, do que um homem de lettras, nem mesmo *gordas*, quaes as de um cartaz, como me dizem,

que é. Lá por isso não lhe quero mal; porque nos dispensa os occulos.

Costumando os barbeiros ser civis, delicados nas maneiras, e até cortezãos, dizem uns, que elle de propozito se faz grosseiro e descortez, para que o não tomem como um mestre: dizem outros, que é para infundir medo e respeito com taes arrebatamentos, por isso que sabe pelo espelho, que a figura o não ajuda. Sendo assim o homem tem consciencia do que valle: nem sempre é verdadeiro o proloquio, *não ha cego, que se veja, nem torto, que se conheça!*

Aposto, compadre que se o visse com um estojo de baixo do braço, que não deixaria de lhe dizer: *mestre, na volta entre, para me barbear.*

Nas minhas ulteriores lhe contarei, compadre, o mais que me occorrer, e souber deste pobre homem, que pelos seus actos está sendo o alvo da indignação publica desta comarca, e da risota de todos.

Saiba, compadre, que falleceu em Inglaterra Napoleão 3.º Se este acontecimento se desse, ha dois annos, quando elle occupava o throno da França, e queria dispor dos destinos do mundo, que reboliço não haveria por todo o orbe, que baixa não produziria no credito e fundos de todas as nações; e que luto não haveria em todas as Cortes da Europa pelo fallecimento d'esse Irmão, ou Primo de todos os imperantes!!

Hoje que elle morreu, depois que baqueou com o throno da França, donde foi bannido, depois que não pode dispor de nem um unico soldado, nem pequena chalupa de guerra, essa no-

ficia nem venialmente alborota o mundo, d'ella não resentem os fundos publicos, nem os imperantes, chamando-lhe Irmão ou Primo, se cobrem de luto. Bem diz o João de Vigo: *sic transit gloria mundi.*

Eu, como catholico, que sou perdôo-lhe; como Portuguez porém nunca me esquecerei do insulto e depredação, que nos fez por causa do *Charles et George.*

A soberba, compadre, foi o primeiro peccado, e aquelle, que Deus castiga com mais rigor.

Até breve

Seu compadre e amigo.

SIMPLICIO D'ARRUDA.

Carta de Nicolau Turtulho a seu compadre Simplicio d'Arruda.

Compadre e Amigo

Folguei com a recepção da sua missiva, e desejando-lhe, e á comadre, a quem respeitosamente muito me recommendo, os mesmos bens, que me appetece, muito sinto que o compadre se veja torturado pelos calos, e rheumatismo, e a comadre pelo seu flato.

Caza velha, compadre, tudo são buracos, louvar a Deus, em quanto se vai assoalhando a roupa: eu tambem cá vou gemendo e chorando com a surdez, e com a dor de pedra, que me obriga a verter aguas por partidas dobradas. Se

Napoleão 3.º não fizesse a operação, talvez vivesse ainda, como eu pertendo viver: foi uma asneira, que fez.

Com quanto eu não goste de me ingerir na politica, que para meu compadre é iguaria mais saberoza, do que para qualquer bichano um pedaço de bofe, todavia por lhe dar gosto, perfunctoriamente tocarei n'essa tecla.

Na patria do *Cid*, meu bom compadre, as cousas vão de mal a peior: é uma verdadeira torre de *Babel*; pelo que se vê, o throno de S. Fernando está transformado no leito de *Procrusto!* Não servia aos nossos vizinhos *Izabel* 2.ª porque mandava fuzilar, não lhes serve *Amadeu* 1.º por que o não manda fazer. Os carlistas chamão-lhe estrangeiro, sem se lembrarem, que já tiverão um rei, Philippe 5.º, que era francez, e que esse, que elles querem, além de não ter nascido na Hespanha, é descendente desse francez. No entertanto lá andão elles de novo com a grimpa levantada, e ao grito de *viva a religião, e viva D. Carlos*, vão fuzilando desapiedadamente, roubando, e sequestrando pessoas abastadas, as quaes se lhes não derem quantias excessivas pelo seu resgate, sem appelação ou aggravo são passadas pelas armas. E viva a religião, mas é a de *Caco!*

Na França lá vai Mr. Thiers com o seu grande tino, e prudencia sustentando na maroma a *Republica*, que será couza muito boa para quem for ambiciozo, mas para quem dezeja viver honestamente do seu trabalho, ou do fructo das suas economias, é uma praga peior, do que as do Egypto. Logo que falleça Mr. Thiers, ou que a

França se veja livre dos Allemães, quem viver verá o que por lá vai! Reproduzem-se as scenas de 1792, apparece logo a *montanha, a gironda, a convenção, o directorio*, e mais trapalhada. Os que tem resabios da republica nos dizem nos seus cantares, que as luzes do seculo actual não permittem a reproducção dos annos de 1792. Pergunte-lhes, compadre, se a communa de Pariz *floresceu* no seculo das trevas, se no das luzes? Tenho muito medos dos crimes commettidos com luzes!!

A Allemanha, meu compadre, lá vai consolidando a sua unificação, e preparando-se com tempo para repellir a desforra dos Francezes, que tarde encontrarão outro Napoleão 1.º O tal Bismark sempre é um tal menino de cabello na venta!

Os descendentes dos *Cincinnatos*, dos *Fabios e Scipiões* estão muito abastardados; fizerão uma manta de retalhos mui mal cerzidos; e bem temo, que se descozão, ou mais tarde ou mais cedo.

Acho vileza de mais aquelle assalto a Roma, logo que virão a França a braços com a Allemanha. Se querião esbulhar o Papa do torrão, que elle possuia com o mesmo direito, com qae nós possuimos o terreno, que foi dado em dote á mulher do Conde D. Henrique, porque, se erão homens, o não fizerão em quanto o Papa tinha por si um poderozo protector? Esta vileza indigna, e faz com que se diga: sempre são *lazzaroni*.

Espero, compadre, que não deixe de me referir tudo o que occorrer relativamente ao *Ma-*

noel José Botelho. Ha muito que conheço esse *ratão*.

Orgulho, soberba, e philaucia, ninguem tem esses *generos* em tanta abundancia como elle; é um perfeito e completo *patarata*. O que é certo porém, é, que nunca *papalvo* algum teve taes *prendas* com menos fundamento, do que elle.

Dizem, que, quando elle esteve nas Ilhas, lhe derão lá um *philtro*, (se é verdade não gabo o gosto a quem lhe propinou esses amavios) a que os ilheus chamão *miolada*; porque quando não produz o effeito desejado, faz soffrer o *miolo*.

Eu sempre lhe conheci, como por certo ahi já todos terão notado, esse soffrimento da *bola*, maxime nas phazes da lua; por isso não só não acredito na propinação da *miolada*, que por sem duvida é invenção d'elle para se inculcar um *Adonis*, requestado das ilhoas; como aconselho a todos quantos tiverem de lidar com elle no tribunal, que se munão de reportorios para se revestirem do maximo grau de paciencia, quando as audiencias coincidirem com as phazes da lua. Lua nova, quarto crescente, lua cheia, e quarto minguante são dias aziagos ou climatericos; cuidado com elle! Sempre o conheci tambem um *farfante* requintado. Lembre-se o compadre d'aquella noticia, que por occazião do seu consorcio elle fez publicar no *Commercio do Porto*, e no *Jornal do Porto*, em que fez constar *urbi et orbi*, quo se recebeu na capella de St.° Antonio, pertencente ao vinculo do sogro: quando a capella pertence, e sempre pertenceu á freguezia de Barcellinhos.

Creio sem difficuldade, que elle se tem empenhado com quanto *triumpho* ha para ver se o fazém titular, não tanto para despir o *Manoel José Botelho*, nome na verdade pouco inculcador, como para satisfazer as suas aspirações sempre farfantes, e jactanciozas.

Querem leval-o por um cabresto a beber no rio? Humilhem-se perante elle; bajulem-no; façam-lhe muito rapa-pé; digão-lhe, que *Lobão*, *Correa Telles*, *Ferreira Borges* e outros, se vivessem, não erão capazes nem dignos de lhe amarrar os borzeguins; chamando-lhe *Conselheiro ministro* deem-lhe cestos varrelleiros, ou carradas de excellencia, que elle pavoneando-se todo, não conhece a solemne mangação, e concede o mais alentado absurdo em direito. Se só lhe derem a importancia, que elle merece, e, se apertarem muito com elle, dá por paus e por pedras, e em poucos dias mettem-no em *Rilhafolles*.

Como a comadre está dando um *janota*, se o compadre m'o permittir, logo que cheguem os figurinos da primavera terei a honra de lhe remetter alguns.

Acredite no constante affecto, que gostosamente lhe consagra o

Seu compadre e amigo.

NICOLAU TORTULHO

Carta de Simplicio d'Arruda a seu compadre Nicolau Tortulho

Compadre e Amigo

Anhellando sempre noticias suas, ajuize da satisfação, que senti com a recepção da sua missiva.

Sua comadre, que rettribue agradecida os seus recados, associando-se aos votos, que faço, para que o compadre melhore dos seus incommodos, não cabe na pelle de contente pela promessa, que lhe fez dos figurinos da primavera, e diz, que o empraza pelo cumprimento.

Ora compadre, se ainda para então fôr móda trazer na cabeça uns chapelinhos á laia de *chica-*

ras de almoço, ou de *bacias de barbeiro*, e no regaço ou cólo caensinhos vivos, ou ainda mesmo empalhados, com tudo o que embirro muito solemnemente, peço-lhe, compadre, que me não ponha sua comadre de todo tolla com taes bugiarias, que são mais do que ridiculas: não me mande cá taes figurinos.

Queixa-se, que não pode cuidar nos filhos, nem pegar nelles, e hade poder lavar, pentear, e anilar o cãozinho, e andar com elle sempre ao cólo, ou trazel-o no regaço?! E' desaforo, é immundicie: que leve o diabo a moda, e quem a inventou.

Quando, compadre, todo o mundo se assustava com a *Internacional*, pelos espantosos progressos, que essa malefica associação de malandrinos, contra quem possue alguma couza, ia fazendo entre as demais nações, apezar de me dizerem, que ella já tinha adeptos em Lisboa, nunca me deu isso cuidado; agora porém, que o *Noticioso* de Vallença dá como certo e averiguado, que na freguezia de Arão (se tem mais um *a* era o irmão de *Moyzes*) d'aquelle concelho, tem havido reuniões para fundar uma sociedade que tem o seu tanto ou quanto da *Internacional*, e que os influentes proclamão a conveniencia das *grèves*, agora sim, compadre, sem rebuço o confesso, tenho medo, e muito receio: os touros são certos. Ali anda o dedo ou do *Souza Casacão*, esse grande penicheiro de Lisboa, ou de *Carl Malk*, o chefe d'essa terrivel *Internacional*, que por força agora vai a flux!

Logo que principiem os ventos, a que os la-

vradores chamão das *pòdas*, e costumão soprar na presente quadra, ahi vem de bolada nas azas d'elles essas ideas *d'Arão* inficionar todo o Portugal.

Tenho notado, compadre, que a fortuna até é caprichoza com lugarejos insignificantissimos, tornando-os notaveis, e afamados v. g. a *Sinfães*, ou *Fundoões* por ser o *berço* de uma *notabilidade*, e agora *Arão* por ser o baluarte, que a *Internacional* escolheu para d'ali assoberbar Portugal e talvez o mundo.... Mudemos de assumpto.

Visto que o compadre, á muito, conhece o *Manoel José Botelho*, actual juiz de Direito d'esta comarca, ocioza foi a descripção, que lhe fiz d'esse *ratão*, como o compadre lhe chama, com tudo não me arrependo do trabalho, que tive por que a fidelidade, com que o descrevi, roborará o bom conceito, em que me tem, e que eu me ufano merecer-lhe.

Tambem o compadre, honra lhe seja feita, descreveu-o moralmente com mais perfeição talvez, do que Apelles o faria phisicamente, se cá voltasse da eternidade: chamando-lhe *patarata*, *farfante*, *jactanciozo*, está retratado moralmente o homunculo.

Aquella publicação feita e assignada por elle mesmo, da celebre felicitação solicitada na ilha Terceira, em que os signatarios para avultarem em numero, escreverão os nomes, ora com os empregos ou occupação, que tinhão, ora sem essa declaração, e simplesmente os nomes, que outra couza mostra, se não que *é patarata, farfante, e jactanciozo*?

Aquelle celeberrimo termo de posse do lugar, que ora exerce, dictado contra todas as praxes, por elle proprio, com uma pronuncia tão horripilante e sertaneja, só para pôr no soalheiro os seus muitos titulos, como *Dr. fidalgo d'aqui, cavalheiro d'acolá, condecorado com estas e aquellas medalhas, ministro,* e outras coizas mais; titulos esses tão vastos, e tão pompozos, que não só deixarão boqui-abertos de pasmo todos os assistentes, como offuscarão o *mar em Africa, senhor de Guiné, da conquista, navegação, Persia, Arabia &* que outra couza provão com exuberancia, senão que é um *patarata, farfante, e jactanciozo?*

Oh! compadre, na descripção moral, que delle me fez, bem mostra, que o conhece a fundo: saiba pois, que, se elle não tem refinado na *pataratice,* apezar da senectude, é sempre o mesmissimo *patarata.*

Ha no edeficio da administração d'este concelho um salão, que serve de vestibulo áquelle, em que a Camara Municipal faz as suas sessões, e ao que serve de Tribunal das audiencias judiciaes; é uma verdadeira sala d'espera, ou antes um lugar neutral; por que nem pertence á Camara, nem ao Tribunal, que é um salão vastissimo. Quando as galerias deste estão cheias de espectadores, dessa sala de espera nada se vê para dentro do Tribunal, e quando os espectadores são poucos, apenas se vê a cadeira do juiz. O homunculo não consente, que se esteja, nem mesmo entre com o chapeo na cabeça nessa salla de espera: por vezes mandou os officiaes de diligencias

intimar para que se descobrissem as pessoas, que ali se achavão; teve este o descoco de mandar á sua prezença, e de intimar em termos desabridos um negociante respeitavel, que ali se achava a um canto, donde não podia ver, nem ser visto do Tribunal!! Sem duvida isto deu-se em alguma phaze da lua, como judiciosamente pondera o compadre.

Não lhe nego o direito, que tem, no cazo de ali se fazer barulho, de mandar intimar e impôr socego, e respeito: mas nunca o de intimar, sob pena de prizão, para que se descubra quem ali está ou entra.

Se o Tribunal, assim como é em cima, fosse no pavimento inferior e com porta para a rua, o homunculo de *Sinfães*, á imitação de *Gesler*, que mandou collocar n'um posto o seu gorro, e exigia sob pena de morte, que, quantos passassem defronte, se descobrissem, era capaz de tambem mandar intimar os transeuntes, para que se descobrissem!

Compadre, isto é mais do que ser *patarata, farfante, e jactanciozo*. Aqui anda influencia; e grande, do satelite da terra! Não serão proficuos para isso os banhos de chuva?

Au revoir

Seu compadre e amigo.

Simplicio d'Arruda

Carta de Nicolau Tortulho á sêu compadre Simplicio d'Arruda.

Compadre e Amigo

Seria para mim illimitado o prazer, que me deu a sua ultima missiva, se não fôra aguado pela tristeza, que me cauzão as recentes noticias d'Angola.

Confrange-me o coração o calamitozo e critico estado, em que se acha essa nossa rica possessão, onde os descendentes de *Cam*, os *paisinhos*, tem enxovalhado a seu bel prazer as nossas gloriozas Quinas, que os nossos maiores tornarão tão respeitadas e temidas em todo o orbe, combatendo não só contra povos menos barbaros, do que esses negros buçaes, como contra nações civilisadas, quaes Hollandezes, Castelhanos, Francezes &.

Ah! que se *Estaço de Sá* resurgisse hoje, logo morreria de nojo, e de vergonha, por vêr sevandijadas por negros buçaes as armas Portuguezas no mesmo territorio, onde elle, combatendo os Hollandezes, tanto as ennobreceu, e sublimou!

Estamos, meu bom compadre, precizamente, como esses fidalgos chamados de sangue *azul*, que, possuindo muitas terras e quintas por todo este reino, rezidiam em Lisboa, donde nunca sahião para as hirem vêr, para as beneficiarem, e augmentarem o seu valor, e com elle o competente rendimento, e só tratavão de dissipar em jogos, bailes, luxo e extravagancias, o que aos feitores ou mordomos convinha dar-lhes, até que por fim aforavão-nas ou vendião-nas por dez réis de mel coado, pelo depreciamento, que havião soffrido taes propriedades; álias importantissimas, em razão do abandono, em que, ha muitos annos, se achavão, ou então hypothecavão o seu rendimento á uzura, que na devastação, que nellas fazia, tirava o maximo proveito, com o que as depreciava cada vez mais, e arruinava completamente seus donos.

Os jogos, os bailes, o luxo, e mais extravagancias dos nossos governos, são os esbanjamentos, os nichos, que se armão para arrumar afilhados, as promoções desnecessarias, os emprestimos ruinozos, em que se gasta o suor do povo, quando bem administrado, chegava de sobra para o costeio da despeza do Estado, e

para reparar, beneficiar, e augmentar o rendimento das vastas possessões, que ainda temos, e que são as nossas quintas. No numero das maiores e mais ruinozas extravagancias dos nossos governos deve contar-se a maldita politica.

Por cauza da Politica os governantes, deixão correr abandonada a administração publica, despresão, por mais salutares, que sejão, as indicações e propostas da opposição; esta hostiliza sempre quanto partir do governo, embora tenha o cunho da justiça e do patriotismo, e quando sobe ao poder, segue a mesma vereda, que seguia o antecessor, e soffre os mesmos dissabores, a mesma opposição, que faz aos outros.

Eis o motivo, compadre, porque Portugal está cada vez mais decadente; porque qualquer authoridade é um *bachalete;* porque não ha, nem pode haver boa administração publica, nem no continente, nem nas colonias e possessões; e finalmente porque mais dia menos dia ficaremos sem ellas.....! Veja, compadre, o que lá vai pela *India*, o que tem havido e ha em *Moçambique*, e o que está occorrendo em *Angola*; os agudos e afflictivos ais, que dão, são abafados pela maldita Politica.

São pois estas considerações, e outras, que deixo de expender, todas motivadas pelas pessimas noticias recentemente vindas d'Angola, que attenuarão o excessivo prazer, que sinto, quando meu bom compadre me mimoséa com lettras suas.

Passemos a outro assumpto para modificar a hipecondria, que me persegue, e de que a presente se resente.

Quando eu lhe disser, compadre, que o burro é pardo, olhe-lhe para o pello. Eu não lhe disse, que conhecia, ha muitos annos, o *Manel Zé?* Que era um *patarata*, um *fanfarrão tollo?*

Pois fique ogora sabendo, que é grosseiro como um *laponio* da raça mais proxima ao polo artico; tão insolente como vil e cobarde, e homem de letras tão gordas, que ainda ao fim dos seus sessenta e tantos janeiros, não sabe a differença que ha, entre *furto e roubo!*

Quando nesta Villa se tractou da honroza visita, que El-Rei lhe hia fazer, na segunda reunião, que houve, para se fazer o programma dos festejos, que por tão fausto motivo devião haver, aventou-se a ideia de dar de jantar a S. Magestade. Mal isto ouviu o *Manel Zé Botelho*, esquecendo-se do lugar, onde se achava, e estavão tantas pessoas decentes e delicadas, e sobre tudo do respeito, que devia ao Soberano, como juiz de direito, como conselheiro, como commendador *(com pertenção a titular)*, qual javali, a quem provocarão no antro, levantou-se arrebatado, e disse: *Sua Magestade, se quizer comer, que o traga.* Que me diz, compadre, é ou não grosseiro, como um laponio da raça mais pura?

Nos arrebatamentos da insolencia, com que trata a todos, inculca, que nada teme, e no entretanto já por aqui me consta, que se deitou de

rôjo aos pés d'alguem para lhe promover uma felicitação. O homenzinho, compadre, teme uma syndicancia, e quer com essa felicitação estorvar, que vão depôr contra elle varias pessoas, que a assignaram; e na verdade, como hão-de depôr contra, aquelles, que por escripto disserão bem?

É, ou não cobarde? Confessemos, compadre, que se elle não tem lettras, tem de sobre tretas. Veja o geito, como elle empolga emolumentos, e munge o ubre da vacca da justisa.....!

Aposto, que a celeberrima felicitação das ilhas, tem um fim tão *santo* como a actual!

Resta-me, meu bom compadre, provar-lhe, que o homem é *ignorantão*. Quer-se convencer disso? Converse-o, e pelo dedo conhecerá o gigante; ou álias vá a uma das audiencias geraes, e ouvirá bocados de ouro em toda a marcha da audiencia.

Como sabe, compadre, antes do juiz formar os quizitos, a que o jury tem de responder, é elle obrigado a expôr o facto sobre que versa a accuzação; a recapitular os principaes argumentos da accuzação; e da defeza; finalmente, como prezidente do tribunal, deve esclarecer os juizes de facto, discorrendo sobre a importancia da instituição; e santidade da missão dos jurados & &; o *Manel Zé* porém para cohonestar a sua ignorancia, ou se pronuncia claramente contra o réo, o que de modo nenhum pode fazer antes do julgamento, ou prorompe n'uma solemnissima descompostura a testemunhas, a jurados &, e forma os qui-

zitos, mas que quizitos, e em que *algaravia!*

O homem resente-se muitissimo da educação que teve, e faz-me lembrar a fabula relativa a Jupiter, quando transformou a rapoza em concubina, que o deixou ficar mal no congresso dos deuzes, por abandonar o throno, onde estava assentada, para apanhar um escaravello que sahia d'um buraco.

O homem ha-de papar *escaravelhos* sempre; porque com elles foi criado. *Quæ imberbes dedicere, senes perdenda fatentur,* quem torto nesce, tarde ou nunca se endireita.

Recados á comadre, e disponha, como lhe aprouver, de

Seu compadre e amigo.

NICOLAU TORTULHO

Carta de Simplicio d'Arruda a seu compadre Nicolau Tortulho.

Compadre e Amigo

Por intima convicção concordo plenamente com quantas considerações me fez na sua ultima missiva, que muito aprecio e estimo, relativamente não só ao estado decadente de Portugal, ás nossas colonias, aos governos, que infelizmente temos tido de certa época para cá, e á opposição, que ha e tem havido, quazi sempre accintosa, como tambem a respeito do *Manel Zé Zina*, *Miolada*, ou como em termos technicos, e mais adquados lhe chamarião, se vivessem, *Gall e o Dr. Polido*, director de *Rilhafolles*,

que está chamando por elle com tanta instancia, como o faminto por pão.

Na verdade, Compadre, os negocios do nosso querido Portugal vão de mal a peior: parece, que certos governos, que por infelicidade temos tido de certos tempos a esta parte, só caprichão em desacreditar o sistema, que nos rege, e que tantos rios de sangue preciozo custou, para ser implantado.

Que outra couza importão as fornadas de Pares, e a reiteradas dissoluções da camara electiva, quando o governo não encontra subserviencia nella, ou a opposição profliga com toda a justiça os maus actos desse pessimo governo? Não parece que falsêa, que sophisma, e por conseguinte, que quer desacreditar o sistema?

Que outra couza significão o menos-prezo soberano, a surdez tenassissima, com que o governo attende ao angustiozo clamor dos Povos de qualquer localidade contra authoridades espoliadoras, corruptas, ineptas, arbitrarias e despoticas, senão que as regalias constitucionaes são um termo banal, e que á sombra da liberdade medra o despotismo mais estupido e feroz ainda, do que quando a não havia? Não produzirão esse menos-prezo e surdez a descrença na proficiencia do sistema, e em rezultado o descredito do mesmo?

Que outra couza fazem, senão promover o descredito do sistema democratico, as pezadissimas taxas e tributos, com que são vexados os

Povos, a quem só falta tributar o ar, que respirão, a agua, que bebem, e o solo, que cada individuo occupa?

Houve, Compadre, como sabe, indicio, ou começo de disturbios na India: o Governador, para debellar os discolos, apenas pede cerca de 300 homens, e responde pela tranquillidade do Estado. Fanfarronada no cazo; não só segue para a India um corpo do exercito, e com elle o snr. Infante, como depois o numero de praças, que o Governador apenas pedia. Tudo chega lá a salvamento, e á custa de enormes despezas, e que fez a expedição? Nada absolutamente nada, senão dissolver os corpos militares da India!! O resultado é o que se está vendo: os corpos dissolvidos reunirão-se em quadrilhas de salteadores, que assolão, assassinão, e queimão tudo. São uma perfeita hidra de Lerne.

Compadre, como sabe, nunca pude passar de cabo de policia, mas parece-me, que se governasse, faria couza mais proveitoza: ou só mandava o soccorro, que o Governador pedia, ou, se mandasse a expedição, que foi, em lugar de dissolver os corpos militares da India, fazia-os seguir para a *Zambezia* a combater o brutal *Bonga*; era cunha do mesmo pau, e purgava a India.

Serão utupias minhas, não duvido, mas são desejos de um bom Portuguez, que anhella a prosperidade do seu paiz, e que se não esbange o suor do povo, nem descrea da inconstestavel

superioridade do sistema reprezentativo. Passemos ao *basbaque Manel Zé Zina*, ou *Miolada*.

O homunculo, como o Compadre diz, tem tanto de cobarde, e vil, quanto de insolente. Bem se diz, que as couzas sabem-se muito mais ao longe, do que ao perto: eu aqui ainda não sabia da felicitação, e o Compadre já estava farto de o saber. Sim senhor, é verdade, ahi tem andado de porta em porta um empregado da administração, como cabaneiro, que anda pelas portas dos vizinhos a pedir lume, com o papelinho, ora a pedir assignaturas, ora a chamar da parte da Authoridade Administrativa para que vão á Administração, e ahi são quazi forçados a assignarem. Pela *espontaneidade*, e *convicção* dos signatarios, nada mais *honroso* para o promovido e promotores! *Sic itur ad sidera!*

Em virtude dos dezejos dos signatarios, que, na falta de outros divertimentos, tomão as audiencias judiciaes, como um theatro, o *patarata* desiste da remoção, que dizem elle queria pedir (essa é gorda de mais para que alguem a engula) e que serviu de arpejo aos felicitantes, sempre fica sendo juiz, digo mal, fica sendo *ministro*. *Astrea*, compadre, se se auzentou do mundo, veio estabelecer os penates em Barcellos agora. O que perderão os açorianos!

O nome de juiz, meu bom compadre, está muito corriqueiro, e o homem tem razão de sobra para que lhe cheire mal. Ha juiz da cadêia, ha juiz ordinario, ha juiz nas irmandades, havia

juiz da vintena, juiz de officios, e &. E demais, se juiz se deriva de juizo, e, se o homem é lezo delle, considera um epigramma, que lhe estão fazendo chamando-lhe juiz. Maldita miolada, que lhe derão as ilhoas!

Como o homem não quer ser juiz, e sim ministro, com quanto embirre muitissimo com os Padres, a ponto de dizer a alguns, que tem hido servir de testemunha ao tribunal: *temos padre, é testemunha falsa*; com tudo gosta de os imitir. Manda collocar perfilados aos lados delle no tribunal os officiaes de diligencias, á laia de pellotão de soldados, postados aos lados do altar, quando a tropa vai á Missa!

Se os officiaes de diligencias estivessem com *fasces*, e se elle quando se senta na cadeira, não parecesse um *chasco*, ainda implume por cauza da calva, posto em cima de uma mouta de tojo, não faltaria quem o tomasse por um *consul* Romano, e aos officiaes como *lictores*.

Fervem, Compadre, empenhos dos de *Moure*, e dos de *Manhente*, onde se costuma fazer a procissão dos Passos, figurada, mas couza muito papa fina, para o *Miolada Manel Zé* hir lá servir este anno de *Pilatos*. Se lhe chamarem *Conselheiro ministro*, e lhe derem mais *excellencias* do que espigas tem uma pavéa, *o Zina* vai de certo, uma vez que fação nisso empenho os promotores da felicitação. Acho porém um contrasenso nos de *Moure* e de *Manhente*; o homem de Sinfães estava melhor para *querido* ou *vo-*

C. M. B.
BIBLIOTECA

mita o polvo, como lhe chamão os rapazes, do que para Pilatos, que era bondozo de coração.

Se *o patarata* lá vai, temos transportes de raiva, de furor: e eil-o a bater punhadas, como faz no tribunal sobre a meza; tem logica de tanoeiro!

Compadre, não me dirá a cauza da ogeriza, que elle tem aos Padres? disserão-me, que no Porto já um lhe assoou a calva com uns caxações: disse-me o João de Vigo, que em *casa de enforcado não se falla em corda*, e mostrou-me uma CLAVINA! E mais não disse. Nunca fui mestre de charadas, por isso não posso entender esta do João de Vigo. Entende-a, compadre?

Até outro dia

Seu compadre e amigo.

SIMPLICIO D'ARRUDA

DIALOGO

Entre o velho Pinheiro e o Communista

Pinheiro. Olá amigo Communista, hoje anda muito apressurado! Onde vai com tanta pressa, e tão risonho? Vai talvez á esmola d'algum enterro! Se as pernas me ajudassem, fazia-lhe companhia.

Communista. Qual enterro! Sou portador de uma alegre nova, que me faz não caber na pelle de contente.

Pinh. Tomo parte nas suas venturas: ambos fomos sacristães, e ambos somos pedintes, deve por isso haver entre nós uma perfeita fraternida-

de: conte-me pois do que se trata; porque, se for segredo, este peito é um sacrario.

Comm. Oh! confrade, pois você ignora, o que por ahi vai por cauza do Exm.° snr. Dr. *Conselheiro Ministro*, senhor de *Fondoões*, e ora de *Vessadas*?

Pinh. Nada sei, amigo, ponha-me isso em pratos limpos: quero reformar o meu juizo; por que ouvindo pôl-o pelas ruas d'amargura geralmente, a fallar a verdade tenho-o na conta de um *lunatico* furiozo, e tão *malcreado*, como um *arrieiro*,

Comm. Isso é dito pelos discolos, e pelos invejozos da nossa terra. O Exm.° snr. *Conselheiro Ministro* é a nata dos magistrados, e a Phenix dos Conselheiros Ministros: *Sinfães*, que é uma grande terra, não deita cá segundo!

Pinh. Como nunca passei de *Fam*, e de *Carapeços*, onde fui servir de rei David no baile de S. João, ignoro a geographia do nosso Paiz; e por isso julgava, que a patria do Exm.° snr. *Conselheiro Ministro*, regulava assim por *Villar do Monte*: com que então *Sinfães* é terra grande?

Comm. Como *Londres* não é, mas excede-a a certos respeitos. Ahi é que ha fidalguia, e por isso quando o Exm.° snr. *Conselheiro Ministro* veio para aqui, o que mais extranhou, como elle me disse, foi não haver aqui uma casa de fidalgos, onde podesse ir passar as noites.

Pinh. Cebolorio, amigo e confrade! Desconfio de tanta exaltação vaidoza.....

Comm. O Exm.º snr. *Conselheiro Ministro* é rico como um *porco*, e fidalgo de *tigella inteira*, quanto a lettras é um *poço*: já vejo que você pertence á panella dos discolos.

Pinh. Não pertenço; mas os annos pozerão-me de sobre avizo, quando vejo a qualquer pôr-se em monte de maçãs. Faz-me lembrar a historia do outro, que dizia: Ah! casa de meu Pae, onde eu comia n'uma meza elastica ao clarão de um lustre de mil lumes; quando meu Pae fallava, todos se calavão, e minha mãe passava todos se desviavão?

Comm. Era algum Principe incognito, ou algum Exm.º snr. *Conselheiro Ministro*, como o nosso?

Pinh. Qual Principe, nem qual carapuça! A meza elastica erão os joelhos, o lustre era uma lumieira de colmo, o Pae era pregoeiro, e a mãe vendia frescura, sólas, e tripas de boi, e, por exalar mau cheiro, todos se desviavão della.

Comm. Cá o nosso Exm.º snr. *Conselheiro Ministro* é vinho d'outra pipa: pela aragem logo se conhece quem vai na carruagem.

Pinh. É precizamente isso, que me poem de prevenção, e demais *Vox populi, vox Dei*, conta-se por ahi uma historia de uma *Clavina*, sem ser d'Ambrozio carregada de farello... Mas ainda onde vai, e qual o motivo da sua alegria?

Comm. Vou a casa dos promotores da felicitação dar-lhes os parabens, e dizer-lhes, que em vista do seu pedido, como é para bem de

todos, o Exm.° snr. *Conselheiro Ministro fica*, e não pede mais a sua transferencia.

Pinh. E a representação tem muitos signatarios?

Comm. Todos, á excepção dos discolos, a assignarão, ainda mesmo aquelles, a quem elle tem descomposto.

Pinh. Que me diz, amigo, até esses mesmos?

Comm. Saiba você, que sim; porque tem a consciencia de que o Exm.° sr. *Conselheiro Ministro* foi recto e justo nos apódos, com que os mimoseou.

Pinh. Vá, meu camaradinha, vá depressa; mas sempre lhe direi, que, eu apezar de mendigo, inda que a consciencia me arguisse de merecedor dos apódos e injurias, havia de ter mais brio e pondonor, que esses taes.

Comm. Meu Pinheirinho e camarada, dá Deus o frio conforme a roupa: uma vez que você tem d'essas *fosseis e retrógradas* ideias, coma lá do seu brio e pondonor ou para me servir da phraseologia do Exm.° snr. *Conselheiro Ministro*, que até n'ella mostra o seu profundo saber, direi-lhe: *Vistos os autos, vê-se*, que estando assim constituida a nossa sociedade, rema contra maré e vento, quem pensar como você.

Pinh. Não o demoro mais: diga-me, que interesse tira você em que elle fique ou não seja transferido?

Comm. Além do orgulho, que sinto, por

vêr, que a minha terra possue, como juíz, o *grão turco* dos magistrados, quero ver se tiro o pé do lodo, vendendo *Reportorios* á porta do Tribunal. Ora fique-se com Deus, que vou com pressa.

Carta de Nicolau Tortulho a seu compadre Simplicio d'Arruda.

Presado Compadre e Amigo

Acha-se em meu poder, ha dias, a sua ultima missiva, a que logo não respondi, como devia, por ser minha intenção fazel-o de viva voz, não só para depennar as vivas saudades, que me beliscão a alma, por cauza de meu Compadre, de minha respeitabilissima Comadre, e mais nobre Familia, a quem respeitosamente saudo, como tambem para hir á romaria do glorioso S. Braz, a quem prometti a classica garganta de cera, meia vara de rolo, e 20 rs. de esmolla, e aproveitar o ensejo das audiencias geraes, a fim

de ver se allivio a hipecondria, que me vexa, pela rizota, que devem provocar o furor raivozo, a logica de tanoeiro, a pronuncia sertaneja, a linguagem chula, e mais partes, que concorrem no todo ridiculo dessa entidade burlesca, que vai tornar *Sinfães* tão celebre, como ficarão Lerna, e Erimantho, pela hydra e javali, que Hercules matou.

O mau tempo, e certo arranjo, que trago entre mãos, e que exige a minha permanencia aqui, me inhibiram de satisfazer o meu intento.

Para que o Compadre não fique parafuzando, por imaginar talvez, que eu tracto do arranjo, por meio de *bullas falsas*, de uma carta de *Conselheiro*, do foro de *moço fidalgo com exercicio*, d'uma *Commenda*, para vêr se com esses *ouropeis* me matrimonio em alguma casa rica e distincta, onde, nem como *lacaio*, dêva ter entrada, breve lhe communicarei qual seja esse arranjo.

Em fim atraz de tempo, tempo vem, como diz o nosso sentenciozo João de Vigo, e o que não se faz dia de St.ª Luzia, faz-se no outro dia: como o *patarata Zina*, por esta unica vez na sua vida, quer ser cortez, attendendo aos ardentes votos dos signatarios da *espontanea* felicitação, a que elle foi tão estranho, como *Herodina* á morte do Baptista, e *Bruto* á de Cezar, ou o fogo á liquefacção dos metaes, e o frio á congelação da agoa, desiste do *firme* propozito, em que estava de pedir a sua transferencia (aquillo

é que é brio, e pondonor, Compadre!), lá para Agosto, se antes o não metterem em *Rilhafolles*, verei, se debello a hipecondria, ouvindo-o fallar e discorrer.

Quanto a S. Braz, tenho fé em Deus, que elle não lê pela cartilha do *Zina*, que pucha, e estica até mais não poder os actos judiciaes para acumular custas e emolumentos indevidos. Oh! meu Compadre, que fome canina não tem de dinheiro o alarve de *Sinfães!* Não; o santinho, que sempre foi homem honesto e de sãa consciencia, não me ha de perseguir com dores de garganta, levado da ambição de mais promessas, como *o Zina* das custas e emolumentos indevidos; e por isso relevar-me-ha, que adie o comprimento da promessa, que lhe fiz.

Não sei, se o Compadre já sabe que o edificio de *Rilhafolles* apezar da sua vastidão, vai ser ampliado com dois grandes barracões, que o Governo authorizou a construir na cerca do edificio: tal é o numero dos *Zinas*, que já não cabem lá! A muita gente tem dado as ilhoas *miolada!*

Não creio; mas sempre é bom, como diz o nosso authorisado João de Vigo, ter um cãozinho, com que a gente se desculpe; por isso elle tinha um chamado *moquino*, mais esbelto e gentil, do que a celebre *Issa* de Publio Romano.

N'outro tempo, meu bom Compadre, o tratamento, que na casa d'Orates davão aos doudos, era pancadaria sobre pancadaria: hoje, graças

as luzes do seculo, só aos furiozos é que applicão a camiza de força, o competente caustico, & Consiste todo o tratamento agora, além da conveniente medicação, em perscrutar a mania do doudo, lizongear-lha, se é possivel, e nunca o contradizer para o não enraivecer.

Já vê pois, que se por ahi apertão muito o torniquete ao *Manel Zé*, a um dos barracões vai elle dar; e sendo, como na verdade é, a mania delle, para occultar a sua vileza, a sua, para me exprimir melhor, microscopica pequenez a todos os respeitos, o querer que todos se lhe humilhem, que o exaltem á força de telescopio, que o bajulem, foi por humanidade, e para o não enfurecerem, que annuirão ao desejo, que elle tinha da celeberrima *felicitação*, os 103 signatarios da comarca. Este numero 103 é mui expressivo, pelos nove fora, que são 4, unicos, que aposto, forão os que de boa mente assignarão o papelinho; vamos porém ao que interessa ao assumpto, e fique o mais para outra occasião.

Ora mettido *o Zina* em *Rilhafolles*, onde é mui provavel, que haja outros *Zinas* com a mesma mania, embora menos furioza, como é, que elles se prestarão, sem perda ou quebra de seu pondonor e dignidade, a bajulal-o, e a assignar felicitações, a que se julgão com tanto ou mais jus do que elle? Acho inexequivel esse tratamento para com o nosso homunculo, e parece-me, que se elle lá cae, lá fica.

Perguntou-me o Compadre em uma das suas

anteriores, se banhos de chuva lhe farião bem?

Para poder com conhecimento de cauza responder a meu Compadre, que parece condoer-se muito de quem é obrigado á aturar *o Zina*, mandei a *Ferreiros* consultar o *corpo aberto*, a Sibilla da Provincia, e respondeu: que são elles o que ainda tem mão nelle, o que lhe ampara o resto do miolo, e logo que deixe de os tomar, recommenda, que todos se desviem delle, havendo pedras ou cascalho perto.....

Contava minha avó, Compadre, que existiu n'outro tempo nessa Villa um pobre homem, a quem chamavão o *Pillo*; endoudecendo, consistia a sua mania em trazer o peito coberto de placas de folha de Flandres, e de chumbo, pendentes de fitinhas de varias cores, e em querer que o chamassem governador de Barcellos: faltar-lhe ao tratamento de excellencia, dizer-lhe, que as placas nada valião, ou que não era governador, era matal-o, enfurecia-se; mas no cumulo do furor mostrava, que tinha tido educação, por que era polido, e cortez: excepto nisto, tem agora essa Villa um segundo tomo do *Pillo*, mais correcto e augmentado no orgulho e vaidade.

Corre por aqui um boato, de que o *Zina* quer perseguir o Ozorio, para vêr se faz calar um Periodico, que ahi ha, chamado *o Barcellense*, que serve de chronica ás *gentilezas, e heroicos feitos de Manel Zé Zina*.

Compadre, um meu vizinho, que andava pelas feiras a vender quinquilharias, e ferros ve-

lhos, tinha um jumento tão magro, tão lazarento e tão cheio de pustulas e mataduras, que mal se tinha em pé: queria alguem ou vêl-o soprar, pinotear, destribuir couces á direita e á esquerda, ou morder até, como um cão damnado? Era descobrir-lhe as mataduras, ou tocar nellas; agora o vereis, era um tigre o bicho asinino, quem tal diria?

Conte, Compadre, esta historia ao Ozorio, e diga-lhe, que, para não ser escouceado, nem mordido, que faça como os ferradores, e alveitares; que lhe applique primeiro, ou um aziar, isto é, que requeira um exame de sanidade á fera, ou então, que o metta no tronco, quero dizer, que faça a sua queixa, e que requeira uma syndicancia, já que *o Zina* por falta de brio, de vergonha, e de dignidade, se está innocente, a não pede, como era do seu dever pedil-a, se estivesse impolluto.

Até outro dia, Compadre, recommende-me á Comadre, e ao meu afilhado para quem envio esse pião e esses pasteis de St.ª Clara para repartir com os irmãos.

Seu compadre e amigo.

Nicolau Tortulho

Carta de Simplicio d'Arruda a seu compadre Nicolau Tortulho

Compadre e Amigo

A falta de lettras suas, a que, como deve crêr, damos o mais subido apreço, lançou-me n'um mar tempestuoso de conjecturas, que muito me constristavão; como porém por felicidade não proveio de incommodo de saude, que era o que eu mais temia, visto que a quadra é doentia, e meu bom Compadre achacoso, muito me congratulo com o Compadre, a quem o seu afilhado muito agradece o lindo pião, com que o mimoseou.

Está o pequeno mettido n'um sino com a

prenda: não falla, não pensa, não sonha senão no pião. Vive tão enthusiasmado, tem tanta *chieira* por causa da dadiva, como o *Zina* com a carta de Conselheiro; com a differença porém, que o rapaz não solicitou o brinquedo, e sabe-o jogar com toda a destreza, e o *Zina* empenhou meio mundo para obter a carta, e é incapaz de dar conselhos a pessoa alguma. Quadra tanto ao *Zina* uma carta de Conselho, como a um surdo um instrumento muzico, ou a um cego uma pintura, não lhe parece, Compadre?

Muito sentimos, que se não realizasse, como havia delineado, a sua vinda até cá, para se despenar, das saudades, que de nós tem; cumprir a promessa ao gloriozo S. Braz, e dar treguas a hipecondria, que o vexa, para o que por certo seria remedio proficuo, ir ás audiencias geraes ouvir os *bocados d'ouro*, que o amantetico *Manel Zé Zina*, de eternas luminarias, arroja pela bocca fóra, e vêr a mimica de tanoeiro, os furiosos murros, que, como compasso de tão sublime *algaravia*, elle descarrega sobre a meza.

Oh! Compadre, Deus me perdoe, mas era bem feito espetar pontas de pregos, ou d'agulhas, na meza. Com que fulgôr felino não scintillarião então aquelles olhinhos de reptil, que medonhas caramunhas não faria o bixo, quando se espetasse? Já que os termos, por inconvenientes e chulos, não tem uncção, e que os argumentos por falta de baze são aereos, e ôccos, como uma cabaça, assenta, a porco espinho de *Sinfães*, que

lhe dá pezo com os murros bravios, que pespega na meza!

Tencionava, meu bom Compadre, occupar-me na presente dos imprevistos acontecimentos da Hespanha, onde, com a abdicação do Rei Amadeu, que se conduziu nobilissima e heroicamente, sendo por isso digno de cingir, não a coroa d'Hespanha, que o não merece, mas sim do orbe inteiro, se fosse possivel collocar-lhe na cabeça, ora se acha proclamada a Republica; como porém esses aziagos, e tetricos acontecimentos confrangem de dôr o coração, pelo medonho alcance, que necessariamente vão ter, e cujo prólogo, já em scena, dá uma idea exacta do entrecho da horroroza tragedia, que alli brevemente se vai representar, deixo-os para outra occazião, e passo a outro assumpto, que embora cause asco, pela vileza *do protogonista*, com tudo faz rir, e serve de roborar quanto acerca do mesmo *heroe*, meu Compadre, e eu temos dito: já vê, que vou tratar do *Manel Zé Zina*. Principio.

Não sei, se meu bom Compadre leu um communicado, que *o heroe* fez publicar no *Primeiro de Janeiro* n.º 36 de 13 de Fevereiro ultimo; se o não leu, como desenfado, peço-lhe, que leia essa *obra prima*. Nada mais asnatico, que tal producção; nada mais torpe, que a desfaçatez, com que o homunculo deturba a verdade, e os factos, e nada mais esfarrapado, que semelhante defeza! Se os repertorios não mentem, o

fabrico d'essa *eloquente* peça coincidiu com o quarto crescente da lua, pois foi datada em 6 de Fevereiro. Que poderoza influencia tem a lua no cerebro do tal patusco!

Que lhe direi d'aquelle *assolaram*, em lugar de *açularam*, se é isso, o que elle queria dizer, no cazo de julgar os outros da mesma especie da delle; d'aquella *conceituoza* expressão: *ainda a tanto irá*! daquelle *sublime* pensamento: *vê-se finalmente ficarem feridas do raio com a luz brilhante da verdade; podendo eu assim proclamar Victoria Victoria*! e finalmente d'aquella bem *encabada* sentença do Ecclesiastez: *Combatei até á morte pela justiça porque Deus combaterá por vós?* Oh! isto é sublimissimo. Compadre; isto mostra não o pedantismo do homunculo, não a sua crassa e mais supina ignorancia, mas sim o estado de desarranjo d'aquella pobre cabeça!

Que direi tembem, Compadre, daquella *eloquente* tirada sobre a imprensa, e que começa: *Se é certo* &? Quer fazer a apotheoze da missão da imprensa, dos seus deveres, e utilidades e começar por uma condicional, é por em duvida essa missão, esses deveres e utilidade! Que desarranjo de miolo! A *Pithonisa* de Ferreiros engana-se, Compadre; os banhos de chuva são inefficazes, aqui só causticos aproveitarão.

Esta tirada *eloquente* faz-me lembrar os sermões do *Bocca*, quando os rapazes lhe gritão: chora, Joaquim, e elle com voz plangente começa

a taramellear asneiras ácerca de S. Torquato.

Quem tiver a fortuna de não conhecer, como infelizmente nós conhecemos, o *Zina*, e quizer fazer uma idea adquadissima da sua capacidade de intellectual, é mais que sufficiente a leitura desse stolido aranzel: o papalvo lunatico não nos deixa ficar mal. Andar assim, que é bom andar.

Até aqui, e não é pouco, o merito litterario dessa importante peça, que lhe dá incontestavel jus a um cubiculo na Academia de *Rilhafolles*; chamo agora a sua attenção para a desfaçatez, com que elle deturba os factos, e a verdade, a sem ceremonia, com que descaradamente mente.

Diz o *Manel Zé Zina*, que em 5 de Janeiro principiou aqui a publicar-se o *Barcellense*, repassado de fel, cheio de colera e de paixão contra elle por motivos, que velhacamente fantazia, e além d'isso, por elle *Zina* haver suspendido o editor responsavel de advogar por falta de titulo.

Compadre, isto não cauza só asco, revolta e indigna! Que era tollo, ninguem o duvidava; mas que era tão aleivozamente mentiroso, nem todos o crião.

Como é que o *Barcellense* teve por fim hostilizar o *Zina*, por este ter suspendido da advocacia o editor responsavel, se o *Barcellense* appareceu em 5 de Janeiro, e a suspensão alludida, foi executada em 14 do dito mez? Esta circumstancia longe de provar o que o *Zina* velhacamente pertende; prova com exuberancia, que um motivo summamente torpe, qual o da

vingança, e o empenho de ver, se amordaçava a imprensa, para que lhe não tocasse nas saniosas pustulas, e hediondas mazelas, levou o *Zina* a suspender da advocacia o Ozorio.

A certidão de narrativa, passada pelos escrivães, o que prova, é que o *Zina*, achando-se, por desgraça desta comarca, no exercicio de juiz de direito, ha trez annos, até 12 de julho ultimo, indevidamente sempre exigiu emolumentos indevidos, e que só ha 7 mezes a esta parte, é que se lembrara, obrigado pelo clamor publico, de mandar restituil-os. E com que magua elle se desprenderia desses amaveis cobres, agora que tudo está tão caro, Compadre ?

Admire, Compadre, a velhacaria torpe, com que elle encobre a verdade, ácerca da accuzação de ter compellido, como juiz, um inventariante a descrever uma divida, de que era credora a casa, onde o *Zina* cazara ! Não nega o facto d cumpulsão (é n'isso que está o crime), e ch ma uma mizeria a essa divida por ser de ré 9$000.

He precizamente essa mizeria, que aggra o escandalo e o crime: o juiz que tem a d honestidade de faltar aos seus deveres por 9$0 réis do que não será capaz, se á direita des algarismo apparecerem uma ou mais cifras ?

Admire mais, Compadre, a desfaçatez, o c nismo desaforado, com que elle sustenta, que lugar, onde actualmente rezide, está a peque distancia do tribunal; porque d'ahi o vê, e ou

as horas no mesmo dadas, e que vai ao tribunal todos os dias não feriados em certas e determinadas horas.

Quanto a ver de casa delle o tribunal, e a ouvir as horas, isso o que prova é que tem boa vista, e ouvido e como deixar de ser assim, se o edificio do tribunal é talvez o mais elevado, que tem a Villa, e se o relojo que o encima, se ouve na distancia de mais de legua em redondo. Tambem da casa d'elle se vê o penedo do ladrão, que dista boas duas legoas, se ouve os sinos de Villar, que dista uma.

Relativamente a ir ao tribunal todos os dias não feriados, mente com egual torpeza: ha mezes, que mora em Vessadas, e só depois, que o *Barcellense* o começou a zurzir, é que muito constrangido se rezolveu a hir ao tribunal. Até ahi entretinha-se a ter conta, que lhe não furtassem os rapazes a lenha na bouça, e as partes que esperassem.....

Não obstante meu bom Compadre, conhecer perfeitamente este paspalhão; peço-lhe que repare bem na coarctada inqualificavel, por ser mais do que sandice, quando diz, que trez discolos incitarão o Ozorio a redigir o *Barcellense* para os seus malevolos fins, e para assim poderem pescarem nas aguas turvas. Se elle não mede os outros pelo mesmo estalão, porque se mede, aposto, que elle ignora o que quer dizer discolo; se porém mede, então o homunculo sabe perfeitamente o significado de discolo, termo tão seu

favorito. Que aguas turvas serão essas, e que qualidade de pescaria haverá nellas, não m'o dirá Compadre? As aguas turvas são a anarchia judiciaria, e a pescaria os emolumentos e custas indevidas, para que as aguas corram limpidas e claras, e não se pesquem d'esses peixinhos, que tanto sabem ao paladar esfaimado do *Zina*, é que appareceu o *Barcellense*.

Se é o Governo, que nomeia os Juizes de Direito, como é, que se podia conseguir para esta comarca um juiz fraco, e que assim obedecesse aos tenebrosos planos, segundo diz no seu aranzel o *Zina*? O que logicamente se deduz desta parvoice, é que excepto o *Zina*, todos os mais Juizes são fracos: os collegas que lhe agradeção a fineza. Compadre o homem não nos deixa ficar mal, e quer por obras, quer por escriptos, hade mostrar sempre o que é.

Até outro dia Compadre, que temos muito em que nos entreter, com o que por aqui tem occorrido.

Seu compadre e amigo.

Simplicio d'Arruda

Carta de Nicolau Tortulho a seu compadre Simplicio d'Arruda.

Estimado Compadre e Amigo

Penhorão-me tanto as expressões d'amisade e benevolencia, de que vem saturada a sua presada missiva, que quando não tivesse, como reconhecido confesso ter ha muito exuberantes provas do seu affecto para commigo, erão mais que sufficientes essas expressões, para me convencer do muito, que meu bom Compadre com toda a sua nobre Familia se interessa por mim.

Amor amore compensatur, pago-lhes na mesma moeda, como dizia o *Padre Clavina*, cuja biographia talvez ahi haja quem lh'a exponha....; de passagem sempre lhe direi, que é uma pro-

videncia salutar os Padres não terem filhos; por que se este celeberrimo os tivesse, gerava trabucos, bacamartes *pistolas*, e até rewolveres; era um arsenal!!

Crianças com qualquer couza se contentão, e alegrão, e por isso imagino o contentamento, que terá o meu afilhado com o pião, que lhe mandei, uma vez que me diz, que eguala o do *Zina* com a carta de Conselheiro: vi este *ratão* na Foz este anno tão concho, tão impavezado por ter a carta, que parecia uma cabra com chocálho: a todos se annunciava, até mesmo ás vendedoras de mixilhões, e carangueijos como o sr. Conselheiro! O que elle não fará por ahi?

Já tinha lido, Compadre, a tremenda estopada, chamada communicado, que o sdruxulo *Zina* havia publicado no *Primeiro de Janeiro*, a que na sua missiva se refere; depois de me rir strepitosamente com alguns amigos, que como eu, saboreárão devidamente esse aranzel, concluimos, quando cessarão as gargalhadas, 1.° que *o patarata* está doudo varrido, e que em vista de tal producção, era conveniente, que se procedesse a exame de sanidade no *Zina*, e 2.° que, não sendo aquelle o meio de um magistrado, se justificar, se é, que preza a honra e credito, devia requerer uma syndicancia logo e logo; que, não o tendo feito, era indicio certo, de se achar culpado; e que essa culpabilidade se deprehendia do mesmo aranzel, que, se chegar ao conhecimento do sr. Ministro da Justiça,

pode servir de auto de corpo de delicto. Compadre, isto é concludente, é fallar sem amor, nem odio. Na verdade tenho dôr delle, e, se ahi estivesse, procuraria um momento lucido, que elle tivesse; nem todos os dias a lua tem phazes, e dir-lhe-hia:

Manel Zé, não te dês mais ao desfructe, escrevendo para os Jornaes; não nasceste para isso: nem creias, que as felicitações, que tanto de rojo promoves, e com tanta immodestia publicas no teu proprio nome, como charlatão de feira, que encarece aos papalvos os prodigiozos effeitos das suas mezinhas, te podem servir de agua lustral: o meio de te justificares, se estás innocente, é requereres uma rigoroza syndicancia; se porém a temes, pela consciencia te *berrar*, deixa a magistratura, para que tambem não nasceste, e, ou vai para *Sinfães* plantar batatas, que dão bom dinheiro; ou então visto teres encontrado aqui uma boa *pepineira*, que não merecias, cuida nos morangos, e guarda dos rapazes a lenha da bouça.

Estou certo, Compadre, que em quanto não chegasse nova phaze da lua, elle devia reconhecer a cordura do conselho, que lhe dava; e, como as phazes se succedem de 7 em 7 dias, nesse tempo, dado o primeiro passo, muita couza se podia fazer em beneficio d'elle.

Contarão-me aqui, que quando os escrivães, seus immediatos dependentes, lhe levarão a casa a felicitação, a que, como na minha anterior disse,

elle foi tão estranho como *Herodina* á decapitação do *Baptista*, ou *Bruto* ao assassinato de *Cesar*, elle, com um rizo *alvar*, lhes dissera: *Que agradavel surpeza!* E depois, enfunando-se, como um perú, a que os rapazes assobião, dera uma grande punhada sobre a meza e dissera com mais satisfação, do que *Archimedes* pronunciára *eureka: venci, venci!*

Oh! meu Compadre, isto é mais do que rizivel! Este pobre lunatico julga que, enganando-se a si mesmo, engana os outros; está como aquelle, que passeia todo garbozo por essas ruas com uns sapatos sem sólas, julgando, já que não pode enganar a terra, que engana os Ceos!

Tive um fluxo excessivo de rizo, que me custou a conter, quando cheguei áquelle periodo do aranzel, em que o *Zina* diz: *Victoria, Victoria;* porque me fez lembrar de um doudo pacifico, que sendo eu menino, vi em Braga.

Costumava esse pobre doudo divagar pelas ruas com o braço direito distendido perpendicularmente, e parallelo á cabeça, segurando um pequeno pau, a que estava prezo um trapo, á laia de bandeira. Corrião os rapazes á pedrada sobre o doudo, a quem gritavão: *arreia a bandeira,* mas elle, sempre na mesma pozição, e muitas vezes com a cabeça escorrendo sangue por cauza das pedradas, fugia a bom fugir diante dos rapazes, gritando sempre: *Victoria, Victoria!*

Ora, Compadre, por ahi tem posto o *Zina* em *Arciro* sem sapatos, como se costuma dizer;

mas com toda a justiça e razão; tem-lhe dado maior corrida, do que o rapazio de Braga dava ao pobre doudo, e o *Zina* gritando como este: *Victoria, Victoria!!* É a perfeição da analogia que me causou o fluxo de rizo.

Ah! Caridon, Caridon, quae te dementia cepit. Manel Zé, Manel Zé, quão pouco juizo é o teu!

Tambem me contaram, Compadre, que elle, sempre patarata e farfante, quando findarão as ferias, mandára uma circular aos escrivães desse juizo, marcando-lhes o itinerario, que devia seguir, e horas, a que devia ahi chegar; para dess'arte obrigar os pobres empregados a hirem como forão, esperal-o ao caminho!! Se isto foi assim, como por aqui se diz; porque meu Compadre m'o não mandou dizer com tempo; porque custasse-me o sacrificio, que custasse, eu queria ir ver essa parodia do rei *Bobeche* com a sua corte. *Manel Zé, Manel Zé,* que pouco juizinho tens!

Desde que o mundo é mundo, Compadre, poucos casos se terão dado d'uma improbidade, tão escandaloza, como o *Zina* acaba de dar no celeberrimo e stulto processso contra o *Ozorio*, redactor e editor responsavel do *Barcellense*.

Em vista da guerra sancta e justissima, que o *Ozorio* moveu, move, e moverá ao *Zina*, em vista da vingança torpe praticada por este contra aquelle, suspendendo-o de advogar; inda que o *Zina* fosse um sancto, que nunca foi, nem é, em razão dos seus pessimos precedentes, que em nada o abonão, e das gentilezas, que por ahi tem

praticado, ninguem sem o menor escrupulo deixaria de jurar, pelo que ha de mais sagrado, que *Zina* aborrecendo mortalmente *Ozorio*, é figadal inimigo deste.

Pois bem, desde que o mundo é mundo, repito, quando, e que vezes se terá visto o escandalo, a torpeza, a improbidade, o absurdo selvatico, de um homem ser juiz contra o seu accuzador?

Formasse embora o processo, levasse-o até a concluzão, mas pedia a honestidade, exigia a probidade, que se desse por suspeito, e que o enviasse ao substituto competente para lavrar a sentença de pronuncia. É isto, que sem a menor hezitação ou duvida praticaria um juiz recto, imparcial, probo, honesto, e que, como homem de bem, prezasse a sua propria dignidade.

Não me dirá, Compadre, o que a isto dirão os 103 signatarios da celebre felicitação, que tão leviamente foi por elles assignada, e em que tão sem fundamento, disserão, que elle tem sido *sempre dirigido na administração da justiça por um espirito de rectidão e imparcialidade, que caracterizão o magistrado probo e illustrado?* Ainda dirão que é recto e imparcial, probo e illustrado quem assim procede? Oh! nem o mais estupido delles o dirá.

Quantos delles, senão todos, estarão arrependidos da sua nimia condescendencia, da leviandade, com que annuirão ás choradeiras do *Corcodilo!* Que esta boa licção pelo menos lhes

aproveite no futuro, para utilidade delles, e credito do nosso Barcellos, que por essa leviandade e condescendencia quizerão equiparar a *Seixo de Gatões*, *Alverca dos Alhos*, ou a *Sinfães*.

Estou ancioso, Compadre, por saber promenores ácerca da suspensão do *Barcellense*, das tropelias, arbitrariedades, e mais escandalos, que se tem posto em execução, para adiar o seu reapparecimento: não deixe de me contar todas essas peripecias infames, em que, pelo que por aqui se diz sem rebuço, tem tomado parte activissima o Administrador do Concelho, com o intuito de alliciar o *Zina* em prol da michela, que aquelle mantem, e que está criminoza.

Adeus, Compadre, recommende-me saudosamente á Comadre, e a toda a Familia, e deite por mim a benção ao meu afilhadinho Barnabé.

Seu compadre e Amigo.

Nicolau Tortulho

DIALOGO

Entre o velho Pinheiro e o Communista

Pinheiro. Seja bem apparecido o meu respeitavel amigo Communista; ditosos olhos que tem a ventura de o ver; que é feito d'essa bizarria, que a não vejo ha muitos dias; tem estado talvez doente, por causa do tempo aspero que corre ?

Communista. Retro vade, satanaz, como dizia o muito reverendo P.e *Clavina*: longe vá o seu agouro: felizmente ando rijo como um pero.

Pinh. Por onde tem andado então o meu amigo, qual o motivo do seu eclipse ?

Comm. Fui a Braga em serviço do Exm.º sr. *Conselheiro Ministro*, e breve pertendo ir a *Sinfães*.

Pinh. Talvez comprar alguns *carramões* para a sobremeza d'elle? Eim?

Comm. Missão mais nobre, meu amigo: fui registrar no Governo Civil o diploma, com que destinguiu o Principe *Lunalilo* a S. Exc.ª o snr. *Conselheiro Ministro*, conferindo-lhe as honras de *Calcraff'* mór e as insignias de dignitario da ordem da *Tanga*.

Pinh. Calafate mór, diz o amigo! Pois por elle ter embarcado nos barcos *rebellos*, entende lá nada do officio de *Calafate!*

Comm. Calcraff, meu camarada, que é o cargo mais elevado, que ha nas ilhas de *Sandwich*, onde impera aquelle esclarecido monarcha, que é um novo Salomão.

Pinh. Como o homem não deve estar concho com tanta honraria! Onde é esse reino da *Sandice*, e como chegou lá a noticia, de que existe no mundo o seu amigo *Conselheiro Ministro*?

Comm. Não é *Sandice*, homem, é *Sandwich*, que são umas ilhas no mar Pacifico, onde os indigenas matarão em 1779 o celebre navegador inglez *Cook*.

Pinh. Safa! *Arreda mé domine!* Mas digame, como é, que tão longe se soube da existencia do seu grande amigo?

Comm. Pelas felicitações, que o Exm.º snr. *Conselheiro Ministro*, tem feito publicar nos Jornaes no seu proprio nome: ora conferindo elle

o grau de cavalheiros distinctos a quantos as assignarão, que admiração cauza, que um monarcha tão illustrado, como o principe *Lunalilo*, confira as maiores honras, que ha no seu reino, a quem assim procede?

Pinh. Não é por duvidar da sua palavra honrada, amigo e camarada Communista; mas para me livrar de certos escrupulos, que por cá me fazem cocegas, se fosse possivel, sempre dezejava ver esse diploma: você está mofando da minha credulidade, ou o seu grande amigo de você.

Comm. Pois homem espevite lá os occulos, e veja-o, que o levo á Camara Municipal para tambem ali ser registrado, como deve, a fim de metter figas a esses *discolos* de Barcellos.

Pinh. lendo: «Manoel José Botelho, olho «direito do meu rosto, cabeça suprema dos ma«gistrados fortes desse paiz mais occidental da «Europa, senhor da preclara casa de *Fundoons*, «eu Lunalilo, rei das ilhas de *Sandwich*, pivête «das alampadas de ouro da capella da propheta «*Nobi*, estrella esmaltada de raios de fogo, e pero«la congelada na ostra maior do mais fundo das «aguas, te faço saber, que chegando ao meu co«nhecimento a manifestação, que te foi dirigida «pelos mais distinctos cavalheiros d'essa villa de «Barcellos, como testemunho de gratidão, no teu «justo entender, aos teus *illustrados serviços*, «para satisfação tua, e confuzão dos *discolos*, que «querem pescar nas aguas turvas, e obter pela «tua transferencia um juiz *fraco*, hei por bem

«conferir-te com as honras de *Calcraff* mór deste «meu reino as insignias de dignitario da mui «antiga e muito distincta ordem da *Tanga*.

«Ilhas de Sandwich 24 de Fevereiro de 1873.

«*Lunalilo.*»

Comm. É bico, ou cabeça? Que me diz agora, meu amigo?

Pinh. Que lhe hei de dizer; que o seu amigo tem razão de sobra, para se empavezar com tantos titulos: *Conselheiro, moço fidalgo com exercicio, Commendador*, e agora *Calcraff mór, e dignitario* da ordem da *Tanga*, acho carga de sobra para animal tão fraco, e debil.

Tudo lhe ficará muito bem, mas o tal *moço fidalgo* com exercicio no paço, é um contra senso!

Comm. Então pelo que, meu camarada?

Pinh. Pelo que, pergunta você? Porque para ser moço do Paço é precizo ter educação muito fina, ser polido, ser cortez, e urbano, e elle nem sabe o que isso seja; mas parece um arraes de um barco *rebello* pelas selvagens grosserias, que pratica, talvez inscientemente não duvido, do que outra couza; mal criado como elle só! Se um grosseirão mal criado, como elle é, se aprezentasse a servir no Paço, punhão-no logo e logo no olho da rua, ou mandavão-no servir na coudelaria, ou nas cavallariças.

Comm. N'isso tem você razão: muito tenho eu feito, conseguindo delle agora, que tire o chapeu, e se desbarrete profundamente a quantos encontra; quanto ao mais é malhar em ferro frio.....

Pinh. Não se cance a querer polil-o; crie você um porco com o maior asseio, ponha-o em uma sala de vizitas, se é possivel; que elle troca o aceio e limpeza por um charco immundo, por um lodaçal! *Quod natura dat nemo potest auferre*, a natureza e a criação podem muito, como diz o meu amigo *Torgas*, que é um oraculo na materia.

Comm. Emfim n'outra qualquer occazião conversaremos mais de vagar, agora vou com pressa registrar o diploma na Camara: quero ver depois como os *discolos* andão de beiça cahida, logo que saibão do novo despacho do meu amigo *Conselheiro Ministro.*

Pinh. Visto que elle se acha nas graças desse rei *Lunalilo* veja, se arranja para você tambem um titulo qualquer, como o delle.....

Carta de Simplicio d'Arruda a seu compadre Nicolau Tortulho

Presado Compadre e Amigo

A quem amo e venero, como áquelle, a quem muito preso, e por cujas venturas, saude e felicidades eu e todos os meus, que com toda a razão o considerão um membro querido da Familia dos Arrudas, fazemos os mais sinceros e fervorosos votos, não só para que Deus lhe dilate por muitos annos, e eu que lh'os conte, os dias de sua precioza vida, como tambem para que elle sempre mizericordioso o preserve, e livre do contacto com todo e qualquer *Zina*, que sendo um animalejo asqueroso, como o mais vil e immundo

reptil, é mais *voraz* do que a traça, mais *maléfico*, e *feroz* do que a panthera, mais *venenozo* do que o surucucú, e mais *nogento* do que a saramella.

Oh! Compadre, cauza-me espanto, que occupando-se *Linneu e Couvier* de quanto *bicharôco* Deus criou, não escapando á observação desses dois sabios o animalejo mais microscopico, mais insignificante, como se esquecerão de classificar o reptil *Zina*, de o descrever! talvez por asco.

Deus, meu Compadre, sempre é mui misericordioso, e de uma bondade infinita, ainda mesmo com aquelles, que mais o offendem, e recalcitrão contumazes contra os seus preceitos e ordens: se não fosse qual o creio, e proclamo, em lugar das sete pragas, com que feriu o Egypto por cauza da obstinação de Pharaó, enviava-lhe um *Zina* unico, que era bastante para devastar, e sobverter quantos Egyptos houvesse!

E se esse *Zina* fosse da qualidade do que por aqui temos? Oh! Santo Deus! Pharaó amarrava as mãos na cabeça; não só deixava sahir os Israelitas logo e logo, como até era capaz de os levar ao cólo até os confins dos seus estados, se podesse! Ora a fallar a verdade, o cazo não era para menos; porque a *Cholera morbus*, e a *Febre amarella* são uma fatia de pão de ló em comparação da peste *Zina!*

Corre por aqui o boato, de que se preparão grandes demonstrações de regosijo, taes como foguetorio, muzicas, e luminarias, quando *Bar-*

cellos se vir livre deste flagello: ha quem aconselhe antes um *Te-Deum*, como acção de graças ao Todo Poderoso, por ser o que se costuma fazer, quando cessa o açoute de Deus; eu voto por este conselho, que acho santo e justo: ha tambem quem aconselhe e vote um descante, uma serenata, de seis zabumbas e doze tambores para escorraçar a peste. É bem lembrado; mas tem o inconveniente de fazer toldar os vinhos nas adegas; nesse cazo antes serenata de berimbaos com acompanhamento de assobios e taxos belhos, não lhe parece, Compadre?

Manifesta-me meu bom Compadre na ultima, com que me honrou, o desejo que tem, a anciedade, que o tortura, para saber promenores ácerca da suspensão do *Barcellense*, as tropelias, arbitrariedades, e mais escandalos, que se pozerão em execução para adiar o apparecimento desse periodico, que se não é a cabeça de *Meduza*, que petrefica o *Zina*, é por certo a poderoza clava de *Hercules*, com que a opinião publica esmaga a deshonestidade deste descarado *Caco*, que, acobertado com a lei, rouba o suor dos que recorrem á Justiça em procura do seu direito.

Assim mesmo o ladrão *Caco* morto por *Hercules* era mais honesto que o *Zina*: porque aquelle arrastava pela cauda as vaccas, que roubava, e assim as introduzia no antro, habitado por elle, para mostrar pelas pegadas, que ellas tinhão sahido, mas não entrado ali; consumia os despojos das mesmas, para apagar todos os vestigos do

seu crime: o *Zina* menos honesto, que elle *Caco*, faz garbo de suas concussões, desculpando-se com equivocos; fazendo restituições não voluntarias, mas forçado pelo clamor publico, e deixa indeleveis os vestigos de suas depredações e rapacidades, nos mandados, que existem archivados no cofre dos orphãos, e nos autos dos cartorios desta Villa.

Eu bem quizera, meu bom Compadre, satisfazer o seu anciozo desejo; mas não posso: temo perder-me, ou não encontrar o fio de *Ariadns*, que me deixe sahir desse labirintho de bandalheiras, de infamias, de tropelias, e de escandalos, mais emmaranhado, e intrincado, do que o que em *Creta* fabricou o engenhoso atheniense *Dédalo*, que, como diz o nosso *João de Vigo*, tenha *cadeca*, e era capaz de ensinar o Padre nosso ao vigario da sua freguezia; em tanta conta tem elle o saber, e pericia de *Dédalo*, que no extazi de seu enthusiasmo, diz, que só o egualaria no *engenho e arte* o engenheiro, que deu a directriz á estrada, que da *Bagoiera* segue pelo *Bom Successo* ás *Pontes!* Isto é que se chama pôr as couzas no seu lugar, como quem as lança á rua. Vamos porém ao cazo e desculpe o Compadre as divagações.

O *Dédalo*, que delineou o labirintho de bandalheiras, de infamias, de tropelias, e escandalos (materiaes mais preciozos, que o marmore de *Carrara!)* foi o *Zina*, e, quem com toda a mestria executou a obra, foi o Administrador do Concelho.

É, meu bom Compadre, a alliança mais hybrida, que se pode imaginar; porque em abono da verdade, com quanto *Faria Rego*, pela sua provecta idade, pela sua pouca illustração, pelo seu genio arrebatado, e mais defeitos, que todos lhe reconhecem, até mesmo os seus amigos não tenha absolutamente nenhuma das qualidades, ou predicados, que se requerem para ser um bom Administrador de Concelho, todavia passa com verdade, como homem limpo de mãos; será tudo, menos ladrão.

Ora sendo uma das missões do *Barcellense* além da profligação das malversações, demazias, e mais torpezas do *Zina*, o desmascarar esse funccionario iniquo, que se quer locupletar por meio de concussões, como se pode alliar um homem limpo de mãos a outro, que o não é, e as tem tão sujas! Repito é a alliança mais hybrida, que se pode imaginar!

A não ser com a caduquice, pois o pobre homem já anda com a muxila tão carregada, e em ordem de marcha para o outro mundo, ninguem o pode desculpar.

Chegou a tanto a perseguição, e a cegueira destes dois *Arcades*, que, mandando o *Ozorio* distribuir uma carta, ou manifesto, em que punha, patente a *calva do Zina*, o Administrador apprehendendo os impressos, remetteu-os, com o destribuidor dos mesmos ao *Zina*, e este fez metter na cadeia o destribuidor, fundando-se os dois *Arcades* n'um artigo da lei, que torna responsa-

veis o impressor, o affixador, o vendedor, distribuidor & de impressos supremidos legalmente, por conterem insultos contra os soberanos alliados e amigos de Portugal, ou contra os seus embaixadores. Que dois jurisconsultos d'arromba, que não sabem entender o que lêem!! E forão a Coimbra! Quantas azemolas lá não tem entrado, e quantas de lá não tem sahido!

Já que toquei n'este capitulo sempre lhe quero contar um facto, que mostra a illustração do *Manel Zé Zina.*

Querellou um sujeito de outro; porque achando-se este a quebrar pedra a tiro, as pedras arrojadas pela explosão tinhão damnificado umas tronchudas d'aquelle; o quezito formulado pelo *Zina,* que o meditou e trouce de casa, é assim concebido:

«Está ou não provado, que o damno nas «tronchudas do queixoso foi produzido pela *de-«tonação* do tiro?»

Ha nada mais ignorante do que este alarve estupido, que confunde projectil, ou estilhaço com detonação, que é o estampido? Este parvo sempre imaginou, que *Barcellos* era *Sinfães,* e que, por ter apenas um olho, e esse muito *miope,* vinha para a terra dos cegos ser rei!

Contarão-me, Compadre, que ha ahi n'essa cidade na rua de Santa Catharina um armazem de trastes em segunda mão, cujo dono é, ha muito, conhecido do *Zina;* que este indo lá comprar alguns trastes, entre elles uma commoda e um

guarda-vestidos de platano, e sendo tractado pelo dono do estabelecimento simplesmente pelo sr. *Botelho*, todo empertigado, como gato que se esperguiça, lhe dissera com a *amabilidade*, que o destingue: *agora sou Conselheiro*. Não me admira pois, que elle na Foz até ás vendeiras de mexilhões e caranguejos se annunciasse *Conselheiro!*

O patarata lunatico tem um meio facil de se annunciar a quem não fôr analphabeto; trazer uma colleira, onde em lettras maiusculas se lêa =CONSELHEIRO=.

A Deus, acceite saudozos recados de todos, e disponha, como lhe aprouver, do firme affecto de

Seu compadre e amigo,

SIMPLICIO D'ARRUDA.

Carta de Nicolau Tortulho a seu compadre Simplicio d'Arruda.

Compadre e Amigo

Estavão escriptas em lettras maiores do que a probidade do *Zina* (leve a breca a comparação, que não leva couza boa !) n'uma columna do templo de *Thebas* muitas pragas e maldicções contra *Meridio*, que, se diz, fôra o primeiro, que entre os *Egypcios* inventára o dinheiro; porque com tal invento havia exterminado, não só o modo sincero, e quieto, com que então havião sido governados aquellles povos, como egualmente todos os principios de moralidade.

Já vê, Compadre, que o negocio vem muito de traz. e com quanto toda a gente honesta, e que preza a sã moral estranhe, stymatize, reprove, e odeie o procedimento torpissimo do *Zina;* com tudo elle auctoriza-o, soccurrendo-se ao exemplo, que lhe legarão os contemporaneos de *Meridio*, os quaes por cauza do dinheiro já praticavão concussões, segundo se deprehende da inscripção, que existia na columna.

Deus me perdoe, meu bom Compadre, se com o mau juizo, que formo do auctor da tal inscripção, pecco contra a charidade, que se deve ter com o proximo; se não era tão lunatico como o *Zina*, era por certo um grande pedaço d'asna: praguejar e amaldiçoar a invenção do dinheiro!

Não posso deixar de bem dizer, e louvar *Meridio* pelo seu grande invento, por este ser muito commodo e vantajozo, e por ser tambem o representante de tudo quanto ha n'este valle de lagrimas. Como sem dinheiro, se podia comprar, já não digo os melões, mas por exemplo o foro de *moço fidalgo com exercicio—uma carta de Conselho*, e outras bugiarias mais, com que algum palpalvo tanto se enfatua, pondo-se nos bicos dos pés, e que moralmente lhe quadra tão bem, como phisicamente a um porco um colar de perolas?

A um bom entendedor, diz o nosso judiciozo *João de Vigo*, meia palavra basta: não me

explico mais, nem exemplifico a asserção; porque o Compadre já prevê, que vou bater dircitinho, como um fuzo, á porta do *Zina*.

Faço pois, repito, muito mau juizo de quem praguejou, e amaldiçoou *Meridio*: aposto, que foi algum jarreta, que ainda uzava cabelleira empoada, e fivelas nas ligas e nos sapatos, em fim algum casmurro tão fossil nas ideas, como no trajar! Se praguejasse e amaldiçoasse, não o dinheiro, mas a excessiva avidez de o possuir por *fas* ou *nefas*, que é a cartilha por onde lê o patarata *Zina*, tinha carradas de razão, merecia o meu louvor, e até não duvidava dar-lhe o meu voto, se pertendesse ser vereador em *Thebas*, visto que ahi dava as cartas, e se eu lá fosse votante.

É essa excessiva avidez de possuir dinheiro, que faz com que sejão exterminadas a sinceridade e quietação, com que os povos devem ser governados; a rectidão, e imparcialidade, com que se lhes deve administrar justiça, a moralidade e bom exemplo, que um magistrado integro deve dar a todos, e com especialidade aos seus subordinados, e finalmente a confiança publica, sem a qual não pode haver nem prestigio, nem respeito.

É este precizamente o cazo, em que se acha *Manel Zé Zina*; foi a excessiva avidez de dinheiro, que o fez concussionario, isto é, tão ladrão como o larapio ou ratoneiro, e como o salteador e

bandido: porque se o ratoneiro, furta com ardis, o Zina furta emolumentos, que lhe não competem, ou mais do que lhe são devidos, por meio de tricas, e protelações; se o salteador e bandido roubão escudados na *pistola*, na *clavina* e no trabuco, isto é, por meio de violencia, o *Zina* acobertando-se com a lei, e á sombra della rouba os litigantes, e quantos pleitêão, e requerem seu direito, empregando a força da auctoridade.

Para que elle fosse, meu bom Compadre, o rebutalho, o refugo infimo da magistratura Portugueza, erão cauzas efficientes, e exuberantissimas, a sua crassa e estupenda ignorancia; a sua grosseria brutal, e mangaz, o orgulho fôfo, e insano, os maus instinctos, e perversa indole, que o caracterizão, e finalmente a activa e poderoza influencia, que a lua exerce periodicamente n'aquella cabeça desmiolada, quanto mais achando-se provado, por decumentos, e pela sua contumaz e obstinada reluctancia em não pedir uma syndicancia, que é *malversor* e *concussionario*!

Contou-me, Compadre, uma pessoa fidedigna, que, ha muito, conhece e se dá com o *Zina*, que este lhe dissera: *como hei-de pedir uma syndicancia aos meus actos, se esta maldita gente está toda revoltada, e vai jurar contra mim?*

Desta desculpa, peior do que de cabo de esquadra, deduzem-se duas verdades tão manifestas e claras como a luz do sol: 1.ª que o *bi-*

cho, conhece cabalmente a sua impopularidade, e o quanto é execrado geralmente, e que não são só quatro *discolos*, que o guerreão, que é a comarca inteira, e 2.ª que tem consciencia do numero infinito das tropelias, malversações, que tem praticado. Como podem todos ir jurar contra o *Zina*, sem comprovarem com factos ou documentos o seu depoimento?

O homunculo, meu Compadre, bravateou como um hespanhol, quando, na estopada, que fez publicar no *Primeiro de Janeiro* de 13 de Fevereiro ultimo, disse: «*Podem estar certos, que «coragem ou força de espirito para arrostar «com os maus não me falta; tendo em muito res- «peito e veneração o que o Espirito Santo re- «commenda aos juiz*[illegible].=Combatei até á morte pela justiça; porque Deus combaterá por vós.=

Que corajoza, e sancta creatura, não é o *Zina!* Já lhe falta a coragem; porque sabe, que não vai arrostar com os maus; vai arrostar com a opinião e clamor publicos; já não tem em respeito e veneração ao que disse o Espirito Santo; porque sabe, que Deus não combaterá por elle na syndicancia; porque o *Zina* commettendo malversações, tropelias, injustiças, parcialidades, concussões e iniquidades de todo o calibre, tem combatido sempre pela injustiça.

Manel Zé Zina, quem te não conhecer, que te compre, pois nós já conhecemos a boa peça que és!

Tambem me contou pessoa fidedigna, que o patarata *Zina*, assustado com os rugidos do *Leão*, deseja por-se ao fresco, e para o conseguir, que mandára commetter ao Juiz de Direito de Vianna a troca dos lugares; mas que este lhe mandara dizer; que quem semeia ventos, que colhe tempestades, e que se aguentasse no balanço! Que *pega*. Compadre, não ião ter os Viannenses, se lá cahisse o flagello! Bem podia a Camara Municipal mandar queimar barris d'alcatrão e rama de pinheiro para o afugentar!

Não me admiro, Compadre, da *bernardice* escripta por elle no quizito das tronchudas; se elle, quer fallando, quer escrevendo, não diz senão asneiras!

Não sou eu só, que o digo; dizem-no á bocca cheia os seus contemporaneos, e condiscipulos em Coimbra (o mal é chronico, e burro velho não toma andadura), dizem-no quantos o conhecem. Eis o motivo, pelo qual eu desejo ahi ir nas occaziões de audiencias geraes para me rir, e vêr, se a hipecondria, a que sou achado, me dá treguas, quando não fique debellada.

Peço a meu Compadre, que lêa as sentenças proferidas por elle; todas começão *Vistos os auctos vê-se &c.* Este exordio mostra bem o dedo do gigante; porque é o pleonasmo mais patife e desavergonhado, mais atrevido, e tão insolente como o seu auctor, mais bregeiro e sem graça, que se tem feito no idioma de *Camões!* É uma

redudancia boçal, e summamente idiota; quem diz *vistos os auctos vê-se*, é capaz de dizer *azul celeste côr do céo, militar soldado, dourado a orro*, e outras que taes, e quejandas asneiras, que em *Sinfães* talvez sejão primorosas flores de Rethorica, mas que, até em *Soaja*, ou na *Carapinhada*, não deixarião de ser tidas como *algaravias* legitimas. Basta isto para servir de dinamometro intellectual desse Conselheiro *bisborria!*

Diz-se por aqui, Compadre, que elle pedira 30 dias de licença; uns creem, que é para se pôr airozamente ao fresco, e para evitar a melodiosa serenata de berimbaus com acompanhamento de assobios e taxos velhos; outros desconfião, que vai vêr, se conjura em Lisboa a tempestade: conjurará não duvide, Compadre; porque desgraçadamente no nosso pobre Portugal estão sendo reprodusidas es scenas do Baixo Imperio; a corrupção de mãos dadas com a immoralidade campeã infrene e audaz, e se assim não fora, em vista do que se tem dito, e escripto, não era o proprio Governo, que devia mandar logo syndicar dos actos desse Juiz iniquo, e concussionario?

Desculpe a limitação e disponha do sincero affecto, que lhe tributa, e a todos os seus.

O compadre e amigo

NICOLAU TORTULHO

Carta de Simplicio d'Arruda a seu compadre Nicolau Tortulho

Compadre e Amigo.

A defunta minha Avó, que Deus haja no seu sancto reino, era uma boa creatura: todos os dias depois de me mandar persignar e benzer, dizia ella, para afugentar o *cão tinhozo*, a fim de me não tentar para o mal, fazia-me rezar ao anjo da guarda, e ao santo do meu nome, e depois recitava-me as regras do bem-viver, como vem exaradas na cartilha do Padre Ignacio, e, quando se achava com mais pachorra, contava-me um apólogo, de que ainda hoje me lembro tanto,

que, quando o vagar me deixa, o repito a seu afilhado *Bernabé;* e vem a ser:

N'uma grande enchente, levou o rio duas panellas, uma de barro, e outra de cobre.

Pedio a de cobre á de barro, que se chegasse para ella, para que juntas melhor podessem resistir ao impeto da correnteza. Não me convem, respondeu-lhe a de barro, a tua amizade e vizinhança; porque, se acontecer eu bater em ti, ou tu em mim, sempre tu ficarás inteira, e eu quebrada.

Como moralidade deste apólogo, dizia-me então a boa de minha Avó: nunca escolhas, meu netto, para amigo, ou para convivencia, pessoa, cuja pozição seja muito superior a tua; porque havendo na instabilidade das ondas deste mundo qualquer encontro ou revez, é sempre o mais fraco, o que tem de sffrer o damno.

Docil e fiel aos salutares e sãos conselhos, que me dava minha Avó, sempre fugi, e ainda fujo hoje, de quantos se achão em pozição muito superior á minha, a qual ainda que mediocre, e summamente modesta, é todavia honesta e decente: ainda que me fosse facil dar-me, que não é, com qualquer authoridade, fugiria della como o demonio da Cruz; não porque a odeie, e aborreça, ou porque deixe de a respeitar, e venerar, se ella não é um *Zina* atrevido, e insolente, malcriado e grosseiro, iniquo e malversor; mas porque não quero que ella faça a injustiça de to-

marme, ou como pertendente e bajulador, ou como um réo de policia.

Quando fosse tão feliz, que a authoridade me não considerasse em nenhuma das hipothezes, que deixo apontadas, havia outro inconveniente, que muito me constrangeria, se se desse, e vem a ser: forçarem-me a servir de empenho, o que muito me repugnaria; porque ou se vai pedir o que é justo, ou o que não é: se é justo, o que se pede, irrogase um greve insulto á authoridade, porque é suppo-la, ou que ignora o seu dever, ou capaz de praticar injustiças; se não é justo, maior insulto se lhe faz; porque a julgão iniqua, e capaz de conculcar a lei, o direito, e os seus deveres.

Se bem que meu Compadre conheça a fundo o meu modo de pensar, moral, e imparcialidade, com tudo julgo indispensaveis estas explicações, para que nem de leve julgue, que me allucina a amizade, ou convivencia com uma authoridade, que aqui temos, de que vou fallar, e com quem me não dou; não, porque deixe de ser respeitabilissima, e digna a todos os respeitos; mas porque fiel aos conselhos, que me deu minha Avó e mui cabalmente se coadunão com o meu pensar, e indole, nunca aberrei delles.

Essa authoridade é o Delegado do Ministerio Publico nesta comarca, o Bacharel *Francisco Augusto Nunes Pousão*, que é uma perfeita antithese do Juiz de Direito *Manoel José Botelho*, que por

ser lunatico perigozo, uns chamão o *Zina*, outros o *Pistola*, por descender de uma *Clavina*; é uma perfeita antitheze disse, e o repito; porque é illustradissimo, polido, delicado, affavel, honesto, integro, imparcial, finalmente cumpre tão religiozamente os deveres espinhozos do seu cargo, que sabe alliar o rigor da Lei com a affabilidade, e tão bons modos, que todos geralmente o prezão e estimão, inda mesmo aquelles, que pelo dever do seu cargo elle persegue com o rigor da Lei.

O *Zina*, ou *Pistola*, ou como moralmente melhor nome tenha, não tendo absolutamente nenhuma das boas qualidades daquelle bom magistrado, odeia-o mortalmente, nã só porque o *Pousão* lhe serve de espelho, onde *Zina* vê as suas proprias torpezas, a sua fealdade moral; como porque *Pousão*, austero respeitador da Lei, se não presta a ser instrumento docil das vinganças e tropelias de *Zina*. Cada *Zinada*, Compadre, é uma iniquidade, ou uma tropelia, uma ignorancia em direito, ou uma perversidade, um escandalo ou uma concussão!

Cada *Zinada* é uma marrada na lei, nas partes, ou na bolsa destas.

Esse odio, que *Zina* nutre contra *Pousão*, se bem que indesculpavel, e criminozo, acho-o naturalissimo. Quando deixou o vicio de olhar com maus olhos a virtude; a ignorancia a illustração; a improbidade a honradez; e a iniquidade a justiça recta e imparcial? Nunca; desde que o

mundo é mundo, se poderão alliar elementos tão heterogeneos, qualidades tão diametralmente oppostas.

Por vezes *Zina* para dar expansão á cratêra de odio, que lhe referve no coração de panthera, delatou ao Governo faltas ficticias daquelle zelozo e integro magistrado; vendo porém que a lava do seu odio não podia nem crestar a bem merecida reputação do Delegado, voltou novamente á carga, delatando com um zelo pharizaico, e só proprio de uma alma damnada, varias aleivozias, e entre ellas, como a mais saliente, e por isso mesmo a mais clamoroza, a de que havia sido comprado, bem como havião sido comprados os jurados, que, por falta absoluta de provas, absolverão o réo *Oliveira Gomes*, por não ter appellado da decizão do jury, e pelo réo ter ido agradecer ao Delegado a delicadeza, e modo urbano, com que o havia sempre tractado!! Para roborar tão infame, quanto aleivoza delação, fez, como meu Compadre terá visto, publicar n'um Jornal dessa Cidade um communicado n'esse mesmo sentido.

Mal isto constou no publico, que com toda a razão abomina, e detesta o *Zina* por ser um transumpto de maldades e torpezas; respeita, reverencia, e preza *Pousão* por suas nobres e raras qualidades, e por ser um magistrado modelo, immediatamente foi dirigida a El-Rei nma reprezentação, laconica mais expressiva, em que se

abonão de um modo explicito as optimas qualidades de *Pousão*, e se pede a sua conservação no lugar, que tão dignamente exerce, a bem da boa administração da Justiça.

Esta reprezentação, que foi agitada pelo P.e *Lima*, moço de illustração e dotado de uma alma nobre e generoza, em poucos dias foi coberta por mil e tantas assignaturas, e se o tempo não urgisse, podia levar milhares dellas: tanto estava na mente de todos o que nella se allegava e pedia; tal é a bem merecida aura do Delegado *Pousão*.

Para arranjarem 103 assignaturas á celeberrima manifestação, que o *Zina* de rojo solicitou, forão precizas semanas, e que se empregasse todo o prestigio de uma pessoa bem quista por suas boas qualidades, e mais que tudo, que intervissem a dependencia, e a pressão illegal e escandaloza do Administrador do Concelho, que poz em acção quantos meios illictos, lhe occorrerão! Apezar dos termos vagos e em nada significativos dessa manifestação, tal era a repugnancia, que todos sentião em assignal-a, e tanta a impopularidade do Juiz de Direito actual!! Que perfeito e frizante contraste entre a popularidade de *Zina* e de *Pousão!*

De duas uma, ou o P.e *Lima* goza de mais prestigio, de maior consideração e estima, do que o *Mendanha*, e pode mais do que o Administrador actual do Concelho, e é então uma potestade;

ou então a reprezentação a favor do Delegado *Pousão* foi como na verdade é, o acto mais espontaneo, que pode haver. Este dilemma não mente, e muito deve confundir o *Zina*, se os remorsos podem penetrar n'aquella alma tisnada pela maldade.

Este mazorral lunatico a todos offende e insulta. Pouco tempo depois, que aqui chegou, indo um sacerdote respeitavel ao tribunal servir de testemunha, disse-lhe com a *amabilidade*, que o destingue: *é Padre, temos testemunha falsa.* Assim se insulta um cidadão, assim se offende e injuria uma classe inteira? Porque na classe houve um *Clavina*, seguese que todos hão de ser armas de fogo?

Estes dias um jurado, homem respeitavel, e lavrador abastadissimo da Freguezia de *Minhotães*, tendo vindo duas vezes seguidas a outras tantas sessões do jury, que se malograrão por cauza do *Zina*, e representando-lhe verbalmente os sacrificios, que fizera, damnos e prejuizos, que lhe advierão, pediu-lhe escuza. Respondeu-lhe, que lh'a não concedia, acrescentando com um riso alvar, mas de mófa, que elle lavrador nada havia perdido, antes lucrado.....! Dando assim a entender, que este cidadão vinha comprado, e bem pago pelo réo, que devia ser julgado!!!

A freguezia de *Minhotães* uma das mais importantes deste Concelho, onde aquelle lavrador é muito bem quisto e estimado, enojada por este

inqualificavel procedimento do *Zina*, de quem deseja livrar-se, tracta de se desannexar deste Concelho.

Por hoje basta.

Seu compadre e amigo.

SIMPLICIO D'ARRUDA

Carta de Nicolau Tortulho a seu compadre Simplicio d'Arruda.

Compadre e Amigo

Com a attenção, de que sou capaz, li quanto me relata na sua ultima missiva a respeito das aleivozias assacadas pelo *Zina*, rebutalho da magistratura Portugueza, ao *Pousão*, digno Delegado do Procurador Regio nessa comarca.

Parace impossivel, Compadre, que n'um corpo tão debil, e franzino, que naquelle todo tão repugnante e abjecto se aninhe tão vasta copia de maldade! Altos juizos de Deus, insondaveis segredos da natureza! Não é o aspide um reptil bem pouco volumozo, e no entretanto não contem

em si o veneno mais lethal? Para mais a seu salvo morder as victimas, occulta-se esse reptil entre flores: até nisso se parece o *Zina* com o aspide, porque, cohonestando o seu zelo pharizaico, a sua refinada maldade com o bem do serviço publico, e com a boa administração da justiça, e querendo fazer passar por zelo e dedicação, o que não é senão odio, inveja, e rancor, tambem, como esse reptil, morde traiçoeira, e aleivozamente.

Não lhe disse eu, ha muito, que conheço a fundo, e desde muitos annos o *Zina*? Não me espanto pois de quanto delle me disser; nada me surprehende; considero-o capaz de quanto ha de mau; aquelle todo não engana ninguem. *Lavater* se vivesse e visse o carão felino do *Zina*, não ficaria menos assombrado, menos atonito e petreficado, do que o viajante, que desprevenido, e descuidado désse de frente nos sertões d'Africa com um tigre esfaimado.

As sanefas, com que elle ornamenta a calva, não vedão um exame phrenologico bem minucioso: sem ser *Gall*, qualquer que tenha apenas rudimentares principios de phrenologia, logo á primeira vista descobre no craneo do *Zina*, bem salientes, as *boças* da demencia, da ignorancia, da impostura, da hypocrizia, da dobrez de caracter, do orgulho fôfo, e sobre sahindo a todas, como um promontorio; a *boça* da mais refinada maldade.

A *boça* de concussionario, como fica situa-

da na cova do ladrão, onde o *Zina* tem mais alguns pellos, está mais occulta, e só a tezoura de uma *syndicancia* é, que a poderá tornar bem patente: é dessa tezoura, que elle foge como o demonio da Cruz! E querem que elle a requeira? Nessa não cahe elle!

Compadre, appareceu n'uma cidade um aventureiro italiano, que se inculcava um emulo de *Orpheu* nas melodias, que tirava da rabeca; fazia o *carcamanho*, couzas do arco da velha nesse instrumento: como todos acreditassem nas imposturas do homem, foi-lhe facilimo obter um beneficio no theatro, que havia nessa cidade.

Chegado o dia aprazado, e poucas horas antes da entrada, não sei, por que má sina do homem, divulgou-se a noticia, de que elle quando muito, tocaria uma *caxuxa*, ou uma *caninha verde* bem repenicada. A indignação foi geral; porque os bilhetes estavão todos comprados, e o *carcamanho* tinha o dinheiro no bolço.

Como desforço, munirão-se os espectadores de óvos chócos, batatas e cebolas podres, e forão para o theatro. Corrido o panno, mal o homem deu as primeiras arcadas, tão destemperadas erão, cahiu sobre elle uma chuva dos odoriferos projectis já mencionados. O homem então sem se desconcertar, poz-se em retirada, serrando sempre na rabeca, e cantando no seu patoâ: *que m'importa pateata, se monéta está ganata?*

Assim, Compadre, faz o *Zina*, que lhe im-

porta, que lhe chamem e provem, que é concussionario, se os emolumentos, que demais, e indevidamente extorquiu, elle os considera ganhos, se já os tem no bolço? *Que lhe importa pateata, se moneta está ganata?* Procurem no codigo penal todos os artigos, em que elle se acha incurso; esmerilhem nos diccionarios os nomes mais afrontozos, para devidamente o apodarem, que nem querella para se desaggravar, nem pede ao Governo uma syndicancia para se justificar!

O homunculo, Compadre, tem tão calejada a cara, como tisnada a alma, é verdade isso; mas creia firmemente, que se não requer a syndicancia, é porque teme, e com razão, que por meio della se venha a descobrir a podridão de outras ulceras pestilenciaes, que existem occultas por esses cartorios, e que compulsados manifestarão a sanie, que as denuncie.

Diz bem, Compadre, o *Pousão* é uma perfeita antitheze do *Zina* a todos os respeitos. Por aqui todos tem lido com interesse e summo prazer a defeza d'aquelle digno e probo magistrado para refutar as arguições, e aleivozias, que *Zina* lhe imputou, como infame e perverso delator, que é. O heroe de *Sinfães* era digno de viver no tempo de *Nero*: no officio do delator injusto e perverso poucos o igualarião.

Confesso-lhe, que nunca vi defeza mais cabal e concludente do que a do *Pousão*, e quando ella não satisfaça o juiz mais exigente, basta, para

mostrar a sua innocencia, e o seu procedimento impoluto, o pedido, que logo, e logo fez de uma syndicancia aos seus actos. É assim que procede quem tem honra, brio e dignidade, quem preza devidamente a sua reputação, quem finalmente tem a consciencia tranquilla, acata e respeita a opinião publica.

Não lhe peço, Compadre, que me descreva a cara, com que, depois disto, se aprezenta em publico o *Zina*; por que sei a extensão do seu desaforo, e descaramento. Só desejo vêr o procedimento, que o Governo tem com elle. Ha mezes, que a imprensa, e o clamor publico o arguem de crimes e faltas, que requerem prompto castigo: está provado de um modo inconcusso e até á evidencia, que o actual juiz de direito dessa comarca não merece a confiança publica, porque é arbitrario, malversor, concussionario, grosseiro, petulante, insolente; e até falsario, e no entretanto que tem feito o Governo desde então atê hoje. já não digo, para pôr termo a tamanha calamidade, e para prover de remedio, mas unicamente para se certificar da verdade? Que lhe cumpria fazer, visto que o arguido se não justifica? Nomear um juiz syndicante. E já o nomeou o Governo? *Dicant paduani*, como costuma dizer o nosso authorizado *João de Vigo*.

Compadre, as nações tem, como os astros, o seu apogeu, e o seu perigeu. Portugal infelizmente, á muito, que se acha no seu perigeu mo-

ral, e parece que caminha a passos agigantados para o seu occaso. Deus nos livre de um cataclysmo, como o que está sofrendo a pobre Hespanha; se por nossa desventura o tivermos, veremos reproduzidas as scenas de horror, que se estão reprezentando na Hespanha. Talvez esta asserção pareça uma hiperbole?

Antes o seja, e permitta Deus, que eu me engane; mas que se espera de um Povo, cujo Governo só tracta de o desmoralizar, menosprezando a honestidade, e conservando authoridades malversoras, iniquas, e concussionarias; de um Povo, cujo Governo desattendendo a opinião publica, só attende ao patronato, e nepotismo?

Não me assustão, Compadre, o Iberismo e os esforços da Internacional; assusta-me um Governo, que despreza a honestidade, e que timbra de immoral; porque com o seu pessimo exemplo deprava e corrompe a nação; e se o bom senso a preserva desse contagio, não a livra do desespero, em que a lança o indifferentissimo, com que esse pessimo Governo olha para o bem da nação, e com que ouve o clamor publico.

Não falta, Compadre, quem por aqui augure, que o actual Governo segue as pizadas do partido *radical* hespanhol, o que minou o throno do ex-Rei *Amadeu*..... Achão os praguentos no prurido de *realismo* exagerado, que elle ostenta, as mesmas vistas, e intenções, que teve *Machiavello* nas suas maximas e conselhos aos Principes, isto é,

despertar o odio dos Povos contra estes! Como não entendo nada de politica, fico perpelexo, e digo com os meus botões: *longe vá tal agouro.*

Cosnta por aqui que fallecera tão pobre o juiz de direito de *Fafe*, que se promovera uma subscripção para lhe fazer o enterro. O homem era honesto, e não lia pela cartilha do *Zina*, que faz do cargo um beneficio rendozo.

Recommende-me á Familia, e ao *Barnabé*, para quem com a benção envia o folar.

Seu compadre e Amigo.

NICOLAU TORTULHO

Carta de Simplicio d'Arruda a seu compadre Nicolau Tortulho

Compadre e Amigo.

Que continue a gozar boa saude, e que tivesse festas alegres, são os sinceros votos, que faço com sua comadre, afilhado *Barnabé*, e mais familia, os quaes todos saudosamente se lhe recommendão muito. *Barnabé* cada vez, mais penhorado pelas liberalidades do Padrinho, pedeme que lhe agradeça rendidamente o bom folar, com que o mimozeou: o rapaz atirou-se a elle, como o *Zina* aos emolumentos indevidos.

Vou-lhe dar, Compadre, uma agradavel noticia, se, como eu, embirra tambem em vêr jun-

to do seu leito, quando doente, um barbadão a formular-lhe um *recipe*.

Acaba de ser admittida na faculdade de medicina de Pariz, como medica, a snr.ª *Brés*. Se o exemplo for seguido, o que Deus permitta, ahi temos prehenchida uma grande lacuna, e motivo de sobra para se alegrarem os pobres filhos d'Adão.

Já havia para enfermeiras as irmãs da charidade, agora vem as medicas, e em seguida virão tambem as boticarias: já um homem póde estar doente á sua vontade! *Le monde marche*, ora viva o progresso!

Confesso-lhe, Compadre, que, se me vejo doente, e apanho junto do leito uma medica, embora me sinta rijo como um pêro, não dou parte de prompto, inda que sua comadre deite a casa abaixo com ciumes, isto é, se a medica não for alguma fi ela d'estanho, ou algum casco de inventario, capaz de afugentar um bando de pardaes; porque nesse caso *aberruntio, et fugite partes adversae*, como diz o *Torgas*, que é um poço de latim.

Esta innovação, Compadre, vai fazer uma revolução completa na nomenclatura das molestias; vai dar garrote nas *orchites*, *uret ites*, e outras egualmente feias, e que *acabão* em *ite*: vão folgar todos os membros humanos; porque as molestias dominantes serão só as do coração; e quem mais apto e adquado para as debellar, do que uma encantadora filha de Eva?

Cá em Portugal, até certo tempo só tinhamos as carregadoras de cascalho para as estradas; agora, graças ás luzes do seculo, felizmente já temos mulheres a vigiarem as vias ferreas, e expedirem telegrammas: venhão em boa hora tambem as medicas, as enfermeiras, e boticarias, que está por um triz a emancipação das mulheres.

Le monde marche, e porque não hão de ser tambem *curas d'alma?* Oh! que vivorio, Compadre; se o Parocho da freguezia, em lugar de macho, fôr femea! Nesse caso é ociozo e desnecessario o 2.º mandamento da St.ª Madre Igreja; porque freguez haverá, que se queira confessar todos os dias! Se tal acontece, mudão-se os papeis; em lugar de bandos de *beatas*, vão haver enxames de *beatos* a atulhar essas igrejas.

Agora, Compadre, uma má noticia; regressou a peste *Zina* a esta comarca!

Vou-lhe contar uma strategia desse parvo, que com ella debalde quiz deitar poeira nos olhos a quem de sobra o conhece já.

Tendo hido gozar as ferias da semana santa a essa, communicou o dia do seu regresso a um dos seus dependentes, dizendo-lhe confidencialmente o itenerario, que tencionava seguir, e isto com o intuito, de que esse seu dependente, e apaniguado convidasse, como de facto convidou, a irem esperar o *Zina* ao caminho os empregados de justiça, ao que os pobres com vontade, ou antes constrangidos, annuirão, com receio de

serem tidos como *discolos*, e de provocarem a sanha e odio do animalejo, que se sustenta dessas bajulações e fumaças, como o camaleão de ar.

Soffrerão os pobres empregados de justiça uma mistificação verdadeira; porque indo esperar o *sorucucú* vivo a *Famalicão*, desencontrarão-se d'elle, que veio pela *Povoa do Varzim!*

Isto, Compadre, parece uma coiza mui natural; mas para quem conhece o sestro, e manhas da besta, logo ao primeiro intuito descobre o alvo, a que elle vizou. Foi elle quem por meio do seu dependente e apaniguado poz os empregados em movimento, e muito de propozito seguiu por estrada diversa, para ostentar, que o acto delles era espontaneo, e praticado tanto contra a vontade, e sem o menor influxo do *Zina*, que insciente seguiu por outra estrada. Quem te não conhecer, *Zina*, que te compre, que todos por aqui já conhecem a boa peça que és!

Compadre, se este parvo é tão manhoso, como o jumento de qualquer moleiro, tambem é certo, que é mais burro do que o burro mais estupido. Não se lembra elle, de que ainda existem por ahi *ad perpetuam rei memoriam*, como costuma dizer o nosso judiciozo *João de Vigo*, as circulares, que elle mandou do Porto nas ferias do verão transacto aos empregados judiciaes, indicando-lhes o dia e hora, em que devia chegar, e o itenerario, que devia seguir, para os forçar a irem, como forão, esperal-o ao caminho, e ter

uma recepção como o rei *Bobeche!* Este lunatico é o rei dos pataratas!

Foi tão estranho a esta mistificação feita, ha dias, aos pobres empregados de justiça, como o foi á celeberrima felicitação dos 103, promovida pelo adininistrador do concelho.

Á tempos, Compadre, em uma audiencia publica, sem que o assumpto viesse *ad rem*, querendo de algum modo responder, ao que com toda a verdade, justiça e razão, d'elle incessantemente diz o *Barcellense*, começou a *berrar* contra a imprensa, e entre mil tremendas asneiras, que em horripilante *algaravia* vomitou por aquella bocca fóra, disse: que não fazia caso algum da imprensa; porque um homem, como elle, repouzava tranquillo no testemunho de sua consciencia.

E tel-a-ha elle, Compadre? Se com effeito a tem, o que devido, é mais elastica, que a borracha: é um insondavel *olho-marinho!* Vamos porém ao caso.

Sempre em contradicção comsigo mesmo, assim como o está sempre por genio, indole e caracter com tudo quanto é honesto, justo, santo, e resoavel, ninguem tr me mais, do que elle, da imprensa; e como deixar de tremer, se é um *lazaro* mais leprozo, mais moralmente morphetico, do que phisicamente foi o irmão de *Martha*, ressuscitado por *Jesus Christo?*

Saiba pois, Compadre, que o homem que diz não fazer caso da imprensa, fundou aqui um

Periodico, a que por escarneo, e irrizão deu o nome de *Lei e Ordem*, e crismado com razão pelo nosso bom Povo por *Lei da Desordem!*

Tem-me mostrado a experiencia, que os mais refinados vilhacos, capazes de infringir no dia cada um dos mandamentos do decálogo tantas vezes, quantos são os minutos, que o dia encerra, são aquelles, que mais fallão em Deus nosso Senhor, em sua SS. Mãe, que mais frequentão as igrejas, que mais predicas ouvem, e que em tudo ostentão ascetismo. São uns tartufos, que, com a capa da santidade, querem encobrir os vicios mais detestaveis, para enganarem os incautos.

Assim fez o *Zina* e seus dignos comparsas; para enganarem os incautos, se é, que a respeito d'elle ainda ha algum, escolheram o especiozo titulo de *Lei e Ordem*; não, para pugnarem pela lei e pela ordem; pois é, para que a lei se cumpra religiosamente, e se mantenha a ordem a todo o transe, que se fundou o *Barcellense*, e que elle clama sem cessar, profligando as demazias, malversações, iniquidades, e concussões do *Zina*; não para justificarem com provas, e documentos o seu procedimento; mas sim, para dirigirem insultos a pessoas, que desprezão o *Zina*, e que estão tão superiores em moralidade, honra, e probidade a este asquerozo *verme*, e seus comparsas, quanto está o sol á terra. Nem o sanctuario das familias tem escapado á sanha desses sicophantas desbragados!!!

Quem compra pleitos, está sujeito aos prós, e precalços do officio, que exerce. A nossa demanda é com o *Zina;* até hoje não nos temos occupado, senão delle; provocão-nos os que querem comprar esse pleito: se os fustigarmos, depois não se queixem, que são os prós e precalços de quem compra demandas.....

Até mais vêr.

Seu compadre e amigo.

SIMPLICIO D'ARRUDA

Carta de Nicolau Tortulho a seu compadre Simplicio d'Arruda.

Compadre e Amigo

Começarei a prezente por uma anedocta d'um frade, *bixinho* parazita, com quem sempre embirrei, não pela instituição, que considero santa e justa, mas pelo excessivo grao de degeneração, a que havia chegado.

Essa milicia longe de seguir a austera regra dos seus sanctos instituidores, vivendo á *tripa forra*, como dizia o nosso *Bocage*, com raras, ainda que honrozas excepções, cuidava mais dos negocios temporaes e politicos, de intrigar, de fomentar a discordia, e desunião entre as familias,

de as corromper, e lançar no caminho da perdição, do que das couzas do Céo: era o mais forte esteio do despotismo!

Por isso, Compadre, havia dois caminhos a seguir; ou reformar a instituição, ou extinguil-a: eu, se tivesse voto na materia, era de parecer, que se reformasse, e que os obrigassem a seguir á risca, e pontoalissimamente a regra dos istituidores; o que aberrasse, sertões d'Africa com o meliante.

Para cortar o mal pela raiz, julgarão mais conveniente extinguir os frades: vá feito; mas já que o fizerão, pedia a razão, que dessem a cada um o dote, com que entrou. Não o fizerão, foi um verdadeiro roubo, que em nada aproveitou á nação. Quem lucrou e muito, forão certas *harpias*, em cujas casas, ou de seus descendentes, ainda hoje se veem baixelas de prata, cobertores de damasco, leitos de madeira precioza, e mil outros objectos arrebatados nos conventos. Talvez por ahi, Compadre, se esses objectos fallassem, ouviria em certas casas gritos lastimozos..... Perdoe a divagação, e vamos á anecdota do tal frade.

Apezar do burel, que lhe macerava o corpo, poz vistas libidinozas um frade n'uma rapariga, que morava em certa rua; descoroçoado de a poder seduzir, tencionou furtal-a. Para o conseguir, poz-se a gritar as des horas da noite nessa rua: *quem me acode que me levão furtada!* Como é de prever, acudiu á rua, e ás janellas toda a vizi-

nhança, e como só vissem o frade a gritar, assentarão, que era *Zina*, quero dizer, doudo. . Por tantas vezes, e em tantos dias fez o maroto do frade a mesma gritaria, que já ninguem se movia, até que por fim furtou a rapariga, e por mais que ella pedisse soccorro, ninguem lhe acudiu; porque julgavão que era o *zina* do frade a gritar.

Applicarei agora o conto, Compadre. O governo, que actualmente temos, temendo-se do Povo, e querendo manter-se a todo o custo no poder, para o desvairar, e não o deixar sentir o pezo das albardas, com que sem compaixão o opprime, ora inventa sedições forjadas pelo *Souza Cazacão* para derrubar a dinastia; ora tramas de republica; ora planos *Ibericos*, com que a Hespanha nos quer avassallar! Estas tricas do governo já são tão sediças, já estão tão conhecidas, Compadre, que o Povo ri-se, e já se não move. Se por desgraça chegar o momento do perigo, e a couza for a valer, acontece-nos, como á rapariga furtada pelo frade! O patriotismo, Compadre é uma couza sacratissima; invocal-o desnecessariamente, é um dos maiores crimes, é o mesmo, que esbanjar um thezouro valiozo.....

Parece-me, Compadre, que tem razão os praguentos, que dizem, que o actual governo segue as pizadas dos *radicaes* da Hespanha, que, atraiçoando o ex-Rei *Amadeu*, lhe minarão o throno. Onde está a honestidade de um governo, que por

nepotismo conserva um velho *caduco, devasso, e immoralissimo* como o administrador desse Concelho, e cujos escandalos, e tropelias são tão clamorozas, quanto o forão as que obrigarão o immortal Duque de Bragança a exautoral-o do cargo de juiz de Fóra nos Açores?

Como se pode inculcar honesto e bem intencionado um governo, que por *patronato* conserva juiz de direito dessa comarca um homem, a quem a opinião publica despreza, e abomina por ser *insolente, grosseiro, atrevido, malcriado,* e o que ainda é peior, por ser *iniquo, parcial, injusto, concussionario, malversor e falsario,* sem que mande syndicar dos seus actos, visto que elle destituido de melindre, de brio, e de honra a não requer! Que maiores provas de sua criminalidade quer esse governo, do que as que a imprensa tem publicado, e do que o cinismo desse infame juiz?

Não é possivel, ou antes certo, que elle tenha praticado as mesmas depredações, de que ahi ha incontestaveis provas, nas de mais comarcas, onde tem estado? Por certo que é: além do medo, que tem de que pela syndicancia se venhão a descobrir maiores mazelas, de que a consciencia o accuza, e de que o publico só por meio della pode ter conhecimento, é esse o motivo, pelo qual elle a não requer: feita ahi a syndicancia, e achado criminozo, como illação necessaria, a syndicancia se deve proceder nas demais co mar-

cas, onde elle esteve; porque as deshonestidades, e concussões, que ahi tem praticado, praticou nellas: é uzeiro e vezeiro nas prevaricações.

Ao passo, Compadre, que as matronas Romanas se reunião no 1.° de Maio nas casas dos Consules para celebrarem os misterios da grande Deuza, e chamar desse modo sobre a Republica a prosperidade, nesse mesmo dia os cidadãos erigião um altar de verdura aos lares protectores da Cidade.

Quando deixou de existir a Republica, as calendas de Maio ainda assim forão excluzivamente consagradas aos próceres: os jovens d'ambos os sexos, formados procissionalmente, começavão o dia, indo collocar ramos verdes, colhidos no campo ás portas das pessoas de reprezentação.

A festa de Maio apezar de prohibida pelos imperadores christãos, por cauza das desordens, a que dava cauza, foi todavia acolhida por povos, que nunca estiverão subjeitos ao Imperio Romano. Quazi toda a Europa a celebrou na idade media. Datará d'ahi o costume, que entre nós ha, de colocar ramos de flores ás janellas das casas no 1.° de Maio? Que diz a isto o nosso *João de Vigo?* Talvez a *Rita cebola*, que deu lições de geographia celeste ao *Faria Rego*, e que o convenceu, de que o *sol já não nasce onde nascia (!!)* o iniciasse tambem nessa costumeira; se o vir a geito, interrogue-o.

Estou convicto, Compadre, de que se vives-

semos no tempo, em que a mocidade Romana, formada em procissão, ia collocar ramos verdes nas portas das pessoas de representação, que ninguem dessa comarca iria collocal-os á porta do *Zina*, pelo muito, que com toda a razão elle ahi é desprezado, e execrado, a não ser, por exemplo, algum velho *caduco, e immoralissimo*, e cuja michela tenha de entrar em julgamento, ou algum *geba de carapuça*, que, pelo adular pelo mesmo motivo, e cauza, ouza querer metter o dente em quem não é affeiçoado, ou despreza o *Zina*.

Oh! Compadre, que feios e torpes papeis não obriga a dependencia a fazer a certas almas de *chicarro!*

Contou-me aqui pessoa fidedigna, que, quando no anno transacto a Camara dessa Villa convidou *Manel Zé Zina* para acompanhar a procissão de Corpus Christi, e elle respondeu, que hiria uma vez, que ella transferisse para de tarde a procissão; e por que se auzentou nesse dia da comarca; por a Camara não ter querido subjeitar-se á condição imposta por elle, esse *geba de carapuça*, com razão stomagado pelo indigno, e petulante procedimento do *Zina*, o apodava por toda a parte de *grosseiro, de insolente, e doudo varrido!*

Que esse mesmo *geba*, com razão o apodára com os mesmos adjectivos, quando soube; que *Zina* fora tomar satisfações aos soldados do des-

tacamento do 8. que rendidos por outros, se recolhião a Braga, só porque esses soldados alegres, quaes estudantes que se recolhem a ferias, ião fóra da forma, brincando pela estrada, dando vivas ao vinho da *Caiadeira*, havendo um que gritou: *morra a justiça de Barcellos.*

Pois bem, Compadre, disse-me essa pessoa fidedigna, que agora, que esse *geba* tem uma dependencia do *Zina*, e poem nos cornos da lua, e que ouza querer metter os *colmilhos* em quem tanto despreza o *Zina* como a elle *geba*. *Tempora mutantur et nos mutamur illis* diz o *Torgas*, o que em vernaculo traduzido pelo nosso *João de Vigo*, quer dizer, *cada um conta da festa como lhe vai nella.*

Compadre, se bem que o *Zina*, por ser um lunatico jactancioso, e insolente, e pelas demais qualidades pessimas e detestaveis, que como magistrado tem, mereça o desprezo de todo o mundo; com tudo desapprovo a assoada que aqui lhe fizerão os garotos da rua: pouco faltou para o correrem á pedra! Embora elle no *Correio da Tarde* negue o facto, infelizmente o que contou o *Barcellense* a tal respeito, é a pura verdade.

Note, Compadre a pressa, e empenho, com que este parvo procura desmentir um facto, que, em comparação do que contra elle clamão a imprensa e a opinião publica, pouco depoem, e que não queira desmentir por meio de uma syndicancia o que trucida, e dá garrote no seu cre-

dito e honra. *De minimis non curat pretor* diz o *Torgas*, um fidalgo antes roto do que remendado. Zela mais o amor proprio offendido, do que a honra!!

Agora que elle tem a *Lei da Desordem* deve metter, como prometteu no aranzel publicado no n.º 36 do *Primeiro de Janeiro*, o escalpello *bem afiado com toda a placidez* (optimo azeite) nos tres discolos, que *assolarão (?)* o Ozorio contra elle. Ora venha lá isso para a gente se rir.

Até outro dia.

Seu compadre e amigo.

NICOLAU TORTULHO

Carta de Procopio dos Anjos a seu primo Nicolau Tortulho, do Porto.

Primo e amigo

Saude e libras é o que lhe appeteço, e a toda a respeitabilissima familia, a quem me faça lembrado.

Primo, estou desesperado e furioso, apezar de não ter parentesco ascendente, ou descendente com o *Zina*. Com que então ainda d'esta vez gorou a promessa de vir ás Cruzes, e vêr e abraçar o *Barnabesinho!*

Esta não se me fazia: se o não conhecesse havia de dizer que o primo era de *Villa Meão*, o que, em verdade, é muito melhor do que ser de

Sinfães, donde nos veio para aqui um *juiz da vintena* de eternas luminarias que agora, desgraçadamente, está maluco confirmado.

A prima *Andreza* sentiu immenso a sua falta; mandou fazer uma *jupe*, e uma cabelleira nova, que lhe fica a matar, e para dizer a verdade, andou aqui em casa tudo n'uma poeira para o hespedar dignamente; mas isto foi o menos; o que ella mais dezejava era vel-o, e mostrar-lhe o *Zina*. O *Barnabezinho*, do primo *Simplicio*, tambem não gostou da sua ausencia, contava com as prendas: o primo, não imagina como o diacho do pequeno é seu amigo, é mesmo uma doudice, aquelle pião que lhe mandou não o deixa esquecer, pois, estou certo, que se cá viesse agora sempre lhe dava um *assobio* de chumbo e um *bébé*, ora não dava?

N'esses dias sempre a gente assoalha o fato domingueiro, e tem muito que vêr: boa festa d'igreja, cosmorama, bazar das *filhas de Maria*, barracas de quinquilherias etc. etc; mas dado o caso que nada disso houvesse tinhamos muito em que matar o tempo.

Não faz ideia como anda aqui tudo n'uma blandina por cauza das verdades *azedissimas* que o *Barcellense* tem dito ao *Zina*: é melhor estar aqui do que n'essa cidade, não obstante haver ahi muitas comedias!

O *Manel Zé, o inlustre Bonga*, e a escuma da sociedade de que se rodearam os dous *zotes*,

estão furiosissimos, porque a opinião publica lhes é adversa, em toda a parte descobrem *discolos*, até os seus proprios já tratam de lhes passar as *palhetas*. *A victoria, victoria,* ficou em agua de tremoços! appellão agora para as correccionaes. A *Lei da Desordem*, propriedade do *Zina*, nada adianta; não o defende, nem limpa das accusações do *Barcellense*, vinga-se em calumniar.

Ora o que é sério, é o *Pataco falso*, já de todo *safado*, que enterra o *Zina* cada vez mais; está como nunca, só diz disparates. Pois que se podia esperar do *pedante dos tres estylos*, que sabe de cór e argumentado *cinco lingoas mortas e oito vivas?*

Ora diga-me cá primo, se já vio portento assim! estou que tanta sabença lhe fez cair o cabello da cabeça, (é um perfeito queijo), e transtornou os miólos, porque o jactonciozo não ata, nem desata couza de geito, faz uma tal prestidigitação de palavras que só o diabo o pode entender. Talvez o primo, o conheça d'ahi; tem um ár todo de *chim*, menos nos pés, que são patas: por esta indicação é facil saber quem é!

Persuadiu-se muita gente que o *jornalito do Zina* tomasse a sério a defeza d'elle, o que era impossivel visto o fundamento das accusações, mas que o mesmo tempo fosse risonho e alegre; aconteceu porém o inverso; defeza de grillo, enterra-o; podera, são tantos os coveiros; nem faz

rir; é o typo da semsaboria; quem lêr duas linhas, tem logo somno: é melhor para dormir do que uma amendoada.

O inglez, tem o *spleen* que o consome, nós aqui temos a *Lei da Desordem*, cousa muito peior, porque mata agente com abridellas de bocca: de plantas exoticas, que vegetam na lama das ruas não se pode esperar couza boa: não é assim primo?!

A feição mais pronunciada dos socios do *Zina, trampolineiros e petrolistas* famosos, é a occiosidade, e a maledicencia; saltam por cima de tudo para *viver* de suas *agilidades!!*

A industria moderna, que engrandece e fomenta a civilisação dos povos, é uma ninharia para elles; Walt, Arkwrigt e outros muitos são uns parvos; o caso é viver sem trabalho e haver *unha* na palma da mão!

Tem dado muito que fallar aqui, a sua ultima carta; os *honrados e limpos de mãos* se o pilham fustigam-n'o bem fustigado. Que cavaco dá o *geba*, enterrou a carapuça até ás orelhas: não sabia que na familia dos *Tortulhos* houvesse um retratista tão bom como Apelles, porque:

Apelles pintou um burro
E tambem o retratou,
Que o bruto vio a pintura
Reconheceu-se e zurrou!

Não lhe digo mais nada sobre o assumpto, porque o negocio é muito grave; e pode ser que algum *irmão terrivel* lhe queira metter a *espinha*; cuidado com elles; estão quasi todos filiados nas *chafarricas!* segundo consta.

As *harpias* que desceram sobre os conventos foram muitas; encheram-se, primo, e ainda por aqui existem diversos objectos de prata, espelhos, cobertas etc. etc. que eram dos frades.

As commoções politicas se trazem a ruina de muita gente, tambem enriquecem outra; aqui e em muitas terras do reino foi o que aconteceu depois de 1833, n'essa epoca quem pilhou, pilhou, e o mais são historias.

Venha cá o primo passar dous dias e saberá o que por aqui vai: protesto-lhe que a prima *Andraza* põo-lhe tudo em pratos limpos, olhe que é um perfeito almanak, sabe como se arranjou a fortuna de muita gente, sem ir ao Brazil, conta a genealogia de alguns *fidalgos*, de sete costados, filhos da lua e netos do sol, e note que n'esta especie é um portento; está ao facto, como as alfaias dos frades appareceram em Barcellos, falla tambem n'umas arrematações d'azenhas.... primo, é um nunca acabar, principiando a dar a lingua, não tem atracadouro, é mulher, e basta!

Eu tenho-a para mim como um evangelho, diz sempre a verdade; nem faz *africa* alguma; porque nasceram-lhe por aqui os dentes e conhe- e tudo. Sabe primo do que ella não gosta? é

que lhe chamem velha: no dia de *Cruzes* arrebitou-se toda, parecia que tinha 40 annos de menos, vestiu-se com elegencia e foi ás barracas; mas logo que vio lá o *Zina*, perdeu a tramontana em ver o desplante d'aquelle homem sem vergonha, que não se justifica das *graças de malcreado, injusto, concussionario* e outros muitos nomes *bonitos e honrosos* com que o *Barcellense* merecidamente o mimoseia.

É a cara mais estanhada que se tem visto, disse ella toda rabugenta; pois não é assim! um juiz deixar de se lavar de tão graves accusações, é um caso virgem, n'esta terra até no paiz: o povo já mofa d'elle, e tem razão, conhece-o como *a gato ruivo*. E toda colerica recolheu-se logo a casa, só para o não encarar.

O acontecimento que n'essa se deu com o *Zina* na rua do *Sá da Bandeira*, é aqui publico; os rapazes, segundo consta, apepinaram-n'o devéras, bem hajam elles, porque o *Zote* tudo merece.

Primo, faça-nos a vontade: venha passar aqui alguns dias, e ficará conhecendo as *pegas* que por cá temos: porém se seus incommodos o não deixam sair, escrever-lhe-hei então, para o por ao correr das proezas dos *honrados!!*

Elles mordem em tudo; mas estejam certos que não as perderão: que diz a isto primo? justiça de talião não é verdade? Talvez assim venha a acontecer.

Recommende-me á familia. A prima envia-lhe muitas saudades e o *Barnabesinho* do primo *Simplicio* um abraço muito apertado.

Desculpe a massada, e creia-me sempre.

seu primo e amigo.

PROCOPIO DOS ANJOS.

Carta de Simplicio d'Arruda a seu compadre Nicolau Tortulho

Compadre e Amigo.

A Hespanha estroce-se afflicta nas vascas da agonia mais horroroza.

Quem a lançou no medonho abismo, em que a misera estrebucha, foi a immoralidade dos pessimos governos, que ha alguns annos para cá tem tido, e que, apostados em abismal-a, só capricha-vão em desmoralizal-a á maneira que se succedião uns aos outros.

É bem certo o nosso dictado: *quem seméa ventos, colhe tempestades.* Que dirão agora *Serrano, e Topete* e os demais coripheos da revolução, que

derrubou do throno a ex-Rainha *Izabel*? O mesmo, que por certo diria *Prim*, se resurgisse, e que foi o primeiro, que recebeu a paga da sua obra.

Os poetas pagãos, Compadre, como sabe, attribuião a *Saturno* o sestro de devorar os proprios filhos, á maneira, que *Cybele*, sua mulher, os dava á luz, isto é uma ficção; mas o que é uma realidade, quasi nunca desmentida, é que a demagogia pratica sempre o que os mythólogos, e poetas atribuião a *Saturno*.

Não precisamos, meu bom Compadre, compulsar a historia antiga, para vermos confirmada esta verdade; a historia moderna exuberantemente a ratifica: leia-se a historia da revolução Franceza de 1789, e ver-se-ha, que a guilhotina tão voraz, como as fauces de *Saturno*, foi o paradeiro dos seus mais ardidos, e enthusiastas coripheos.

Na Hespanha infelizmente para ella e para a humanidade, procurão macaquear em tudo a demagogia Franceza de 1792, até já vão apeando dos altares com sanha sacrilega as imagens dos Santos, e profanando as casas de Deus; não tardará que erijão um altar á deuza razão!!

Assim como sou liberal por convicção, tambem sou monarchista por conveniencia publica: na monarchia constitucional ou democratica, como é a nossa, o Rei reina, mas não governa; o Rei é um *quebra-ambições*; ao lugar occupado por elle ninguem pode aspirar, senão os seus des-

cendentes, em quanto merecerem a confiança da Nação; estes e a sua parentella, pela sua elevada posição e meios, não podem solicitar cargos ou empregos publicos; porque lhes seria desairozo, se o fizessem, e seria nepotismo escandaloso, se lh'os dessem.

O que é a republica? É uma forma de governo democratico, cujo chefe um lugar de se chamar Rei ou Imperador, denomina-se presidente, protector como se denominou *Cromwel*, dictador como *Rozas*, o supremo como *Lopes &*; em vez de vitalicio, e hereditario, é temporario e electivo, quando elle proprio se não impõem, e cujos parentes de ordinario uns pobretões, e pela maior parte mizeraveis esfaimados, tendo ambições, que a Familia do Rei não pode ter, não esperdição o menor ensejo de se locupletarem, de se engrandecerem e maltractarem os demais concidadãos, á sombra do seu parente rei temporario, e electivo.

Se meu Compadre tem o estomago bastante forte para não nauzear com asquerosidade, e vilesa de um exemplo, permitta-me que lhe aponte um desta Villa.

Com que hombridade, e arreganho insolente se não apresenta a *michela* do Administrador deste Concelho, que até ameaça com elle, insulta e desattende o regedor de parochia, pelo que se acha processada, sendo apenas o caduco *garanhão* uma authoridade de confiança, e que pode

de um momento para o outro, ser destituida e apeada; o que não faria a marafona, se o *garanhão* fosse presidente da republica?

Quer algum utupista de boa fé saber o que seja uma republica! Que venha a este Concelho; que procure o seu actual Administrador; e verá um velho *caduco*, *transumpto de hediondos vicios*, *ignorantissimo*, e que nem de leve tem os requisitos precisos para o cargo, que sem merito algum exerce: que examine os seus actos, e só achará disperates, arbitrariedades, vinganças clamorozas, e escandalos de todo o lote; então estupefacto não deixará de perguntar: Como, e porque é Administrador do Concelho um *Orangotango*, que nem um rebanho suino era capaz de administrar?

Por *nepotismo*, por ser *affim* do ministro do Reino: eis o seu merito, sr. Utupista republicano. Verá mais um juiz de direito *grosseiro*, *atrevido*, *insolente*, *malcreado*, *petulante*, *parcial*; *iniquo*, *falsario e concussionario*, e que, com o Administrador do Concelho, creou um pamphleto periodico para insultar os que profligão as torpesas e abuzos de ambos; onde as cinzas dos mortos são revolvidas; o santuario do lar domestico invadido e devassado para vilipendiarem Familias honestas!

E já, perguntará elle cheio de pasmo e horror, mandou o governo syndicar d'esse juiz, escoria da magistratura Portugueza? Não porque o *patronato* tapou os ouvidos do respectivo ministro!

Ora, se n'um governo monarchico constitucional um ministro da Corôa, que hoje o é, e amanhã o deixa de ser, contra todas as conveniencias, e clamores, obstinadamente, e só por *nepotismo* mantem e conserva como auctoridade, um seu *parente;* se outro por patronato feixa os ouvidos ao clamor publico, e cruza os braços, para não mandar punir um juiz mais iniquo, que *Verres*; o que não faria qualquer desses dois ministros, se algum d'elles fosse rei temporario, isto é prezidente da republica?

Repartia os cargos publicos, e até os proprios nacionaes pelos seus parentes, e protegidos: tinhamos uma *communa nepotica.*

E de mais, meu bom Compadre, a que commoções incessantes, a que terriveis abalos, dissenções, e guerras intestinas não daria lugar uma eleição de um chefe de Estado? Se por causa da eleição de uma junta de Parochia, de juiz de Paz, de juiz eleito, da Camara municipal, de Deputados, ha quasi tudo isto, o que não seria na eleição do prezidente da republica? Que apetecida, e saborosa posta!

Argumentam os utupistas de má fé, os sequiosos de empregos pingues, com a lista civil! Abençoado dinheiro, com que compramos a tranquilidade, e socego publico; que nos livra de commoções, de abalos sociaes, de discordias, e guerras civis. Não paga a Nação o dolorozo tributo de sangue; não gasta annualmente milhões com

o exercito em tempo de paz, para evitar, que haja guerra, ou que nos não colhão desappercebidos, e para que a ordem e socego publicos sejão mantidos? Um Rei é um *quebra-ambições*; o socego e tranquillidade publicos valem muito mais, do que a dotação, que annualmente se lhe dá e á sua Familia. Passemos a outro assumpto.

Quando *Zina* casou, ouve alguem, que lhe disse: não dá parte do seu consorcio ao escrivão F. com cuja familia sua esposa se dá tão intimamente, que até se tractão por tu? O Compadre, que sempre conheceu *larangeira* este ridiculo bisborria, e que cabalmente conhece tambem, que o seu orgulho é mais fofo, que uma esponja, ainda assim mesmo não imagina o desaforado atrevimento do que respondeu; saiba pois que disse: eu não costumo dar aos *meus criados* satisfações do que faço!!

Oh! Compadre, apesar do desconto, que se lhe deve dar por ser *tollo varrido*, como mui acertadamente o classificou o *gebas de carapuça*, (que morde de furto, como qualquer cão fraldiqueiro), esta resposta revolta, indigna, e escandalisa a pessoa mais flegmatica.

Quem julga ser este bigorrilha? Como auctoridade, é um funccionario publico, superior sim na gerarchia ao escrivão, mas tão criado do publico como o escrivão, que de modo nenhum é criado d'elle *Zina:* como homem, como cidadão, como particular, esse escrivão tem meritos, qua-

lidades e acceitação muito superiores ás do *Zina*.

Um Sacerdote respeitavel, e que ora é Parocho de uma freguezia deste Concelho, tratava de proceder a inventario e partilhas por fallecimento de seu Pai: como houvessem umas acções de um Banco, ignoravão o *Zina*, e respectivo escrivão o modo, como devião proceder a respeito d'ellas: o Sacerdote vendo esse embaraço mandou consultar pessoa competente no Porto, onde os inventarios dessa naturesa são mui frequentes e triviaes. Vindo-lhe as explicações exigidas, dirigiu-se com ellas a casa do *Zina* e apresentou-lhas; este depois de as lêr, com o modo brutal, e insolente, que o caracteriza, disse: eu não entendo isso, e arrojou o papel ao chão!!!

Oh! meu Compadre, haverá arriciro tão descomedido e petulante, que pratique acção tão insolente? Duvido. E se o Padre, lhe lança o gatasio ao gasganete, como a um gatto; lhe leva o focinho de encontro ao chão e lho esfrega bem esfregado junto do papel, não era bem merecido? Estou certo, que ao Padre não lhe faltou a vontade de o faser, considerando porém..... levantou do chão o papel, e retirou-se indignado.

Agora, Compadre, que elle vê a trovoada eminente, e a animadversão publica contra elle ser geral, anda tão pequenino, que até passeia com os escrivães, com esses, a que elle chamava seus criados; anda todo zombaiante de chapeu na mão para todo o mundo! Isto porém não é

virtude, é medo; e é tal, o que se apossou delle, que no tribunal tem um official de diligencias de cada lado (se lhes mette uma alabarda na mão parecia *Pilatos* no pretorio), poem outro de sentinella junto da têa, e outro, como vedeta ou sentinella perdida, fóra da porta do salão do tribunal!

Não vejo a que compare tal medo, senão ao que se apossou de *Pigmalião* tão patethicamente descripto nas aventuras de *Telemaco* pelo immortal *Fenelon*. Ah! perdoa-me Rei de *Tyro*, se te ponho em paralello com um pigmeu moralmente tão microscopico.

Compadre, ha aqui um parvo, que aspira a ser pedante; repare bem, mas por ser desmiolado, nem pedante pode ser! Faça idêa do que elle será: o *Zina* já o mandou enchotar, como um cão, para fóra da têa do tribunal: sahiu furioso, a todo o mundo dizia, que o havia de provocar na rua, e de o esbofetear em publico. Diz-se pela bocca pequena, que solicita o lugar do *Roriz*; ha o quer que seja; porque é um dos escrevinhadores da *Lei da Desordem*.

Talvez me occupe delle breve, visto que se mette a taralhão, e compra demandas..... Espero que um defluxo me prive do olfato para poder bulir nessa chronica pestilencial.....

Seu compadre e amigo,

Simplicio d'Arruda.

Carta de Nicolau Tortulho a seu compadre Simplicio d'Arruda.

Compadre e Amigo

Encontra-lo-ha a prezente vivo: na viuvez minha respeitavel comadre; na orphandade o meu querido afilhado Barnabé com seus irmãosinhos, dignos e esperançosos pimpolhos da preclara estirpe Arruda?

Ah! Quem sabe, em vista da trovoada secca, que vejo pairar furiosa, tremenda, coruscante, ameaçadora, e chamejante sobre o horisonte dessa Villa?

Que desassocego; que vigilias; que insomnias; que amargores de bocca; que inquietação de espi-

rito, que agonias mortaes; que cruciantes tribulações não estou soffrendo, em quanto não tiver a certeza, de que meu bom Compadre, escapando incólume desse medonho *cyclon*, desse dia de juizo, que furibundo ameaça céo e terra, e o mar profundo, vive, para consolação de minha comadre, amparo de seus charos filhinhos, e alegria deste, que se ufana ser-lhe tão dedicado, e conjuncto, quanto entre si forão *Castor e Polux, Orestes e Pilades, Damon e Pithias!*

Tire-me pois, Compadre, do ancioso estado, em que me vejo; mande-me noticias suas, se por felicidade escapou incólume dessa borrascosa trovoada: para que assim succeda, e Deus, amerceando-se piedoso de meu Compadre, e dos demais collaboradores do *Barcellense*, a quem o sr. *Manelsinho Fortinho de Sasinha*, com sobrecenho iracundo, dirigiu tão lato repto, a amaine, e dissipe, eu fico recitando *a magnificat, os psalmos penitenciaes, e a oração prodigiosa contra raios e corriscos.*

Que repto mais marcial! *Braço a braço!* Nem os heroes da Illiada, nem os dose pares de França com os seus *Roldão e Oliveiros* á frente, nem o mesmo *Ferrabraz d'Alexandria, Orlando, Rogerio, e Rhodamonte* tiverão nunca a coragem de dirigir repto tão expressivo, tão significativo, e tão aterrador, como elle dirigiu aos redactores do *Barcellense!*

Oh! Compadre, ha expressões, que definem

um homem, que o levão á eternidade; que valem mais que memorias de bronse, que pirámides de granito! O que vale lá o repto em *campo raso* ou *estacada*; como se expressavão com pasmo do mundo o denodado heroe de *Cervantes*, e demais cavalleiros andantes, em comparação d'aquelle *Braço a braço*? Nada, zero, tres vezes zero!

Cesse tudo o que a muza antiga canta,
Que outro louvor mais alto se alevanta.

Não prostituão estes versos do nosso Epico, applicando-os indevidamente a qualquer salafrario, como de ordinario estamos vendo; porque sou capaz de jurar pelas barbas de *Mafoma*, e sobre a *algebra politica do christianismo das nações*, que o nosso *Camões*, dotado d'um espirito prophetico, os compoz para serem unica e exclusivamente applicados ao sr. *Manelsinho Fortinho*.

Compadre, se a trovoada ainda não estalou, vejão se a conjurão; quem me aviza meu amigo é.

Thetis para tornar invulneravel seu filho, o grande *pimpão Achilles*, segurando-o pelo calcanhar, mergulhou-o no *Styge:* isso não obstante, e a despeito de seus feitos estupendos no cerco de *Troia*, uma seta, que *Paris* contra elle desparou, acertando-lhe no calcanhar, unica parte, que lhe ficára vulneravel, deu cabo de suas pimponices; porque o levou o *demo* para o seu reino, e foi bem feito, Deus me perdoe, porque sendo

casado com *Deidamia*, ia tambem casar com *Polixena* e era muito bulhento. Minha Comadre por certo ha-de ser da minha opinião.

Com o *Manelsinho*, Compadre, procederão com mais acerto, para que fosse tão valentão como *Achilles*, e mais invulneravel do que este foi.

Em lugar de o mergulharem no *Styge*, seguro pelo calcanhar como *Achilles*, segurarão-no pelos cabellos: como erão estes a unica parte vulneravel, que tinha, descabellou-se por seu motu proprio, não só para ter as apparencias d'um sabio, pois que os maiores da antiguidade forão calvos, como *Socrates*, *Pithagoras*, *Licurgo*, *Diogenes*, *Platão*, e outros, cuja fama e gloria elle se compraz eclipsar, como mais principalmente para ficar invulneravel. Ora peguem-lhe lá agora com um trapo quente os maiores pimpões!

Sansão, Compadre, que tambem era um valentão ás direitas, fez milhares de perrarias aos pobres *Phelisteos*, que se virão gagos e atrapalhados com esse espadachim, que, manejava uma queixada de burro com tanta pericia e destreza, que com ella matou em quanto o *demo* esfregou um olho, mil *Phelisteos*, creio que manejava todas as armas, excepto *clavina e pistolla*, e mais armas de fogo; porque ainda se não uzavão no seu tempo.

Como porém a cauza eficiente de sua força estava nos cabellos da cabeça, peitarão os Phelisteos *Dhálila*, que, pelos entes de razão, que

faço, era sua michella, e não legitima consorte, para que lhe tozasse os seus cabellos, o que ella fez, quando o apanhou dormindo. Agora o verás, amigo *Sansão*: a respeito de força babau! Ficou mesmo um cebola! Vierão os Phelisteos, e fizerão d'elle gato sapato.

Manelsinho, Compadre, é o inverso de *Sansão:* a força deste estava nos cabellos crescidos; cortarão-lhos, ficou um borrego: a d'aquelle está na auzencia dos cabellos da cabeça, é por isso que elle poz a *cuia*, como um queijo flamengo: se tivesse cabello ficava tão burrego, como Sansão ficou, perdendo-o. Digão agora os sabios da escriptura, que segredos são estes da natura! Só Deus é grande, e *Manelsinho* o pimpão cá do nosso Portugal.

Sonhão alguns utupistas politicos, que se podem rezolver, sem guerra, os conflictos internacionaes, empregando a arbitragem, em lugar dos canhões. Pode ser que dê bom resultado, não duvido; lembra-me porém um meio mais prompto, seguro, e economico, e que tendo sido já ensaiado á mais de dois mil annos, deu um optimo resultado.

Achando-se o exercito de *Roma,* no reinado de *Tullo Hostillo,* para ir ás mãos com o de *Alba,* convierão os belligerantes, que de cada exercito fossem escolhidos trez homens, e que, estes pelejando entre si na frente dos dois exercitos, os que vencessem os adversarios, fizessem

victoriozo o exercito, a que pertencessem.

Assim se fez; um exercito escolheu trez valentões chamados *Horacios*, e o outro outros trez chamados *Curiacios*, e brigando uns com os outros, ficou victoriozo o exercito, a que pertencião os *Horacios*.

Se se adoptasse este alvitre salutar, e tão pouco cruento, asseguro-lhe, Compadre, que a victoria seria sempre do nosso Portugal; porque se tivessemos guerra com qualquer nação, ella escolhia lá o seu melhor pimpão, e nós o nosso *Manelsinho*, que *braço a braço*, como um rapaz, que engadelha com outro, espatifava o adversario com a mesma gentileza, e sem ceremonia, com que qualquer porco esgaça uma espiga de milho: era o nosso *Horacio*, descabellado, para o distinguir do *Cocles*, que tambem merecia, que se lhe tirasse o chapeu.....

Por certo, Compadre, a *modestia*, que tanto abrilhanta o *transcedente* merito do *Manelsinho*, o inhibiu de prestar á nação um valiozissimo serviço na actualidade. O sr. *Fontes Pereira de Mello* chamou ás armas a rezerva; com essa medida roubou braços á lavoura, ao commercio, á industria, ás artes & e vai fazer gastar ao nosso phthizico Thezouro a bagatella de seis a oito centos contos de réis annuaes. Estou convicto, que foi por modestia, que *Manelsinho* deixou de se offerecer ao sr. *Fontes* para de *braço a braço* nos deffender as fronteiras, e fazer fugir, como

lebres, adiante delle os Hespanhoes, se cá tivessem a velleidade de quererem metter o nariz. Ora o sr. Fontes devia acceitar o offerecimento, não lhe parece, Compadre?

Se até o sol tem suas manchas, não admira, que todos os homens grandes tenhão invejosos e detractores. *Colombo*, que deu ao velho mundo um mundo novo, que descobriu para a Hespanha regiões vastissimas, foi victima dos detractores e invejosos, a ponto de vir das *Antilhas* em ferros, e de cahir na desgraça do soberano, a quem tão lealmente servira, e para cuja gloria, poderio, e fama tanto concorreu. Não forão os detractores, e invejosos, que fizerão a desgraça do grande *Affonso d'Albuquerque*, de um *Pacheco*, de um *Pombal* e de outros? Não intentarão os invejosos denegrir a probidade de Scipião? Pois isso mesmo, com vergonha o digo, se dá com o *Manelsinho*.

Certo invejoso desta, e que talvez pertencesse á cohorte, a quem *Manelsinho*, como cavalheiro que é, pagava no botequim, que assiduamente frequentava, quando aqui esteve, chavanas de caffé, e charutos, *isca*, com que adquiriu grande numero de *apreciadores*, lendo o repto de *braço a braço*, disse-me:

Balandronada; o que *Manelsinho* quer, é que lhe cheguem quatro bofetadas, para ir querellar, e vêr, se assim arranja um fato novo para o verão!

Que blasfemia, Santo Deus! Ora porque será

que ninguem deseja vêr o seu proximo com camiza lavada?

Esta, meu bom Compadre, é consagrada á força Titanica do *Manelsinho*, cuja ira deve applacar, se, como creio, estima as costas, e não quer deixar na viuvez, minha Comadre, que tanto o idolatra, e na orphandade, para serem depenados pelo *Zina*, seus charos filhos, que tanto o estremecem e amão; n'outra tratarei dos vastos conhecimentos litterarios delle, uma vez que me sobre tempo, depois de cumprir a especial devoção, que consagro ao *Zina*, que Deus afaste o quanto antes dessa comarca, a bem do socego dos povos, e da boa administração da justiça. Amen.

Seu compadre e Amigo.

NICOLAU TORTULHO

Carta de Simplicio d'Arruda a seu compadre Nicolau Tortulho.

Compadre e Amigo

Para o tirar do angustioso estado, em que ficou, quando me escreveu a sua ultima missiva, e para lhe agradecer os salutares conselhos, que me deu, e as instantes e fervorosas preces, que por mim fez, muito á pressa escrevo a prezente. Saiba pois que ainda vivo, e que por esta vez nem sua Comadre fica na viuvez, nem seu afilhado na orphandade.

Que o homem por mal é uma *abobora*, e por bem um *dragão*, um demonio em corpo e alma, como se costuma dizer, isso já todo o mundo o

sabe; mas como elle, em lugar de uma ameaça, fez um desafio, eu, e os que collaborão no *Barcellense* tinhamos o direito de acceitar, ou não, o repto. Não o acceitamos, conjurada estava a tempestade. A acrizolada amizade, com que me honra, e a que eu me ufano de corresponder, fez que meu bom Compadre tomasse a nuvem por *Juno*; que phantaziasse perigos, e morticinios, desgraças e calamidades, onde só motivos de rir havia. Estou certo, que se *Heraclito* aqui se achasse na presente occazião, apezar de ser um *choramigas* dos meus peccados, dava strepitozas gargalhadas.

O Compadre provou-me de um modo incontroverso, e que não admitte replica, que *Manelsinho* é invulneravel como *Achilles*, e valente como *Sansão*, o que porém talvez seja novo para o Compadre, é a qualidade do alimento, que lhe deu a força Titanica, que o poem superior a *Achilles e a Sansão*.

Thetis confiou, como sabe, a educação de seu filho ao centauro *Chiron*, e este, para tornar destemido, e valente o seu alumno, só lhe dava a comer tutanos de tigres, de urso e de leões: com tal iguaria, como podia *Achilles* deixar de ser um pimpão, como foi?

Sansão, diz a escriptura santa, para ter as forças prodigiozas, que teve, e que tanto amofinarão os *Phelisteos*, só se alimentava com legumes. Ora, porque a experiencia tem mostrado,

que o alimento de que uzava *Sansão* é muito pezado, e tem o inconveniente de ser excessivamente flatulento, e alguem podia interpretar, como medo, essas flatulencias; e, porque tambem por cá não ha tigres, ursos, nem leões, cujos tutanos alimentassem este *Alcides* do seculo 19.º talvez, (e não foi outra couza), por inspiração superior, desde a puericia alimentarão sempre o Manelsinho com *moelas* de gallinha.

Já vê pois, Compadre, que sendo o gallo o simbolo da vigilancia, do denodo, da coragem, e do valor, como pode deixar de ser vigilante, denodado, corajoso, e valoroso quem desde a mais tenra idade se alimentou com tão sucolenta iguaria?

Costuma dizer-se quando se vê uma pessoa de pouco sizo, e que é um *cata-vento* moral: *tem juizo de gallo!* Assim como esse alimento gallinaceo influiu nas forças phizicas, na coragem, e denodo do nosso heroe, não influiria elle tambem no juizo delle?

Sempre foi costume, e praxe seguida pertencer ao raptado a escolha das armas, com que quer bater-se: ora sendo o *Manelsinho* o reptante, com o devido respeito, que lhe tributo, e salvo o melhor juizo, parece-me, que procedeu incurialmente, por arrogar a si a escolha das armas; e que armas? Punhal e trabuco!

Acho assim um desafio nada cavalheiroso todo á *calabreza*, com armas só proprias de bandidos..... *Manelsinho* andou mal, e o alimento,

de que uzou, parece, que influiu-lhe na massa encephalica!!

Sabe, Compadre, quem tem estado no *oratorio*, com a mortalha prompta, e a *sepultura* aberta! É o pobre do *Ozorio*. Os seus amigos aconselhavão-no, visto, que tão generozamente lhe concedião o mesmo praso, que se costumava dar a um padecente, que fizesse testamento, e uma confissão geral, e que até sollicitasse pelo telegrapho uma absolvição plena de *Pio* 9.°, tão irrevogavel consideravão a sentença condemnatoria fulminada tão cathegorica, e solemnemente contra elle!

Ozorio apezar de vêr pendente sobre a cabeça a espada de *Damocles*, ou porque tinha as costas quentes com o *José Estanislau*, que, aqui para nós é levadinho da breca, e ninguem a salvo lhe tira o cabello da venta, ou porque (o que parece mais certo) tem particular devoção com Nossa Senhora da *Paz*, e confia no ditado, *cão que ladra, não morde*; ou porque finalmente conhece a fundo os que vomitão *postas de balêa*, e já lhes tomou o pulso, e sabe, que entre mortos e feridos alguem ha de escapar, nem fez testamento, nem confissão geral, e nem quiz pedir a Pio 9.° a absolvição; ria-se a bom rir!! Que homem! bem mostra, que andou na patuléa!

O que é certo, Compadre, é que sahiu incolume do oratorio, que a mortalha foi queimada, e a *sepultura* cerrada. Que bom conselheiro não

é o travesseiro! O ameaçador, por acolher benigno os pedidos e empenhos dos seus amigos, que lhe ponderarão a vileza da acção, que hia praticar, *descendo* até o *Ozorio*, desistiu de seu proposito. Não posso deixar de louvar tão nobre e cordata resolução. O homem nunca é tamanho, como quando perdôa; assemelha-se então á Divindade, e demais, para que annuviar a athmosphera, enchel-a de maior carga de electricidade, e tornar d'ess'arte borrascôso o tempo, que pode desabar em copioza chuva, e encher de bichos as cerejas? *Claudite pueri fontes, sat prata bibere*, vamos a diante, já basta.

Compadre, o *Zina* está doudo varrido; venha um exame de sanidade. Embora o encarem pelo lado, que quizerem, não se lhe conhece uma unica virtude; apontem-na, se lh'a conhecem, que, se na realidade a tiver, não lh'a negaremos.

Apenas é trabalhador: essa qualidade seria boa, (mas nunca capaz de attenuar o enorme numero das pessimas, de que elle é o transumpto), se tivesse por alvo a prompta administração da justiça; como porém não tem, e sim a satisfação da insaciavel avidez de dinheiro, obtido por *fas*, e extorquido por *nefas*, o que amiudadas vezes o tem feito incorrer no gravissimo crime de *concussionario* convicto e sempre relapso, essa qualidade longe de ser boa nelle, é antes má.

Tanto não tem por alvo o prompto andamento e a boa administração da justiça esse as-

siduoso trabalho, a que elle se dá, e tanto viza unicamente a satisfazer a avidez de ouro, que insaciavelmente o devora, que, quando segue para fóra da comarca a gozar as ferias, tranca em sua casa os pleitos pendentes, para que não sejão decididos pelo supplente, a quem, se os rezolvesse, pertencerião de direito os respectivos emolumentos.

Não annullou elle já, sem motivo algum plausivel, um processo orphanologico, já concluido pelo supplente, o honradissimo Dr. *Barrozo*, só para que os respectivos emolumentos não tocassem ao mesmo supplente, e revertessem em proveito delle *Zina?* Annullou. Não ameaçou elle o respectivo escrivão por ter dado prompto andamento a esse processo durante a auzencia do *Zina?* Ameaçou: tudo isso prova até á evidencia a sua insaciavel avidez, tanto mais torpe e iniqua, por isso que fez perder á parte interessada o tempo gasto, e o dinheiro despendido anteriormente á caviloza annullação, e que é ella, e não o desejo do prompto andamento, e da boa administração da justiça, que o incita ao trabalho.

O salteador d'estrada tambem é trabalhador; porque vigia sempre, dorme pouco, e anda n'uma roda viva por montes e valles, fugindo á justiça, e procurando incansavel prêas: o fim do salteador é o mesmo, a que viza o *Zina*, quando protella despachos, torna ducteis os processos, exige fianças separadas a cada réo envolvido no

mesmo crime; quando falsifica e vicia autos e exige emolumentos indevidos.

Se, com taes vistas, ser trabalhador é boa qualidade no *Zina*, pela mesma razão tambem o é no salteador; o fim, e o resultado são o mesmo em ambos, com a unica differença, que o salteador rouba á sombra do *trabuco e do punhal*, e o *Zina* da lei, e com o abuso do poder e auctoridade. O paralello não pode ser mais perfeito.

Esse lunatico, Compadre, não cessa de ser petulante, insolente, e atrevido com todos quantos concorrem ao tribunal; continua a insultar, e a injuriar as pessoas, que alli vão; declara-se sem robuço faccioso, e sempre parcial; não ha nada mais improbo, e deshonesto, que este rebotalho infimo da magistratura Portugueza. Parece que o Governo surdo, e indifferente ao unisono clamor de toda a comarca contra este indigno magistrado, quer que o Povo faça justiça por suas proprias mãos!

Procedendo-se, ha dias, no tribunal a auto de corpo de delicto contra *Manoel Forte de Sá*, que é o *Achates do Zina* por ser um dos escrevinhadores do pamphleto deste, chamado por irrizão *Lei e Ordem*, esse improbo e parcial juiz, porque o depoimento de uma testemunha insuspeita, e pessoa respeitavel por suas nobres qualidades, comprovava o crime arguido ao tal *Achates*, disse os maiores improperios e calumnias a essa testemunha!

Parece, Compadre, que o insolente destempero lhe custará caro; por quanto esse honesto cidadão vai proceder criminalmente contra *Zina:* se outros não tem imitado esse nobre exemplo, é por certo por falta de meios, e não porque deixem de prezar, como devem, a sua honra e dignidade tão gravemente offendidas por quem deve ser o primeiro a dar o bom exemplo, e a ser fiel observador da Lei.

Acceite saudosos recados de todos desta sua casa, que muito o prezão e estimão, e o constante affecto do

Seu compadre e amigo.

Simplicio d'Arruda

Carta de Nicolau Tortulho a seu compadre Simplicio d'Arruda.

Compadre e Amigo.

A sua ultima missiva tirou-me de um pélago insondavel de acerbos cuidados, e angustiosas afflições: o naufrago, que agarrado a um fragmento do navio, lucta quazi exanime contra as vagas marulhozas, que ameação tragal-o a cada momento, e, quando menos o espera, se vê salvo, não experimenta maior alegria, do que a que eu senti com a recepção da sua tão desejada carta.

Já se me figurava vêr meu bom Compadre morto, esquartejado, e até chacinado nas unhas do preclaro competidor de *Milão de Cortona*, que,

segundo reza a historia, era tão forçoso, que carregava ás costas um boi, e depois matava-o com um sôco? Quantos *bicharócos* sangui-sedentos não terão perecido nas unhas do nosso heroe! *Lætare, Roma, salvo Principe.*

Bem sei, Compadre, que não foi ameaça, e sim um desafio, o que o *Manelsinho* dirigiu aos collaboradores do *Barcellense*, a quem assistia o direito de o aceitarem, ou não: como porém sei egualmente até onde chega a coragem de meu Compadre, que por ella foi elevado a anspeçada do batalhão dos *Longonhas* no cerco do Porto, temia, que lhe refervesse ainda no peito o denodo, que o tornou tão distincto, e aceitasse o desafio por ignorar o perigo, a que se ia expor. Santa Barbara virgem!!

Visto que o Compadre está convicto da invulnerabilidade, e força Titanica de *Manelsinho*, e porque o medo guarda a vinha; nada mais direi sobre tão heroico assumpto, vou pois tractar do seu talento prodigioso, e da vastidão illimitada de seus conhecimentos litterarios.

João Francisco, senhor de Mirandola e de Concordia, teve um filho, nascido em 1463, por nome *Pico de la Mirandola*; este menino da idade de 10 annos já era considerado como um dos primeiros oradores e poetas do seu tempo; de varios pontos da Europa hião ao ducado de Modena varias pessoas notaveis vêr e admirar tão precoce, quanto portentoso talento; cursou du-

rante 7 annos as mais celebres universidades de Italia e França, e quando apenas contava 23 annos de idade, declarou em Roma, que deffendia these *omni re scibili!*

Pois, meu Compadre, ufane-se com razão *Barcellos*, por ter servido de berço a um *talentão* mais portentoso do que foi *Pico de la Mirandola*, o nosso *Manelsinho* vai muito além, eclipsa-o totalmente!

Se *Pico* em tão tenra idade egualava os primeiros oradores e poetas do seu tempo, *Manelsinho* excede os da actualidade, porque escreve, e falla em trez estilos, baixo ou *chulo*, medio ou *moxinifada*, pindarico ou *enigmatico*: o segundo e o terceiro, são como o *Apocalipse*, poucos o entenderão, a não ser com a ajuda de ulgum commentador: os *arrebiques inharmonicos* pertencem ao pindarico ou *enigmatico*; quanto ao primeiro estillo, que é o seu favorito, só pode ser bem entendido pela gente, que frequenta a *Ribeira do Caes de Miragaia* ou o *Mercado do Anjo* no Porto, *universidades*, elle aproveitou mais em cerca de anno e meio, que as frequentou, do que *Pico* em sete annos, que percorreu as mais celebres de Italia e França. Que talentão, Compadre!

Quanto a poezia, isso não fallemos: se *Pico* compunha versos no seu proprio dioma, *Manelsinho* faz mais; porque até traduziu *Virgilio* em verso rimado, e com tanta facilidade, que traduzia por dia 300 versos! Reconheça, Compadre, que

assim como um realejo é um moinho de muzica, *Manelsinho* é um de poezia.

Elle tenciona fazer gemer os prélos, dando á luz da publicidade esta producção monumental, e que vai metter n'um chinello velho a traducção para Francez em verso dos celebres *Delille*, de *Duchemin, e de Gaston, de Mollevant*, e d'outros; não tendo porém animo de ouvir os gemidos afflictivos dos prélos, (ou de *Virgilio* comprimido na prensa), resolveu, que seja impressa posthuma.

Que mal entendida compaixão, Compadre! E não se lembrar do mal, que faz ás lettras patrias, que por tanto tempo terão de ser privadas de um thesouro, que as vai locupletar!

Não duvido, Compadre, que dos paizes estrangeiros fossem varias pessoas vêr, e admirar a agudeza e talento de *Pico*, isso no meu entender pouco prova, por ser mania geral, admirar o estranho, e não dar apreço ao que é propriamente nosso, e temos em casa. Até n'essa circumstancia *Manelsinho* é superior a *Pico:* porque tendo sido o seu talento admirado com pasmo por *Pichichi, Chibeira, Reixello*, e varios outros conterraneos, merecidamente conseguiu ser propheta na sua propria terra: isto, sim Senhor, já é alguma couza!

O repto litterario feito aos collaboradores do *Barcellense*, se não excede a declaração de *Pico* quanto a defender these *de omni re scibili*, eguala-a; posto que no entender do nosso *João*

de Vigo, que é auctoridade na materia, excede-a, e muito, por ser mais modesto do que a declaração de *Pico*, que bem mostra, que tinha o seu tanto ou quanto de *pedante* jactancioso, defeito detestavel, que se não encontra no *Manelsinho*, cuja modestia iguala o seu profundo e vasto saber, e é de 21 quilates, como o ouro de lei.

Varias Academias estrangeiras, como a *della Crusca* de Florença, e das *Sciencias* de Paris, a *Real* de Londres, a *Leopoldina* d'Allemanha, e de *Upsal* de Stockolmo, e outras sem exceptuar a de *Kongtsee* de Pekim, tendo noticia pelo *Bolletin á l'etranger (!!)*, que o nosso eruditissimo *Manelsinho* publicava no Porto, e que tinha mais voga do que o *Times*, o *Almanak de Gotta*, ou o *Memorial diplomatico*, de que o mesmo incomparavel heroe havia escripto um romance intitulado =*Fitas azues e brancas*=, cada uma dellas de per si, e á porfia umas com as outras, lhe anda fazendo gaifonas acariciativas, para que elle lhes faça a honra de se inscrever como Socio dessas Academias, com o intuito de lhe apanharem a dedicação, e cedencia do authographo; elle porém conscio do seu immenso merito, e imitando a abnegação do *Zina*, sabendo que se vai fundar em *Rilhafolles* uma biblioteca para deleite, e instrucção dos inquilinos desse estabellecimento, vai ceder-lhe essa preciozissima, monumental, e appetecida producção.

Bem haja elle: isto, Compadre, é que se cha-

na pôr as cousas no seu verdadeiro lugar. E dizem os zoilos, e vil canalha dos Aristarcos, que *Manelsinho* tem telha!!

Esse romance, e a traducção de *Virgilio* em verso rimado, producções, que ultrapassão a transcendencia das do celebre *Pico*, não são o unico producto das locubrações do nosso joven sabio: elle traz entre mãos um *indice* ao Diccionario de Moraes, lacuna imperdoavel, que nunca, desde que a terra gira no seu eixo, lexicographo algum pensou reparar; está tambem dando a ultima demão a uma especie de logarithmos, como os de *Bezout*, em que n'um relancear d'olhos se vê reduzidas a metros e suas devizões as distancias, que vão do nosso planeta ao Sol, á Lua, e aos demais astros, e isto para se não desobedecer á Lei, que aboliu as antigas medidas lineares, de capacidade, pezos etc. etc. Amigo da *Lei e Ordem* só elle!

De que aleivozias não foi alvo *Manelsinho* quando da trapeira da casa, com o metro e compasso na mão media e observava os astros? Os que ainda não conhecião o genio investigador delle, conjecturavão, e ouzavão mesmo asseverar, que a sua permanencia na trapeira tinha por fim fazer esgares ás hospedes do hotel *Calça Larga* situado na rua da *Palha*, ou ás criadas de servir da rua Nova de S. José! A que injustiças não está sujeito um sabio, um prescrutador das obras do creador!

Elle, que com razão se deve glorificar de ter tido como collegas em jornaes, cujo proprietario e director foi, os snrs. Palmeirim, Amorim Vianna, Rodrigues de Freitas, Podestá, Alexandre da Conceição, Guilherme Braga, Santos Silva e outros, não deixa de ser abocanhado por zoilos e invejosos, que dizem, uns, que *Manelsinho* a unica camaradagem, que com esses distinctos escriptores tinha, consistia em ir a casa d'elles procurar os authographos e entregal-os aos compositores; outros que, se deitar tinta com as balas ou rolo nos typos, unico serviço, que elle fazia, se chama ser collega do escriptor, *Manelsinho* sem duvida o era, e o comparão a um idiota carrejão, quazi do typo do *Gaspar Louceiro*, que de contente pulava e esfregava as mãos, á proporção, que os apreciadores louvavão, e admiravão um quadro, que estava em exposição n'uma galeria de primorosas pinturas, só porque esse idiota carrejão havia carregado, e dependurado alli aquelle admiravel quadro!

Compadre, o nosso *Manelsinho* parece excentrico ás vezes, e não falta quem o denomine e apóde de maluco por isso; mas é uma injustiça, porque tudo quanto pratica tem uma razão de ser, que para elle é obvia, comezinha, e tão clara como o jaspe, para quazi todos, que não tem a vastidão da esphera da sua intelligencia superior, parece um idislate.

Elle, já houve tempo, que se chamou *Ma-*

noel Forte de Sá CÁVADO: o motivo da adopção de *Cavado* é patriotica; pois que, vendo que todos os que tem um cão de estima, lhe poem o nome de um rio, como *Tejo, Mondego, Vouga, Minho etc.* ninguem se lembrava do nosso rio, poz em si o nome de *Cávado* para o celebrar e tirar do olvido.

Agora qual o motivo, razão, ou cauza, por que elle *enchugou* o CÁVADO, e voltou ao antigo, só elle o poderá dizer: excentricidade; maluquice, ou sandice, não creio, que fossem.

Em vista pois de quanto lhe tenho exposto, Compadre, relativamente ao incommensaravel merito litterario do *Manelsinho ex-Cavado*, devem meu bom Compadre e os demais collaboradores do *Barcellense*, em lugar de se estomagarem com o repto litterario, que elle lhes propoz, exultar e ufanar-se por isso; esse repto equivale a um diploma da universidade, porque sendo elle um sabio, como é, e tenho mostrado, se os considerasse muito inferiores em conhecimentos a si, elle do alto dos seus sóccos, vendo-os com desdem muito abaixo, não se dignaria porpor-lhes a lucta: propoz; ergo, considera-os tambem sabios.

Muito mais tinha que lhe dizer deste nosso heroe, que desta vez serviu de pára-raios ao fogo electrico, que devia fulminar o *Zina*. O que se não faz dia de St.ª Luzia faz-se ao outro dia.

P. S.

Recommende-me a meu primo

Procopio dos Anjos, e á Familia, bem como á Comadre e afilhado.

Seu compadre e amigo.

NICOLAU TORTULHO

Carta de Simplicio d'Arruda a seu compadre Nicolau Tortulho

Compadre e Amigo

Arroubado de enthusiasmo pela encomiastica descripção, que na sua ultima missiva me fez do transcedente merito litterario do nosso *Manelsinho da Beleta*, a quem por me conformar com a opinião unanimemente corrente nesta Villa, nem as honras de mero *pedante* eu concedia, embora me pozessem pela prôa a auctorizada opinião dos *Pechichis, Chibeiras, Reixellos* e outros *ejusdem furfuris*, dignos e insuspeitos admiradores de tão prodigiozo talento, compraz-me reformar o juizo, que delle fazia, e deitar voz, ainda que echadiça,

Manelsinho sabe muito, Manelsinho tem talento. Hossana in excelsis!

Alguns dos nossos jornalistas, e escriptores publicos com toda a razão tem levado a mal, que na exposição de *Vienna d'Austria* teimem os *Allemãos* em nos confundir com os *Hespanhoes*, julgando que *Portugal* faz parte integrante da *Hespanha*, ou é uma provincia d'ella; e que tão depressa se tenhão esquecido, que tanto somos uma nação distincta e separada, que, não só algumas archiduquezas *d'Austria* já forão Rainhas em *Portugal*, como tambem, que, na guerra da successão em *Hespanha* pelo fallecimento de *Carlos* 2.º em 1700. *Portugal*, alliando-se á *Austria, Inglaterra, Hollanda e Prussia* contra *Luiz 14 de França*, que pertendia para seu neto o duque *d'Anjou*, depois *Philippe* 5.º, o throno de *S. Fernando*, fez proclamar em *Madrid* pelo seu exercito o archiduque *Carlos*, Rei d'Hespanha.

Na verdade, meu bom Compadre, esta teima dos *Austriacos* é offensiva, e muito nos deveria doer, se não attendermos, que ha pessoas summamente faltas de remeniscencia: se m'o premitte, como espero da sua benevolencia, e cordura, exemplificarei a minha asserção, que me parece vir *ad rem*.

Manelsinho du Beleta ex-Cavado, ou como na *Arcadia* mais seja conhecido, não tanto para completar sua educação litteraria, mas principalmente para abysmar os lentes e frequentadores

das universidades do *Mercado do Anjo, da Ribeira, e do Caes de Miragaia* com a sua pasmoza agudeza, e sobrenatural talento, seguiu daqui para essa Cidade, onde, como meu Compadre não ignora, apenas esteve pouco mais ou menos anno e meio: findo esse curto lapso de tempo, regressou a esta Villa, mas tão falto de remeniscencia, que perguntava a todos: *aqui ainda ha uma celebre Missa das Onze? Aqui não havia uma quinta chamada.... chamada.... chamada, se bem me lembro a Bagoeira?*

Já vê, Compadre, que nestas perguntas tão simples, quanto innocentes, não ha impostura, como querem *Torgas, e João de Vigo*; ha apenas falta de remeniscencia, em razão de *Manelsinho* andar todo absorto nas suas contemplações e scientificos estudos: ora, se em anno e meio d'auzencia a remeniscencia lhe ficou apagada, que admira, que a dos *Austriacos* seja menos viva ainda, tendo decorrido dezenas de annos?

Já que cahiu a talho de fouce, como se costuma dizer, a exposição de *Vienna*, cauza espanto, que o nosso Governo nomeasse commissario alli o *Fradesso*, e não o *Manelsinho*, que por fallar 8 linguas vivas, e entender 5 mortas, mais claro, por ser um *Calepino* de 13 linguas, era o mais competente para alli nos representar dignamente.

Contou-me muito á puridade o *Torgas*, que *Manelsinho* ancioso de se arreatar com um nome pompozo, escrevera a *Medicus* em *Jersey*, rua

do *Rei*, solicitando o titulo de Doutor *in absentia* (das habilitações precizas); e que aquelles amabilissimos 20:000 rs. que elle quiz *abichar* por artes de *berliques, berloques* ao filhô da Viuva *Barrozo*, erão destinados á corretagem, e mais despezas do competente diploma.

Saiba, Compadre, que no dia 28 do proximo passado Maio, depois de uma curta, mas atribulada existencia de algumas semanas, deu a alma ao creador a filha primogenita do *Zina*; era afilhada do *Bonga*, servia-lhe de pedagogo o *coveiro* da Graça, e de aio um *fajardo*. Tão bem aparentada carnal e espiritualmente, tão bem educada, e acompanhada, como podia ella deixar de ser malcreada, insolente, atrevida, e desavergonhada?

De entrar ouzada e descomedidamente nas casas alheias, profanando o sanctuario das familias; de revolver, como Hiena, que se repasta na podridão dos tumulos, as cinzas dos mortos; de atirar lama e lodo a quantos a desprezavão, e tinhão asco, quer da hediondez e torpezas de seus vis, mas dignos progenitor, padrinho, pedagogo e aio, conspicua pleiada de scelerados?

Se bem que a lingoagem, que fallava não fosse Portuguez, e sim uma algaravia horripilante; com tudo nesse vasconço tartamudeado revelava com exuberancia os perversos instinctos e desbragamento do pai, e do padrinho, a vileza de sentimentos, arrieirismo e fajardices do pedagogo, e do aio: se chega a criar-se, Compadre, era

uma *megera* incorregivelmente dissoluta!

O papai *Zina*, que havia fundado as suas mais fagueiras esperanças nessa creança, e que a considerava uma cabeça de *Meduza*, com que pertendia petrificar quantos profligão os abuzos, tropelias e concussões, que elle pratica, está inconsolavel, e dá-se a perros.

Pereceu pois execrado por quantos prezão a honestidade, e a virtude esse abjecto papelucho, por escarneo denominado—*Lei e Ordem*—cujo proprietario era o indigno juiz de direito desta comarca, o façanhoso *Manoel José Botelho*.

Rabiem aeternam, sicut patri, dona ei, Domine, et lux perpetua nunquam luceat eis. Amen.

Oh! Compadre, que série de infamias repugnantes, e de tropelias clamorosas não tem praticado ultimamente o lunatico *Zina*, para estorvar, que o *Falcão* proceda criminalmente contra elle pelo crime de injuria, de calumnia, e de abuzo de auctoridade! Custa a acreditar, mas é a pura verdade, o grau elevadissimo, a que tem chegado a cobardia desse fanfarrão insolente: nunca magistrado algum conspurcou tanto, como elle, a Beca; nunca homem algum, na pozição delle, mostrou tanta deficiencia de dignidade, tanta falta de vergonha, de pundonor e brio!

Mas, que outro procedimento, senão esse mesmo, se pode esperar de um magistrado, que sendo tido como rebutalho, e desdouro da sua classe, pelos gravissimos crimes, de que a im-

prensa, e o clamor publico o accuzão, não requer uma syndicancia minucioza a seus actos para se rehabilitar na opinião publica, se está innocente, e confundir esses, a quem elle, por inverter a genuina e verdadeira significação das palavras, denomina *discolos?*

O Falcão, para proceder a auto de corpo de delicto, requereu, como devia, ao respectivo juiz eleito para lho tomar; *Zina* sabendo disso, mandou intimar os juizes eleitos, e seus suplentes, tanto da Villa, como de *Barcellinhos*, para não procederem a auto algum de corpo de delicto, sem previo despacho delle *Zina*, e sem ser na sua prezença, sob pena de incorrerem em taes e taes penas (!!!); em consequencia de tão insolita, e abstrusa intimação, nenhum juiz eleito quiz tomar o auto!

Que prova isto, Compadre, se não a intenção fixa e determinada de estorvar, que *Falcão* tome o desforço legal, e uze do direito, que lhe assiste? Ora, não será isto uma provocação insolente, um incitamento efficaz, para pôr em desespero o queixoso, e forçal-o a pegar n'um cacete, e desancar ás mãos ambas o *Zina*, visto que lhe tolhem e embaração o desforço legal? E, se assim o fizesse, quem deixaria de louvar o queixoso, ou que juiz haveria, que o condemnasse? Compadre, isto vai mal, e muito mal; receio com razão, que o estado, a que isto tem chegado, acabe em tragedia..... vista a contuma-

cia, e ouzadia, com que o *Zina* se torna cada vez mais insolente, e atrevido, mais facioso, e prepotente, mais iniquo e parcial, e a indifferença criminosa, com que o Governo olha para o que por aqui vai, deixando de providenciar a respeito para pôr termo ás demazias deste lunatico perverso.

Compadre, é tão improbo, é tão deshonesto este sevandija, que sendo elle o proprietario, e um dos collaboradores da defunta *Lei e Ordem;* e havendo varias correccionaes contra esse papeluxo, não só se não deu por suspeito, como devia dar, como até tem posto pedra em cima dos respectivos processos, que não ha meios de fazer, com que elle lhes dê o devido andamento! Que espera o Governo desta anarchia, desta desaforada, e iniqua parcialidade?

Acabo de receber uma carta de um estudante de *Tregoza*, que minuciosamente me conta uma *gentileza*, que lhe fez o nosso *ex-Cavado*, por occasião de umas propinas no Liceu do Porto; que se console com a empreza de *St.º Antonio*, que, não obstante ser advogado das coizas perdidas, ainda não pode rehaver o *abixado*, Spiritus, qui vadit, non redit, diz o *Torgas*: sardinha que o gato leva, gualdripada vai!

Seu compadre e amigo,

Simplicio d'Arruda.

Carta de Nicolau Tortulho a seu compadre Simplicio d'Arruda.

Compadre e Amigo

Lord *Roberto Clive*, pár d'Irlanda, sendo governador de *Bengala*, elevou ao maior grau de prosperidade, a que podia chegar, a Companhia das Indias orientaes; porque não só se apoderou de *Calcuttá*, e expulsou dos portos do *Ganges* os Francezes, como tambem derrotou o nababo de *Bengala*, e forçou o de *Bahar*, e o de *Orissa* a reconhecer em 1768 o dominio da referida Companhia: foi para os Inglezes o mesmo, que para nós foi o grande *Affonso d'Albuquerque*.

Avalie, Compadre, senão pelo simples es-

boço, que acabo de fazer, ao menos pela comparação, a importancia dos valiosissimos serviços prestados por este grande homem á sua nação; isso não obstante, no seu regresso a Inglaterra foi accuzado como *concussionario*; e, com quanto a Camara dos Communs o julgasse innocente do infamante e gravissimo crime, que lhe havia sido imputado, com tudo elle, vivamente se apaixonou, tanto lhe doeu no intimo d'alma a injusta e aleivoza calumnia, que lhe assacárão, que n'um accesso de desespero, se suicidou!

Quem assim procede, Compadre, mostra não só a sua cabal e plena innocencia, quando houvesse, e haja ainda, quem considere pouco consciencioso e menos justo o *veredictum* da Camara dos Cummuns, como igualmente, que, preferindo a morte á deshonra, preza, como homem de bem, mais que a propria vida o seu credito, a sua reputação e honra.

Imitando *Lucrecia*, mulher de *Tarquinio Collatino*, que se suicidou, para que nenhuma impudica se desculpasse, com o seu exemplo, tambem *Roberto Clive* não quiz, que concussor algum se auctorizasse com o delle, nem lhe servisse de egide a sentença de qualquer tribunal.

Cotejemos agora, Compadre, não a pozição elevada de Lord *Clive*, não o seu merito, e serviços, mas o seu nobre e brioso procedimento com o de *Manel Zé Zina*, que em relação á pozição d'aquelle é um atomo, ao merito, e ser-

viços uma vil sevandija, uma nullidade perfeita, e veremos, que se uma distancia immensa os separa a todos os respeitos, para que entre ambos não possa haver termo de comparação, uma maior, e mais incommensuravel ainda, os distancêa a respeito de pundonor, de brio e de dignidade propria.

Lord *Clive* accuzado injustamente de concussão, não obstante ser julgado innocente, não quer viver mais; porque não pode suportar o pezo de labeo, nem o ardor do ferrete, com que a calumnia o quiz marcar.

Manel Zé Zina, o rebotalho, e desdouro da magistratura Portugueza, accuzado de concussões reiteradas, e tão convicto dellas, que forçado pelo clamor publico, tem restituido emolumentos e salarios, que extorquiu, é condemnado, como concussionario, no tribunal supremo da opinião publica: suporta com uma estoica indifferença, tanto o pezo do infamante labeo, como o candente ferrete, que esse tribunal mais conscienciozo e justo, que outro qualquer, mandou merecidamente estampar na sua fronte desbragada: compraz-se em viver, embora amaldiçoado, como faccioso, deshonesto, iniquo, e parcial; porque quer gozar o fructo, das depredações, que tem commettido, tanto nessa comarca, como nas outras, onde tem estado.

Dizem-me, Compadre, pessoas, que recentemente d'ahi tem vindo, que elle está com uma

cara de réprobo e já torta do lado direito; e que embora ostente impavidez, que está muito acabado.

Creia, Compadre, que não são os sessenta e tantos janeiros, que lhe pezão nas costas, e muito menos os remorsos, nem a vergonha dos maus actos, que tem praticado, a cauza efficiente dessa repentina mudança; eu sempre lhe conheci um carão capaz de desmamar bezerros; o que tem produzido esses effeitos, que apparecem, é o abatimento do *fôfo orgulho* desse parvo, que se julgava na terra dos *cegos*, ou em *Sinfães*; é a impossibilidade, em que se vê, de poder saciar por meios illicitos, por *concussões*, a insaciavel sede de ouro, que o devora; é a *raiva impotente*, que o consome, de se vingar de quantos o desprezão, se riem de suas parvoices, e fanfarronadas.

Não me admiro, Compadre, das torpezas, com que elle tem polluìdo a toga de magistrado, nem da cobardia infame, com que procura evitar o merecido castigo, por ter abuzado da auctoridade, que indignamente exerce; e muito menos ainda pasmo da parcialidade escandalosa, com que elle administra justiça, deixando pertinazmente de dar o devido andamento aos processos instaurados contra essa recua de sevandijas, seus dignos collegas na redacção do Periodico, que para mais o comprometter, e enterrar, elle ahi fez publicar, ou de se não dar por suspeito nesses mes-

mos processos, como devera dar, se fosse um magistrado probo e honesto: que outro procedimento, senão esse mesmo, se podia esperar do homem, que serviu de juiz contra o seu proprio inimigo, contra o seu accuzador; do magistrado, que, obcecado pela sede da vingança, depoz a vara da justiça, para empunhar a machadinha do sayão?

Entre os Romanos o homem que tão perversamente procedesse, seria inexoravelmente precipitado da rocha *Tarpea;* o cadaver desse magistrado improbo e corrupto seria exposto nas *Gemonias* para servir de pasto ás aves de rapina! No antigo regimen, esse indigno sacerdote de *Themis*, exautorado do cargo, e marcado com o ferrete da ignominia, seria condemnado ás galés, ou a exilio perpetuo em Africa oriental; actualmente porém graças ao patronato, e á corrupção, que, para descredito do sistema, que felizmente nos rege, e de que por desgraça tanto se abuza, vem de cima para baixo; e graças ainda ao desleixo criminoso, com que o actual Governo gire e administra os diversos ramos da governação publica, esse magistrado deshonesto e improbo não tardará a ser promovido e premiado, se, antes que o seja, o desespero dos Povos lhe não applicar o bem merecido castigo!

A quantos mais probos, mais honestos, e mais virtuosos, que o *Zina*, e porque compellidos pela necessidade praticaram um leve furto,

não terá esse scelerado de toga applicado as penas mais rigorozas? Elle, que, vivendo na abundancia e opulencia, commette a vileza infamante de extorquir salarios e emolumentos indevidos, de protellar até o infinito, e de tornar ducteis os pleitos, para auferir maiores custas e proventos, não sentirá remorsos, quando lavra taes sentenças? Não, porque aquella vil alma só se ceva na avareza, e recrudescida no crime, ignora o que seja virtude!

Como deixarão, meu bom Compadre, de se procrearem as *communas* de Pariz, de pollularem as legiões de *petrolistas*, de criar proselytos, de se ramificar, e de medrar a medonha *internacional*, se o governo supremo da Nação é o mais empenhado em propagar a desmoralização; se não pune os magistrados corruptos e devassos; se despreza e deixa de attender a opinião, e clamor publico?

É elle, quem desmoraliza os povos pela pertinacia desaforada com que conserva este magistrado indigno; é esta auctoridade corrupta, e obnoxia, parcial e iniqua, que se tem desprestigiado totalmente pelas suas inqualificaveis malversações. Se não fora o *Barcellense*, que tão denodadamente tem desmascarado este vil *sicophanta*, este scelerado de toga, onde irião ter os seus abuzos, as suas concussões, e iniquidades?

Diz-se por aqui, Compadre, que elle, sob o pretexto do serviço publico, *descortezmente*, e

como um *grosseirão*, que é, mandara intimar os supplentes do juiz de direito transactos e actuaes, para uma reunião *secreta* no tribunal desta Villa; mas que o fim desse *conclave suppletorio*, longe de ser a bem do serviço publico, foi só, e exclusivamente a bem do serviço do *Zina*, que quiz envidar esse improficuo meio, para ver se podia conseguir, que o *Falcão* desista da querella contra elle!!! Nunca petulante algum mostrou tanta cobardia, e nunca alguem conspurcou tanto a toga de magistrado, como esse abjecto bisborria! Com quanto o *Barcellense* dissesse alguma couza sobre este assumpto; todavia não contou o mais interessante.....

Nihil est occultum, quod non reveletur, diz o *Torgas* nos seus cantares, ao longe sabem-se melhor as couzas do que ao perto: do que souber, a seu tempo darei parte; mas fique sabendo, que *Zina* deu-se ao desfructe, e que fez o papel de palhaço nesse *conclave*.

Seu compadre e amigo.

NICOLAU TORTULHO

Carta de Simplicio d'Arruda a seu compadre Nicolau Tortulho

Compadre e Amigo

A athmosphera politica na Hespanha cada vez se anuvia mais. Está succedendo alli, o que outr'ora succedeu em Babilonia, quando os filhos de *Noé* quizerão construir a celebre torre de *Babel*; ninguem se entende, tudo é confuzão. Sempre ouvi dizer, que panella mechida por muitos é mal temperada.

Ao paladar dos Carlistas é saborosissimo o condimento, el-rei *nosso Senhor*; os *Torquemadas* com os tições e autos de fé da inquisição; a confiscação de bens, as torturas, e outros meios de

cathquizar e converter tão crueis e horrorosos, como os que n'aquelles ominosos tempos se praticarão, e obrigarão os Pontifices *Xisto* 4.º *e Alexandre* 6.º a interpor a sua auctoridade, para reprimirem e moderarem a sanha furioza d'esses tigres com figura humana, chamados inquisidores.

Era uma obra meritoria fazer a esses fanaticos, o que *Phalaris* fez a *Pirillo*, celebre fabricante, e inventor do touro de cobre, destinado a encerrar, os que erão condemnados a serem queimados a fogo lento.

Já que fallei na inquisição, espero, que meu bom Compadre me relevará a seguinte ponderação, que muitas vezes faço com os meus botões, e que parece vir *ad rem*.

Se *Christo*, Senhor nosso, que nos ensinou uma Religião de puro amor e caridade, quizesse levar por meios violentos e de terror, os que o não querião seguir, nem crêr na sua doutrina e divindade, não lhe seria facilimo fazer descer fogo do cêo para os consumir e abrazar, ou que a terra se abrisse para os sepultar vivos no seio d'ella? Era acazo elle menos poderoso, do que *Elias*, que, para confundir os sacerdotes de *Baal*, fez descer o fogo celeste, ou seria a cegueira d'esses descrentes menos criminosa, do que a ouzadia de *Coré*, de *Dathan*, e de seus partidarios, que todos forão tragados pela terra?

Quem o dirá? Elle que o não fez, sendo Deus, e tendo poder para mais, é por que não

quer, que ninguem o siga constrangido, nem violentado.

Se meu Compadre tem animo, e não receia, que se lhe arripiem as carnes, e quer saber o que era o *Santo officio,* leia a historia da Inquizição por *Limborch* impressa em Amsterdam, ou a de *Llorente* impressa em Pariz em 1817. Passemos a diante, e continuemos com a Hespanha.

Ao paladar de uns só é grata a monarchia constitucional, tendo por adubo o sceptro de *D. Affonso,* filho da ex-Rainha D. *Izabel* 2.ª ao de outros a mesma forma de governo sob o sceptro da infante D. *Maria Luiza,* irmã da desthronada Rainha, e cazada com o duque de *Montpensier.*

Ao paladar de outros, que gostão de comidas picantes, e que os incite a beber com largueza, é um maná, uma ambrozia deliciozissima a *Republica.* Em quanto, Compadre, os republicanos de *Monda e Toros* proclamarão a republica, apropriando-se do alheio contra a vontade de seus donos, os republicanos de *Pina* (Saragoça) celebrarão esse *fausto* successo, comendo na praça d'aquella povoação, um touro, alguns carneiros, e todos os feijões e arroz, que encontrarão á mão!

Aqui tem, como lá entendem os nossos visinhos a *Republica*: licença desenfreada para encher a pança com o alheio!

Para que em tudo seja bem cabida a denominação de *Babel,* que dou ao que acontece na Hespanha, estão alli trabalhando com affinco,

para que depois da *confuzão*, se realize a *dispersão* das gentes.

Como meu Compadre sabe mui bem, foi *D. Fernando*, o Catholico, que, por meio do seu consorcio com D. *Izabel*, rainha de Castella, reuniu em 1479 sob o seu sceptro e leis, os diversos estados, em que a Hespanha se achava retalhada; amalgamando-os, formou uma só nação forte, respeitada e poderoza. Pois bem, essa grande obra consumada ha quatro seculos, com tanta pericia, e tino, vai ser desconjunctada n'um momento pelos republicanos *federaes*. A Hespanha volta á idade media, vão breve apparecer os pruridos, e rivalidades, que tanto custarão a extinguir: o Leonez, o Castelhano, o Aragonez, o Navarrez, o Catallão, o Biscainho & & vão odiar-se uns aos outros de novo, como se odiavão antes de 1479! E' a dispersão das gentes; depois virá o Bairrismo tambem.

Saiba, Compadre, que aqui se celebrou no dia 12 do corrente a festividade de *Corpus Christi* com a costumada pompa e luzimento. *Manel Zé Zina*, desta vez não quiz impor condições á Camara, como teve o atrevimento de fazer no anno transacto; compareceu com umas vestes, que lhe ficão a matar: parecia mais um inquizidor do *Santo Officio*, do que um magistrado judiciario.

Ora tendo-o a Municipalidade convidado, como chefe, posto que indignissimo por sua ignorancia e perversidade, do corpo judiciario desta

comarca, e, sendo a *vara* a sua respectiva insignia, cauzou com razão o maior espanto, que elle se apresentasse sem ella naquelle acto tão solemne!

Este obsoleto acontecimento tem dado muito que fallar, e servido de thema a varias versões: dizem uns, que sendo sestro antigo n'elle, valer-se do cargo, que indignamente exerce, para chegar a braza á sua sardinha, como quando compelliu com ameaças o inventariante, de quem por vezes temos fallado, a descrever a quantia, que devia ao espolio do sogro do nosso amavel *Manel Zé*, pela mesma razão de conveniencia consentira, que a sua criada da cozinha encabasse a vassoura de gibarbeira na *vara*, para esfolinhar a cozinha: se assim aconteceu, Compadre, talvez a *vara* seja nas mãos da cozinheira menos flexivel, do que nas d'elle.

Dizem outros, que a mesma cozinheira lançára mão da *vara* para servir de pulleiro na capueira ás gallinhas: aposto, Compadre, que por mais que estas a conspurquem, ou inquinem phizicamente, nunca o farão tanto, quanto o corrupto *Zina* tem feito moralmente.

Dizem finalmente outros, que elle conscio das malversações e maldades, que tem praticado, como juiz, não se atrevera, apezar da *Reforma Judiciaria* terminante e expressamente assim o mandar, a apparecer em publico com essa insignia, que elle tem polluido e inquinado com toda a qualidade de torpezas.

O que é certo, Compadre, é que elle a não levou e que devendo ser o primeiro a respeitar a lei, que lhe ordena, que nos actos solemnes appareça com a sua toga e *vara*, a infringiu! Se o *homunculo* poem um *galeão* na cabeça, e empunha uma campainha, todos o tomarião pelo servo, ou pelo andador da Mizericordia.

Chegou o novo Delegado, que parece mui bella pessoa a todos os respeitos; pelo menos os seus honrosos precedentes muito o abonão: é grave, polido, e affavel, é uma antitheze do *Zina*, que além de lunatico, é *mazorral* como um arrieiro, e orgulhoso como um perú, quando o rapazio lhe assobia. Verdade seja, que o *Zina* ou *Pistola* está 25 por cento mais comedido, do que era antes do apparecimento do *Barcellense*, que tem servido de *aziar* para o conter; esse rebate porém no descomedimento não é meritorio, e muito menos virtude; porque tem por cauza motriz o medo. Pode acazo chamar-se sobrio o beberrão, que com receio d'aggravar seus padecimentos, deixa de se embriagar; ou probo e honrado o ladrão, que deixa de roubar com medo da cadêa, ou de levar um tiro? Está no mesmo caso o *Zina*, é o medo, e só o medo, que tem feito baixar o insolente descomedimento, que o caracteriza.

Como sabe, Compadre, o *esdruxulo Beleta ex-Cavado* chamou a uma correccional o *Barcellense*, por ter publicado uma correspondencia, que

diz, que elle tentára sobtrahir frandulentamente uns *amaveis* 20:000 réis, ao filho, hoje fallecido, da viuva *Barrozo*. Como sabe tambem o Ministerio Publico querellou do mesmo *ex-Cavado* por essa gentileza, que com outras, que a voz publica enumera, o poem superior a *Gusmão d'Alfarrache*, cujas proezas Mr. *Lesage* decantou em proza.

Tambem o Compadre não ignora os vinculos de intimidade, que existem entre o nosso *heroe* potente, e o *Zina*.

A querella contra *ex-Cavado Beleta* vai com toda a lentidão, vai n'um carro puxado por bois; a correccional contra o *Barcellense*, vai n'um coche puxado por cavallos, ou para melhor me expressar, n'um *wagom* a vapor. Que parcialidade!!

Sendo a verdade uma só, pedia a razão e a justiça, que primeiro se desse andamento á querella contra *ex-Cavado Beleta*; por ser n'esse julgamento, que se apurava a verdade do facto. Se *Beleta ex-Cavado* fôr condemnado, absolvido deve ser na correccional o *Barcellense;* se pelo contrario fosse absolvido, condemnado deve ser o *Barcellense*. Isto é obvio, logico, e concludente; o *Zina* porém que protege o seu intimo *ex-Cavado*, e anda sempre aos couces com o justo e razoavel, fez o contrario.

Marcou o dia 18 do corrente para a correccional do *Barcellense;* malogrou-se esse julgamento por o réo não ter defensor. Supponha o Compadre, que o *Barcellense* era condemnado,

como é de crer, que seria, em vista da improbidade, e parcialidade do *Zina;* supponha mais, que em vista das provas inconcussas, que ha, *ex-Cavado Beleta* é condemnado na querella intentada pelo M. Publico; não se seguia d'ahi um absurdo? Sendo a verdade uma unica, como podia estar ao mesmo tempo em dois lugares? Ou como pode ser duas?

Compadre, um juiz corrupto, e faccioso, iniquo e parcial, como o *Zina*, é mais nocivo ao Estado, do que um exercito indisciplinado, é uma verdadeira calamidade; não sei qual virá a ser o paradouro do que por aqui vai, se o governo não poem termo prompto a tanto escandalo e torpeza.

Seu compadre e amigo.

SIMPLICIO D'ARRUDA

Carta de Nicolau Tortulho a seu compadre Simplicio d'Arruda.

Compadre e Amigo.

Isto por cá tambem vai em progresso, e, se a athmosphera politica se anuviar, e tornar procelloza, muito temo, Compadre, que não falte quem queira corrigir, e ampliar as scenas *edificantes*, que, para vergonha do seculo actual, desgraçadamente forão representadas em *Pariz*, durante a horrorosa anarchia da *communa*, e que a nossa infeliz visinha Hespanha vai parodiando com muito primor para credito e gloria do regimen republicano. Se a criancinha *Republica*, que ainda não largou as mantilhas, já mostra tão maus instinctos, tanta desenvoltura, e descomedimento, que *megéra* não será quando attingir a adolescencia?

Em *Baião*, que pertence a este districto do

Porto, os povos circumvisinhos, armados com foices, forcados, machados, espetos, *clavinas*, *pistolas* & ao som de tambor, e levando na frente, como *porta-machados*, cinco mocetonas armadas de foice, e forcado, forão postar-se nos sitios das *Caldas*, *e Canção*, para estorvarem, que as auctoridades judiciaria, e administrativa procedessem a vistoria no montado de *S. Silvestre*, o que conseguirão pela attitude ameaçadora, que tomarão, chegando a arvorar uma bandeira negra, e a ter abertas oito sepulturas, e junto destas um esquife com luz á cabeceira!

Noto, Compadre, que os *coveiros* ou *enterra defuntos*, que sempre forão olhados com despreso, e asco, apezar, do seu hygienico mister, estão muito em voga na actualidade, desde que o *Manel Zé Zina* se associou a um para abrir a sepultura á fallecida *Lei da Desordem*. Virou-se o feitiço contra o feiticeiro: elle, que havia prometido metter o escalpello, afiado com toda *a placidez*, nos tres discolos, que *assolarão (?) o Ozorio* contra elle, muniu-se para esse fim de *coveiro*; mas bem longe deste sepultar os tres discolos anatomisados, enterrou a filha predilecta do *Zina*. *Quem deseja o mal do seu visinho, o seu lhe vem em caminho*, diz o ditado, e assim aconteceu ao lunatico *Manel Zé*.

Os de *Baião*, que segundo me diz o nosso *João de Vigo*, não distão muito de *Sinfães*, modelarão o seu procedimento pelo do *Zina*, premu-

nindo-se de *coveiro*, o qual se a tinha pegar, vai ser para qualquer empreza um traste tão necessario, como um chinello velho para um pé doente.

No dia 22 do corrente, dia, em que o Bispo desta Diocese, com o Clero, e membros de uma associação, que aqui ha, denominada *Catholica*, tinhão solemnisado com uma festividade religiosa o 27.° anno da exaltação de Pio 9.° ao Solio pontificio, houve aqui começo de gravissimas desordens, que, com quanto abortassem, deixarão com tudo fermento, para se azedarem os animos, e mais tarde ou mais cedo romperem em hostilidades e excessos, que podem servir de nucleo a outros, que muito podem prejudicar o socego publico, de que tanto precizamos, para não seguirmos as pizadas da infeliz Hespanha!.....

Finda a funcção religiosa, quando se retiravão da Cathedral o Bispo, Clero e numeroso concurso de devotos, derão-se alguns *morras*, freneticos e enthusiasticos *vivas* a varios, e com mais calor ainda á LIBERDADE; mas isto, como acinte injurioso, segundo me dizem, aos promotores da festividade!

Compadre, não sou suspeito no que passo a dizer; porque alto e bom som declaro, que sou liberal até á medulla dos ossos.

Como pode querer, que viva a *Liberdade* aquelle, que a quer só para si, e quer escravisar os outros, ou estorval-os de praticar aquillo, que a Lei lhes permitte? Assim como El-Rei é o chefe

dos Portuguezes, e todos tem o direito de solemnizar os seus annos, a sua exaltação ao Throno, ou outro qualquer acontecimento fausto, que lhe diga respeito, não é o Pontifice o chefe do catholicismo, e não podem os seus subditos solemnizar tambem os faustos acontecimentos, que lhe digão respeito? Podem, e nenhuma Lei lh'o prohibe. Não é o catholicismo a Religião do Estado, garantida pela Carta Constitucional? É; como quereis insultar quem pratica qualquer acto dessa Religião, que a Lei fundamental garante? Que *liberdade* é essa, que tão freneticamente victoriaes!

É *liberdade* de funil, o largo para vós, o estreito para os outros: isso não é liberdade é torpe *egoismo!*

Desculpão alguns esse mau acto, dizendo, que o culpado é o Governo; porque tendo prohibido as conferencias do *Cassino* em Lisboa, não tem prohibido as da *Associação Catholica* no Porto.

Tambem não sou suspeito no que passo a dizer; porque não quebrarei a ponta de um alfinete pelo actual governo; porque o considero o mais immoral, e nefasto de quantos Portugal tem tido; que providencias tem elle dado para pôr cobro ás demazias, e malversações do immoral, corrupto, e iniquo juiz de direito desta comarca, não prova até á saciedade essa indifferença, que é immoral e corrupto, que despreza o justo clamor dos Povos, e de que só o domina o mais escandaloso patronato?

Pois bem; apezar da conta, em que tenho tal governo, serei, como costumo, justo.

Fez bem o Governo em mandar fechar o *Cassino*, e em prohibir as conferencias; porque as doutrinas, e maximas, que alli se evangelizavão, erão, senão totalmente atheisticas, e subversivas da Religião do Estado, pelo menos nada orthodoxas, e como taes summamente perigosas; prohibiu com razão e justiça aquillo, que era opposto á Lei, isto é, com que se procurava subverter a Religião do Estado.

Ora, se as conferencias da *Associação Catholica* estão em harmonia com a Lei, isto é, se tem por fim roborar a Religião Catholica, que paridade ha entre essa *Associação* e o *Cassino?*

Dizem alguns, e eu piamente o crerei, que o fim da *Associação* é sinistro, e que, com a capa da Religião, trama contra a liberdade, e dinastia.

Em quanto os associados se limitarem a fazer *Te-Deum*, e festas religiosas, nenhum mal nos fazem; Deus, que é summamente justo, desprezará os seus rogos e preces, se vir, que são asnaticas, ou injustas; se porém os associados tramarem abertamente contra as instituições e dinastia, ou manifestarem por acções e obras os seus intentos, então..... antes morrer livre, que viver escravo. Dê-se-lhes lição severa.....; retrogradar nunca!

Aqui me contarão, Compadre, que para assistir á correccional intentada pelo *ex-Cavado*

Beleta contra o *Barcellense*, marcada pelo *Zina* para o dia 18 do corrente, fora pelo *Conselheiro Ministro* requizitada ao *Bonga* a assistencia d'um cabo e seis soldados do destacamento do 8, que ahi se acha; que com effeito estiverão desarmados, e fingindo-se espectadores, os soldados requizitados! Oh! Compadre, esse passo dado pelo *Zina* é a prova mais convincente: 1.° de que as intenções do lunatico e parcial juiz erão, não só não se dar por suspeito na cauza, em que elle é suspeitissimo, como egualmente de que quaesquer, que podessem ser as provas, e razões adduzidas pelo réu em sua defeza, elle *Zina ab initio*, havia decedido condemnal-o; e se assim não fosse, para que era a comparenc'a da tropa, e do resto do destacamento reunido no quartel á primeira voz? E 2.° do medo, e terror, que o *Zina* tem deste bom Povo, que se não fora tão soffredor, e paciente, como na verdade é, ha muito, lhe teria applicado o merecido castigo. Atraz de tempo, tempo virá.....

Tem servido de rizota, e de thema a motejos bem engraçados e rizivcis o facto, que ahi se deu em dia de Corpus Christi, quando o *Zina*, querendo parodiar o rei *Bobeche*, se metteu n'um carro, e poz na *boleia* feito *lacaio* um official de diligencias de capa, volta, e vara em punho! Compadre, eu, que sei a sublimidade do grau, a que pode chegar a fatuidade desse *paspalhão*, muito me havia de custar a acreditar na veraci-

dade desse facto, apezar do *Barcellense* o ter narrado, se pessoas fidedignas, e que o prezenciarão, m'o não tivessem contado! Isso não obstante, muita gente por aqui ainda duvida, que o lunatico tal fizesse, ainda mesmo que elle fosse no desempenho das funcções do cargo, que tão indignissimamente exerce: quanto mais hindo, como foi, a serviço privativamente seu. Isso além de burlesco, é aviltar os empregos de justiça: quantos d'esses empregados, por serem pobres, não estarão superiores em tudo e por tudo a esse *bisborria* ridiculo!!

A snr.ª *Francisca de la Aurora Perez Rendon* publicou um manifesto, aconselhando ás mulheres, que nem vão ás igrejas, nem baptizem os filhos; a um, que teve em Maio, poz o nome, segundo consta do registo civil, *Passo á Revolução Social!* Ainda se fosse *Passaro da Revolução Social*, talvez tivesse a sua razão de ser. Estes republicanos Hespanhoes sempre tem lembranças, que acreditão o sistema!

Seu compadre e amigo.

NICOLAU TORTULHO

Carta de Simplicio d'Arruda a seu compadre Nicolau Tortulho

Compadre e Amigo

Desde tempos immemoriaes sempre houverão homens tão ouzados, que intentarão imitar os passaros, para, como elles, fenderem o espaço, e voarem nos ares por meio d'azas artificiaes, sem se lembrarem, que a estructura do corpo humano é mui diversa da das aves, e que de nenhum modo se pode prestar ás evoluções e misteres, a que a próvida natureza destinou a destas.

Diz a fabula, que *Dedalo*, de quem já em umas das nossas anteriores missivas nos occupamos, vendo-se encerrado com seu filho *Icaro* no labyrinto de *Creta* por ordem de *Minos*, atára em si e no filho azas, pegadas com cera, e, que conseguindo evadir-se ambos, *Icaro* por estabanado, como é o *Zina* na administração da justiça,

e em inventar meios cavilosos de extorquir emolumentos, voára tão alto, que o calor do sol lhe derretera as azas, e cahira no mar *Egeo*, onde perecera afogado, sendo por esse motivo denominado então esse mar *Icario*.

Infeliz rapaz! Se teve a gloria de dar seu nome a um mar, nada lucrou por ter voado, e menos ainda por se ter evadido do labyrinto; mais feliz do que elle é o *Zina;* porque se tem a *gloria* de fazer, com que se denominem *Zinadas* as tropelias e malversações, que quotidianamente pratica com o maior escandalo na administração da justiça, e *Zinices* as empalmações de emolumentos e salarios, que indevidamente extorque com o mais cinico desfaçamento, tambem disfructa impunemente o producto de tantas, e tão reiteradas extorsões, a que elle, com um inqualificavel desaforo, chama equivocos. Que harpia!

Desculpe-me, Compadre, a divagação, que me parece não vir fóra de proposito; e, para o não massar mais, proseguirei no assumpto, que tive em vistas.

Até no nosso *Barcellos* já houve quem quizesse voar com azas artificiaes; *si rite recordor* chamava-se o novo *Icaro, Francisco da porta do Valle;* a mania porém sahiu-lhe cara; porque em uma das tentativas, que fez, cahiu de uma ramada, onde se havia collocado para desferir as azas, e fracturou um braço!

Apezar de tantas tentativas infructiferas, e

de outros tantos desastres, mais ou menos fataes, ainda, ha, quem prosiga na idêa. Lá appareceu agora na *Belgica* o sr. *Grooff*, por antonomasia o homem voador, que fez andar em bolandas a policia de *Bruxellas*, por se ter mallogrado uma das experiencias delle.

Tendo annunciado esse *ratão*, que subiria ás regiões ethereas por meio d'um aparelho de sua invenção, quando se preparava a ir pelos ares fóra, e se achava apenas distante do solo dous ou tres pés, estendeu-se ao cumprido no chão! A multidão indignada pelo logramento, em que cahira a sua nimia credulidade, ao som de estrepitosas corrimaças, vaias, e insultos, que dirigiu ao pobre homem, quiz ainda em cima fazel-o soffrer a sorte de *St.º Estevão* protomartir; mas a policia para lhe valer levou pedrada de criar bicho. Safa! Que petisco!

Que terrivel arma não é a pedra! Eu, meu bom Compadre, sempre, tive muito medo de pedradas; não foi com pedrada, que *David* deitou por terra o gigante *Golliath*, e com o mesmo projectil, que, ainda ha pouco, um estudante matou outro em Coimbra? E quanto não é de temer essa arma na mão de um doudo? Por isso, e para utilidade deste bom Povo, sempre nas minhas orações peço a Deus, que inspire o *Zina* a não desistir dos banhos de chuva, para que se não realize o vaticinio, que a meu Compadre fez o *Corpo aberto* de Ferreiros, e Pithonisa do nosso

Minho, quando o Compadre a consultou a respeito. Visto ser remedio, que viva na agua, como uma rã, o fôna do *Zina*.

Pouco antes do fallecimento da *Lei da Desordem* houve, Compadre, um conclave em casa do *Zina*, a que concorrerão *ex-Cavado Beleta*, e o *Bonga*. *Beleta ex-Cavado*, com as lagrimas nos olhos, lastimou-se nos termos mais patheticos, e sentidos, por se ver compromettido até o caco da calva por haver escripto nos tres estilos na *Lei da Desordem* em defeza do *Zina*, e com uma querella ás costas, por tentativa de furto mallogrado, não por vontade d'elle preopinante *Beleta*, mas do assaltado, que se não deixou cahir na aboiz, ou corriola, e que havendo-lhe o *Zina* promettido toda a protecção, agora se via exposto a execração publica com a calva á mostra, e mettido n'uma camiza de onze varas, o que não succederia se não fora a *Lei da Desordem*, porque já se não fallava nessa sua *gentileza*, e aguas passadas não movem moinhos.

Zina, que nesse dia não podéra tomar o banho de chuva, e se achava, além disso, influenciado pelo quarto crescente da lua, que segundo a experiencia tem mostrado sempre, mui poderosamente actua, e domina aquella cabeça desmiolada, dando sôco bravio sobre uma meza, respondeu-lhe furiozo.

Que tendo-lhe o Pae de *ex-Cavado Beleta* nculcado o filho, como o *Moltke* da litteratura,

e da imprensa de Portugal, e como tal capaz de amordaçar e vencer na discussão o proprio *Tims*, quanto mais o *Barcellense*, elle fiado nessas bravatas, engolira a pilula, e mandara criar a *Lei da Desordem*; vendo porém frustradas as suas mais fagueiras esperanças, e que longe de amordaçarem o *Barcellense* mais robustecião os argumentos e credito deste, mais crescia o numero dos *discolos*, figadaes inimigos d'elle *Zina*, pelos dislates, immoralidades, infamias, e torpesas, que apparecião na *Lei da Desordem*, e pelo descredito dos redactores; e porque estava convicto de que *ex-Cavado da Beleta* era um pedante, que mais o tinha compromettido, do que defendido, e tão inepto, que nem a si proprio se sabia defender da tentativa de furto, por quanto devia soccorrer-se ao equivoco de ter posto *Deve* em lugar de *Haver*, por todos esses motivos, que o despedia de sua casa, e tinha resolvido mandar sepultar a *Lei da Desordem*.

O *Bonga* conchegando os occulos, e querendo em vão impertigar-se, o que a giba lhe não permittiu, tentou soltar alguns grunhidos, com o fim de desculpar *ex-Cavado da Beleta*, acalmar a excitação nervosa, e furor do *Zina*, e fazer, com que continuasse a apparecer a *Lei da Desordem;* ficou porém entupido e com a costumada cara de parvo, mal o *Zina*, alçando a voz, e com dois sôcos, que deu sobre a meza, disse: *tenho decidido*.

Entre algumas nações negras do interior d'Africa, ha, meu Compadre, um costume singular, mas muito exquisito: estão na sala, onde o rei convoca o conselho d'estado, doze grandes talhas com agua até o meio; chegão os conselheiros, e com passo grave cada um se encaixa na sua talha até o pescoço, d'ahi discutem e deliberão sobre o assumpto, para que forão convocados.

Se no conclave, que houve em casa do *Zina*, elle, *Bonga, e ex-Cavado*, se encaixa cada um na sua tina, pois todos são uma trindade de malucos, e todos trez bem precizão banhos de chuva, e d'alli discutem, e deliberão, davão no vinte. Estou certo, que havião de reconhecer, que todos trez são tolos, e que tão culpado é *Beleta ex-Cavado*, como *Bonga e Zina*. Oh! Compadre, ahi está um espectaculo, que eu mais quizera vêr, do que quantos *surucucus* vivos, ou comedias podem haver por esse mundo de Christo!

Bem diz meu bom Compadre, que ao longe se sabem melhor as couzas do que ao perto! Não ha duvida; foi certo ter o *Zina* requizitado soldados ao Bonga, para assistirem disfarçados, como espectadores, á correccional intentada por *Beleta ex-Cavado* contra o *Barcellense*, o que prova as asserções mui judiciosas, que meu bom Compadre pondera.

O que porém talvez o Compadre ignore ainda,

é que o *Zina* vil e cobarde, como as coisas mais vis e cobardes, para desviar de si o odioso dessa requizição, que tanto o compromette como juiz e como auctoridade, porque mostra á luz do sol, que ia com intenção fixa e determinada de condemnar o *Barcellense*, e que tem a convicção de que não gosa aura, prestigio, nem respeito, atira para o *dorso* do *Bonga* a responsabilidade da comparencia dos soldados, e do destacamento reunido no quartel! *Ambo florentes ætatibus arcades ambo*. Que duas pegas! Que dois marrecos, venha o diabo, e escolha!

O *Zina*, Compadre, deu-se por suspeito n'uma cauza crime, em que é author *Antonio José de Lima*, e réo o dono da typographia, em que se imprime o Periodico do mesmo *Zina* «Lei e Ordem», e não se deu, nem quer dar por suspeito na correccional intentada contra o *Barcellense*, por *Manoel Forte de Sá*, que, com o *Zina*, e outros *ejusdem furfuris*, collaborava na redacção da referida *Lei e Ordem;* e muito menos ainda no processo promovido por elle contra o *Ozorio*, de quem o *amantetico Zina* é figadal inimigo!

Isto é que se chama juiz *recto*, *imparcial*, *e honesto!* Por falta de espaço, não lhe explico agora a torpeza do fim, a que vizou o *Zina*, dando-se por suspeito n'uma cauza, em que já funccionou como juiz, e cuja parcialissima e injusta decizão, foi mandada reformar tanto pela Relação,

como pelo Supremo Tribunal da Justiça.

Queixa-se o povo de *Silveiros*, que o respectivo Parocho dera a sagrada Communhão a varias raparigas, que commungarão pela primeira vez, sem que previamente as tivesse ouvido de confissão, o que só fez muito depois d'aquelle sagrado acto! Que sacrilegio, e desacato dignos do mais exemplar castigo!!! Um mau sacerdote faz mais mal ao catholicismo, do que uma legião de protestantes. O referido Parocho, dizem, que é surdo, como um rochedo; como pode elle parochiar! Talvez fosse por cauza da surdez, que elle dispensou as raparigas da confissão previa: tem mais poderes do que o Papa!

Seu compadre e amigo.

SIMPLICIO D'ARRUDA

Carta de Nicolau Tortulho á seu compadre Simplicio d'Arruda.

Compadre e Amigo.

A *Suissa*, ou *Confederação Helvetica*, cuja forma de governo é republicana, desde que em 1307 se constituiu independente d'*Austria*, graças ao patriotismo acrisolado de *Guilherme Tell*, compoem-se de 22 cantoens, 9 dos quaes são catholicos, 7 protestantes, e 6 tem quazi tantos Catholicos, como protestantes: mais claro, $^{6}/_{11}$ da população d'esta Republica são Catholicos, e $^{5}/_{11}$ são protestantes.

Professa unicamente a religião Catholica a população dessa vasta região da America, que outr'ora pertenceu á Hespanha: mas que hoje, independente d'ella, se acha dividida n'uma mul-

tidão de Estados, cuja forma de governo é a Republica.

Nessa colossal e poderoza Republica, denominada *Estados Unidos da America do Norte*, que occupa uma area pelo menos de quinhentos e vinte milhões de hectares, e que se estende de 25 graos a 52 de latitude Norte, e de 70 a 127 graos de longitude Oeste, cuja população talvez hoje eguale, senão excede á da França, se a maior parte dos seus habitantes segue varias religiões, tambem uns poucos de milhões d'elles professão o catholicismo.

Concluo pois, Compadre, do que deixo expendido, e de outros mais exemplos, que omitto, para me não tornar prolixo, que nem o catholicismo é opposto ao regimen republicano, nem essa forma de governo politico, com que, como sabe, antipathiso, é incompativel com elle.

Não o entenderão porém assim os *maltrapilhos canibaes* da commuua de Pariz, nem o entende tambem a maior parte dos republicanos da nossa infeliz visinha Hespanha; porque quer uns, quer outros, fizerão, e fazem uma guerra de morte ao catholicismo. Qual será o motivo dessa crua guerra? Será por cauza do 7.º preceito do *Decálogo*, que a cada passo alli se infringe? Senão é, parece-o.

No seculo 7.º como meu-bom Compadre não ignora, infecionou todo o Oriente, patrocinada pelos Imperadores, uma herezia, cujos seguidores

se denominavão *Iconocolastas,* isto é, quebradores das imagens; porque não só destruião as que estavão nos templos, como negavão o culto de dulia ás imagens dos *Anjos,* e dos *Santos,* e o de hyperdulia a *Maria Santissima.*

Em 787 imperando no Oriente *Constantino* 6.° denominado *Prophyrogeneto,* em razão de seu pae lhe haver vestido no berço a purpura, e junctamente com elle sua mãe *Irene,* de combinação com esta Princeza convocou o Papa *Adriano,* o segundo concilio de *Nicea,* e septimo ecumenico, no qual forão condemnadas as actas do de Constantinopla, e os erros dos *Iconocolastas.*

Ainda nos seculos 12 e 13 os hereges *Albigenses,* que professavão os erros dos *Menicheos, Petrobuzianos, e Valdenses,* fizerão reviver a mesma perseguição ás sagradas Imagens.

Talvez o Senhor *Ecce Homo,* que se venera em *Caminha;* a do Senhor de *Bouças,* que se venera em *Mathozinhos* junto do Porto, e outras mais, que a tradição diz, forão arrojadas pelo mar ás nossas praias, sejão do numero das que a piedade dos Fieis, residentes no Norte da Europa, onde mais ardeu a sanha desses hereges, subtrahiu ao furor e desacato desses impios.

Noto, Compadre, que de 6 em 6 seculos se renova essa perseguição: começou no 7.° seculo, renovou-se no 13, e agora no 19 revive outra vez; porque, em muitas partes da nossa vizinha Hespanha não só tem sido desacatadas as sagradas

imagens, como tem sido apeadas das Igrejas, e dos lugares, onde a piedade dos Fieis as havia exposto á veneração do publico.

O mal é contagioso, e parece, que já lavra por cá. O grande numero de Imagens, que havia no ex-convento de *Marvilla*, junto a Lisboa, foi por ordem do respectivo administrador transportado para o Paço de S. Vicente, rezidencia do Exm.º Cardial Patriarcha; e como ajuiza, que forão conduzidas essas sagradas Imagens, Compadre? Empalhadas em carros, como melancias! Pelos geitos não occorreu ao Exm.º Patriarcha outro modo mais decente de as transportar! Isto tem dado muito, que fallar. E depois gritão contra a irreverencia das cousas sagradas, e são os primeiros, que se mostrão irreverentes. Se não é uma *Corte celeste*, que se pertende fundar no Paço de S. Vicente, pelo menos é um *Pantheon*; o que em Roma fundou *Agrippa* no tempo *d'Augusto* era consagrado a *Jupiter Vindicator*, o de S. Vicente é dedicado ao Exm.º Patriarcha, que, no dizer dos gaiatos, poz os Santos de Marvilla na 3.ª secção.

Avania, Compadre, é um termo classico da nossa lingua, pouco uzado hoje em dia, embora haja muito quem pratique, o que elle exprime; e quer dizer vexação, que os Turcos fazem aos Christãos, e aos de outras religiões, para lhes extorquirem dinheiro.

O *Manel Zé Zina*, cuja avareza é insaciavel,

e que é mais sequioso de dinheiro, do que o hidropico de agua, não pensa, senão em praticar *avanias* judiciarias, para extorquir dinheiro ás partes, que tem a desgraça de lhe requererem justiça, ou o que o direito lhes dá; tergiversa, uza de tricas, e protela os pleitos, unicamente com o torpe fim de tornar lucrativo o cargo. Nisso é elle insigne, é a sua especialidade, no mais é um *fantoccino*, como dizem os Italianos, e nós os Portuguezes um *basbaque*, que só por um excessivo capricho da fortuna podia chegar a ser magistrado!

Aquelle *vistos os autos vê-se;* o quezito se a *detonação do tiro* prejudicou ou não as trunxudas, e outras coartadas e flores de Rhetorica eguaes, são o dynamómetro da capacidade intellectual do *bananzola* de Sinfães.

É precizo, Compadre, não confundir *avanias*, com *concussões*, nas quaes elle tambem é insigne. Exigir de muitos réos, involvidos no mesmo crime, uma fiança privativa para cada um, havendo fiador idoneo e abonado, que afiance todos, como aconteceu aos de *S. Paio do Carvalhal*, e a outros muitos, é *avania*.

Obrigar o inventariante a separar bens para pagamento dos acredores, quando estes a isso se oppoem, ou sendo intimados, o não requerem, é *avania*.

Mandar proceder a justificações desnecessarias, lavrar termos superfluos, e passar manda-

dos ociosos, é *avania;* porque é vexar as partes para lhes extorquir emolumentos. Por não ter agora á mão a arte de furtar do *P.e Antonio Vieira*, deixo de mencionar o nome, que elle dá ás unhas do *Zina*, que tudo isto pratica.

Levar emolumentos e salarios de dois actos, quando a Lei só manda, que se percebão de um; leval-os daquelles actos, que a Lei manda, que sejão gratuitos; ou maiores do que marca a tabella, é o que se chama *concussão*, crime severamente punido pelo codigo penal, e em que o *Zina* tantas e tão reiteradas vezes tem incorrido, e de que tão conscio está, embora com a maior desfaçatez lhe chame *equivocos*, que não só *viciou* autos para occultar esse crime, como tambem forçado pelo clamor publico já tem mandado fazer *restituições*, termo, que exprime bem o acto, e de que elle mesmo se serviu, quer por escripto, quer verbalmente. Ninguem *restitue*, se não o que uzurpou ou furtou; porque se pratica um equivoco, repoem ou devolve aquillo, em que se enganou; dizendo pois, que *restitue*, clara e expressamente confessa, que furtou. Isto parece não admittir contestação nem duvida, por ser liquido e corrente.

Com quanto o *Zina* seja a todos os respeitos o rebutalho e escoria da magistratura Portugueza, e que difficilmente se encontre um, que o iguale nas torpezas; com tudo, para se vedar a pratica de *avanias, e concussões*, seria mui con-

veniente, que os magistrados judiciarios fossem pagos pelo Thezouro Publico, como se pratica em outras Nações.

Impugnão alguns este alvitre, allegando, que se forem subsidiados pelo Thezouro, a certeza dessa ração os faria preguiçosos, deleixados e remissos no cumprimento dos seus deveres. Ao meu vêr, o allegado não destrue o acerto do alvitre proposto; e de mais, se se teme, que succeda isso, além de infinidade de meios, que se podem empregar, taes como syndicancias annuaes, ou biennaes, exigencia de mappas mensaes & & acabe-se de uma vez com a *inamobilidade*, que é a cauza principal, e talvez unica, que fomenta o desoforo do *Zina*, e de quantos *Zinas* ha ou podem haver.

Quem diria, Compadre, que esse *fona e basbaque*, que dizia quando ahi chegou, que o que mais sentia e estranhava, era não haver em *Barcellos* uma casa de *Fidalgos*, onde podesse ir passar a noite, se havia depois de associar, de soccorrer-se, de conviver com uma *pleiada* de patuscos, como esses, a que se associou na redacção da *Lei da Desordem*; elle, que só queria conviver com Fidalgos, conviver agora com a *ralé* mais infima e lazarenta dessa terra? Elle, a quem eu conheci larangeira, e tão larangeira, que uzava de *sacco* em Coimbra, querer dess'arte inculcar-se alguem, que vem d'algures, como se *Sinfães* fosse no *Hindostão*, e não nas brenhas

do Douro, que fica distante dessa, quando muito 15 leguas!

Não vejo nada a que melhor compare a vaidade louca, e fôfo orgulho desse *papalvo* velhaco, como a essas bolhas de sabão, que o menor e mais leve contacto desfaz. É um *patarata* tolo, que ouzou tomar como servilismo, como homenagem á sua prozopopêa, as attenções com que ahi o tractarão, quando chegou; agora que tenha o desengano devido.

Seu compadre e amigo.

NICOLAU TORTULHO

Carta de Simplicio d'Arruda a seu compadre Nicolau Tortulho

Compadre e Amigo

Concordo plenamente com as suas judiciosas reflexões, feitas na penultima missiva, com que me obzequiou, relativamente aos desaguisados, que da parte de alguns exaltados, que se dizem liberaes, e eu chamarei intolerantes, se derão nessa Cidade no dia 22 do mez transacto, contra o Bispo dessa Dioceze, Clero e Fieis, que acabavão de sahir da festividade religiosa, celebrada no anniversario da exaltação de *Pio* 9.º ao solio pontificio.

Os que assim procederão com tão desenfreada intolerancia, com que direito stigmatizarão os *Tor-*

quemadas, e ásseclas do sanguinario tribunal da *Inquizição*, se elles se estão denunciando a si proprios, como os *Torquemadas* das ideas oppostas ao catholicismo, ou pelo menos d'aquelles, que as não professão iguaes ás d'elles?

Quem leu, Compadre, o artigo de fundo da *Revolução de Setembro*, orgão semi-official, artigo, com rasão attribuido ao actual ministro do Reino, e em que devida e racionalmente são apreciados esses desaguizados, e verberados os seus auctores; e vir agora a portaria assignada pelo mesmo ministro, que escreveu o artigo da *Revolução de Setembro*, não deixará de dizer, *rompante de leão e parada de sendeiro*, e de convir, que o actual governo, como *Balthazar*, vê em todos os acontecimentos, escriptas por mão misteriosa, as palavras *Mané, Thecél, Pharés*, cuja decifração a propria consciencia lhe diz, ser o annuncio da sua punição e morte!

É incontestavel, Compadre, em vista do communicado, que ácerca desses acontecimentos o Secretario Geral do Governo Civil do Porto fez publicar nos jornaes, que a Policia e Municipaes, se houverão em conformidade com as instrucções e ordens, que previamente tinhão sido dadas pelo mesmo Governo Civil, ao Commissario Geral: se houve abuso, quem o praticou foi o Governo Civil.

Mandar agora, que um Administrador de Concelho, um dependente do Governo Civil proceda a syndicancia, não será o mesmo que arvo-

rar o syndicado em syndicante? Já se viu maior contra-senso, maior absurdo, maior pouca vergonha? *Ubinam gentium sumus*, em que paiz vivemos?

O fim, Compadre, tanto dessa portaria, como da outra, que manda syndicar tambem da *Associação Catholica*, é ganhar tempo, e no entender do meu visinho *Boticario*, que é mui versado nas propriedades, e virtudes dos simplices, uma serve de cataplasma emoliente, e a outra de agua sedativa. E prehencherão esse fim? O tempo o mostrará; duvido porém, por ser incompativel servir a *Deus* e ao *Diabo* ao mesmo tempo.

Lá apparecem ainda para o Oeste, e sobre o horizonte dos *Açores* ao actual governo as mesmas palavras misteriosas, que *Balthazar* viu escriptas na parede *Maré, Thecél, Pharés*: com difficuldade, e muito custo, tanto as auctoridades administrativas, como as pessoas, que alli gozão de prestigio, tem contido os povos daquelle archipelago, para que se não insurjão contra as medidas financeiras ultimamente propostas pelo governo, e approvadas pela maioria subserviente, que elle tem no parlamento.

Collectar, como barbeiro, em 4$000 rs. annuaes um pobre jornaleiro, que toda a semana trabalha com a enchada, só porque nos domingos faz barbas nas parochias ruraes, mediante um alqueire de milho, que annualmente lhe paga cada individuo, a quem barbêa, e classificar, como se

fosse chefe de uma prospera e importante officina de calçado, um qualquer sapateiro *remendão*, que escaçamente tira um mediocre jornal, não será um efficassissimo meio de levar ao desespero tal procedimento?

Coloriu-se, Compadre, com a necessidade urgente de extinguir o espantoso *deficit*, que annualmente apparecia no orçamento da despesa do Estado, e que nos ameaçava com a banca-rota, essa miuda rêde de tributos, com que o actual governo nos brindou; mas ao passo que se abrião tão abundantes, quanto vexatorias fontes de receita, forão tambem collocados logo *estanca-rios*, que as esgotão! Chegará por ventura todo o producto do real d'agua, para a manutenção e despesa da reserva, que, com tanto sacrificio da lavoura, e da industria, desnecessariamente foi chamada ao serviço activo? Duvido; e no entretanto, que os Povos são vexados e espoliados com tanta crueldade, como no tempo da sujeição a Castella, graças á paternnal bondade deste governo regenerador, o *deficit* no fim do anno economico, se não fôr maior, será sempre o mesmo. Governo mais nefasto nunca Portugal teve! Quanto vive enganado o Soberano!

Espero, Compadre, que me relevará a divagação, que acabo de fazer ácerca do que occorre no nosso desgraçado paiz; como bom Portuguez, que prezo ser, não posso ser indifferente ás desgraças, que nos aguardão, se Deus, em quem

muito confio, se não amercear de nós. Passo pois á nossa perenne mofina.

Compadre, se *Manel Zé Zina*, em lugar de ter seguido a carreira das lettras, que pelos geitos sempre andarão divorciadas delle, ou elle dellas, attenta a grossura espantosa das que possue, tivesse seguido o officio de *trapeiro*, não haveria canto, nem monturo, que elle não vascolhasse, nem trapo por mais immundo, que elle não mettesse no sacco: veja a afanosa sofreguidão, com que elle explora, e torna productivo o emmaranhado terreno da justiça.

No dia 5 do corrente lá foi elle em correição ao julgado de *Espozende*, levando comsigo o digno Delegado do M. Publico, a quem intenta dar cóca, todos os Escrivães, e officiaes de diligencias: patacoada de lunatico. Se tambem leva comsigo o destacamento militar, que aqui estaciona, era um simulacro da alçada, que veio de Lisboa para essa Cidade depois da revolução de Maio de 1828! Sempre farfante, e patarata: é um camaleão.

Como meu bom Compadre sabe, correição é a vizita, que o magistrado judiciario deve fazer pela comarca de sua jurisdicção, para emendar os damnos, que deve corrigir; examinar autos, processos, e livros dos respectivos cartorios; e finalmente exercer outras funcções do seu cargo, e que a lei lhe incumbe. Ora tendo-se *Zina* demorado apenas horas em *Espozende*, como é crivel, ainda que

elle fosse um *Argus*, que em tão diminuto lapso de tempo examinasse tudo, como devia, ou fizesse a correição, como a Lei lhe ordena? Não é possivel; foi uma romaria, que fez a *Espozende*. Se leva uma *ronda* de viola, rebeca, clarinete, e campainhas, e elle, segundo costuma, se poem a cantar a *chula* ou o *fado*, desbancava a *Campella de Santa Eugenia*.

Teve dois fins a dita romaria a *Espozende;* o 1.º foi querer assombrar, deslumbrar, e tornar boquiabertos os moradores dessa villa, onde anteriormente o havião tractado, como um aprendiz de barbeiro, que parece, logo que ouvissem ser tractado pelo numeroso sequito, que levou, com rodas de *excellencias, e de conselheiro ministro*, gulozina mais saborosa ao paladar da fôfa vaidade do basbaque, do que uma pouca de fressura ao de um gato esfaimado, ou cascas de melancia ao de qualquer animal suino.

O 2.º intimar os parochos do julgado, assim como já havia intimado os deste Concelho, para que lhe participem com urgencia, quaes sejão as pessoas de suas respectivas freguezias, por cujo fallecimento ainda se não procedera ao competente inventario. Sempre *trapeiro* explorador de monturos para recolher no sacco os andrajos ainda os mais insignificantes e immundos. Que sordida avareza, que fome canina padece este alarve!

A alguem, que lhe notou a sua incompetência para fazer aos parochos semilhante intimação,

respondeu: deixe fallar o *Barcellense;* sou competentissimo por uma razão de analogia mui obvia, e simples: se os negocios ecclesiasticos estão a cargo do Ministro das Justiças, pela mesma razão os ecclesiasticos da comarca devem estar na minha dependencia; porque sou nella o chefe da Justiça!!!

Saiba, Compadre, que resurgiu a filha predilecta do *Zina*, a famigerada *Lei da Desordem*. Um furioso ataque de *catalepcia*, que deu na creança, fez com que a considerassem morta, e como tal a enterrassem; houve porém um empirico, que condoido da desoladora afflicção, em que se vião o pai, o padrinho, aio, e pedagogo, se lembrou de applicar ao cadaver da creança, não um choque com a pilha de *Volta*, mas uma ajuda ou mezinha chamada=*Accordãos municipaes*, e eis que desapparece o ataque cataleptico, e a creança resurge! Ha quem diga, Compadre, que logo que se extinga a acção d'esse emplasto, que re-apparece novo ataque de *catalepcia*, e que a existencia da devassa menina é ephemera.

E que lhe parece, Compadre, da querella contra o *Beleta ex-Cavado* pela tentativa de furto? A correccional contra o *Barcellense* seguiu a vapor; esta querella, que é um crime publico, caminha n'uma zorra puxada por bois! aqui todos com razão interpretão esta lentidão escandalosa não só como desaforada parcialidade, como egualmente como um revoltoso favor e patronato.

Dizem que tendo de haver no mez de Agosto audiencias geraes, só nas vesperas é que *Zina* o pronunciará, para não estar *Beleta ex-Cavado* muito tempo no rol dos culpados.

Que recto, probo e imparcial magistrado não é o fona do *Zina!!!*

Seu compadre e amigo,

SIMPLICIO D'ARRUDA.

Carta de Nicolau Tortulho a seu compadre Simplicio d'Arruda.

Compadre e Amigo

Alguns passageiros, que sahirão d'essa para esta cidade na tarde do dia 6 do corrente, no mesmo momento, em que o destacamento militar, que ahi se acha, seguia a *marche-marche*, cada praça munida de 60 cartuchos embalados, a requizição do *Bonga*, administrador d'esse Concelho, para a cerca do ex-convento dos Franciscanos, hoje hospital da Mizericordia, transidos de medo por essa medida extrema, e por verem tal aparato militar, que com razão indicava um eminente perigo, espalharão tanto nesta, como em todas as povoações, onde pararão, que o celebre agitador internacionalista *Carl Marx*, aproveitando o ensejo do grande concurso de povo,

que fora vizitar o Hospital, e depois se reunira na cerca a gosar a amenidade do sitio, havia proclamado a *republica social*, sendo applaudido por todos os assistentes!

Que o *Bonga*, que alli se achava, policiando o improvizado arraial com todos os empregados da administração, e cabos de policia, vendo a *aringa* sublevada, não perdera o sangue frio, nem a coragem, e mandára um emissario de toda a sua confiança á *redea solta e brida batida* tocar á l'arma no quartel, e chamar a *marche-marche* o destacamento!

Finalmente disserão mais, que quando o vehiculo, que os transportava para esta, se achava cerca de uma legua distante d'essa, que ouvirão fortes detonações, as quaes, a uns, parecião de foguetes, indicio certo da victoria dos sublevados, e de geral annuencia ao pronunciamento *socialista*, e a outros, descargas de fuzilaria, signal evidente de encarniçada lucta!

Em vista da irritação, que por aqui se observa nos animos, depois dos tristes acontecimentos do dia 22 do mez transacto, imagine, Compadre, o panico, que se derramaria em toda esta grande cidade: os fundos publicos baixarão logo 25 por o/o, e não havia quem os comprasse por preço algum: alguns mais timoratos tractarão logo de enfardelar o que tinhão de mais precioso, e de o pôr a bordo dos navios surtos no Douro; tocou-se nos quarteis á generala; forão reforçadas

as guardas; na serra do Pilar forão carregadas com metralha as peças alli assestadas, n'uma palavra, foi um dia de juizo, e parecia, no dizer dos velhos, que se ião reproduzir as scenas de Março de 1809, quando os Francezes, entrarão nesta cidade da Virgem!

No meio de toda esta infernal balburdia, fazião ferver o sangue até aos mais flegmaticos as rizadas, e remoques d'aquelles, que, conhecendo desde a infancia o *Bonga Pae velho*, sabem o quanto elle é amigo de fazer *espalhafactos* por qualquer nónáda; barulho, algazarra, balburdia, gritaria, destemperos & pelo mais insignificante motivo; e que tendo sido toda a sua vida um truão disfructavel, um pedaço d'asno alentado, hoje por cauza da senectude está caduco, e um asno completo: por todos esses motivos, dizião elles, que a requizição da tropa a *marche-marche* era uma das costumadas farças do *Bonga*.

Oh! Compadre, os que isto dizião, se não são prophetas, pelo menos conhecem tão perfeitamente o *Bonga*, como um qualquer almocreve os sestros das azemolas, que compoem a sua récua; porque sabidas agora as couzas, tudo foi uma bagatela tão insignificante, que qualquer cabo de policia desarmado reprimia! Um soldado, que se achava no concurso, deu um sopapo n'um rapazola, que lhe havia atirado com um pouco de vinho ou d'agua á roupa!!!

O *Bonga* sempre é das *Arabias*, Compadre!

E que campo da acção mais adquado podia elle escolher para o combate, se lhe rezistissem? Entre o *Hospital e o Cemiterio;* neste enterrava logo os mortos por cauza da putrefacção promovida pelo excessivo calor; áquelle fazia conduzir tambem logo os feridos, dispensando por isso ambulancias e padiolas. Que tino, que previdencia! Não se desfação da joia, que vale, quanto peza.

Não ha medalha, que não tenha o seu reverso. Este heroico feito do *Bonga Pae velho*, que bem merecia ser cantado em verso pelo auctor do *Palito Metrico*, como o *Lagartiados*, é a face da medalha commemorativa de seus altos feitos, o reverso porém da mesma é o seguinte facto, que aqui corre como verdadeirissimo.

Está o nosso incomparavel *salafrario Bonga* vendendo na casa, onde mora, vinho ao quartilho. Se as princesas, de quem *Homero* reza na sua *Iliada, e Odyssea*, ião lavar ao rio a roupa suja, e á cosinha preparar por suas reaes mãos a comida, que mal pode ficar ao *Bonga*, medir e vender uma pinga? Faço esta observação, para remover reparos de algum alambicado cheio de melindres: vamos porém ao facto. Foi á taberna do *Bonga* um mendigo, e bebendo o seu quartilho, puxou de 20 réis e pagou, como porém o quartilho custava 25 rs. e o pobre não tinha os 5 rs. que faltavão, o *Bonga* furioso, não se contentando de descompor de voz em grita o mendigo, mandou prendel-o por 5 réis!!!!!!

Isto não se commenta, Compadre, porque assim como não ha medalha sem reverso, tambem todos os homens celebres tem suas fragilidades, e pieguices.

Antes de passar a novo assumpto, espero que meu Compadre me permitta, que me occupe por um momento ainda do *Bonga Pae velho*. Contão por aqui a respeito desse *salafrario* uma anecdota, que tem seu chiste, e que julgo ser desconhecida ao Compadre, attento o seu silencio a tal respeito.

Como o Compadre terá visto, andão nessa Villa calçando de novo com alvenaria miuda a rua dos *Carvalhos*: na entrada inferior da mesma abrirão transversalmente uma profunda valla para receptaculo dos enxurros, e esgoto das aguas pluviaes. O *Bonga*, que aos 74 annos deu em *garanhão*, e quer parodiar o *Lovelace*, descripto por *Richardson* no seu interessante romance *Clarisse Harlowe*, sahindo a des horas da noite do prostibulo, onde mora a sua michela, e me dizem ser situado em frente da Administração, recolhia-se a casa; ia porém tão abstracto, e embebido nos seus arroubamentos eroticos, e *amanteticos*, que esquecendo-se da existencia da valla, cahiu dentro della, e tão aturdido ficou o bruto, que bramava, como um urso, que cahe n'um fôjo, sem atinar com a sahida!

Um criado ou hortelão da casa chamada do *Tanque*, que ouviu os grunhidos, julgando ser um

porco de quatro pés, muniu-se de algumas pedras para o enxotar, e, aproximando-se, viu com pasmo, que era o *Pae velho Bonga*: agachou-se então, estendeu os braços, e póde arrancal-o do fôjo! Oh! Compadre, se a valla estivesse cheia d'enxurro, talvez fosse summamente proveitoso ao *Bonga*, para lhe dissipar a *berra*, em que anda, ou tornar menos furioso o ataque de erotismo, que padece; quem sabe? Não ha na Russia banhos de lodo mui proficuos a certas molestias?

Contão tambem, que elle furioso por ter rasgado as botas, e sujado as calças brancas, que lhe dão um arreganho de pombinho arrulhador, e com que pertende debelar os estragos, que a mão do tempo tem feito naquelle *Adonis* de cortiça, fôra no dia seguinte improperar descomedidamente os que trabalhão na valla, blasfemando tambem contra a Camara, por se ter lembrado de mandar abrir aquelle fôjo.

De todos estes factos, que servem de thema á presente, e de innumeraveis, que recopilados podião encher volumes, deduz-se, como consequencia logica, e necessaria, que o *Bonga* não tem o menor dos predicados, que se requerem, nem para administrar um rebanho de cabras, quanto mais um Concelho importante, como esse: ignorante crasso; doudo furioso; vingativo como um *Côrso;* despota desalmado; immoral, finalmente, exceptuando ladroice, tem tudo, quanto ha de mau e pessimo.

Compadre, se a qualidade de não ser ladrão, é o unico requizito, que se exige para ser Administrador de qualquer Concelho, então afoutamente estão nesse caso milhares e milhares de pessoas; qualquer jornaleiro póde ser arvorado n'esse cargo, porque os ha tanto, ou mais integros, e limpos de mãos, do que o *Pae velho Bonga*, que aqui para nós, que ninguem nos ouça, sempre ferrou o seu calote mui *honradamente*, e corria a chicote os pobres artistas, que lhe ião á porta pedir o que lhes devia. *Sat prata bibere*, vamos ao patarata do *Zina*.

Este apoucado *homunculo*, qual charlatão de feira, que decanta as suas maravilhas, querendo inculcar-se o Phenix dos magistrados *(risum teneatis?)*, dizia nos seus cantares, quando foi para essa comarca: que achando-se n'um verdadeiro cahos a de *Angra do Heroismo*; que não tendo havido quem fosse capaz de a metter na ordem, e não havendo por isso, quem para a mesma se animasse a ir, o Governo se empenhára com elle, para que acceitasse aquella espinhosa missão como o unico capaz de tão *heroico feito*; que elle, não tanto por tirar d'embaraços o Governo; mas mais principalmente por se condoer do critico estado, em que vivião aquelles povos, acceitára o encargo, e que graças á sua energia, rigidez de caracter, e vastos conhecimentos, tão depressa chegára aos *Açores*, logo e logo tudo entrára na ordem, sahindo do cahos! Viu, e venceu,

foi tão feliz, como *Cesar*, o basbaque; e julga o patarata, que alguem o acreditava?

Estou convicto, Compadre, que d'aqui a annos não faltará quem, suppondo verdadeira esta bravata do *Zina*, attribua tão alto feito a *Hercules*, e o colloque entre as doze façanhas, que tal heroe praticou: no meu fraco entender a proesa do *Zina* vale tanto, ou mais, do que a limpesa, que fez *Hercules* nos curraes de *Augias;* e para que o *Zina*, se viver então, se não veja forçado a dizer: *hos ego versiculos feci, tulit alter honores,* pede a justiça, que eu aqui a consigne.

Compadre, a pragmatica, que marca os tratamentos, está ainda em vigor; ainda não foi derogada: como acceita, e exige esse papalvo o de *excellencia,* quando só lhe compete o de *senhoria?* Tenho visto alguns requerimentos feitos ao substituto delle, e com razão riscado o tratamento de excellencia, e nos requerimentos feitos a elle, nada riscado, o que prova, que o exige e acceita a excellencia! É um excellente, parvo não ha duvida, o *Zininha!*

Seu compadre e amigo.

NICOLAU TORTULHO

Carta de Simplicio d'Arruda a seu compadre Nicolau Tortulho

Compadre e Amigo

O promettido é devido: em Fevereiro ultimo tencionava meu bom Compadre vir a este seu ninho patrio, dar-nos o indizivel prazer de podermos gosar por alguns dias a sua saudosa companhia, não só porque queria assistir á romaria do glorioso *S. Braz,* e dar cumprimento á promessa, que fizera ao mesmo celicola bemaventurado, como igualmente para prezencear as audiencias geraes, a que nessa occasião se procedia aqui; e vêr, se, ouvindo a algaravia sertaneja do esdruxulo *Manel Zé Zina,* a sua logica de tanoeiro, e mais partes, que n'elle concorrem, e o recommendão, como um dos maiores palhaços

de qualquer farça burlesca, mitigava os ataques de melancolia, que periodicamente vexão meu Compadre.

Negocios porém, que trazia entre mãos, e cuja qualidade e fim me não communicou, circumstancia essa, que tem servido de pábulo á curiosidade de sua comadre, que, depois de mil conjecturas, tem como averiguado, que o Compadre solicita *uma carta de conselho, o foro de moço fidalgo com exercicio, uma commenda*, ou qualquer outra bugiaria semilhante, para vêr, se, com esses ouropeis, fascina qualquer herdeira rica, inhibirão meu Compadre de satisfaser a sua promessa e desejos, e a nós de fruirmos a sua amavel companhia.

Como infelizmente se mallograrão a sua justa intenção, e os nossos sinceros anhelos, prometteu-nos, que viria na epoca das proximas audiencias geraes: chegou essa occasião; empraso meu Compadre pelo cumprimento da promessa feita então, no caso de que força maior, qualquer circumstancia imprevista, ou, o que Deus não permittia, incommodo de saude o impossibilitem de a cumprir.

Venha pois o quanto antes, se se quer rir, a mais não poder, e admirar a metamorphose espantosa operada na crisalida *Zina*, graças ás verberações fortes, que destra, e magistralmente lhe tem applicado o *Barcellense*. Bem diz o ditado: *agua molle em pedra dura tanto dá, té*

que fura; ora, se a agua faz isso, o que não fará um picão bem calçado de aço?

Sem que eu herdasse a capa de *Elias*, para me tornar propheta, como *Elizeu*, que a herdou, e com ella o dom de prophetisar, logo, que vi publicada, a rogo do *Zina* no *Jornal do Porto* a felicitação, que elle de rôjo solicitou nos *Açores*, onde lhe derão, diz elle, os amavios ou *miolada:* logo tambem classifiquei o *Zina*, a quem por felicidade nunca tinha visto, *de patarata basbaque*, e destituido de *modestia*, e o que peior é, de *senso commum:* do mesmo modo previ, que o homunculo tremia com medo da imprensa; e não me enganei.

Roborarão o meu juizo, ou antes o horóscopo, que lhe tirei, os annuncios por elle feitos no mesmo jornal, tanto ácerca da chegada do mesmo *heroe* á sua quinta de *Fundoões*, onde déra um jantar de 12 talheres (sem duvida aos apanhadores d'azeitona); como tambem do rasgo de philantropica generosidade, quando mandou, á custa do seu bolcinho, reformar a palha das enxergas dos presos da cadeia desta villa, e cuja fabulosa importancia (640 rs.) fazendo eclipsar as prodigalidades, e magnificencia de *Lucullo*, e mettendo figas a *Midas*, que se banhára no *Pactólo*, fez arregalar olhos de pasmo aos proprios *Rodtchilds!*

Na verdade, Compadre, aquelle que se soccorre á imprensa, como arauto de qualquer ni-

nharia insignificante, que lhe offerecem, ou elle pratica, com o intuito, ou de se fazer conhecido, ou de obter louvores, já se entende, immerecidos; tambem, embora diga, que repouza no testemunho da sua consciencia, tem mais medo das profligações da imprensa, do que o boi do atabão,

No juizo apoucado; na grossura das lettras, que professa; na malvadez satanica, e noutros predicados, que lhe são innatos, não tem, nem pode haver metamorphose possivel, porque a lua, em quanto tiver phases, hade actuar sempre naquella cabeça desmiolada; pelo mesmo motivo alli não tem accesso a illustração; e aquelle coração de Hiena hade seguir sempre os seus maus instinctos, os seus feroses impulsos! *Quod natura dat, nemo potest auferre*: o que a natureza dá, só a sepultura tira. Tem havido pois mudança não pequena no que passo a expôr, e o Compadre confirmará se cá vier, visto que conhece a joia do tempo de laranjeira.

Oh! Compadre, quem diria, que aquellas unhas, que o grande *P.e Antonio Vieira* chama na sua arte de furtar, ora *pacificas*, ora *disfarçadas*, porque roubão á sombra da lei, ora *maliciosas*, ora *irremediaveis*; porque dolosamente fazem acrescer emolumentos e salarios com despachos e actos superfluos; ora *agudas e dobradas*, porque arrancão a camiza aos litigantes, exigindo-lhes, digo mal, extorquindo-lhes emolumentos maiores, do que marca a tabella; ora *fartas, mimosas, e*

desnecessarias; porque roubão sem precisão: e finalmente ora *insensiveis, e inviziveis*, porque só na arca dos orfãos, em autos viciados, em requerimentos sobnegados & deixão os vestigios; quem diria, repito, que se havião de retrahir, mandando ouvir a respeito o digno Delegado do Ministerio Publico, quando agora contão ao *Zina* algum emolumento ou salario, a cujo respeito a Lei não é bastante clara? Será milagre de *St.º Antonio?*

Quem diria, meu Compadre, que aquelle *soberbo insolente*, aquelle pateta das luminarias, que sempre tratou os empregados judiciarios com mais desdem e pouco caso, do que o imperador do *Grão Mogol* o mais infimo de seus vassalos; esses, a quem o *fatuo petulante* chamava *criados* seus, havia agora de descer do zenith do seu *balófo* orgulho, do perigêo de sua *insana* soberba, para os tractar, senão com a affabilidade, que deve, pelo menos com a compativel ao constrangimento, em que o collocou o medo, que o avassalla? Será por ventura milagre de *St.º Antonio?*

Quem havia de dizer, Compadre, que aquelle *patarata* enfatuado e jactancioso, que sempre tractára com pouca consideração, senão menospreso, os dignos magistrados do Ministerio Publico, não permittindo, que nos actos publicos hombreassem com elle; que arrogou a si o exclusivo do badalo da campainha; e que finalmente

os considerava seus dependentes e sobordinados, havia agora de trazer o actual á sua direita nos actos publicos ; de lhe prodigalisar attenções, se bem que merecidas; de o ouvir, e respeitar, como deve, não obstante reconhecer-se o enorme sacrificio, que nisso faz, e a diafaneidade do veu, com que encobre o seu orgulho, deixar transluzir o seu constrangimento, e despeito? Será milagre de algum Santo?

Quem diria finalmente, que a lição dada ao insolente e mazorral *Zina* pelo *Falcão* havia de ser-lhe tão proficua, que depois das colicas, em que o poz, o havia de tornar menos descomedido, e intratavel, menos insolente e petulante com aquelles, que por qualquer motivo concorrem ao tribunal? Será por acazo milagre de algum Santo?

Não, mil vezes não; não foi milagre de Santo algum: essa espantosa metamorphoze que se nota no *Zina*, foi operada pelas verberações crueis, que merecidamente lhe tem applicado o *Barcellense*, e pelo excessivo medo, que se apossou da ridicula entidade *Manoel José Botelho*, vulgo *Zina!*

Se não ha memoria, de que em tempo algum se fizesse a uma auctoridade judiciaria guerra tão sem treguas e desapiedada, montaria tão a contento de todos, como a que nesta comarca se tem feito ao mazorral *Zina*; tambem é certissimo, que nunca se propugnou por cauza mais justa,

nem houve em parte alguma do nosso Portugal um ente mais antipathico, uma auctoridade, que, pelas suas malversações, e iniquidades, tanto, como elle, se tenha desprestigiado, ou provocado por sua contumacia, desaforada desfaçatez, e absoluta falta de honra e brio, a animadversão geral.

Accuzou, Compadre, este *bisborria* ao honradissimo Delegado dr. *Pousão* de crimes, e faltas, de que elle plenissimamente se justificou, e que tanto forão considerados aleivosias pelo Governo, que o transferiu para uma comarca, senão melhor, pelo menos egual a esta: este vil delator, que não tem o menor vislumbre, do que sejão pundonôr e brio, recebe a bofetada, e não pede logo a demissão!!

Mal o mesmo digno magistrado dr. *Pousão* teve conhecimento das aleivosias, que lhe assacou o sevandija *Zina;* e porque estava innocente e impolluto, requereu logo a El-rei uma syndicancia a seus actos: *Zina,* que é accuzado pela imprensa, e pela opinião publica como *concussor, falsario, malversor, iniquo,* finalmente como um magistrado, que envilece, desdoura a classe, a que indignamente pertence, não ha rasões, que o movão a requerer uma syndicancia para lavar as nodoas, que lhe pulluem a toga!! Santo Deus! Onde estão a honra, o pundonor, e brio de ente tão desbragado, que ouza ainda apresentar-se em publico com tanta hombridade, e sem ceremonia, como, se a lama, em que tem sido mere-

cidamente chafordado, fosse um banho de essencia de rosas!

E porque não requer elle, como o dr. *Pousão*, a syndicancia? Porque a consciencia lhe patentea a veracidade das accusações, que lhe são feitas, e teme com toda a razão, que se descubrão outros actos egualmente torpes e criminosos, de que o publico inda não tem conhecimento, mas que o syndicante iria forçosamente arrancar do olvido, ou dos cartorios, e autos, onde existem sepultados.

Latet anguis in herbis; eis a chaga saniosa deste pestilencial *Lazaro;* ainda tem outra, que mais o aterra. Ratificados pela syndicancia os crimes, de que é arguido, a syndicancia se deve proceder nas outras comarcas, onde tem estado; porque o que aqui praticou, praticou lá: eis a chaga, que mais o faz tremer! A Deus.

Seu compadre e amigo.

Simplicio d'Arruda

Carta de Nicolau Tortulho á seu compadre Simplicio d'Arruda.

Compadre e Amigo.

Os *Vandalos*, como o Compadre sabe, erão um povo barbaro e feroz, que habitava no norte da Europa entre os rios *Vistula e Oder:* fazendo juncção com os *Alanos e Suevos*, tão barbaros e feroses, como elles, passarão para áquem do *Rheno* em fins de 406 da era christão; e, invadindo as Gallias, chegarão á penetrar no anno de 401 na Hespanha, em cujo territorio, outr'ora chamado *Betica* e hoje *Andaluzia* conseguirão estabellecer-se por longos annos.

Essas hordas de barbaros e feroses selvagens, semilhantes á lava, que o *Vezuvio* de si expelle, e, que por onde corre, tudo calcina e aniquilla,

de tal modo se assignalarão pelas devastações, feresas e atrocidades, que commettião, que o nome de *Vandalo*, desde então até hoje, traz a si associada a ideia de um povo feroz e destruidor.

Se no desejo de dominar pelo terror, que incutião nas nações invadidas; se na crassa e absoluta incultura dos *Vandalos*, é possivel encontrar desculpa ás feresas, e barbaridades, que praticavão; pois que desconhecendo a belleza, e valor dos monumentos, e preciosidades, que destruião, ignoravão totalmente o uzo, o mister, o fim, a utilidade, o alcance politico e moral, que tinhão; como poderão ser desculpados os *petroleiros*, os sequazes da *communa*, e por isso mesmo da *republica*, que, nascidos no seculo das luzes, e entre um povo culto e civilisado, circumstancia essa, que por si só era bastante para os tornar superiores na doçura de costumes e na illustração ao mais culto dos *Vandalos*, estão praticando, mais barbaros, e mais féroses do que estes, contra os seus proprios conterraneos e concidadãos barbaridades, feresas, que muito sobrepujão, quando não eclipsem, as que esses selvagens do norte praticárão?

Concebe-se, meu bom Compadre, que um Povo, como o *Romano*, escandalisado da soberba revoltosa de *Tarquinio*, e mais que tudo da devassidão infrene do filho deste, banindo do seu territorio a realesa, proclamasse a republica.

Que outro, como o *Suisso*, opprimido pela

Casa d'Austria, e muito mais pela tirannia, e vexações de um *Gessler*, sacudindo o jugo tirannico e oppressor, elegesse, como governo, a republica.

Que outro, como o *Hollandez*, fatigado de ser joguete, e feudo de varios senhorios estranhos, e o que mais o incitou, horrorisado de ver dentro de tres annos vertido no cadafalso ás mãos dos algozes o sangue de 18:000 concidadãos, se sublevasse contra Philippe 2.º de Castella, e adoptasse o governo republicano.

Concebe-se ainda, Compadre, que um Povo, como o nosso, opprimido, e esmagado pelo crudelissimo captiveiro de 60 annos, de ignominiosa sujeição a Castella, vendo as indecisões meticulosas do *Duque de Bragança*, e, não tendo entre os seus naturaes pessoa digna, a quem offerecesse a Coroa Portugueza, estivesse rezolvido a proclamar a republica, para se constituir de novo uma nação livre e independente.

Tudo isso se concebe muito bem, Compadre; porque todo e qualquer Povo tem o indefectivel direito de adoptar, de ser governado pela forma de governo, que melhor lhe convier: o que porém se não pode conceber, é que adoptada a republica, medrem á sombra della, e pullulem os *incendiarios, os bandidos, os assassinos, os cannibaes, os atheos, os impios, os devassos*, n'uma palavra hordas de *Vandalos* mais barbaros e feroses, do que esses, que unidos aos *Alanos e Sue-*

os invadirão o sul da Europa em 406, e que saquearão Roma em 455 durante 14 dias!

Foi proclamada em França a republica, e quando dentro, nem fóra della, ninguem lhe contestava o direito de assim se constituir, appareceu em Pariz a *communa* com todos os seus horrores: com a abdicação do Rei *Amadeu* ao throno de *S. Fernando*, inaugurou a Hespanha a mesma forma de governo, e, sem que á excepção dos Carlistas (o que era motivo mais que sufficiente, para que todos se unissem em um unico pensamento) alguem procurasse destruir essa forma de governo, eis que em *Alcoy* e n'outras partes se reprodusem com mais vandalismo as scenas horrorosas da *communa* de Pariz.

A ajuizar-se, como se deve ajuizar, pelos factos, que infelizmente se estão dando, e pelos apostolos, que evangelisão a forma de governo republicano com os milagres do *petroleo, do punhal e do trabuco*, republica é sinonimo de *anarchia* completa, e a todos os respeitos, é um cataclysmo phisico e moral.

Esses, que talvez nos tinhão considerado *Cassandras*, por meu Compadre, e eu, logo que em Hespanha foi proclamada a Republica, havermos predicto, o que desgraçadamente alli está succedendo, que compulsem a historia, e nos digão, em que governo monarchico de povo algum, se perpetrarão crimes tão horrorosos, ou representarão scenas iguaes ás da *communa* de Pariz,

ou a essas, que a misera Hespanha está presenceando?

Essa mesma horrorosa matança, chamada de *Saint Barthelemy*, insofflada pelo fanatismo religioso de *Catharina de Medicis* a seu filho, o imbecil *Carlos* 9.° rei de França; o motim e disturbios havidos em Lisboa contra os judeos, em tempo d'El-Rei *D. Manoel*, que logo e logo fez punir rigorosa e exemplarmente seus auctores, estão muito e muito áquem do vandalismo, e atrocidades, cujos protogonistas são os mais accerrimos paladinos da Republica.

Compadre, com o coração nas mãos lhe digo, que, sendo, como na verdade sou constitucional até á medula dos ossos, se fosse hespanhol, e me dessem a escolher, ou *D. Carlos* com o despotismo, e capitães-móres, ou a republica com o *atheismo*, e a liberdade de *incendiar com o petroleo, de assassinar e roubar*, em tão triste alternativa escolhia o primeiro mal.

Tenho observado, Compadre, que todos os republicanos modernos, quer sejão Francezes, quer Hespanhoes, ou Italianos, como o famigerado *Garibaldi*, todos embirrão, como o nosso *amavel Zina*, com os padres: quanto á embirra deste sabe-se o motivo, quanto á d'aquelles, qual será?

Diz-me meu bom Compadre na sua ultima missiva, que o mazorral *Zina*, depois das colicas, em que o pozera a lição, que lhe dera o *Falcão*,

estava menos descomedido e intractavel, menos insolente e petulante com aquelles, que por qualquer motivo recorrião ao tribunal. *Menos* é um adverbio de quantidade, e não de qualidade, e com quanto seja opposto a *mais*, todavia mostra, que o *homunculo* ainda é intractavel, descomedido, insolente e petulante: como prova desta asserção referir-lhe-hei um facto recente, que aqui me contou pessoa, que o presenceou.

Inquirindo o mazorral *Zina* em um summario testemunhas, e não respondendo estas, como elle recommenda, *com aquella submissão, que é propria de um homem livre e honrado* (já se viu maior dislate e desconchavo?) mandou reunilas, e pondo-as em fileira, perguntou aos circumstantes: *qual destas é o ladrão?*

Nesta pergunta, Compadre, não ha só impropriedade de convivencia, descomedimento, insolencia, e petulancia, ha tambem uma forte injuria, abuso de auctoridade, muito desaforo, e provocação. Ora, se essas testemunhas apontando para o *Zina* dissessem: *eil-o aqui*, mentirião? Não era esta resposta o merecido desforço de tão atrevida provocação? E se as pessoas, que o *mazorral* assim injuriou, o esperão fóra do tribunal, e lhe applicão uma boa doze de caxações, não erão bem merecidos? Se elle tão reiteradas vezes abusa da auctoridade, em que se acha constituido, porque não hão de abuzar tambem os offendidos da força physica, com que Deus os dotou, para darem a

correcção devida a tão petulante *polichinella?*

Consta por aqui, Compadre, que certo Parocho de uma das freguezias ruraes desse Concelho, por certo coagido por empenhos, e talvez dependencia, lera á Missa conventual uma representação, que a instancias, e em prol do *Zina,* se agita ao mesmo Concelho; e que, incitando os parochianos a assignal-a, lhe fora respondido por alguns mais decididos: que estranhavão, que se escolhesse tal logar e occasião para assumpto tão improprio; e solemnemente declararão, que preferião ter o punho decepado, a assignar um papel a favor de um homem tão geralmente execrado, o qual, longe de se justificar das gravissimas accusações, que o clamor publico lhe fazia, mais as confirmava, e se desprestigiava, por lançar mão de meio tão sediço, e improprio, por não ter o cunho da espontaneidade!

Ha mais de seis meses, Compadre, que o *Zina* solicitou de rôjo e com instancias essa representação, e não obstante as recusas absolutas, que encontra, e reluctancia da maior parte d'aquelles, que são instados para assignal-a, não desanima o *patarata!* Quando uma auctoridade assim procede, assim desce, assim se avilta, solicitando por meio de empenhos e dependencias do cargo, que exerce, assignaturas, que abonem seu procedimento, tocou a meta da degradação moral; é um ente abjecto, não tem dignidade propria, e muito menos independencia, para func-

cionar livre e desafrontadamente. Essa representação, quando fosse a flux, embora tivesse milhares de assignaturas, tinha tanto valor, como a das 103 assignaturas, que, a todo o esticar, pode obter nesta villa a instancias e ameaças da auctoridade administrativa, e como a que lhe dirigirão os seus sobordinados e dependentes, os empregados de justiça. E qual d'elles se animaria a dizer-lhe: não assigno?

Talvez ahi vá, Compadre na occasião do julgamento do *Ozorio*; deve ser interessante.

Seu compadre e amigo.

NICOLAU TORTULHO

Carta de Simplicio d'Arruda a seu compadre Nicolau Tortulho

Compadre e Amigo:

Nicolau Macchiavello era natural de *Florença*, e descendente de uma familia nobre, mas pobre, circumstancia, que pouco eclipsaria a nobreza, se os pergaminhos adubassem sopas; como porém não adubão, antes plebeu rico, que fidalgo esfaimado.

Tendo servido 14 annos o cargo de secretario da Republica *Florentina*, perdeu o lugar em consequencia de uma revolução, que foi cauza de serem os *Medicis* re-admittidos em *Florença*: envolvido n'uma accusação contra o Cardial de *Medicis*, que depois occupou o solio Pontificio com o nome de *Leão* 10, soffreu o castigo da

tortura, e foi desterrado; passados porém annos, obtendo a confiança dos *Medicis*, foi novamente empregado. Se fosse plebeu e rico, talvez tivesse mais pundonor e brio, do que teve, sendo fidalgo pobre; porque nunca devera ter acceitado beneficio algum das mãos d'aquelles, que o havião mandado torturar: isto prova Compadre, que a barriga não tem lei.

Durante o seu desterro, dedicando-se ás lettras, compoz varias obras, entre as quaes se destaca, como a mais saliente, uma, que intitulou *O Principe*, na qual, ensinando aos tirannos as maximas as mais perversas, as doutrinas as mais abominaveis para opprimir os Povos com despreso, do que dictão a justiça e a humanidade, expoem essa detestavel politica, que com o decurso de tempo foi chamada do nome do expositor *macchiavelica*, e que actualmente alguns chamão, com todo o fundamento e razão, *Jezuitica*.

Sei, que o Compadre assim como não pertence á *communa vermelha*, tambem não pertence á *negra*, e por isso que convirá na denominação, que modernamente se dá ao *jezuitismo*.

Com quanto *Macchiavello*, no intuito de alcançar a protecção de *Lourenço de Medicis*, que depois se fez senhor de *Florença*, lhe endereçasse o manu-scripto da referida obra, todavia, é opinião mais seguida, que elle, assoberbado do odio, que, como republicano votava aos Soberanos, e mui especialmente aos *Medicis*, que tinhão

sido a cauza da sua desgraça, só teve em vistas, quando escreveu *O Principe*, prevenir os Povos, indispol-os, sublevados contra elles, mas nunca instruir os *Medicis*, ou os Soberanos na arte de reinar.

Quando se vê pois, Compadre, um caracter dobre, e refolhado; uma moral, que não tem por fundamento o justo e o honesto; uma politica, que só quer os fins, embora sejão torpes e illictos os meios, de que lança mão, para os conseguir; ahi tem um caracter, uma moral, e uma politica de *Macchiavello*, genero esse por infelicidade hoje mui abundante no nosso mercado social.

Esperando, que meu bom Compadre terá a bondade de me relevar este episodio preliminar, passo agora a relatar-lhe um facto, que, ha poucos dias li em um Diario dessa cidade, e que mostra o requinte de *Macchiavelismo* Inglez, cujos terriveis e funestissimos effeitos, tendo causado a desgraça de milhares de pessoas, arruinado o commercio e industria de muitas nações, e sacrificado innumeraveis victimas, tem perturbado, e perturbará ainda, até quando sabe-o Deus, a paz interna, e prosperidade das nações, onde esse flagelo tem adeptos: é ás *greves*, que me refiro.

Tendo alguns artefactos, artigos fabris, e materias primas de procedencia Ingleza subido extraordinariamente de preço no *Reino Unido*,

por cauza das *greves* dos respectivos operarios, que exigião augmento de salario, e diminuição nas horas do trabalho, o que foi cauza não só de se fecharem muitas fabricas importantes, como tambem de enormissimos prejuizos para os donos das mesmas, e para o commercio, industria e navegação da *Inglaterra*, cujos productos, em razão do subido preço, a que por tal motivo chegarão, de modo nenhum podião entrar em competencia nos mercados, para onde erão exportados, com os de procedencia estrangeira; para que o commercio, e industria dessas nações não florescessem. nem prosperassem, em quanto o commercio e industria da *Inglaterra* definhavão por cauza das *greves*, por um requinte de *Macchiavelismo* infernal, em uma das exposições, que alli houve, forão iniciados nos misterios tenebrosos da *Internacional* quasi todos os operarios estrangeiros, que a ella concorrerão.

Esses operarios assim iniciados, sem preverem o alcance das maleficas ideias, em que forão imbuidos, e cujo fim *Machiavelico* era prestar serviços á Inglaterra, mediante a desgraça dos proprios adeptos, e a ruina e desassocego de suas respectivas nações, no regresso aos seus paizes procurárão iniciar outros, e porque a seductora idea de ganhar muito, e trabalhar pouco, ou antes nada, deleita, deslumbra, enthusiasma, e inebria com especialidade aquelles, que vivem do seu braço, a maior parte dos artistas, e opera-

rios, allucinada por esse novo *El Dourado*, adhere de bom grado, fascinada pelo canto das *Sereyas*, mas insciente dos males, que a aguardão, á ominosa propaganda! Eis, Compadre, a origem, manejos e fins das *greves*, e da *internacional*, sua perversa mãe.

Sendo, Compadre, infelizmente certo, que os desprotegidos da fortuna são centoplicadamente maiores em numero, do que os protegidos por ella, os *internacionalistas*, *os communistas*, e os *grevistas*, que embora pareção de diversa especie, são na verdade da mesma fatal familia, servem-se dos desprotegidos da fortuna, para perturbar a paz das nações, aguçando-lhes a avidez das riquezas com verdadeiras utupias, e com promessas fallazes, e fementidas; n'essa strategia são coherentes com os impios modernos, que, para derrubarem o Catholicismo, lizongeão as paixões, e acarição os vicios, instrumento mais efficaz e poderoso, do que o equuleo empregado improficuamente por *Nero*, *Domiciano*, e outros. Mudemos d'assumpto, e passemos á nossa mofina.

Quando, meu bom Compadre, toda esta villa viu a asquerosa, e desaforada improbidade, com que o juiz de direito desta comarca, vulgo o *Zina*, funccionava na querella intentada por tentativa de furto contra o *Beleta ex-Cavado*, um dos seus intimos, e comparsa com elle *Zina* na redacção do pasquim, irrizoriamente baptisado com o especioso nome de *Lei e Ordem*, propriedade do

mesmo juiz de direito; havendo aliás exuberantissimos motivos, para ser acoimado de suspeito em tudo, que dissesse respeito a esse novo *Gusmão d'Alfarrache*; quando toda esta villa prezenceou a furiosa sanha, com que maltractou, e insultou as testemunhas, sendo presenciaes do facto arguido, só porque dizião a pura verdade, e desse modo enterravão *ex-Cavado da Beleta*; e viu não só o despeito, com que ouvia os depoimentos, e o empenho, com que se esforçava para desfiguralos na redacção, a fim de valer ao seu *intimo* amigo, que por cauza d'elle *Zina* se achava mettido naquelle sarilho, como tambem a *lentidão* escandalosa, o vagar descommunal, com que proseguia essa cauza crime, logo todos predisserão o exito infallivel desse processo, e não se enganarão; porque foi julgado improcedente!!! Quanto vale ser o padrinho Alcaide!!!

Dizem-me, Compadre, que o honrado magistrado *Pousão*, com todo o fundamento classificára tentativa de furto, malogrado contra a vontade do tentador, essa gentilesa de *Beleta ex-Cavado*, crime especificado no art.º 7 do nosso Codigo Penal, e punivel segundo o § 2.º do art.º 421 do mesmo Codigo: diz-se agora, que para salvar *Beleta ex-Cavado*, se classificára, como tentativa de *Burla*, esse acto meritorio do *heroe;* e, como pelo Codigo Penal não seja punivel essa tentativa, foi julgada improcedente a querella!!!

Compadre, em vista do art.º 450 e n.os 1,

2, 3, e 4, e art.º 451 e n.os 1, 2, 3, semelhante classificação, se a houve, é a mais absurda, que se pode imaginar: não admitto, nem á intelligencia do *Zina*, que é a mais acanhada, a mais miope e pifia, que faça semelhante classificação de boa fé. Nada, isto que se diz não pode ser crivel: sou como S. *Thomé*, quero vêr, para crer, vou deligenciar vêr o processo, e, se o conseguir, opportunamente emittirei o meu juizo.

Quando, Compadre, digo, que o actual juiz de direito desta comarca, vulgo o *Zina*, é o rebotalho, a escoria da magistratura Portugueza; porque é *concussor*, *falsario*, *malversor*, *iniquo*, *deshonesto*, *faccioso e parcial*, não sou hiperbolico, nem injusto: os numeros do *Barcellense* estão regurgitando de factos, que exuberantemente comprovão esses crimes, com que assim é adjectivado merecidamente; e tanto tem elle a convicção da justiça, com que é arguido, que nem requer uma syndicancia para se justificar, nem procura defender-se pela imprensa, ou chamar-nos aos tribunaes.

O juiz de direito de *Valle Passos*, sendo aggredido pelo encommendado da freguezia de *Curros*, plena e cabalmente, ao meu vêr, se justificou na imprensa das falsas arguições, que tambem pela imprensa lhe havia feito o dito encommendado; estava innocente, e com quanto as arguições fossem levissimas comparativamente ás feitas ao *Zina*, além de recorrer, como digo, á

imprensa, chamou aos tribunaes o aggressor. É homem de honra, e que presa o seu credito, quem assim procede; quer conservar impolluta a toga, que veste; o *Zina*, que é o rebotalho, a escoria da magistratura Portugueza não só se compraz em ter a sua polluida com as nodoas as mais asquerosas e indeleveis, como é elle proprio, que a chafurda no lodaçal mais immundo. E ha um governo no mundo, por mais immoral, que seja, que conserve no quadro da magistratura judiciaria quem devera estar, ha muito, em Africa oriental degredado?

Seu compadre e amigo,

SIMPLICIO D'ARRUDA.

Carta de Nicolau Tortulho á seu compadre Simplicio d'Arruda.

Compadre e Amigo

Antes de responder á sua missiva, cujos dois ante-penultimos periodos me encherão de indizivel pasmo, como depois lhe exporei, permitta-me que lhe noticie, a bem da industria dos Olleiros de *Manhente*, que se projecta fazer em *Pariz* no proximo outomno uma exposição de *cachimbos*.

Embora o barro de *Manhente*, por ser mui grosseiro, de modo nenhum possa competir com o de *Faenza* e muito menos ainda com o de *Sévres* com tudo, se os Olleiros de *Manhente*, fabricarem *cachimbos*, cujo pipo seja fielmente modelado pela carranca do *Zina*, estou convicto, que terão alli a maior sahida esses *trastinhos*, se

não pelo barro, sem duvida pela exquizitice da figura, que, como o Compadre sabe, é um conjuncto hibrido, e repellente de deliniamentos de *bogio*, e dos mais pronunciados traços de feroz *Hiena* com olhos de *toupeira*.

Merecendo, como espero, a sua sabia approvação esta minha patriotica lembrança, peço-lhe que a communique aos Olleiros de *Manhente*, que, se a executarem, podem tirar o pé do lodo, fabricando cachimbos á *Zina*. Se não fosse já tarde, incital-os-hia tambem a fabricar, para figurarem na exposição de *Vienna d'Austria*, vinagreiras fielmente modeladas pelo *Zina* nos trages, com que appareceu na procissão de Corpus-Christi: dizem-me que parecia um familiar do Santo Officio.

A pár desta alegre noticia, peço-lhe, Compadre, ainda licença, para lhe dar uma bem triste, e que corrobora mais uma vez a minha decidida embirra, não só com aquellas pessoas, cujos labios de continuo manão, e destillão mel; porque quazi sempre o seu coração é uma cratéra de fel, como tambem com as que, querendo tornar-se notaveis por exterioridades religiosas, são uns verdadeiros tartufos; porque não condizendo a cara com a careta, a sua vida, e acções são uma antitheze, uma contradicção do que ostentão.

Em *New York* (nos Estados Unidos d'America do Norte), uma mulher chamada *Lamb*, que quer dizer *Cordeiro*, envenenou o marido, um filho de 14 annos, uma filha de 11, um visinho,

e uma visinha; exhumados os cadaveres, e sobmettidos a exame scientifico, ficou provado o crime á maior evidencia. Esta *megéra* vivia com reputação de santidade!! Assistindo com a mais desvelada dedicação ás suas victimas, não só as ajudou a bem morrer, como derramou depois copiosas lagrimas sobre os seus cadaveres!

Como os *Estados Unidos* ainda não abolirão a pena capital, com o que mostrão o seu *pouco progresso* no caminho do liberalismo e da philantropia para com os grandes criminosos, em comparação a nós, que sempre somos vinho d'outra pipa, apezar de sermos liberaes de fresca data, e elles desde 1776, não quero estar na pelle daquelle *manso Cordeiro*, d'aquella seraphica creatura, que, para exercer o caridoso encargo de ajudar a bem morrer o seu proximo, lhe encurtava a peregrinação neste valle de lagrimas, rociando-lhe depois o invólucro terrestre com lagrimas, se de *saudade*, se de *jubilo* por tel-o visto transpor os umbraes da eternidade, é couza, que só ella pode dizer, visto não ser licito devassar o foro intimo de sua consciencia; circumstancia, a que ella se pode soccorrer, se por lá houver quem interprete o Codigo Penal com a mesma *aguda* hermeneutica, com que ahi interpretão o nosso Codigo, classificando como tentativa *de burla* a tentativa de *furto fraudulento*.

Lendo os dois ante-penultimos periodos da sua estimada missiva, nenhuma, absolutamente

nenhuma admiração me causou, que fosse julgada improcedente pelo improbo *Zina* a querela intentada contra o *heroe Beleta ex-Cavado*, attentas as escandalosissimas circumstancias, que meu bom Compadre refere, e toda essa villa sabe, e viu: causaria admiração immensa, se *Zina*, ou se tivesse dado, como devia, de suspeito, ou houvesse praticado um acto de recta e imparcial justiça.

Causou-me sim a maior admiração, e pasmo o mais extraordinario a noticia, que me dá, de que essa *gentileza* fosse classificada tentativa de *burla*, e não de furto fraudulento, isto é, tentativa de subtrahir *fraudulentamente* uma cousa, que lhe não pertencia (art.º 421 do Codigo Penal, e § 2.º do mesmo). Sempre ha *linces*, Compadre, de vista tão penetrante; *aguias* que se elevão a essas incommensuraveis regiões celestes; e talentos tão transcendentes, que são capazes de verem um argueiro na *China*, de voarem muito acima do planeta *Uranus*, e de descobrirem mel, ou azeite, onde os demais nem humidade encontrão! Ah! quanto não dera eu para que uma pequena centelha do fogo, que illumina esses entes privilegiados, se destacasse delles, e me viesse illuminar, por isso que, por mais que sue o topete, não posso entender semelhante classificação: são misterios de *Eleuzis*, que um profano, como eu, não pode penetrar! Paciencia: resigno-me com a minha sorte, e só me cumpre pasmar. *Beatus ven-*

ter, qui te portavit, et ubera, quæ suxisti. Amen.

Compadre, tenho ouvido ás pessoas mais competentes na materia acoimarem de deficiente, e mui imperfeito o nosso Codigo Penal: confrontado com o *Francez*, quasi se fica convencido, de que, *mutatis mutandis*, o nosso é uma copia deste, não sei se com esta asserção irrogo offensa a quem o organisou, e para mais a confirmar, ver-se-ha, que no Codigo *Francez* ha a mesma omissão, que ha no nosso, quanto a dever ser considerada crime a tentativa de burla; omissão essa, que depois foi reparada pela Lei *Franceza* de 28 d'Abril de 1832, que statue, *que toda a tentativa de crime, manifestada por actos exteriores, e seguida de começo de execussão, se tiver sido suspensa, ou deixado de ser levada a effeito por circumstancias fortuitas, ou independentes da vontade do auctor, é considerada como o mesmo crime.*

Era capaz de apostar, que os autores do nosso Codigo Penal não tiverão conhecimento deste artigo da Lei *Franceza*, aliás terião corrigido a omissão da tentativa de burla, que ha no nosso.

Tinha muito que dizer para impugnar a classificação, que, consta, fizerão de tentativa de burla e não de furto á *gentileza* de *ex-Cavado da Beleta*: fique isso para quando o Compadre me noticiar o conteudo na promoção do nobre Delegado, e os fundamentos da sentença do fôna *Zina*.

Por comprazer unicamente, convenho, que fosse tentativa de burla. Não manda a Lei, que, quando os nossos Codigos, as nossas Leis sejão deficientes, ou omissas a qualquer respeito, se recorra á legislação analoga das Nações mais cultas? Manda; e se o não manda, é essa a praxe seguida. Porque então se não recorreu á Lei *Franceza*, que acima apponto, visto que no nosso Codigo Penal ha uma omissão tão grave, uma lacuna tão prejudicial á sociedade, deixando de considerar crime a tentativa de burla, mallograda por circumstancias independentes do burlão?

Que necessidade havia de recorrer á legislação estrangeira quando, como reparador da omissão, que se invocou para alliviar de culpa e pena *Beleta ex-Cavado*, comparsa, e intimo do juiz de direito, no mesmo Codigo Penal ha o art.° 7, que em theze considera punivel toda a tentativa de crime; e como subsidiario o art.° 421, e respectivo § 2.°? Que outra couza é a burla, senão um furto industrioso e fraudulento acompanhado de certas circumstancias? Deve acaso ficar impune um crime, só porque a lei é omissa, ou pouco clara a respeito?

Se, Compadre, piamente não considerasse, como me compraz considerar, estas *subtilezas, e argucias* uns arroubamentos de engenho e talento transcendentes, a quem um verme litterario, como eu sou, só cumpre admirar, era capaz de jurar, que se quiz com ellas *burlar* ou a Lei, ou

o bom senso publico, ou ambas as cousas.

Quem torto nasce tarde ou nunca se endireita, diz o ditado; e é assim: cada anexim dos nossos maiores é um pequeno evangelho, cuja verdade a experiencia diaria confirma.

O lunatico e mazorral *Zina* é incapaz de se corrigir, ha-de ser sempre *Zina*, ha-de praticar sempre *zinadas;* porque é, que o carvalho em lugar de bugalhos não dá azeitona, ou figos, ou o tojo em lugar de agudos espinhos não dá flores odoriferas, ou saborosos fructos? Pela mesma razão porque o *Zina*, ainda que não queira, ha-de ser sempre brutalmente petulante, malcriado e insolente.

Consta por aqui, Compadre, que esse bisborria insultára não só a desgraça e a mizeria, dirigindo chufas e remoques a uma infeliz mulher, que com os filhos assistia ao julgamento de seu marido; como tambem o digno Advogado desse réo, pondo em duvida, ou antes tentando fazer crêr aos jurados, que o mesmo Advogado não tomára o patrocinio e defesa desse réo gratuitamente, e por pura compaixão como havia allegado, mas sim com vistas de interesse.....

Passou pela vergonha, não, que é traste, que nunca possuiu; mas pelo dezar de vêr objurgada em publica audiencia, e em termos expressivos a sua deshumanidade para com os desgraçados, a quem insultára; e desmentida a torpe insinuação ao desinteresse, e abnegação do Advo-

gado. Em ambas as occaziões ficou o basbaque com cara mesmo de basbaque. nem tossiu, nem mugiu, que é o sestro nunca desmentido dos cobardes, e insolentes.

Compadre, recommendo-lhe a leitura dos 3 primeiros periodos do artigo de fundo do *Jornal do Porto* n.º 165 de 23 de julho ultimo; opportunamente lh'os transcreverei. Parece que quem escreveu esse artigo tem pleno e cabal conhecimento do *Manel Zé Zina*, juiz de direito desta infeliz comarca; porque tudo, o que n'esses 3 periodos diz, se refere a elle; tudo lhe assenta como..... como albarda em lombo de burro.

Seu compadre e amigo.

NICOLAU TORTULHO

Carta de Simplicio d'Arruda a seu compadre Nicolau Tortulho

Compadre e Amigo:

O apparecimento de um *cometa* sempre foi objecto de terror para o povo, que, desse phenomeno tão natural, tambem sempre tirou os mais sinistros prezagios, como guerra, fome, peste, incendios, calamidades publicas, fallecimentos de grandes personagens, e outros que taes, e quejandos acontecimentos medonhos, e tetricos.

Os mesmos sabios d'outro tempo, que acreditavão em *bruxas, e lubishomens*, não estavão isentos desse temor pueril, salvo o respeito, que se deve guardar aos vastos conhecimentos astronomicos da *Rita Cebola*, que para o *Bonga* vale

mais, do que *Ptolomeu, Thyco-Brahe, e Copernico*; porque a *olho descoberto* conheceu, que *o sol já não nasce, onde nascia*, o que os trez nunca, nem ao menos, imaginarão! Ora viva a astronomia *Cebola*, e cebolorio para o *Bonga*, seu admirador, e partidario: perdoe-me a digressão, sim, Compadre?

Como ia dizendo, nem os mesmos sabios estavão izentos desses caramilhos, e preconceitos; porque acreditavão, que os *cometas*, na sua marcha irregular, e anomala, podião abalroar com o nosso planeta, e pol-o em estilhas, ou pelo menos, unicamente pela sua aproximação, deslocar as aguas, e por consequencia submergir os continentes, destruir cidades, e monumentos, e anniquilar a especie humana, ou então repôr tudo no estado primitivo, como refere o *Genesis*.

Pode ser, Compadre, que, assim como eu me rio dos prezagios sinistros, que o povo tira do apparecimento dos *cometas* na abobada celeste, alguem se ria a valer dos prezagios maus, que tiro, do apparecimento, que effeituarão, ha dias, nesta villa dois *cometas*, vindos dessa Cidade; por felicidade minha não os vi, e por isso não lhe posso dizer, se erão *crinitos*, se *caudatos*; acredito porém que tinhão *cauda*, e oh! que *cauda*, aliás o seu curso ou giro seria mais proficuo á sociedade.....

Sim, Compadre, esses dois *cometas* terrestres só prezagião desgraças, guerras, fomes, ra-

pinas, incendios com petroleo, em fim as mesmas horrorosas scenas da *Commuua* de Pariz, e as que se estão infelizmente, e para vergonha da humanidade, e do seculo, em que vivemos, representando em varias localidades da nossa visinha Hespanha! Esses dois *cometas* nenhuma outra couza erão, senão emissarios da *Internacional, Socialista, Communa*, que tudo é o mesmo: porque o fim é sempre o mesmo: vierão atirar barro á parede, e ver se recrutavão por aqui adeptos; forão porém com os beiços, com que mamarão, como se costuma dizer.

Com quanto este Povo aborreça e deteste o actual Governo por *nefasto, esbanjador, e immoral*; e porque, para ser coherente com os principios corruptos e immoraes, que professa, mantem contra todas as conveniencias, e a despeito do clamor publico, duas auctoridades, como o *Juiz de direito e administrador do concelho*, que são a negação de todas as boas qualidades, e o transumpto de todas as más, circumstancia essa, que por si só era mais que sufficiente, para que este bom Povo, no seu desespero, despozasse com afan qualquer idêa, que tivesse por fim derrubar um tal Governo; com tudo, porque é ordeiro, deseja paz, socego e a prosperidade publica; tem horror ao vandalismo, e scenas horrorosas da Communa; e finalmente se lembra, que assim como não ha bem, que sempre dure, tambem não ha mal, que sempre ature, tratou com o mais so-

berano despreso as sugestões fementidas, e esforços loucos desses emissarios.

Se d'aqui se ausentarão cabisbaixos, e sem um rufo de tambor bem merecido; talvez por que forão cautellosos, e nimiamente reservados quanto ao fim de sua tenebrosa missão, outro tanto lhes não aconteceu em *Guimarães*; porque mal alli chegarão, e constou o fim, a que ião, o Povo em massa reuniu-se anojado, e insofrido em frente da hospedaria, em que se achavão, e, se não forão os rogos, e instancias das auctoridades, e das pessoas, que o povo com razão acata, e estima, havia tragedia..... Escuso dizer-lhe, Compadre, que os *meliantes* nem disserão ao que ião; que derão ás de villa Diogo; e que nem imitarão a mulher de *Lot*, olhando para traz.

Collot d'Herbois, tendo sido comediante ambulante, quando arrebentou a primeira revolução Franceza, dirigiu-se a Pariz, onde logo se tornou notavel pela sua descomedida audacia nos clubs populares, que frequentava, e pela sua forte voz. Se se attender, que as revoluções são como os liquidos em ebullição, que elevão á superficie as pheses e sedimentos n'elles contidos, não cauzará espanto, que um bigorrilha, como era *Collot*, chegasse nessa calamitosa quadra a ser membro da Municipalidade de Pariz, alguns dias depois deputado á Convenção, e em fim membro da junta de salvação publica! Enviado no anno seguinte, 1793, em missão *a Lyão*, em cujo theatro havia

n'outro tempo levado uma solemne pateada, por ser um *sarrafaçal*, para se vingar dessa afronta, praticou contra os mizeros habitantes dessa infeliz cidade as mais horrorosas crueldades: guilhotina, fuzilaria, metralha, tudo empregou o barbaro contra os *Lyonezes!* Foi uma carnificina horrorosa por cauza de uma pateada bem merecida!!

Applicarei o conto, meu bom Compadre; se vingar, o que Deus não permitta, a *Commuma*, talvez succeda aos *Vimaranenses* o que succedeu aos habitantes de *Lyão?* Deus o sabe: a cartilha dos actuaes demagogos é a mesma, por onde lião *Collot d'Herbois*, *Robespierre*, *Marat*, *Couthon*, e outros, cuja memoria será sempre maldita e execravel.

O *Zina*, Compadre, mandou levantar no rio uma barraca, onde todas as manhãs vai tomar o seu banho; não querendo para si só esse praser, mandou pelo criado tambem banhar o porco: este, ou porque lhe désse a *zina*, ou porque preferisse comer a banhar-se, na occasião, em que era conduzido ao rio, entra furioso em um campo de milho temporão do cazeiro, e nelle fez um grande estrago.

Acode com os seus familiares o caseiro, para pôr fóra o malefico *porco do juiz;* mas o bicho, tão mal intencionado como o dono, que tambem vive de rapinas (quanto não contaminão os maus exemplos!), rompe para outro campo de milho serodio do mesmo pobre cazeiro, e ahi

faz muito maior estrago: com custo foi posto fóra.

A mulher do cazeiro foi queixar-se do estrago a casa do senhorio, onde lhe responderão com quatro pedras na mão; e com razão, tomar, como damno, como prejuizo, o que só devera ser tomado, como uma distincção, como uma apreciação, como uma honra, feita pelo porco do *Conselheiro ministro, moço fidalgo, e commendador* é ser mais porco, do que o porco de tão guindada personagem!

Quazi ao pôr do sol desse mesmo dia, tão aziago para o cazeiro, mandou-lhe o *Zina* recado sobre recado para que lhe fosse já e já fallar: o pobre homem assim o fez incontinente, e sendo introduzido por *Zina* n'um quarto tão escuro, que foi preciso a este accender cem lumes promptos uma vella, a porta fechada, rompeu *Zina* contra o cazeiro de punho fechado, e depois com uma arma, que tirou debaixo de uns papeis; chamando-lhe de voz em grita *pobertão*, e quantos nomes injuriosos ha, intimou-o para que de joelhos lhe pedisse perdão por se ter queixado do seu porco, aliás, ou que o punha em postas, ou que, como juiz de direito da comarca, o mandava metter com mulher e filhos na cadeia! Houverão, Compadre varios episodios, que omitto, já por serem vergonhosos, já porque não quero fallar em pessoas, que me merecem respeito e consideração.

O cazeiro formal e terminantemente se denegou a satisfazer a louca exigencia, a petulante

fanfarronada do *Zina*, a quem declarou, que procurasse cazeiro; pois que não podia mais atural-o....

Embora, Compadre, nem todos os juizes de direito sejão *Zinas*, e seja difficilimo, senão impossivel, encontrar um tão abjecto, tão vil, tão sem vergonha, tão corrupto, depravado e torpe, como este *bisborria*, que é a escoria, e rebotalho mais infimo da magistratura judiciaria; com tudo sabia, e providente era a Lei, que prohibia, que qualquer fosse juiz, quer na terra de sua naturalidade, quer naquella, em que casasse, possuisse bens &. &.

Outro que não fosse o *Caetano*, assim se chama o cazeiro, que é um pobre diabo, humilde, e pacato, como elle só, ou lança as mãos ao *gasganete do Zina*, e o atira pela janella fóra, ou lhe desanca o lombo, e abre a cabeça com uma cadeira: o pobre homem ficou aterrado com a ameaça de ser mettido com mulher e filhos na cadeia. Tantas vezes porém vai a raposa ao moinho, até que lá lhe fica o focinho.....

Este *pesteado*, que sempre foi tão pobre, que, quando estudante em Coimbra, o seu bahú, e mobilia era um sacco; que se alguma coiza hoje possue, deve-o á generosidade de um irmão, que em nada se parecia com elle; á da primeira consorte, que lhe deixou certo uzo-fructo, e, ora, ao que tocou em legitima á segunda, pelas theorias, que manisfestou na audiencia do julgamento do pedreiro *Duque;* no tratamento, e distincções, que prodigalisou aos réos de *Vianna*, já tractando-

os por *excellencia,* já fazendo-os assentar em *cadeiras de encosto,* em lugar de *banco razo,* como manda a Lei; já finalmente chamando, com despreso, ao Cazeiro *pobertão,* considera os pobres, os desprotegidos da fortuna, uns *párias,* uns *illotas,* e o lixo da sociedade; porque mede os outros, pelo que elle foi, e ainda é, e será..... Bem diz o dictado, que quem nunca provou azeite, quando o apanha, todo se enlabuza.

Seu compadre e amigo.

Simplicio d'Abruda

Carta de Nicolau Tortulho a seu compadre Simplicio d'Arruda.

Compadre e Amigo.

Aqui cheguei felizmente a salvamento da mal succedida excursão, que com tanto anhelo eu fiz a esse nosso ninho patrio no dia 23 do corrente; quanto me não arrependo porém desse passeio, que dei!

Em razão das poucas horas, que passei na amavel companhia de meu bom Compadre, respeitabilissima Comadre, querido afilhado, e mais nobre Familia, a quem terá a bondade de saudoso me recommendar, longe de mitigar as saudades, que de todos tinha, mais vorazes e intoleraveis as sinto agora; e em logar de encontrar um passatempo agradavel, que me servisse, se não

de remedio efficaz, pelo menos de allivio á melancolica, que de continuo me vexa, assistindo, como assisti, ao julgamento do *Ozorio*, só encontrei exuberantes motivos, para com mais intensidade se aggravar esse meu estado mórbido.

Cheguei pois, e ainda me acho indignado, e impressionadissimo pelas tristes scenas, que prezenciei nessa celeberrima comedia, cujo protogonista foi o mais celebre ainda, nos annaes das torpezas, e de escandalos de toda a especie, juiz de direito dessa infeliz comarca, vulgo o *Zina*.

Na verdade, Compadre, ha muitos annos, quazi desde a adolescencia, que infelizmente conheço essa torpe sevandija, essa asquerosa nullidade, chamada *Manoel José Botelho*, por desgraça dessa comarca, deshonra e descredito da magistratura judiciaria, ahi juiz de direito; e desde então conheço a fundo a sua capacidade intellectual, que é zero, e a moral, que é recalcitrante, e rebelde para o bem e para tudo que tiver resaibo de honestidade; apta, e feita, como de encommenda, para o mal, e para tudo quanto fôr iniquo, perverso e malefico. Ser juiz contra o seu accuzador; contra o homem, de quem elle é figadal inimigo, por lhe haver patenteado as hediondas e saniosas ulceras moraes é o requinte da deshonestidade; é não só conculcar os principios mais comesinhos da boa moral, que só tem por fundamento a virtude; como tambem provar de um modo inconcusso, que, quanto de mal desse juiz improbo e

deshonesto se tem dito, está muito áquem da realidade!!

Compadre, estou convicto, e commigo as centenares de pessoas de todas as gerarchias, que assistirão a tal julgamento, que, se os forçados de *Toulon* quizessem, como divertimento, fazer um simulacro de tribunal de justiça, e nomeassem prezidente d'esse acto o mais cynico, o mais abjecto, e tambem o mais boçal e intractavel dos forçados ás galés, esse desgraçado se conduziria com mais *mestria* nesses actos, com mais *dignidade*, e com menos *cynismo*, do que o Zina se conduziu n'essa celeberrima audiencia! Nunca vi, Compadre, *cynismo* mais revoltoso e dezaforado, do que o desse mizeravel e asqueroso *homunculo!* Que *indignidade* em todos os seus actos; que *arrogante altivez*, não assumia ás vezes; mas em que *microcospicas pequenezas*, em que *humildades mais rasteiras* não cahia após esses transportes de furor, e assómos de ira!

E que direi, Compadre, d'aquella praga, d'aquella imprecação *chulissima*, que contra si proprio rogou, dizendo, voltado para os jurados, a quem em vão queria convencer da imparcialidade, que todo o mundo lhe desconhece: *um raio venha já do céo, e me parta?* Oh! Compadre, semelhante modo de se justificar; expressão tão *réles e chula*, nem mesmo deve ter cabimento a bordo de um *barco rebello*, desses, que navegão *Douro acima*, quanto mais em uma boa socie-

dade, n'um tribunal publico, onde as palavras e acções devem ser pautadas pela sizudez, prudencia e gravidade: sim n'um forçado de *Toulon* tinhão desculpa semelhantes expressões; porque o uzo do cachimbo faz a boca torta; n'um magistrado, que as diz em pleno auditorio, é indigno, é repellente tal procedimento!

Se o digno e nobre Delegado do Ministerio publico, que se conduziu com toda a imparcialidade, prudencia, e decóro, não toma a attitude, que tomou, e que revela o seu saber e gravidade, o que lhe tem grangeado tanto mais aura, e prestigio, quanto maior é o desprestigio, e desconceito do *Zina*, havião grandes escandalos, e Deus sabe, onde as couzas irião ter.....

Quando, Compadre, ouvi a imprecação do *Zina*, *um raio venha já do Céo, e me parta*, não sei que me conteve, porque tive impulsos de gritar: «se bem que *zurros de burro* não che«guem ao Céo, nem Deus seja vingativo. Snr. «*Zina*, peça esse merecido castigo, quando es«tiver em sua casa, e só, e não aqui, que pode «Deus ouvil-o, e nós sermos participes do seu «justo castigo, e o Municipio no prejuizo do edi«ficio.» Quem porém me havia de lavrar este protesto, se alli não havia outro escrivão, além do que funccionava no processo do julgamento, e este não me podia tomar o protesto, que quiz fazer! Ora, se o Ozorio se lembra de fazer identico, o escrivão não podia denegar-se a isso; parece-

me, que tinha todo o cabimento, que diz a isto, Compadre?

O espirito de rectidão, de que faço timbre ainda mesmo para com os meus maiores inimigos, me força a dizer, que, no meu humilde entender, a antiga habilitação do *Barcellense* não podia, visto que ouve uma interrupção de 5 ou mais annos no seu apparecimento ou publicação, durar mais tempo, do que a Lei marca para a prescripção de qualquer crime praticado pela liberdade da imprensa: ora se o fiador, que segundo a Lei antiga se dava, logo que findasse a prescripção desse crime, ficava escápole, como podia ficar addicto, ou sujeito pelos crimes, que esse Periodico praticasse depois de tão longo espaço de tempo, e quando era de novo publicado, tendo caducado a antiga Lei, e vigorando uma outra?

Se é obvio, que o *Barcellense* não podia ser publicado com a antiga habilitação, é tambem certo e incontestavel, que na melhor boa fé, que por lapso unicamente, ou por erro de entendimento, é que o *Ozorio* infringiu a Lei vigente, deixando de proceder a nova habilitação, a todos os respeitos mais facil, e menos onerosa, do que a antiga.

Em vista d'isto, em logar desse monstruoso, e escandaloso processo, que foi instaurado pelo *Zina* de combinação com o *Bonga*, não era mais conveniente uma advertencia, uma intimação mesmo, ao *Ozorio*, para que não continuasse com a

publicação do *Barcellense*, por isso que não podia já vigorar a habilitação antiga?

Quem o negará? Só umas almas cainhas, e de *chicarro*, como as do *Zina* e do *Bonga* o negarão; porque além da supina e crassa ignorancia, que no *reinado da estupidez* os tornaria próceres, e magnates, *Arcades ambo*, obcecados pela insaciavel sede da mais atroz vingança, imaginarão, que, dess'arte, estorvavão o apparecimento desse Periodico, que era o pezadello, que os opprimia, e o pelourinho, onde á luz da verdade tinhão de ser patentes os seus vicios e iniquidades.

Compadre, creia tão firmemente, como crê no Evangelho, que, se o *Barcellense* em lugar de profligar as demazias, os excessos, e tropelias do *Bonga*, as *concussões*, *injustiças*, *malversações*, *iniquidades*, *e torpezas* innumeras, e de todo o calibre, commettidas pelo improbo, e deshonesto *Manel Zé Zina*, dirigisse ductos do mais putrido, e nauzeante incenso a esses dois sicophantas; se os thurificasse, ainda que fosse com *assafetida*, embora esse nauzeabundo cheiro offendesse o olfato de todo o mundo, para o d'elles seria mais agradavel, que o aroma do beijoim, do estoraque, do cravo, da canella, e de quantas essencias aromatizadoras ha em *Ceilão*: sim nesse caso o *Barcellense*, longe de perseguido, seria favorado, e protegido.

Errarão, como dois brutos e alarves, que são; porque com a, acintosa, mas impotente, perse-

guição, que mãocommunados tem feito ao *Ozorio*, e ao *Barcellense*, nada mais tem feito, senão augmentar-lhes a aura e o credito, e suscitar contra si proprios uma animadversão publica cada vez mais vigorosa e tenaz; por isso que a bandeira hasteada com tanta honra, como denodo, pelos que escrevem no *Barcellense*, significa o combate da virtude contra o vicio, da probidade contra a improbidade, do que é honesto e justo contra a deshonestidade, corrupção, e injustiça.

Se a cegueira, que os dementa, lhes pode conceder momentos lucidos, que maior prova, do que acabo de expôr, querem, do que a unanime decizão do jury na absolvição do *Ozorio?* Ah ! que se fosse permittido o ostracismo, que outr'ora vigorou na *Grecia*, onde estarião a estas horas *Zina e Bonga?* Se apezar da dependencia dos cargos, que ambos indignamente exercem, e que, qual espada de *Brenno*, lhes serve para pezar na balança dos pertendentes, e litigantes, a animadversão publica é tão geral e pronunciada contra os dois sicophantas stultos, que quando largarem os cargos, quando cessar a dependencia, o lodo, o lixo das ruas, será pouco para lhes ser atirado ás desbragadas caras.....

Se não forão as scenas indignas, que nessa audiencia de julgamento o *Zina* promoveu, e animou; scenas, que enojarão, e quazi pozerão em desespero quantos as presencearão, por ver rojar pela lama a toga do magistrado; que hilaridade

não canzaria a farça ridicula, que representou ahi o *Bonga*, a quem o *Ozorio* toureou tão solemnemente!

O *Pai-velho* viu-se entre a bigorna e o martello; que cousas sem nexo, que baboseiras, que puerilidades não disse elle: e que soltura de lingua, santo Deus! A regateira mais desaforada, a colareja mais descomedida não o egualão na *elegancia* dos termos. A voz de estalo do *Bonga*, a falla de sertanejo do *Zina* formarão um *duo* tão horripilante, como uma gaita de folles desafinada.

Ha um dictado italiano, que diz: *Ivecchi pazzi sono piú pazzi che i giovani*, os velhos tolos são mais tolos do que os moços. O Pai velho que sempre foi doudo, está mais doudo, do que um rapaz por cauza da *michela*; por cauza d'ella vendeu-se ao *Zina*.

Seu compadre e amigo.

NICOLAU TORTULHO

Carta de Simplicio d'Arruda a seu compadre Nicolau Tortulho

Compadre e Amigo

Que tenha gosado perfeita saude, e que os banhos de mar lhe tenhão vigorado as forças, e dissipado os achaques, são esses os meus sinceros votos, a que cordialmente se associa a minha Familia, e com especial devoção sua Comadre, e afilhado Barnabé, que, sempre extremoso pelo Padrinho, saudoso muito se lhe recommenda, e reverente lhe pede a benção: nós felizmente passamos sem novidade, e sempre anciosos por occaziões de seu honroso serviço.

Por aqui, meu bom Compadre, com a auzencia do patarata *Zina* tem havido uma paz verdadeiramente octaviana na administração da

Justiça; por quanto, embora leigos nos negocios forenses, os dois supplentes, que substituirão a fera de *Sinfães*, graças ás suas boas indoles, e educação, e graças ainda a quem os assessorava, não só tractavão, como devião, a todos com delicadesa, e boas maneiras, como tambem nos despachos que davão, tendo só em vista o prompto andamento dos negocios, a recta e imparcial administração da justiça, marcharão sempre em linha recta ao seu alvo, desprezando, e pondo de parte, como indignas e indecorosas, as tricas, avanias, e ambages, que no mais insignificante assumpto são empregados com tanta habilidade, pelo auri-sedento patarata *Zina*, com o fim unico de se locupletar á custa dos pleiteantes.

Diz *Franklin* no seu interessante livro intitulado=*A sciencia do bom homem Ricardo*—que no fim de uma demanda, um dos contendores fica sem camiza, e o outro com ella em frangalhos, como se costuma dizer.

Ah! Meu Compadre, o que diria o bom homem *Ricardo* se imaginasse um juiz tão *harpia*, tão *voraz*, tão *improbo*, tão *sem vergonha*, e tão *dezalmado*, como é o *Zina?* Diria por certo, que ambos os contendores ficavão com a vassoura na mão, como dizem os cazeiros dos predios rusticos, quando a colheita apenas chegou para pagamento da pensão, ou como *S. Sabestião* sem camiza, nem calções.

O hidropico, Compadre, não vive mais sequio-

so d'agua, do que de ouro, este patarata fatuo. *Midas* não o exedia nos dezejos de possuir ouro! Se Themis tivesse exacto conhecimento, do quanto elle é indigno de ser seu sacerdote, aposto, que ella enojada o enfeitava com umas orelhas de *burro* maiores, do que as que *Apollo* fez crescer a *Midas*; mas olhe, meu bom Compadre, que lhe havião de ficar a caracter, e mui bem, em vista dos seus *profundos, e abalisados* conhecimentos: se não haja vista ao quezito da detonação, que prejudicou *as tronchudas & & &*. O patarata é um novo *Thalis de Mileto! Sinfães*, se conta mais seis, como elle, mette n'um chinello os sete sabios da Grecia!

Compadre, fique sabendo, que o homunculo anda cabisbaixo, e desapontadissimo pelo proseguimento da querella intentada contra elle pelo *Falcão*. Aquelle *carão felino*, que é capaz de desmamar um bezerro, está despido da audacia insolente, que a fatuidade alimentava; as insomnias, os accessos de furiosa demencia, que amiudados se succedem uns aos outros; os pezadelos por cauza da animadversão publica, que, como um phantasma, de continuo o persegue; e mais que tudo, o perigêo do orgulho tem abrido naquella mascara sulcos profundos, e mais rugosos, do que podião abrir os 60 e tantos janeiros, que elle já conta! Cauzaria pena e lastima, se aquella alma, que vive n'uma fragoa de maldades, fosse capaz de remorsos; mas não é; porque,

onde ha remorsos, existe o arrependimento, e quando este apparece, assoma a regeneração. Que o deixem criar azas, e verão o apogêo, a que o farão subir a maldade, que regorgita d'aquelle mau e perverso coração, e o fofo, e fatuo orgulho daquella desmiolada bola! É o medo, que o desembrida, e nada mais.

Como, meu bom Compadre deve saber, o tribunal da Relação já nomeou o juiz de direito de *Famalicão* para vir inquirir testemunhas; e, se este por qualquer circumstancia não vier, necessariamente hade vir outro; porque o *Falcão*, que, como deve, preza mais do que a propria vida, o seu credito, e honra, não desiste do conveniente desaggravo; e com razão, pois que foi em publica audiencia injuriado desabrida e atrozmente por aquelle, que, representando a lei, e sendo vigia, guarda, e executor della, longe de a respeitar religiosamente, e de dar exemplos da maior cordura, circumspecção, sisudez, gravidade, e prudencia, é o proprio, que a desacata, infringe, e conculca, abuzando do cargo, que indignamente exerce, e para que não foi talhado, não tanto pela vileza de sua condição, mas mui principalmente pela sua crassa, e supina ignorancia, pelos maus instinctos, que refervem naquelle coração de *Hiena*, e pela rusticidade brutal, e insolencia descomedida, que patenteão em todas as suas acções e tracto a auzencia completa de toda a boa educação.

Ao passo, Compadre, que a execração pu-

blica se pronuncia mais justificada, e inexoravel contra o patarata *Zina*, crescem merecidamente a aura e prestigio do Delegado do Ministerio Publico, que, até hoje se tem mostrado ser, a todos os respeitos, uma perfeita antitheze d'aquelle parvo ridiculo, d'aquella voraz harpia: sabe alliar o zelo com a prudencia; a gravidade e sizudez com o fino tracto e modo cortez; os duros deveres do seu espinhoso cargo com a affabilidade e boas maneiras: bem mostra, como diz, o nosso judicioso *João de Vigo*, quando quer dizer, que qualquer teve boa educação, e que não se ergueu do pó da terra, que toma *chá desde pequeno*, circumstancia, que elle nega ao *Zina;* e não diz mal!

Solatio est miseris socios habere penates, os males dos muitos servem de consolação, diz o dictado. Nas nossas anteriores missivas, com razão temos lamentado, que os paizinhos *d'Angola*, e os de *Moçambique* tenhão enxovalhado de um modo summamente desairoso para as nossas armas, o nosso brio, pundonor e gloriosas Quinas; pois bem, de duas uma, ou a raça europea vai ficando abastardada, quanto ao denodo, valentia e coragem, que tanto sublimarão, e engrandecerão outr'ora os seus maiores, ou os descendentes de *Cham* se regenerão actualmente, e vão ganhando, a olhos vistos, o que torna abastardados os de *Japhet*.

Quanto á nossa bastardia, Compadre, isso infelizmente já não entra em duvida; e nem ad-

mira, que seja quazi tão absoluta, e prodigiosa, como desgraçadamente é, com vergonha o confesso, em vista das cauzas efficientes de tão espantosa degeneração: entre outras basta, que aponte a corrupção de costumes, o luxo, e o insaciavel desejo das riquezas por *fas* ou *nefas*.

Admira sim, que os *Inglezes e Hollandezes*, nações aguerridas, e que ainda conservão uma pureza de costumes admiravel, tenhão sido enxovalhados, e batidos, tanto como nós; estes nos mares da *Azia*, e aquelles pelos pretos *Ashanties*, na *Nigricia maritima*, que é um vasto territorio *d'Africa*, situado entre os rios de *St.º André e Volta*, tendo 444 kilometros de Norte a Sul, e 311 de Leste a Oeste.

São estes xaques e dezares destas duas nações sommados com os muitos e vergonhosos soffridos por nós em *Angola e Moçambique*, que me fazem estabelecer o dilemma, que acima deixo exarado.

Ha todavia, Compadre, uma differença grande e mui honrosa para os *Inglezes e Hollandezes*, e vem a ser, que uns e outros se preparão a toda a pressa para tomarem na desforra um prompto e immediato desaggravo; ao passo, que o que nós queremos tomar do *Bonga*, sendo como a celebre têa de *Penelope*, nos faz parecidos com os carangueijos.

Sou, como sabe, Compadre, monarchista por convicção, e por isso rendo infinitas graças ao Todo Poderoso, por ter velado por Portugal,

livrando de uma catastrophe os Principes, pois como é sabido, estiverão em risco de perecerem afogados no mar de *Cascaes*. Se não fôra a coragem de S. Magestade a Rainha, e mais que tudo o heroismo do ajudante do pharoleiro, que os salvou; que desgraças e desventuras não advirião de tão deploravel, e lastimoso acontecimento ao nosso querido Portugal!

Com quanto Sua Magestade a Rainha se conduzisse e mostrasse nessa triste e pavorosa conjunctura, como uma Mãe extremosa, e desvelada, cumpriu um dever sagrado, que a natureza plantou no coração de todas as mães; ora, praticando Ella aquillo, que só uma mãe desnaturada deixaria de fazer, acho no meu fraco entender altamente ridiculo, que lhe fosse conferido um premio por ter praticado uma acção, que só uma mãe desnaturada deixaria de praticar. Quando menino li a seguinte anecdota.

Um Pae que tinha trez filhos, dividiu por elles todas as suas riquezas, e despedindo-os, disse-lhes, que rezervava um brilhante de grande valor para aquelle, que no decurso de suas viagens, tivesse praticado uma acção nobre, e magnanima.

No regresso dos filhos, disse um: o brilhante deve ser meu; porque salvei d'um lago um menino, que nelle cahira, e esteve a ponto de se afogar: na tua acção apenas ha humanidade, disse o pai, e por isso não é teu o brilhante.

Disse o segundo filho: o brilhante deve ser

meu, porque tendo-me um amigo dado a guardar, sem que alguem o podesse vir a saber, uma somma importante, de prompto e fielmente, lh'a devolvi, quando elle m'a exigiu: tambem não pode ser teu o brilhante; porque na tua acção apenas ha honestidade, e praticaste aquillo, que todo o homem de bem deve praticar.

Meu Pae, disse o terceiro filho: encontrei o meu inimigo mortal dormindo na borda de um precipicio, onde sem elle o sentir, o podia lançar, e fazer perecer; não o fiz; accordei-o e livrei-o de cair nelle. Sim, disse o Pai, o brilhante é teu; por que, no que fizeste, ha nobreza, e magnanimidade.

Em vista pois destes principios consignados na anecdota, que li e deixo referida, sem de modo nenhum querer desmerecer, nem rebaixar o que Sua Magestade a Rainha praticou, como Mãe, acho ridicula, senão indevida, a concessão da medalha, que lhe foi conferida. Patacoada e só patacoada! Ao ajudante do pharoleiro sim, é devido, e bem cabido o maior premio; porque praticou uma acção humanitaria, salvando duas vidas preciosas; uma acção magnanima, expondo a propria vida; e uma acção nobre; porque livrou Portugal de complicações desastrosas, e de innumeras calamidades, e desgraças.....

Por hoje basta.

Seu compadre e amigo,

SIMPLICIO D'ARRUDA.

Carta de Nicolau Tortulho a seu compadre Simplicio d'Arruda.

Compadre e Amigo

Senti um vivo prazer com a recepção da sua presada carta, por me assegurar, que todos dessa casa gozão saude, o que muito estimo: faço sinceros votos, para que continuem a fruir o mesmo bem na concomitancia de infindas felicidades.

Se bem que em casa velha tudo seja buracos, com tudo, sempre tirei algum beneficio dos banhos do mar; quando não fosse outro, consegui attenuar a hipecondria, que tem sido o meu mais encarniçado inimigo: peior que este flagello, só o *Zina*.

Já que fallei neste triste heroe, de celebri-

dade ainda mais triste, contar-lhe-hei muito á puridade, que tendo elle o uzo-fructo de umas casas sitas na rua de *St.º Ildefonso*, foreiras a uma Senhora de *Lisboa*, e tendo de ser arrematado entre outros foros, o dessas casas, o escrivão, que lavrou os editos, e forão publicados nos jornaes, tratou-o pelo *Dr. Manoel José Botelho*. O nome é de embirra!

O patarata estomagado por esse simples tratamento, e pelo escrivão não pôr nos editos, umas casas pertencentes ao *Exm.º Conselheiro, moço fidalgo com exercicio, commendador, Calcraff mór e dignitario da ordem da Tanga pelo principe Lunalilo das ilhas de Sandwiche* & &, dizem, que fôra tomar satisfações por essa omissão transcendente ao escrivão!! *Se non é vero, é bene trovato*, a não ser veridico o facto, está bem a caracter; porque o patarata é um perfeito *camalião;* faltar-lhe a essas puerilidades é matal-o; conceder-lhas ás arrobas, aos quintaes, ou toneladas, obtem-se delle os maiores absurdos juridicos, empaveza-se com mais entono e arreganho, do que um perú, quando o rapazio lhe assobia!

Cauzou aqui, admiração não, porque todos conhecem desde tempos immemoriaes a *voracidade* dessa *nogenta harpia*, mas sim grande sensação, o facto narrado pelo *Barcellense* no seu n.º 66 relativamente á empalmação do dinheiro aprehendido ao réo *Manoel José d'Araujo*, e que fazia parte do furto de sete centos e tantos mil

réis, feito pelo mesmo réo ao *P.e José de Souza*, da freguezia de *Milhazes;* dinheiro, a que tinha incontestavel e ligitimo direito o mesmo P.e, por isso, que foi o réo condemnado, como perpetrador desse furto. Ora aterrar o P.e com obstaculos, para que não promovesse o levantamento desse dinheiro, a fim de que prescrevesse o direito, que ao mesmo tinha, e revertesse em prol do juiz, e empregados judiciaes, se não é uma burla, ou uma tentativa de furto, que a summa deficiencia do nosso Codigo Penal não puniu, pelos seus auctores não terem imaginado talvez, que fosse possivel haver, quem fosse capaz de tanta infamia e deshonestidade, que lançasse mão de taes meios, para praticar um *peculato;* por certo, no juizo da boa moral, é uma fraude torpe e indigna, uma armadilha dolosa, e que revela um ratoneiro perito e consummado!

O que mais sensação cauzou ainda foi haver um juiz tão voraz e iniquo, tão aurisedento, e avaro, tão perverso e concussor, como inquestionavel é o *esdruxulo Zina*, que mandasse levantar esse dinheiro, que pertence ao Estado, visto que o offendido, de quem induvitavelmente era, o não reclamou em tempo, e se apropriasse de parte delle, sob o pretexto de custas, quando o art.º 64 do Cod. Penal diz: *A perda a favor do Estado do objecto do crime, e das armas, com que foi commettido, ou que erão destinadas para esse fim, tem lugar nos casos, em que, ou offendido, ou*

algum terceiro, não responsavel pelo crime, não tenha direito á restituição.

Dizendo tambem o art.º 118 do mesmo Cod. Penal: *Ninguen poderá ser condemnado a pagar as custas, sem ter dado cauza a ellas,* e fazendo parte do furto dos sete centos e tantos mil réis o dinheiro encontrado ao réo condemnado, segue-se, que quem foi condemnado nas custas, não foi quem deu cauza a ellas, mas o offendido; porque foi com o dinheiro delle, e aprehendido ao réo, que o improbo e iniquo juiz se fez pagar!!

Isto é o requinte da rapacidade, é transformar o tribunal da justiça no pinhal *d'Azambuja,* ou peior ainda! E deixará passar desapercebida, e impune essa depredação escandalosa o digno Fiscal da Fazenda publica n'este Concelho? Não é possivel. Um juiz assim tão corrupto e deshonesto, tão malversor e improbo, tão desacreditado, e perverso, é um impossivel moral: são innumeraveis as concussões, que tem praticado, e de que incessantemente é com razão e provas arguido. Ou deve o Governo d'El-rei mandar proceder o quanto antes a uma rigorosa syndicancia a respeito dos actos deste despresivel *Sicophanta,* desta *harpia voraz,* ou então *Væ nobis,* em Portugal impera audaz e infrene a corrupção, e podemos sem rebuço dizer, que chegamos á época do Baixo imperio.

Vi, Compadre um communicado dessa villa, e publicado no n.º 236 do *Jornal do Porto,* da

lavra do *Zina*, em que este parvo faz a apotheoze de si proprio, chamando-se *illustre juiz, digno (?) magistrado, recto, probo, independente, intelligente (!!!), e incansavel no cumprimento dos seus deveres &.*

O patarata conscio do que na verdade vale, que é tanto, como uma fivella de estanho, não confia de outrem os seus louvores; porque, sabe, que ninguem se atreveria, sem risco da consciencia lhe bradar, *mentes, adulador*, a chamar-lhe *illustre*, a não ser na *deshonestidade; digno* magistrado, só se fôr da *calceta; recto*, sendo como uma *curva; probo*, sendo por *ironia; independente*, quando não solicita *felicitações; intelligente como uma bota, e incansavel*, só quando fareja dinheiro, para depennar as partes com emolumentos indevidos, ou mais do que os devidos; e por isso, qual saltimbanco de feira, que encarece as vistas da sua marmota, ou as drogas, que intenta impingir aos *papalvos*, é elle proprio *Zina*, que se decanta, e exalta, a si mesmo. *Proh pudor!!*

Quando na verdade o *Zina* tivesse, ou merecesse ter esses adjectivos, com que indevidamente se quiz arreatar, e que ninguem lhe concede, que vem isso ao cazo, para que o *Falcão* não devesse querellar delle, por ter sido injuriado desabrida, e arrieiraticamente, como foi por *Zina* em publica audiencia? Quando com effeito merecesse esses adjectivos, e se a elles reunisse os

de prudente, circumspecto, urbano, affavel, lhano, e tractavel, podião esses attributos attenuar algum tanto o crime, que praticou, injuriando em publica audiencia um cidadão honesto e respeitavel, embora caixeiro ou socio de uma casa commercial, como por pouco cazo o homunculo trouce *ad rem*; não merecendo porém esses adjectivos, e sendo pelo contrario imprudente, desabrido, e descortez, soberbo, insolente, malcreado e petulante, mais indesculpavel e aggravante se torna o crime, que commetteu.

Como os dignos Magistrados, que o tem de julgar, só pelo depoimento das testemunhas, que o queixoso produzir, tem de fazer obra, e não pelo que o *Zina* no alludido communicado diz, que dissera a *Falcão;* para que forão os empenhos fortissimos, que metteu a este, para que desistisse da queixa, para que o *conclave* de substitutos do juiz de direito reunido n'um dos quartos do Tribunal, *conclave*, em que se deu ao disfructe, levou quinau bravio, e quiz entregar o asnatico auto, que em reprezalia tomou, para vêr se assim fazia desistir *Falcão?*

Para que desfigura o occorrido, se nada teme? Diz o *Zina*, que lhe cauza rizo a ida do digno juiz de *Famalicão* a essa, para inquirir testemunhas sobre esse *estupendo* facto.

Sim, Compadre, convenho, que cauze ao *Zina* essa ida rizo, mas *sardonico, e alvar!* Chama ironicamente *estupendo* o facto, que praticou con-

tra *Falcão:* convenho, Compadre, que não cauze, nem a elle, nem a pessoa alguma, que o conheça, como todos conhecemos, estupefacção tão revoltoso facto; e como cauzar, se *Zina* não teve criação, se mazorral e insolente, é uzeiro e vezeiro a pratical-os todos os dias idemticos? Se todos os dias abuza do cargo?

Indo um respeitavel sacerdote depôr, como testemunha, nesse Tribunal, não injuriou o *Zina*, e a toda a sua classe, dizendo alto e bom som: *é Padre! Temos testemunha falsa!* Indo um negociante, e proprietario dessa, para fim idemtico, ao mesmo Tribunal, não ouviu todo o auditorio o *Zina* dizer-lhe: *o snr. F, será tudo quanto quizer, menos homem de bem!!*

Por isso repito, meu bom Compadre, que não cauza estupefacção a ninguem o facto occorrido ao *Falcão;* seria estupendo, e maravilhoso, que o *Zina*, conhecendo a sua nullidade, désse de mão ao fofo orgulho, em que se embala a sua *fatuidade*; refreando a sua má indole e peiores instinctos, fosse *recto, probo e honesto, justiceiro, e imparcial*; e finalmente, procurando lapidar a sua grosseria intellectual e moral, se tornasse *mais illustrado, e menos brutal, mais civil e menos atrevido.*

Compadre, não ha negociante mais especulador, do que o Inglez; especula com a desgraça do seu proprio Paiz, quanto mais do mundo inteiro! Que lhe importa, que o opio innerve, e

embote as faculdades intellectuaes dos *Chinas*, que lhes abrevie a existencia, se o contrabando do *amphião* lhe dá excessivos lucros?

Que tem elle, que as armas e munições, que fornece aos seus proprios inimigos, se voltem contra a propria Inglaterra, se desse fornecimento aufere grandes lucros?

Conta um correspondente do *Times*, que uma officina de *Birmingham* está fabricando para os *Ashantis*, com quem a *Inglaterra* está em guerra, as compridas facas de matto, com que elles esfolão as cabeças dos marinheiros Inglezes, que cahem em seu poder! Em vista d'isto, que admiração pode cauzar, que na costa d'Africa, o pai agarre o filho, o marido a mulher, o filho os paes, para os vender aos que negoceião em escravos, se um povo culto vende armas a quem o guerreia, e hostiliza?

Com muito chiste diz um Francez, que a Inglaterra pode ter o orgulho de ter feito chegar a sua industria, onde ainda não poderão chegar as suas armas.

Seu compadre e amigo.

NICOLAU TORTULHO

Carta de Simplicio d'Arruda a seu compadre Nicolau Tortulho

Compadre e Amigo

Tive o desprazer, ha dias, de avistar pela vez primeira *Manel Zé Zina*, depois que regressou dos banhos do mar na *Foz*, onde, pelo que aqui consta, quazi o levou a breca com uma dôr de colica, que o fazia berrar, como um touro da *Chamusca, ai, que morro!* Livrou-o um veterinario, que mora por ahi perto do *Castello*. Se fosse um christão, não escapava; sendo certo porém o ditado, *vazo ruim, não quebra*, aqui o temos para condimento das nossas missivas, e com as garras cada vez mais aduncas e aguçadas; porque a voracidade n'elle é molestia chronica.

Não duvido apostar, Compadre, que o alveitar, que o curou, nunca na sua vida tractou quadrupede mais daninho, voraz, e sestroso do que este *bugio pellado*. Anda agora mais *pintalegrete*, do que um macaco de tocador de realejo: um chapeu á *borda d'agua* com abas tão reviradas, como calha de muinho; o que sobra ao chapeo, falta ao cazaco, cujas abas e cintura são curtissimas, sendo á laia do que n'outro tempo chamavão um *zezinho*, n'aquelle dorso parece um sellim; uma calça tão esteril de fazenda, tão agarrada aos *canellos* debulhados, que aquelle todo repellente, e nauseante, montado em cima de dois chicotes, visto de longe, parece um gafanhoto. Se o *Seringador* o visse, não deixava de estampar no seu reportorio tão caricata figura!

Diz o nosso judicioso *João de Vigo*, quando está com veia de philosophar ácerca da instabilidade das cousas desta precaria vida, *sic transit gloria mundi*, ou, como diz tambem o nosso *Torgas*, que a respeito de textos bem encaixados, em nada cede a palma áquelle, *oh! vanitas vanitatum, et omnia vanitas*. Quem viu o entono fatuo do *Zina*, aquelle arreganho fanfarrão, e desdem estupido, com que elle, fazendo girar o guarda-sol, qual pendula de relojo, ou para melhor me expressar, como *thuribulo* em mão de *sacristão*, olhava sobranceiro, e como por cima do hombro, para aquelles, junto de quem passava, e o vir agora pensativo, mezureiro, cabisbaixo, cada vez

mais secco e mirrhado, não deixará de reconhecer a verdade, que encerrão os textos dos dois oraculos, a quem acima me refiro.

Compadre, o homunculo sempre se presuadiu, que *Barcellos* era *Sinfães*, ou *Seixo de Gatões*, e que era terra de cegos, onde elle vinha ser rei, e que, como tal, podia imperar despoticamente: tomou, como servilismo, o modo cortez dos seus habitantes, e, como uma homenagem devida á sua prosopopêa insignificantissima, as attenções, que elles tem por costume prodigalizar a todos os adventicios, que julgão credores dellas; vendo-se porém agora desmascarado; roto o sudario de suas torpesas e mazelas; geralmente desprezado, e execrado por isso mesmo, está abatido secco e mirrhado; porque nada bole tanto com o phizico e moral de um orgulhoso fatuo, como o pouco cazo e despreso. Não menos tem concorrido para o pôr cabisbaixo, e para o seccar, como uma osga torrada, a querella *Falcão*, cujo resultado com razão teme, por ser uzeiro e vezeiro a dirigir insultos, e improperios a quantos tem a infelicidade de concorrerem ao Tribunal.

Sou partidario de anexins; porque cada dictado dos nossos maiores é um pequeno evangelho, cuja verdade o tempo e a experiencia tem confirmado; e por isso não posso omittir um, que a respeito da querella *Falcão*, com o costumado acerto refere o nosso talentoso *Torgas*: *tantas vezes vai a rapoza ao moinho, que lá deixa o*

focinho. Tantos e tantos tem injuriado, e improperado o petulante *Zina*, até que encontrou quem lhe dê o ensino devido.

É tão ignorante em direito, ou nas cousas mais comesinhas delle, este alarve, que tem como certo invalidar a querella *Falcão*, 1.º com o auto asnatico, que tomou contra *Falcão*, depois que lhe constou, que este ia querellar delle; e 2.º porque conta, que o depoimento de alguns empregados judiciaes nullificará o das testemunhas da querella. Quanto ao asnatico auto, tomado extemporaneamente, e como reprezalia, para metter medo a *Falcão*, para ter validade, devia ter proseguimento de acção, não o teve, ergo nada vale a favor de *Zina*, antes pelo contrario prova, que foi um meio ignobil, e torpe, de que se serviu, para aterrar o queixoso, e por conseguinte é uma prova convincente do crime perpetrado por elle *Zina*.

Quanto ao depoimento favoravel, com que conta, dado por alguns empregados judiciaes, para nullificar o das testemunhas da accuzação, quando esses empregados fossem capazes de jurar falso, que valor pode ter o depoimento de pessoas suas sobordinadas, e por isso mesmo suas dependentes, cotejado com o que produzirem dezenas de pessoas de todas as cathegorias, e posições, que presencearão as injurias, e improperios dirigidos ao queixoso *Falcão!*

Em pessimas e depravadas mãos estarião por

certo a balança, e a espada de *Themis*, se *Zina* fosse o julgador; outrem, e não elle o réo; visto que dá tanto valor, ao que não vale umas cascas d'alho! Em fim, como no Tribunal da Relação ha felizmente juizes, que são a todos os respeitos uma antitheze do *Zina*, elles decidirão, como fôr de justiça.

Imagino, Compadre, o solemnissimo cavaco, que por certo deu o *Zina*, quando viu nos editos para a arrematação do foro *censo* de 4:000 réis, imposto nas casas, de que é usufructuario, sitas na rua de *St.º Ildefonso*, o prozaico nome de *Manoel José Botelho*, tão descarnado, tão sem arrebique algum; elle, que tanto se pella por essa frandulage; que, quando tomou posse aqui do cargo, que indignissimamente exerce, se poz elle proprio a dictar a acta; com o unico fim de abismar com os seus *pomposos* titulos de *cavalleiro da Conceição*, *Moço fidalgo com exercicio*, os espectadores de tão burlesca scena, ver assim desataviado o seu nome, por certo sentiu o mesmo desprazer, que sente a azemola, a que o arrieiro não deixa parar á porta da taberna, onde costumava dar-lhe a classica sopa, ou palhada; faltar pois á palhada tão saborosa ao paladar do patarata *Zina*, é matal-o!

Mandou, Compadre, um sujeito desta, haverá anno e meio, de prezente ao *Zina* uma fructa do *Brazil*, a que chamão *Ananaz*, que, segundo tenho ouvido dizer, é agradabilissima ao paladar, e

mais ainda ao olfato: é fructa de muita estimação, por ser rarissima cá. Que havia de fazer o *Zina?* Ou, porque quer ostentar de *sensitiva* na limpeza de mãos; ou, porque *amor amore compensatur*, como nos seus cantares entôa o nosso judicioso *João de Vigo*, e não quer pagar na mesma moeda; porque como mui bem diz o nosso *axiomatico e facundo Torgas*, quem recebe, tambem dá, devolveu os dois *ananazes*, a quem lh'os mandou, e que é pessoa, que nem venialmente despende do *Zininha*.

Não me admiro, Compadre, que elle não quizesse receber os *ananazes;* porque como diz o mesmo *Torgas*: *le miel n'est pas fait pour la guele de l'ane*, o mel não é para a bocca do asno; admiro-me sim, que houvesse alguem, que deitasse perolas a porcos: com mais criterio, e acerto andou, quem lhe mandou de prezente um carro de *bolotas*, que com especial agrado forão recebidas por elle: cada qual com o que foi criado, sahir disso, é pôr o carro fóra dos eixos.

Já que fallei nas *bolotas*, dir-lhe-hei, Compadre essa historia. Um cazeiro, que o *Zina* tem em *Creixomil*, querendo pagar-lhe o favor de o ter varias vezes nomeado *louvado*, e tendo sabido do attentado traiçoeiro praticado por *Zina* contra o cazeiro *Caetano*, por cauza dos estragos, feitos nas searas de milho deste pelo porco do *Zina*, para saciar a fome do *porco do juiz*, e livrar a este de commetter iguaes attentados, mandou-lhe um carro de *bolotas*.

Sendo certo o que diz o nosso profundo e abalizado *Torgas: qui aime Martin, aime son chien*, quem meu filho beija, minha bocca adoça, e sendo o excellentissimo porco as meninas dos excellentissimos olhos do excellentissimo *Conselheiro Ministro*, não podia o homem mandar um mais excellente prezente, para continuar a ser nomeado em todas as mais excellentes louvações. *Claudite pueri fontes, sat prata bibere*: por hoje basta de *Zina*, e passemos a outro assumpto.

Tem sido, Compadre, um problema geographico, até hoje não resolvido, o modo, e por quem foi povoada a *America*, que, exceptuando a parte, que se estende até o pólo artico, e que é inaccessivel, e in-habitavel por cauza dos eternos gelos, dista dos antigos continentes em parte milhares, e em parte centenas de leguas.

Suppoem com bastante plauzibilidade alguns geographos, pela grande analogia, que encontrão nas feições dos indigenas da *America* com as da maior parte dos habitantes da *Azia*, que aquella foi povoada por habitantes desta. que se dirigirão ás ilhas que coalhão, o *Pacifico*, e que depois passarão ao continente *Americano*.

Se não é *galga*, ou o que os Francezes chamão *canard*, parece ora vai ser cabalmente resolvido esse problema, em virtude da seguinte descoberta archeologica feita no *Perú*.

Escrevem de *Bogota*, capital da *Nova Granada* na America do Sul, que no *Perú* fôra ulti-

mamente descoberta uma columna monumental, contendo uma inscripção de 8 linhas em caracteres phinicios muito bem conservados.

Este monumento, segundo se averiguou, foi eregido por uma pequena colonia de habitantes de *Sidonia*, hoje *Seide*, e que fica na costa ao norte de Tyro, no anno 9 ou 10 do reinado de *Hiram*, que foi alliado de *David*, e de *Salamão*, e reinou em Tyro, desde o anno 1023 a 985 antes da era Christã.

Pelo que consta da inscripção, os individuos que formarão a colonia alludida, embarcando em *Aziongabar*, hoje *Akaba*, e navegando 12 mezes ao longe das costas do *Egypto*, forão, arrastados pelos ventos e correntesas, desembarcar em *Goayaquil*, actualmente pertencente á republica do *Equador*, e que demora 2 graus, e 11 minutos de latitude Sul, e 82.° e 16' longitude O.

Ora tendo sido os *Phinicios* os mais celebres navegantes da antiguidade; tendo estabelecido colonias nas costas e ilhas do *Mediterraneo; Cartago, Hipponia, Utica, Cadiz, Palermo, Marselha*, e outras, erão colonias suas; sendo até crivel, que elles navegarão em volta de toda a *Africa*, se não é *galga*, ou *canard* a descoberta dessa columna, parece, no meu fraco entender, que fica desatado o nó gordio, ácerca de quem povoou a America.

Objectará sem duvida alguem; tendo sido os phinicios brancos, de que provem a côr bronzea-

da dos indigenas *d'Amarica*, e o typo de suas feições ser quazi analogo, senão idemtico, ao da maior parte dos *Aziaticos?* Do clima, dos habitos, dos alimentos, e de se desfigurarem por compressões, e mutilações, mais ou menos horriveis, desde que nascem. E assim, como os Phinicios colonizarão a *America*, não podião tambem os *Aziaticos* fazer o mesmo, como plauzivelmente se suppoem, pelo lado do *Pacifico*, resultando do cruzamento das duas raças, esse typo que em geral se observa?

Desculpe, Compadre, a massada e bem assim a ouzadia, com que me ingiro n'uma materia, em que me confesso leigo.

Seu compadre e amigo.

SIMPLICIO D'ARRUDA

Carta de Nicolau Tortulho a seu compadre Simplicio d'Arruda.

Compadre e Amigo.

Em 1868 foi um negociante de *Vianna do Castello* julgado, e absolvido em policia correccional, como accusado de ter provocado a duello um juiz.

No calor da discussão desse julgamento, o respectivo delegado, e que ora é juiz em *Baião e Macedo de Cavalleiros*, o sr. *Borges de Castro*, serviu-se de expressões, que o réo considerou infamantes; por esse motivo querellou do delegado pelo crime de injuria perante a Relação do Porto, que se declarou incompetente, e condemnou o queixoso nas custas; este porém recorrendo para o Supremo Tribunal da Justiça, ahi foi annulado o accordão da Relação do Porto, e man-

dada baixar a cauza á Relação de Lisboa, a qual, por accordão de 20 de Março ultimo, pronunciou o sr. *Borges de Castro*.

O juiz relator depois de expôr a cauza, por certo para livrar o réo d'uma condemnação certa, e bem merecida, lembrou o alvitre de um accordo, bazeado em uma declaração feita pelo réo ao queixoso, de que não fôra a sua intenção offendel-o. O auctor, por meio do seu Advogado, declarou então, que acceitava a satisfação proposta, uma vez que fosse concebida em termos, que o desaggravassem.

Em vista d'isto declarou o réo, que o que dissera, fôra no desempenho do seu dever, como delegado, no calor da discussão, e sem que tivesse a intenção de offender o queixoso; que assim o affirmava, como homem leal, não podendo ir mais longe, sem quebra de sua dignidade, por quanto, vendo-se, por doença talvez obrigado a abandonar a carreira judicial, não queria sahir della menos dignamente.

O queixoso dando-se por desaggravado, e satisfeito com tão categorica, quão commovente declaração, desistiu da querella.

Permitta-me, Compadre, que sobre este facto lhe faça algumas considerações, que me parecem bem cabidas.

Não duvido apostar mil contra um, 1.° que o juiz que julgou o negociante na correccional, não foi o mesmo, que dizião ter sido provocado a

duello; 2.° que esse juiz, como probo, e honesto, era incapacissimo de querer funccionar contra o seu offensor; e 3.° finalmente apostarei cem mil contra um, em como, se o cazo se désse com o improbo e deshonesto *Zina*, elle não só se não dava de suspeito, como conculcava todos os principios, e leis da moral, da probidade, justiça e honestidade para ser o juiz do seu offensor.

Não apreciou toda esta comarca o subido quilate da sua requintada improbidade, da sua acrizolada e mais que sublime deshonestidade, constituindo-se juiz contra o *Ozorio*, de quem elle é figadal e encarniçado inimigo, só por que lhe abateu o fôfo orgulho, e tem tornado mais, que patentes, as suas depredações, e concussões?

Ponderarei mais, Compadre, se a Relação de Lisboa pronunciou, e sem duvida tinha de condemnar, como justamente se deprehende da taboa de salvação offerecida pelo Relator ao réo, e que a magnanimidade do auctor não repelliu, só por que o delegado na accuzação se serviu de termos inconvenientes, para stigmatizar o crime, e fazer realçar o aggravo do mesmo, e as funestas consequencias, que advirião á sociedade, se ficasse impune; como deixará de pronunciar um juiz tão parcial, insolente, e petulante, que para proteger um réo, dirige os mais aleivosos insultos e improperios a uma testemunha, só porque o depoimento insuspeito desta, comprova o crime do réo seu protegido?

Se é indesculpavel, e merece com razão ser punida uma falta, que nos deveres do delegado, como accuzador, acha motivos, que de algum modo a attenuem; quanto não é infinitamente indesculpavel, mais criminosa, e aggravante n'um juiz, cuja missão é mui diversa da do delegado?

E, se esse juiz por seu genio atribilario, e descomedido, por seu caracter orgulhoso, e soberbo, por seus modos insolentes e petulantes, qual é o *Zina*, é uzeiro e vezeiro a dirigir os mais atrozes insultos, como dirigiu a *Falcão*, e anteriormente a varios, taes como o Padre, a quem em publica audiencia disse: *temos Padre, é testemunha falsa*, irrogando dess'arte um insulto a uma classe inteira; e um negociante, a quem injuriou, dizendo: o *sr. será tudo o que quizer, menos homem de bem*, como deixará de ser pronunciado, e punido?

É impossivel, que assim aconteça, não só para desaggravo da Lei, da Sociedade, e do queixoso, tão atrozmente offendido no seu credito, pundonor e honra, como tambem para credito e prestigio da nobre classe da magistratura judiciaria tão vilipendiada pelo irregular e infamissimo procedimento do *Zina*, que tão torpemente tem polluido, e conspurcado a toga de magistrado!

Esse processo *Falcão*, em tudo identico ao do negociante de Vianna, é o que amofina, inquieta, conturba, e consome o esdruxulo, e mazorral *Zina*; é elle a unica couza, que a esse bisborria

de *Sinfães* torna cabisbaixo, secco e mirrado; não são remorsos, não, Compadre, que lhe causão insomnias e pezadelos; a maldade, que regorgita daquelle coração de feroz *Hiéna*, não permitte, que elles-ali tenhão nem entrada, nem cabimento. Ponhamos por hoje ponto nesta materia, e vejamos o que occorre por esse mundo de Christo.

Conta, Compadre, um jornal de *Londres*, que na cidade de *Porchow*, na Russia, fôra fundada, ha pouco, uma associação religiosa, cujos ásseclas exclusivos erão as filhas de *Eva*, que, do seu fundador, e iniciador, um Padre por nome *Seraphim*, se denominavão *Seraphinowcki:* euphonico, e bonito nome, não lhe parece?

A fé das associadas consistia n'uma confiança cega no reverendo chefe, e a pratica religiosa em cortarem os cabellos. Se a policia não mettesse o nariz na associação, brevemente naquella cidade deixavão de existir os cabellos cumpridos, tal era o afan e porfia, com que todas as mulheres se filiavão nella!

Descobriu-se a final, que o muito reverendo Padre *Seraphim* tinha um irmão cabelleireiro, e, que, hindo ambos feitos na veniága, auferião vantajosos lucros, provenientes das tranças sacrificadas pelas pias e asceticas devotas. Que pepineira mais lucrativa, do que a que o nosso amavel *Zina* achou em *Vessadas*, não tinha o *seraphico* Padreca!

Acrescenta o mesmo jornal, que o reveren-

dissimo fôra recolhido á cadeia, onde por certo, se acha meditando na desvantagem, e inconvenientes, que resultão de querer combinar a religião com o commercio.

O Divino Mestre correu a chicote para fóra do Templo os vendilhões, que transformavão a casa de Deus em loja de negocio: ora o Padre *Seraphim*, nem comprava, nem vendia as tranças na igreja; recebia-as como um holocausto feito pelas devotas; de que servião ellas aos Santos? De nada; prezenteava com ellas o irmão, que as vendia por bom preço, e que, como bom irmão, repartia com o Padre: nada mais natural do que esta transacção. Como o nosso *João de Vigo* é chegado á egreja, talvez entenda alguma couza do *Larraga* e do *Montes*, pergunte-lhe meu Compadre, se o Padre *Seraphim*, pode ser considerado, como vendilhão do Templo?

Tenho notado, Compadre, que as *beatas* das aldeias todas são *chamorras*, como nos chamavão os Hespanhoes no tempo de *D. João* 1.º, pelos nossos maiores nesse tempo uzarem cabello curto; todas andão *tosquiadas*. Será o caso, de que tambem por cá tenhamos cathequese do P.e *Seraphim*, e irão os cathequistas feitos com os cabelleireiros? Interpelle lá o nosso *Torgas* a esse respeito. Se assim fôr, o officio de coveiro dá em droga, por serem, os que o exercem, os principaes fornecedores de tranças para os enormissimos morriões, que as madamas actualmente

trazem na cabeça não, mas á cabeça.

Sempre ouvi dizer, Compadre, que, por cauza das saias, é que veio o mal á pobre humanidade, e que são ellas a cauza de males incalculaveis: não leia este topico a minha Comadre, para que me não esconjure. Até na politica ellas influem!

Umas vezes é a politica, que se agarra ás saias, como se agarrou á de *Helena* e occazionou a destruição de *Troia*, e a desgraça de *Priamo*; e á saia de *Lucrecia*, e produziu, com a expulsão e bannimento dos *Tarquinios*, a proclamação da Republica em Roma.

Outras vezes são as saias, que se enredão na politica, e ahi temos *Tullia* assassinando seu marido *Arunte* para cazar, como cazou, com *Tarquino soberbo*, que, para realizar tal consorcio, assassinou tambem sua mulher, irmã daquella: ahi temos ainda essa mesma *Tullia* mão communada com o marido *Tarquinio soberbo*, tornada parricida para colocar no throno de seu pai *Servio Tullio*, 6.º rei de Roma, seu *bom* marido *Tarquinio Soberbo*.

O que não fez a saia de uma *Marosia*, que desposando em primeiras nupcias *Alberico*, conde de *Tusculum*, e marquez de *Camerino*, adquiriu por suas intrigas tal ascendente sobre os principaes senhores de Roma, que fez nomear, e depor varios Papas, segundo sua fantazia, como *Sergio* 3.º em 904, *Anastacio* 3.º em 911, *Landon*

em 913, *João* 10.º deposto em 928? O que não fizerão tambem em Roma as saias de *Theodora*, e de outra do mesmo nome, uma mãe, a outra irmã da referida *Marosia?*

Que crimes, horrores, e desregramentos não praticarão ellas por enrascarem as saias na politica?

Ora, se, como diz o nosso judicioso *João de Vigo* nas suas prelecções moraes e philosophicas, as saias daquelles tempos, tão esguias e mal rodadas, que erão, tanto se enrascarão na politica; hoje, que, á laia de tarrafa, levão 14 metros de fazenda, como poderão deixar de enrascar Coroas, Sceptros, Tiaras, Mitras, Barretes phrigios, em fim tudo? Isto é uma verdade incontroversa: ouça o que vai em França.

São irmãs as mulheres de *Cazimiro Perier*, e do duque de *Audiffret Pasquier;* este é chefe do centro direito da assembléa, hoje monarchista, e aquelle do esquerdo, hoje *republicano*: as duas irmãs são rivaes uma da outra: porque uma tem summo orgulho no titulo de duqueza, e a outra na immensa fortuna do marido, Quando *Perier* presidente do conselho, no tempo de *Thiers*, foi derrubado do poder pelo duque, seu concunhado, unido ao duque de *Broglie*, e a outros. Eis a saia a enredar a *Republica!*

Em desforra agora a mulher de *Perier;* por que não pode cingir, como a irmã, uma coroa ducal, influe seu marido, e este o centro, de que é chefe, para que não votem pela *monarchia*.

Aqui tem a outra saia a enredar a *monarchia*, e a desviar da cabeça do Conde de *Chambord* a coroa!

A saia, Compadre, tem mais força do que os novos canhões de aço prussianos, e se são acestados contra algum *babão*, temos caza de *Gonçalo*, *onde governa a gallinha mais, que o gallo.*

Seu compadre e amigo.

NICOLAU TORTULHO

Carta de Simplicio d'Arruda a seu compadre Nicolau Tortulho

Compadre e Amigo

Não ha muitos annos, que na *Turquia* se punhão em almoéda os cargos publicos.

Qualquer, que pertendia, por exemplo, um *Bachalato*, não hezitava dar pela investidura do cargo quantias fabulosas, de que contava resarcir-se, logo que o exercesse, por meio de tributos tão exorbitantes, quanto iniquos e onerosos, de alcaválas, emolumentos, avanias, precalços e outras extorsões, com que esfolava os Povos, que um governo, tão tirannico, como despotico, havia hipothecado á insaciavel cubiça de um deshumano e impiedoso avaro, cujas vistas só tinhão o exclusivo alvo de se locupletar.

As luzes, e illustração do actual seculo, parece-me, Compadre, que já conseguirão banir da *Turquia* esse deshonesto e barbaro costume: digo-lhe isto, para que o nosso phenix dos leiloeiros, o *Maricoto*, não crie agua na bocca, pelo desejo de se transplantar á *Turquia*, a fim de lá exercer com mais proveito o seu importante mister. Talvez por cá lhe sopre um vento mais galerno e favoravel, se quizer navegar em mares mais piscosos; o do *recrutamento* dá mais interesse, do que o banco da *Terra nova* com a pesca do bacalhau!

O *Conselheiro ministro* Manel Zé Zina, de cujas garras Deus livre todo o fiel Christão, se não comprou com dinheiro a investidura de magistrado judicial, cargo, que tão indignamente exerce, attenta a sua rapacidade (que tubarão), crassa ignorancia (que bota!), e carencia total de habilitações, e mais partes precisas para tão melindrosa dignidade, comprou-o por certo com vis bajulações, e aviltantes subserviencias, prestadas a algum desses partidos politicos, que tão nefastos tem sido á nossa infeliz Nação.

As revoluções, Compadre, como judiciosamente pondera o nosso erudito e facundo *João de Vigo*, nas annotações, que anda fazendo ao *reinado da estupidez*, são como os liquidos em fermentação, que fazem sobre-nadar os sedimentos, e fezes, que nelles se contém. Por isso só alguma fermentação politica é, que podia arrancar

das brenhas de *Sinfães*, e elevar este sedimento social!

Como meu bom Compadre sabe a biographia deste *sicophanta* aparvalhado, a quem conhece do tempo de *larangeira*, diga-me, se erro, ou não na conjectura, que formo, estribado nos axiomas do aforista abalizado *João de Vigo*, que para mim, e para muita gente é um verdadeiro oraculo.

O *Zina*, cuja consciencia é mais elastica do que a de um Turco, e mais embotada, do que a d'esses, que na *Turquia* compravão em almoéda os cargos publicos, para se locupletarem, esfollando os Povos: investido na magistratura judiciaria, como os almoedeiros *Turcos*, considera o cargo, não uma dignidade instituida para beneficiar os Povos, mas sim, como um beneficio; e para o tornar o mais lucrativo, e rendoso, que é possivel, protella infinitamente, distende, alonga, torna excessivamente ducteis, emmaranha, e multiplica superfluamente os seus despachos, e actos para sugar o ultimo real ás partes, que lhe cahem nas aduncas garras.

Que outro fim tem: senão esse de sugar, as fianças exigidas a cada indiciado de per si, quando ha varios envolvidos no mesmo crime, se apparece um fiador idoneo, que se responsabilize por todos? E se esse fiador unico, não parece sufficiente: porque se não manda reforçar a fiança? Porque então o cargo não seria um beneficio rendoso e lucrativo para a alma esfaimada do *Zina*,

seria um mister nobre instituido pela Lei em beneficio da sociedade.

Que outro fim tem, senão esfolar as partes, essas custas duplicadas nas *acções d'alma*, e as vistorias marcadas para uma hora antes do occaso do sol, se, em tão curto lapso de tempo, nada se pode fazer, como tem acontecido em *St.ª Eugenia*, e noutras freguezias, e tem de se voltar ao sitio infinidade de vezes para se ultimar a vistoria? Porque preço não fica esse acto?

Que se diria do Medico, que, podendo com uma unica visita, e uma só receita, curar o doente, que recorreu á sua pericia, uzasse de palliativos no intuito de accumular visitas sobre visitas, embora arda a bolça, e se deteriore a saude, e perigue a vida do doente? Que é um *ladrão desalmado*, que especula com a desgraça do seu semilhante, e que abuza do seu sagrado ministerio. É precizamente no caso, em que está o *conselheiro ministro Zina;* são exactamente esses os nomes, com que é apodado por todos esse improbo e deshonesto juiz, que tem conspurcado de um modo espantoso a beca, que indignamente veste!

O desprestigio desta auctoridade não pode ser maior; chegou ao zenit: os pleitos diminuem de dia para dia; conheço varias pessoas, que desejando propugnar pelo que é seu, ou reivindicar seus direitos, deixão de o fazer actualmente, e só esperão a substituição deste juiz improbo, deshonesto e concussor, por outro que

seja o contrario do que elle é, para pôr em juizo suas acções: temem ser esfolados vivos por esta hedionda e nogenta *harpia*.

Nunca, Compadre, no mundo, julgo, que se fez a uma besta feroz montaria mais compacta, e activa, do que se tem feito a este *sicophanta*. O que se tem dito delle, ou é falso e calumnioso, ou é verdadeiro, n'aquelle caso, porque não requer uma syndicancia para se justificar, para depois proceder contra quem direito tenha, e confundir esses, que assim o deprimem, e abocanhão? Elle que o não faz, é porque é verdadeiro, quanto delle se diz. Se é verdadeiro, como este homunculo se atreve a apparecer em publico, e o Governo, e auctoridades, a quem compete, não procedem contra elle, e consentem uma auctoridade tão improba e malversora?

É elle proprio, que se desconceitua, e desprestigia a si mesmo pelos seus depravados actos, e pessima indole; não são esses, que os stymatizão, e profligão, quem o desprestigia e desconceitua. Até onde chegarião a petulancia, e descomedimento do seu fôfo e stolido orgulho; a veracidade de sua illimitada e insaciavel avareza; a cegueira completa de sua tão crassa ignorancia; a grosseria de seu tracto brutal; e a parcialidade incontestavel, e deshonestidade provada, em que se bazeão toda a sua moral e justiça, se não houvesse quem lhe gritasse com toda a força dos polmões: *ápage te?*

Não vê o Governo do Estado, não conhece o sr. Governador Civil, a quem mui especialmente compete velar pela prosperidade do Districto, que uma auctoridade assim, além d'uma calamidade publica, é um impossivel moral; e que, desconceituada, e desprestigiada, como se acha esta, é um mal de um incalculavel alcance, maxime, na actualidade, em que principios moraes deleterios profuzamente são evangelizados, no intuito de derrubar toda a ligitima auctoridade; e que finalmente a indifferença, com que olhão o depravado, e criminoso proceder do juiz de direito desta infeliz comarca, dá summo vigor á cauza desses evangelisadores anti-sociaes? Que cegueira criminosa!

Ubinam gentium sumus! Em que paiz vivemos, Compadre? Na *Cafraria?* No *Taiti?* Na *Nova Zelandia?* Entre os *Arfakis?* Peior ainda; porque por mais barbaros e incultos, que sejão asses povos, necessariamente hão de ter ideas aproximadas do que é justo e honesto; entre elles mesmos seria cazo virgem, que um juiz servisse de julgador contra o seu irreconciliavel, e figadal inimigo, como serviu o *Zina* contra o *Ozorio!!*

Pondo de parte a expressão chulissima, e arrieiratica, de que nesse julgamento se serviu, dizendo: *um raio venha do céo e me parta,* se eu sou vingativo ou parcial; porque essa expressão revela até a saciedade a esphera vilissima,

donde elle sahiu; que credito pode merecer tal homem, se os factos comprovão o contrario de um modo inconcusso? Como pode ser crido, se falsificou uns autos, para occultar uma concussão?

Não disse elle n'um communicado exarado no n.° 36 do jornal=*Primeiro de Janeiro*=de 13 de *Fevereiro*, que não fôra por se vingar do *Ozorio* que elle o suspendera de advogar; por que essa suspensão era anterior á apparição do *Barcellense*? Disse; e não sabe toda esta comarca, que o *Barcellense* apparecera no dia 5 de *janeiro*, e que a suspensão teve lugar no dia 14 do mesmo mez?

Os processos *asnaticos* contra o *Barcellense*, a prizão arbitraria e despotica do entregador de um manifesto, ou carta avulsa, que outra couza são senão uma sede devoradora de se vingar? Que outra couza indica, senão sede de vingança, a escandalosa subtracção do requerimento, que lhe fôra aprezentado por parte do *Ozorio*, em publica audiencia, para ter occazião de processar, por desobediente o mesmo *Ozorio*, como em vão tentou processar?

Compadre, seria um enigma de difficil resolução a avidez, que o *Zina* tem por dinheiro, quando hoje se acha abastado em virtude do cazamento, que fez; se um proloquio do nosso sentencioso, e adagista *Torgas* o não decifrasse cabalmente: diz pois esse nunca assaz louvado auctor: *o uzo do cachimbo faz a bocca torta.*

Zina tanto nunca teve um *chavo*, que quando andava em *Coimbra*, em lugar de mala, ou de bahú, uzava de sacco! Entrando na magistratura *espurio* de cobres, para os ter, e formar peculio, uzou das artes de *berliques e berloques*, que por cá tem posto em pratica, e todos temos prezenciado; ora isto no decurso de tantos annos, tornou-se um habito, que, como bem raciocina e mostra o mesmo *Torgas*, é uma segunda natureza; como pois forçar a natureza, se *o uzo do cachimbo faz a bocca torta?*

Para pôr termo ao prurido *anti-Zinal*, que hoje sinto, passarei a outro assumpto.

Não me posso persuadir, que os emissarios Francezes, que por parte dos legitimistas se forão entender com o Conde de *Chambord*, fossem capazes de enganar os membros da Assemblêa, que pertendião proclamar a monarchia, sob certas e determinadas concessões politicas outhorgadas pelo mesmo Conde, e a que, os mesmos emissarios asseveravão, elle annuir; porque se assim não acontecesse, proclamada que fosse a monarchia, e o novo Rei não concedesse *in limine*, o que os emissarios em seu nome havião prometido, estava tudo transtornado. Deus sabe o que aconteceria.....

Não, não me posso persuadir de tal; do que me persuado e estou convicto, é, que o Conde de *Chambord*, vendo, que o partido, que na Assemblêa tinha, ia ficar em minoria, e por conse-

guinte que a sua cauza levava *cheque*, e ia á garra; como retirada airoza, e para não soffrer um dezar, dirigiu a carta, que todos temos lido, em que declara, que não transige, nem arrêa uma pollegada de escota das suas anteriores rezoluções. Embora sacrifique, como bodes expiatorios, alguns dos seus amigos e partidistas, dando-os como maus interpretes de seus ditos e rezoluções, salva a honra do convento, e com ella a rigidez de caracter, que sempre ostentou, e lhe tem grangeado simpathias e admiradores.

Quem, Compadre, mais comprometteu em 1789 o bondoso e infeliz *Luiz* 16, e quem, pelo seu ultra-realismo, mais concorreu para os ominosos acontecimentos, que infelizmente se derão em 1793, forão os Aulicos, e a Aristocracia pelas suas exageradas pertenções; actualmente com o Conde de *Chambord* ia acontecendo o mesmo, que aconteceu naquella tetrica, e medonha época. A historia, que é a mestra da vida, nada ensina a certa gente! Valha-nos Deus com a meada sem costal, que se procura, que *Mac-Mahon* dobe em França, e *Castellar* em Hespanha; parece-me, que nem um, nem outro a dobarão.....

Vi prego ogni vero bene; a riverderci.

Seu compadre e amigo,

Simplicio d'Arruda.

Carta de Nicolau Tortulho a seu compadre Simplicio d'Arruda.

Compadre e Amigo

Que vantagens, que de abastansas, e riquezas, que de commodos e fruicções não trouce ao mundo velho a feliz descoberta do mundo novo, o continente *Americano?*

Que seria hoje a *Europa*, se se não tivesse descoberto a *America*, para onde todas as nações annualmente dão um contigente de milhares de emigrantes? Um verdadeiro cortiço d'abelhas, que por falta de alimentação e trabalho, ou perecerião de inanição, ou se verião na cruel precizão de se devorarem umas ás outras!

Se de lá nos veio, como geralmente se diz, não sei com que fundamento, esse terrivel mal,

que serve de castigo, e freio á impudicia, em compensação não nos vem tambem de lá, além da maior parte do ouro, prata, e pedras preciosas, que girão e fulgurão na *Europa*, o suave assucar, o odorifero caffé, e saboroso cacau, sem os quaes a *Europa* não sahiria da sensaborica agua d'uncto? A *nicociana*, que faz as delicias inebriantes dos fumistas, e tomadores de pitadas; o algodão com que nos vestimos; as drogas preciosas, com que nos curamos; a courama, que nos serve de calçado; as mais duraveis, e bellas madeiras; e mil outros artigos tão necessarios e uteis, não é de lá que vem?

Que seria pois do velho mundo se *Christovão Colomb* não tivesse tido a fortuna de descobrir a *America?* Quanto não deve a humanidade a este intrepido navegante? Já que fallei neste grande homem, dir-lhe-hei, Compadre, que li, que se tracta de o canonizar, e que servem de obice a essa declaração uns *sopapos*, que elle déra em um maroto, que o injuriára e deprimira em publico.

A'cerca deste obstaculo, com que impugnão a canonisação de *Colomb*, permitta-me o Compadre, que lhe refira um reparo do nosso concludente, e illustre *João de Vigo*, cuja orthodoxia pura e genuina ninguem porá em duvida, por ser empregado na Igreja. Diz elle pois com muito acerto: se não pode ser canonisado *Colomb*, por que deu uns *sopapos;* como canonisarão *S. Pedro*, que deu uma cutilada, e cortou uma orelha a

Marcos? Este justo reparo, que tambem merece a approvação do *Torgas*, parece, no meu fraco entender, que não tem replica: que diz a isto, Compadre? Fascinar-me-ha o subido conceito, em que tenho estes dois luminares cá da nossa terra?

Desculpe a divagação, e proseguirei no assumpto principiado, para chegar onde desejo.

Impugnão alguns o merecimento, seperioridade, e excellencias da *America*, allegando que ha lá muito *bixaroco* nocivo, e venenoso; e não ha cá um *Zina* mais infenso, nocivo, e venenoso, do que quantos *surucucús*, *cascaveis*, *jurarácas*, *caninánas* ha lá? E por infelizmente o haver, segue-se por isso, que nada temos, que preste?

Se gosamos as vantagens do telegrapho, e das viagens tão rapidas, como commodas por mar e terra, não o devemos á America? Donde erão, se não de lá *Franklin*, descobridor da eletricidade, e que no dizer de *Turgot*, como refere o nosso profundo *Torgas*, *eripuit caelo fulmen, sceptrum que tirannis; e Roberto Fulton*, descobridor do vapor?

Saiba pois, Compadre, que ainda não disse tudo, quanto sei da *America*; leia, e pasme; mas não se assuste; porque tudo tem remedio.

Na Associação scientifica Americana, que ultimamente houve em *Portland*, leu o professor *Le Conte* uma memoria sobre a multidão medonha de insectos nocivos; e vaticinou, que quando elles tiverem devorado todo o reino vegetal, o

que não levará muito tempo, atacarão a raça humana, e destruindo-a, só elles ficarão occupando o globo terraqueo!! E que diz a isto, Compadre?

Não se assuste; porque temos o remedio á porta: guarde segredo, se pertende ser comigo e com a sua familia, o *Deucalião*, ou *Noé*, que de novo povôe o mundo. Já me premuni de uma porção de pós *insecticidas*, que aqui se vendem por preço commodo; (só as seringas, com que são soprados, é que custão muito caro), que venhão os *bixarôcos*, quando quizerem. Quantos frascos de pós *insecticidas*, quer que lhe compre?

Os *Hollandezes*, Compadre, como deve saber, reconhecidos e gratos a *Guilherme Buckelst*, que lhes revelou o segredo de salgar, e embarricar o *arenque*, erigirão-lhe uma estatua: quanto maior jus não tem a uma o inventor dos pós *insecticidas*, que nos vai livrar desses *bixancos* tão nocivos, e vorazes, como o *Zina*.

Agora o cazo é mais sério. Nessa mesma Associação de *Portland*, na America, o professor *Young* (não é o que escreveu as tragedias *Busiris, e a Vingança; as Noites* e outros poemas, e foi capellão do Rei Jorge 2.º. é couza mais papa fina), mostrou, que o *sol* é uma grande massa de *oleo gazozo*, cuja crusta coalha gradualmente, e que em breve se tornará n'uma crusta inutil, e sem a menor influencia na economia do universo, por cauza da perda dos gazes, que são a fonte do calor e luz: n'esse caso breve desapparecerá o *sol;*

que reinarão espessas trevas com um frio intensissimo; cessará a vida animal, e tudo regressará ao cahos primitivo!!!

Hoc opus, hic labor est, aqui torce a porca o rabo, como costuma dizer o nosso erudicto *Torgas*: consulte-o a respeito deste intrincado caso. Quanto a mim só a gente armazenando lenha e mais lenha para fazer grande fogueira, que a aqueça e alumie, é que poderá vencer o frio e trevas. O *Zina*, que zela tanto as pinhas e lenha, que vai para a bouça ter conta, que os rapazes lhas não furtem, já terá conhecimento da predicção do professor *Young?* Mau é isso; porque muito e muito lucravão os que escaparem a esse cataclismo, que se não salvasse a raça *Zinal*.

Imagino, Compadre, o desapontamento solemne, que hade sentir com toda a razão o Imperante da *China*, que se intitula, filho do *Sol*, quando lhe constar, que esse radiante, formoso, e vivificador astro, que elle com tanto orgulho chama seu *Pai*, nada mais é, do que uma massa de *oleo gazozo*, talvez bem cheio de ranço, por isso que já dura, ha 5:877 annos, segundo a vulgata; bem como imagino tambem a vergonha, e grande quezilia, que infallivelmente terião os *Incas do Perú*, que se vangloriavão de descender, por parte de *Manco capea*, do mesmo *Sol*, se soubessem a natureza desse ascendente, de que tanto se pavonavão! Como *Pizarro e Almagro*, dando cabo dos *Incas*, ha 340 annos, os livrarão dessa

vergonha, e desillusão; de quem me compadeço é do Imperante da *China*, que por força se dá tanto a perros, quanto o *Zina* com a querella *Falcão*, ou quando não pode alongar e distender um processo orphanologico. Ao *Zina*, Compadre, ver pontas para sugar dinheiro, e escaparem-lhe, é um suplicio, como o de *Tantalo!!*

De todos os objectos da criação que tem servido de alvo ao culto dos idolatras; pois os houverão, e infelizmente ainda ha, que adoram, como Deus, a *cobra, o gato, a vacca*, e infinidade de bugiarias ridiculas, e absurdas, é o *Sol*, que, pela formosura, brilhantismo, e prestimo, o que mais pode illudir a phantazia, e credulidade buçal dos incultos adoradores.

Se resurgissem os antigos Egypcios, que adoravão o *Sol* sob o nome de *Osiris;* os Chaldeos sob o de *Baal;* os Phenicios e Sirios sob o de *Thammus*; os Cananeos e Ammonitas sob o de *Moloch;* os antigos Persas sob o de *Mithras*, e finalmente os Gregos e Romanos sob o de *Phebo e Apollo*, e soubessem, como quer o professor *Young*, que esse Deus, que adoravão, apenas era uma massa de *oleo gazozo*, passarião por um despeito, e decepção tão cruel, como ahi tem passado quantos piamente crião na honestidade e boas qualidades, com que o *Zina* hipocritamente se acafelava, para passar por homem de bem, e como a nata da magistratura judiciaria!

Tendo até este ponto tractado perfunctoria-

mente, e *per accidens*, do vulto de *Sinfães*, e apenas dedilhado uns pequenos arpejos, que a respeito delle vierão *ad rem*, dedicar-lhe-hei por desfastio, e para que meu bom Compadre não cuide, que me esqueço delle, as poucas linhas, que se seguem.

Consta por aqui, Compadre, que, o *Sebastião d'Avó*, andando a monte, por se achar pronunciado por crime inafiançavel, requeréra ao *Zina*, dando-se á prizão. Nada mais simples do que mandar, que recolhido á prizão, e junto o requerimento ao processo, se lavrasse o competente termo; o *Zina* porém, como bem diz meu Compadre, que considera o cargo, indignissimamente exercido por elle, unica e exclusivamente como um beneficio pingue, lucrativo, e rendoso, despachou, mandando lavrar mandado de prizão, de acompanhamento, em fim com todos os requizitos, como se o réo sendo assaltado, fosse prezo contra vontade, e conduzido violentamente á cadeia, com o fim unico não de dar cumprimento á lei, que manda ter entre ferros o indiciado, mas de fazer render o officio, e sugar dinheiro, e só dinheiro.

Quando, Compadre, a Lei estabeleceu emolumentos a um magistrado, ou funccionario publico, foi como paga ou remuneração do trabalho, que tivesse; porque *dignus est operarius mercede sua*, como solidamente argumenta o nosso eloquente *João de Vigo*; ora procurar serviço superfluo, para augmentar a paga ou remuneração, é fazer do

officio ou cargo um beneficio; é esfolar e expoliar as partes; é transformar o sanctuario de *Themis* na *Serra Morena*, no pinhal *d'Azambuja*, ou peior ainda; porque lá rouba-se a peito descoberto, e com risco de levar o troco, e aqui é á sombra da Lei, sem que as victimas espoliadas possão, como diz o *Torgas*, tussir, nem mugir.

Cauzão asco, Compadre, indignão, e irritão os nervos da pessoa ainda a mais indifferente e fleugmatica, o pouco cazo, e desdem, a soberba, sobrecenho e descomedimento de termos, com que esse *farfante tolleirão*, tracta, como é publico e notorio, os desprotegidos da fortuna, especialmente, sendo réos, quando *caeteris paribus*, tracta com distincção, e deferencia escandalosas os réos ricos, ou que occupão na sociedade uma posição mais ou menos elevada; isto não é aleive, vê-se todos os dias ahi nas audiencias, segundo me affirmão testemunhas occulares e fidedignas: haja vista ao tratamento, que deu ao réo *Duque*, e ao que prodigalizou cheio de deferencias e attenções aos réos *Rochas*, pai e filho!

Em que se fundará esse parvo para desculpar tão criminoso, abzurdo, e irregular procedimento? Na Lei?

Não; porque ella é egual para todos, quer castigue, quer premeie; e quando ella permittisse, distincção, que não permitte, devia ser em prol do pobre e desvalido da fortuna, que muitas vezes tem na propria condição, e mizeria, em que

vive, ponderosos motivos, que attenuem o crime, que por desgraça perpetrou; não assim o rico. Em ser actualmente abastado, e reputar os protegidos da fortuna seus eguaes, ou congenéres, e os pobres, por isso mesmo, que nada possuem dignos de despreso ?

Que parvo ! Que mentecapto não é esse bisborria ! Se vigorasse esse principio, com que soberano despreso, e mofador desdem não mecere elle ser olhado, já não digo um *Rodstchild*, que possue mais em farello do que o *Zina* em farinha, mas por qualquer argentario vulgar, entre o qual e *Zina* ha tanta ou maior disparidade, do que entre *Zina* e um pobre.

Compadre, *quem nunca comeu azeite, quando o prova, todo se lambuza*, como sentenciosamente diz o nosso *Torgas*: ora o *Zina*, que o que tem o deve ás artes de *berliques, e berloques*, e hoje ao *cazamento*, vê-se, como o *piolho em camiza lavada*, segundo o dizer do *Communista*, e persuade-se, que é um *Midas;* nas orelhas será, na riqueza não.

Au plaisir de revoir vos lettres.

Seu compadre e amigo.

NICOLAU TORTULHO

Carta de Simplicio d'Arruda a seu compadre Nicolau Tortulho

Compadre e Amigo

A opulentissima casa *Rothschild*, de Pariz, acaba de pôr á disposição dos *maires* d'aquella populosa cidade, como costuma fazer todos os annos, a quantia de nove contos de réis da nossa moéda, para pagamento, durante o inverno, dos alugueis das casas aos indigentes.

Com quanto nas obras corporaes de Mizericordia não venha especificada essa caridosa obra, todos os annos praticada pelos *Rothschilds*, parece-me, Compadre, que em nada cede em merito, e transcendencia a nenhuma das sete, que menciona a cartilha do padre *Ignacio*. Vai muito além da que manda dar pouzada aos peregrinos,

No dizer do nosso commum amigalhão *João de Vigo*, que, como o Compadre não ignora, é encyclopedico, e tem o *Larraga* empilhado no bestunto, esse acto dos *Rothschilds* nem levemente offusca o merito, nem a grandiosidade do que, ha mezes, praticou o nosso amabilissimo *conselheiro ministro Manel Zé Zina*, que se compraz em fazer *bom uzo da riqueza*, que possue, mandando á sua custa reformar a *palha* das enxergas dos presos da cadeia d'esta villa, com o que despendeu a *avultada* somma de 640 réis! *Mirabile dictu.*

Já é liberalidade profuza! A páda, que o imperador *Augusto* mandava dar diariamente a *Virgilio*, pelos abalizados conhecimentos hippicos deste grande homem, era por acazo mais valiosa, mais importante, e rasgadamente mais munificente, do que esse *rasgo generoso* do *Zina?*

Apodárão-no injustamente de *fanfarrão stulto, de patarata tollo* alguns zoilos mordazes, por elle ter mandado publicar no *Jornal do Porto* esse bom uzo, que elle faz, da *riqueza*, que possue, e trazem de reforço á mordacidade, com que o stigmatizarão, o preceito do Evangelho, *que manda dar com a direita, sem que a esquerda o saiba.*

O nosso subtilissimo *Torgas*, que é tão perito cazuista, como o *João de Vigo*, desculpa o *Zina*, dizendo, que, se elle mandou publicar pela imprensa a *grandiosa* dadiva da *palha*, não foi

por ostentação, nem vaidade, fragilidades essas, que são improprias da *modestia*, que tanto caracteriza o *Zina*, como todo o mundo sabe; que foi unicamente com o piedoso fim, de que tão meritoria, quão *grandiosa* obra, servisse de incentivo a outros, para que mandassem aos presos *lençoes e coberturas*, visto que houve, quem tivesse a generosidade de lhes fornecer o *miôlo* das enxergas; e que tanto a esquerda do *Zina* não soube, o que fez a direita, que foi com esta, e não com aquella, que elle escreveu, e *garatujou* o communicado, que todos vimos estampado no *Jornal do Porto*.

Não acha o Compadre concludente e satisfatoria esta interpretação moral do *Torgas?* Andará elle na pertenção de ser nomeado *louvado*, e como não tem *bolotas*, para aliciar a benevolencia do *Zina*, como fez o homem de *Creixomil*, procura alicial-o, interpretando favoravelmente os actos, que com tanta acrimonia os zoilos acoimão?

Dirá o Compadre, para desvanecer este juizo temerario, que alguem possa emittir, que, se *Torgas* o quizesse aliciar, visto não ter *bolotas*, o faria com um exemplar dos repertorios, que vende, para pôr corrente nas phases da Lua o *Zina:* não colhe esse argumento, Compadre; lembre-se que era uma dadiva inutil, superflua, e desnecessaria. Quem mais habilitado, do que o *Zina*, para conhecer as phases lunaticas, pelo poderoso influxo, que esse planeta exerce na cachóla

d'elle? Com que exactidão mathematica não annunciaria elle as phases da Lua, se quizesse compôr repertorios? Ora vamos adiante.

A caridade, que é a mais bella das virtudes christãs, é cosmopolita, e tem felizmente partidarios, e cultores em todo o orbe terraqueo. Se *Rothschild,* apezar de judeu, a exerce tão dignamente em Pariz, *Zina,* que sempre é mais que *judeu* (porque julgo, que foi baptizado), não lhe cede o passo cá em Barcellos: aquelle dá caza no inverno aos indigentes, este dá em todas as estações casa *barata* aos prezos, e *palha,* em que se deitem, o que sempre é mais do que dá *Rothschild, Laus, et jubilatio! Hony soit qui mal y pense!*

Como, Compadre, as conferencias estão muito em voga, tenciona o nosso facundo *João de Vigo* fazer uma, em que vai mostrar, que a *avareza* é o motôr unico da maior parte das torpezas do *Zina:* mostrou-me os apontamentos, que tem tomado sobre a materia, e no meu fraco intender, *João de Vigo* vai brilhar. Desejava para gloria da nossa terra, e renome do conferente, que o Compadre o venha ouvir, e, se fosse possivel, que viessem tambem os do *Cassino* de Lisboa! *Conticuerent omnes, intenti que ora tenerent!*

Confrontando a *ira,* com a *avareza,* acha elle esta infinitamente peior a todos os respeitos, que aquella. A *ira,* sendo ateada pelo incendio

accidental da colera em determinadas occaziões, tem intervalos de calma e repouzo, ao passo, que o vicio da *avareza* não tem um momento de quietação: a *ira* é uma febre intermittente, que o tempo extingue; mas a *avareza* é uma harpia esfaimada, que se aninha no coração; uma febre ethica; uma hydropizia moral, que cresce incessantemente: a *ira* pode algumas vezes alterar o temperamento moral do homem; porém a *avareza* vicia sempre todas as suas acções; porque o seu venenoso influxo dura tanto, como ella: a *ira* debilita-se, definha, e por fim perece pelos seus proprios esforços; não assim a *avareza*, que como o rio *vires acquirit eundo*, cada vez toma mais alentos, e, contra a ordem natural das couzas, quanto mais velha, mais forte, voraz, e vigoroza fica: é vicio que só opéra a sangue frio, e com premeditação, e quanto mais frio estiver o sangue, tanto mais obra.

Deduzindo pois elle destes principios, que a *avareza* é um mal muito maior, e muito mais irremediavel do que a *ira*, e mostrando com factos incontestaveis, que o *conselheiro ministro*, o patarata *Zina*, é dominado por ambas, conclue logicamente, que é incapassissimo de ser magistrado, por ser perverso, iracundo, e avaro; a ira torna-o injusto, parcial, facciozo, vingativo, petulante; e a avareza concussor, deshonesto, improbo, e corrupto: uma verdadeira harpia auri-sedenta.

Alcibiades, como o Compadre sabe, para dar

que fallar ao povo *d'Athenas*, cortou a cauda a um cão, que tinha: o *Zina* representa esse cão, não sem cauda, mas com uma de enorme grandeza; porque só delle se falla e dos seus torpes feitos em toda esta comarca!

Se a proverbial rectidão de *Aristides*, e o muito, que incessantemente nelle se fallava, denominando-o o *justo* tanto irritou o mau humor do rustico, que, só por isso, o votou ao ostracismo; com quanta mais razão, e justiça, não seria votado ao ostracismo o improbo, e deshonesto *Zina* pelo povo desta infeliz comarca, que, enojado de suas malversações, e torpezas sem numero, e cançado de ás soffrer, vê indignado a impassibilidade stoica, com que soffre a merecida guerra, que se lhe faz; a desfaçatez cynica e desaforada, com que arrosta a opinião publica, que o condemna, e com que se aprezenta em publico, trajando uma beca mais polluta e nodoada, do que o avental de um *magarefe*?

Afoutamente se pode dizer, Compadre, que este desprezivel *homunculo* é geralmente aborrecido, e detestado por todos, quantos rendem culto á honestidade, e inteireza; e, se na verdade ha alguem, que em sua consciencia o preze, ou estime, é porque lucra com as torpezas delle: esse é semilhante ao verme imperceptivel, que vivendo na espessura das hervas do campo, considera a ovelha um ente cruel, um monstro voraz, cujas fauces tragão não só a elle, como egualmente a

morada, e cidades, onde habita: e pelo contrario o leão e o tigre, uns animaes inoffensivos, e beneficos, que, longe de o prejudicarem, são os justos vingadores das crueldades e devastações exercidas contra elle pela ovelha. *Cada um conta da festa, como lhe vai n'ella*, costuma dizer o *Torgas*.

O *Zina*, Compadre, é para esse, que se assemelha ao verme em questão, o que para este é o tigre, ou o leão, isto é, um ente bemfazejo, e util; porque as torpezas delle lhe dão interesse; e aquelles, que o profligão e guerreão, são para elle uns entes maleficos, uns monstros crueis, como é para o verme a ovelha; porque o embaração de viver folgadamente das tropelias, e malversações do *Zina*. Que dois interesses tão diametralmente oppostos! De um lado, o egoismo, que quer medrar á sombra do vicio e á custa da desgraça publica; e do outro, o zelo pelo bem publico, e pelo imperio da Lei! Qual dos dois interesses o mais santo, e justo? *Utrum melius?*

Chegou, ha dias, a Pariz, *sir James Buddluton*, membro do parlamento de *Sidney*, capital da *Nova Galles do Sul*; quando tinha 25 annos de idade, apenas ganhava 80 libras sterlinas por anno em uma manufactura de tecidos em *Manchester*, e hoje possue uma das fortunas mais collossaes do mundo. Bem diz o nosso aforista *Torgas*: *que ninguem é propheta na sua terra*; ou *muda de terra, mudarás de fortuna*. Foi exactamente o

que fez o nosso sir *James Buddluton*; n'um bello dia, pegou em si, e poz-se a bordo d'um navio a caminho da *Australia*, onde estabeleceu as primeiras fabricas, que alli se virão, de tecidos, e, empregando nelles uma planta textil, recentemente descoberta, e chamada *China grass*, adquiriu com essa industria uma fortuna, que, pelo menos, vale 80 milhões!! Já é dinheiro!

Os olhos do *Zina*, como o Compadre sabe melhor do que eu, são de reptil, e por mais diligencias, que se faça, ainda aqui ninguem pôde conhecer, de que côr são.

Quando elle lêr esta noticia de tão collossal fortuna, era bem opportuna occazião de se conhecer a côr dos olhos delle; porque com o espanto, e avidez, que por força hade sentir, tem de pôr os olhos esbugalhados palmo e meio fóra das orbitas. Pelo menos 80 milhões! dirá elle; que abençoada materia textil não é a *China grass!* Se, em lugar da chamada *concussões, e peculatos*, que eu tão habilmente emprego nas têas judiciarias, que urdo e teço, apanhasse a *China grass* talvez algum dia chegasse tambem aos queridos 80 milhões desse sir *James Buddluton!* Pelo menos se me cahisse nas unhas o seu inventario!!

Que soliloquios, repassados de cubiça, não fará elle, Compadre, lendo tal noticia?

Aqui chegou na semana transacta o juiz de direito de *Famalicão*, commissionado pela Relação dessa Cidade, para proceder a auto de corpo

de delicto na querella intentada contra o *Zina* pelo *Falcão*, a quem, como uzeiro e vezeiro, injuriára em publica audiencia o mesmo *Zina*. Houve, Compadre, a coincidencia notavel, de que no mesmo dia, hora, e edificio, em que o esdruxulo *Zina* prezidia á audiencia ordinaria, inquiria aquelle magistrado as testemunhas da querella, que para irem depôr, tinhão de atravessar a têa do tribunal, e passar na frente do *Zina*, que, ardendo em raiva, parecia um *condemnado do inferno* assentado n'um brazeiro, fazendo cada carantonha ridicula..... tanta visagem medonha..... que parecia sentir taes cruciatos, como se cada uma das testemunhas, que ião depôr, fosse um espeto candente, que lhe penetrasse no secco, e mirrhado corpo. Que chispas de raiva, de furor, e despeito não lançavão as estreitas fendas d'aquelles olhos de reptil! Vêr assim o seu fôfo orgulho abatido, a sua philaucia rebaixada, a sua stulta soberba conculcada, espesinhada, nullificada, evaporada..... oh! é um tormento tão cruel, como o de *Prometheo*, a quem uma aguia comia o figado ao passo, que lhe ia renascendo, segundo refere a *Mithologia*. *O Caucaso* onde se acha amarrado, de pés e mãos, este soberbo *bisborria*, é a imprensa; o seu figado é o fôfo orgulho; e a aguia, que lho consome, é a opinião publica com o agudo bico da mófa, irrizão, e soberanissimo desprezo, em que o tem.

Como é possivel, Compadre, que continue

aqui esta auctoridade judiciaria, tão desacreditada, como se acha, tão sem prestigio, tão sem confiança, se, sem esta, e sem aquella, não ha auctoridade possivel?

Offerendomi à vostri comandi prontissimo vi saluto e B. L. M.

Seu compadre e amigo,

SIMPLICIO D'ARRUDA

Carta de Nicolau Tortulho a seu compadre Simplicio d'Arruda.

Compadre e Amigo.

Já deve estar farto de saber, que o actual prezidente do Conselho de Ministros, e Ministro da guerra, *a bem do serviço publico e da boa administração* do Estado fez, com que as portas da eschola do Exercito se conservassem fexadas muito além do tempo, que a lei marca, até que um seu *parente*, que quebrára uma perna, e tinha de frequentar a mesma eschola, ficasse bom do incommodo. *Milagres, que eu posso fazer, para que pedil-os a Santo Antonio?* (diz o nosso abalizado *João de Vigo*, e diz muito bem).

Ora, se o Ministro da guerra com uma portaria podia fazer, com que a eschola esperasse

pelo *parente*, para que se havia de incommodar, pedindo a *St.º Amaro*, que lhe curasse e désse vigor á perna?

Todos achão n'esta medida do *Fontes Pereira de Mello* um escandalo inqualificavel, ou antes só proprio do absolutismo, e na verdade não deixaria de o ser, se não houvesse o apotégma, de que a *caridade bem entendida principia por caza*. Matheus, primeiro os meus!

Se elle, sendo ministro da Fazenda despachou para um pingue emprego Fiscal, o *compadre Tavares*, seu *parente espiritual*, que se achava criminoso, privado por isso dos seus direitos politicos, e como tal impossibilitado de exercer um cargo publico, como havia agora de deixar de patrocinar um seu *parente carnal*, que estava privado do uzo das pernas para poder frequentar a eschola do exercito? Jesus Christo disse ao paralitico: *surge et ambula*, o Fontes com igual omnipotencia disse á eschola: *siste, et quiesce;* e a eschola, que se compoem de lentes e d'alumnos, parou, e esperou, que ficasse bom o *parente* do Ministro!

Compadre, o *Fontes* será um pessimo Ministro, dominado pelo *patronato e nepotismo*, será tudo o que quizerem; o que porém ninguem com justiça o pode denominar, é mau *parente*. Se o Compadre, ou algum dos seus amigos tem pertenções perante o actual Governo, forme um schema genealogico, entronque-se na geração dos

Fontes, se pode; ou aliás convide, e faça-se compadre do *Fontes*, e verá, como consegue, o que quizer!

Hoje, Compadre, qualquer *João Fernandes*, qualquer patóla, que se queira arriatar com o pomposo titulo de doutor, não preciza, nem queimar as pestanas, nem romper os fundilhos das ceroulas nos bancos das academias, e universidades, para obter esse grau; não tem mais, do que dirigir-se por escripto a *Medicus*, rua do Rei 46, em *Jersey*, que, mediante meia duzia de libras, obtem o diploma de doutor, ou de bacharel honorario: é pedir por bocca, como no hotel *Calça larga*, rua da Palha casa sem n.º

O *Sampaio*, actual Ministro do Reino, esse tribuno, que aspirou sempre ás honras dos *Gracchos*, esse censor mais *austero*, que *Catão*, e que durante tantos annos não deixou de escogitar meios, ainda os mais ignobeis, e reprovados, para acusar impiedosamente os seus adversarios, que lhe fazião sombra, mas que hoje está transformado n'um *Aulico* a prova de bomba, ou, porque lhe dôa, como *bom patriota*, que sempre foi, segundo opina o nosso bondoso *João de Vigo*, que vá para fóra do paiz essa somma importante dos *patólas*, que solicitão ser doutores *in absentia*; ou, porque quer, como suppoem o nosso malicioso *Torgas*, obzequiar um Amigo, que é uma potestade eleitoral em certo circulo, onde o actual Governo teme ser derrotado, dispensou,

por meio de uma portaria, do exame de *Botanica* um alumno, que sem elle não podia ser matriculado no 3.º anno da eschola Medico-cirurgica de Lisboa; facto esse, que pela sua gravidade e nocivas consequencias, tem sido profligado, não só por toda a imprensa, como tambem por todos os homens cordatos, e imparciaes; mas que, apezar da sua cordura, e imparcialidade, não são dotados da prespicacia prodigiosa do nosso grande *João de Vigo*, que como acima digo *tulit omne punctum* a tal respeito.

Está dado pois, Compadre, o primeiro passo para os doutores *in absentia* formados no nosso Paiz: não levará muito tempo, se tivermos a *fortuna* de que o *Sampaio* se conserve na governação do Estado, que vejamos portarias, mandando passar diplomas de doutores, a quem os solicitar. E não é um rasgo de patriotismo fazer, que fique dess'arte no Paiz o dinheiro, que d'outro modo iria para *Medicus*, rua do Rei n.º 46, em *Jersey?*

Que importa, que um *Medico-cirurgico* saiba, ou deixe de saber *Botanica?* Por ventura elle vai ser herbolario, hortelão, ou boticario? De certo que não. Qual é mais precizo o *latim* a um *Padre*, ou a *Botanica* a um *Medico-Cirurgico?* Dizem *Torgas e João de Vigo*, que o *latim* ao *Padre;* isso não obstante não tivemos já um Papa, *Pedro de Muron* que, subindo ao solio pontificio, se chamou *Celestino* 5.º, que o não sabia? Tivemos, como refere a historia. E não tivemos outro,

Benedicto 9, que, tendo 12 annos, foi collocado na cadeira de *S. Pedro?* Que habilitações podia ter nessa idade? A não ser a de jogar bem o *pião*, ou a *cabra cega*, nenhumas? Ora argumenta, e argumenta muito bem o nosso profundo *João de Vigo*, se, para cargo tão elevado e importante, foi dispensado a um Papa o conhecimento do *latim*, e a outro a capacidade; e habilitações indispensaveis, como gritão, censuram, e condemnão, que o *Sampaio*, que vale tanto ou mais, que um *conclave*, e que todo o *sacro collegio*, dispense do exame de *Botanica* a qualquer alumno da academia Medico-cirurgica? O *Zina* não dispensa tambem do banco razo, que a lei manda, a qualquer criminoso, uma vez que seja nobre?

Quem faz a casa na praça, uns dizem ser baixa, outros, que de alta passa: deixal-os fallar, que elles se calarão. E viva o *Sampaio!* E morra a *Botanica!*

Descobriu-se, Compadre, que na partida *canlista* do cabecilha *Panera* figuravão duas raparigas, que estavão de guarda n'um piquete aquartellado em certa casa: uma d'ellas apenas conta 14 annos, a outra 16, e fazião serviço, havia 3 dias; ambas são expostas da mizericordia de *Tortosa*.

Mal se espalhou a noticia, começarão a ser perseguidas por alguns dos rapazes, que tambem militão nas fileiras do pertendente, e, se escaparão a actos de brutalidade, devem-no á intervenção de varias senhoras!

Perguntadas pelo motivo, que lhes havia inspirado o louco e temerario arrojo de pegarem nas armas; ingenuamente responderão, que estavão persuadidas, de que todos os *carlistas*, que morrião, erão *martyres*, e como taes ião para o *Céo!* Pobres crianças: procuravão encontrar n'uma bala, ou na ponta de uma baioneta a gloriosa palma do martirio.....! Foi com idêas identicas, que *Mafoma* e seus sectarios, que o islamismo, avassallou quazi toda a *Azia*, a maior parte da *Africa*, e grande parte da *Europa;* apezar de sediças, e rançosas taes ideas sempre produzem o desejado effeito.

De que, meu bom Compadre, não é capaz o fanatismo religioso? *Mafoma* fez crêr á maior parte da *Azia*, que o archanjo *S. Gabriel*, sob a figura d'uma pomba, que elle havia acostumado a introduzir-lhe o bico no ouvido, o inspirava por ordem de Deus; que o Altissimo lhe tinha entregado a terra; e que faria marchar na vanguarda, dos que o seguissem, o terror, e a desolação; porém que era precizo merecer o dominio do mundo pelo valor.

Para excitar a coragem de seus sequazes, disse-lhes, que o Eterno havia lançado sobre o abysmo do inferno uma ponte, tão estreita, como o gume d'um alfange; que depois da resurreição os *valentes* a passarião rapidamente para subirem ao empireo; pelo contrario os cobardes, precipitados della, que serião recebidos nas fauces da ser-

pente horrivel, que habita a escura caverna da casa do fumo. Pelos geitos, Compadre, a tal caverna era o inferno! O que *Dante* descreveu era mais medonho; não lhe parece?

Como a religião, que *Mafoma* ensinava era toda sensual, os seus sectarios prestavão-lhe uma attenção tanto mais credula, quanto mais voluptuosas erão as descripções da mansão celeste destinada aos *valentes e corajozos:* interessados pelo prazer dos sentidos na existencia dessa bella mansão, lá os vemos fanatisados pela mais viva crença, e suspirando de continuo atraz das *Houris,* cahir como raios sobre seus inimigos. Se não ha perfeito paralello entre *carlismo e islamismo,* os meios e fins são identicos.

Tenho notado, Compadre, que a maior parte dos velhacos, e dos impostores, e que todos os hipocritas, se servem da Religião, para illudir os incautos, conseguir os seus fins, e encobrir as suas torpezas e maroteiras. Não invocou sacrilega, e vãomente o Santo Nome de Deus o *Zina,* dizendo em publica audiencia, e diante de dezenas de pessoas, que sabião, que elle jurava falso: *um raio vindo do Céo me parta, se eu sou vingativo, ou injusto!!*

Com as divagações quazi me ia escapando esse *bisborria;* para que se não torne alçado, por me julgar esquecido delle, ou talvez cançado de o fustigar rijamente, como merece, dedicar-lhe-hei algumas linhas, para que se lhe desvaneção as

conjecturas, que por ventura elle tenha formado a meu respeito.

Dizem-me que está mais pequenino, que um *feijão gallego*, e mais chato, do que a sola d'um *chinello velho*: *rompante de Leão, e parada de sendeiro*, como costuma dizer o nosso abalizado *Torgas*.

Quem havia de dizer, que aquelle *espirra canivetes*, tão insolente e petulante, tão altivo, e orgulhoso, tão soberbo quanto fatuo, havia em tão pouco tempo, como o da duração do *Barcellense*, de abaixar a proa, e tornar-se um borrego de lã tão macia?

Muito pode o medo, que cauza a animadversão publica, enunciada por trez ou quatro, a quem o *lunatico* chamava *discolos*, e dizia, que querião um juiz *fraco* para pescarem nas aguas turvas (?), mas em quem elle promettia metter o escalpello com a maior placidez? São decorridos dez mezes depois, que o *farfante e bravatoso Zina* fez essa arrogante ameaça no *Primeiro de Janeiro* n.º 36 de 13 de Fevereiro ultimo, e até hoje ainda a não levou a effeito. Tanta demora! Será, porque ainda não afiou bem o escalpello, ou porque ainda não teve um momento de placidez?

Não me posso conformar, Compadre, com a interpretação caridosa, que o nosso subtil *Torgas* dá á publicidade feita pelo *Zina* no *Jornal do Porto* relativamente á dadiva da *palha* aos prezos.

Torgas é epigrammatico como *Marcial;* essa interpreção é um epigramma verdadeiro.

Haverá alguem, que ignore o quanto *Zina* é impostor, o quanto é nimia, e hiperbolicamente jactancioso? Não se lembrão todos daquelle annuncio, que, por occazião do seu cazamento, elle mandou inserir nos jornaes d'esta cidade, dizendo, para metter figas a certa viuva *cerieira*, que lhe havia repudiado com desprezo a mão de esposo, que elle com tanto afan lhe offerecia; que tinha cazado com a filha *primogenita* do Morgado..... e que se recebera na capella de *St.º Antonio*, pertencente ao vinculo do sogro, quando a capella é da freguezia, e nunca pertenceu a vinculo algum?

Repare bem, Compadre, na *primogenita* do Morgado.....para fazer constar *urbi et orbi*, que havia cazado com uma *Morgada!!*

Ora, Compadre, isto além de jactancia proterva, é nogento e ridiculo, como as couzas mais nogentas e ridiculas, e difine cabal e exuberantemente o patarata *Zina*, que é um camaleão perfeito e bem acabado: assim como este se sustenta de ar, o *Zina* sustenta-se, vive, e medra com vans glorias!

Seu compadre e amigo.

NICOLAU TORTULHO

Carta de Simplicio d'Arruda a seu compadre Nicolau Tortulho

Compadre e Amigo

É sediço costume dos *charlatãos*, que frequentão as feiras, para armar aboizes á credulidade dos incautos, arvorar junto da meza, em que se collocão em pé, um poste, tendo pendente sujo painel ou cartaz, no qual, em lettras maiusculas (que as mais das vezes exprimem uma algaravia *zinal*) fazem a propria apotheose, enumerão os seus pomposos titulos, e encarecem a miraculosa virtude, e portentosa efficacia dos remedios occultos, que cavillosamente querem impingir aos *papalvos*.

Seguindo, por uma vocação especial, a pista, e o exemplo de tão bons mestres, o conselheiro ministro *Manoel José Botelho*, vulgo, mazorral

Zina, qual charlatão de feira, amiudadas vezes se serve do interessante, e mui lido *Jornal do Porto*, diario dessa Cidade, como de poste, onde pendura sujo *painel*, ou *cartaz*, para enumerar os seus *deslumbrantes* titulos, encarecer a sua *azinina* intelligencia, e inteireza de *Caco*, e finalmente thurificar-se a si proprio, visto que; ninguem, ou com receio de offender a *modestia*, que tão nimiamente caracteriza o palhaço *Zina*, ou antes, com receio de que lhe gritem=MENTES=, se atreve a elogial-o.

Um pouco vemos naquelle poste o *cartaz* assignado por *Manoel José Botelho*, pedindo a publicação da felicitação, que a instancias e pedido delle, lhe dirigirão os Povos da Ilha *Terceira*. Que excessiva modestia! Este cartaz *sujo e immodesto*, por ser assignado pelo proprio interessado, logo serviu de previo thermómetro, não só da intelligencia, e capacidade do *Zina*, como de suas qualidades moraes: foi o dinamómetro, por onde n'esta comarca quantos tinhão a fortuna de não conhecer tão *pifia*, quão *ridicula* criatura, logo aquilatárão, o que elle podia valer: e não se enganarão; porque o ulterior procedimento, e subsequentes actos do *Zina*, confirmarão tão justa apreciação.

Outro pouco lá arvora o *painel* ridiculo da sua chegada á sua quinta de *Fundoes*, onde deu um jantar de 12 talheres! Que *Apicio*, ou que *Locullo!!* Ora, Compadre, se os convivas fossem

pessoas de alto cothurno, personagens de elevada gerarchia, e o jantar fosse opiparo e semptuoso, julga o *Zina*, patarata, farfante, e jactancioso, como na verdade é, e não ha outro, que o iguale, capaz de omittir seus nomes, e de não fazer a descripção do banquete? Ninguem o crerá: logo o que acredito, e parece-me, que afoutamente posso jurar, é, que os convivas, se é que deu o jantar, forão o successor do *P.e Clavina*, o seu sachristão, o barbeiro da freguezia, o regedor, o tamanqueiro, o mestre alfaiate e os restantes, cabreiros, barqueiros *rebellos*, e jornaleiros; e que o jantar constou, além do caldo com feijão e castanhas, de pão, arroz, e sardinhas com a competente pinguinha.

Lá se vê pendurado no mesmo poste um novo *cartaz*, se igual na *sujidade*, superior aos antecedentes na *stulticia!* Nelle annuncia *urbi et orbi*, que se matrimoniára com a filha *primogenita* do Morgado de *Vessadas*, sendo celebrado o acto na capella de *St.º Antonio*, pertencente (?) ao vinculo do Sogro!!! Isto quer dizer: *Cerieira*, tu que me desprezaste; tu, por quem tantas solas rompi, e servi de bobo á tua vizinhança, quando me avistava, ruge, e morde-te, pois vou ser *Morgado.....!*

Lá apparece, Compadre, no mesmo poste, um safado *painel*, tendo pintado o seu regresso a esta villa, acompanhado de todos os empregados judiciaes, que coagidos, e forçados pela cir-

cular, que a cada um d'elles de per si dirigiu da *Foz*, indicando-lhes o itinerario, que seguia, o dia e hora, em que aqui devia chegar, o forão esperar, em carro, ao caminho, parodiando dess'arte o rei *Bobeche* com a sua *luzida* corte!

Eis que lá se avista affixado no mesmo poste novo cartaz, annunciando sem *vaidade*, nem *ostentação* o bom uzo, que faz da sua muita *riqueza (?)*, mandando do seu bolsinho reformar, por occazião do typho, que se manifestára na cadeia d'esta villa, *a palha* das enxergas dos encarcerados nella, com o que despendera a avultada somma de 640 réis!!

Oh! Caridade, exulta; ainda felizmente tens cultores. *Francisco Xavier*, *João de Deus*, *Vicente de Paulo*, e vós outros celicolas bemaventurados, que inflamados no amor do proximo, tanto vos sacrificastes n'esta vida, exercendo a Caridade, não julgueis eclipsada a vossa memoria, nem mareada a aureola da gloria, que vos circunda, por este *grandioso* acto do *Zina!* Se o não egualastes, bemaventurados Servos de Deus, é, por que a vossa pobreza o não permittiu.

Iria longe, meu bom Compadre, se enumerasse todos os *paineis*, *e cartazes*, que este abjecto *charlatão* de feira, este farfante *saltimbanco* pendura no poste do *Jornal do Porto*, para illaquear a boa fé, de quem por felicidade o não conhece, e ignora o seu valor intrinseco, que é tanto, como zero.

Ah! que se o conhecessem tão perfeitamente, como toda esta comarca o conhece, como o rebutalho, e escoria da magistratura judiciaria, falsario, concussor, improbo, e deshonesto; e se soubessem, que é elle proprio, que se elogia, que se thurifica, exalta e engrandece a si proprio n'esses sujos e immundos *cartazes*, morrerião de asco, e nojo! *Quo usque tandem, Zina, abuteris pacientia nostra?*

Permitta-me, Compadre, que lhe falle do ultimo *cartaz*, que esse *charlatão* de feira recentemente pendurou no poste: leia o n.º 279 do *Jornal do Porto* de 5 do corrente, e logo no principio da feira dos annuncios, logar correspondente aos *ferros velhos*, encontrará arvorado o *cartaz*, a que me refiro.

Os fins principaes que o *Zina* teve em vistas, forão 1.º fazer constar, que assistiu ao *Te-Deum* celebrado aqui no anniversario do glorioso 1.º de Dezembro de 1640; 2.º conscio, de que na verdade injuriou no exercicio de suas funcções, como juiz de direito, o *Falcão*, procurar predispor a seu favor os juizes, que tem de julgar a querella, negando cobardemente o facto incriminado, e inculcando-se innocente; e 3.º finalmente apregoar-se *probo, activo, intelligente, digno, integerrimo, e modelo da magistratura*, apadrinhando-se, pondo-se á sombra, e em parallelo com o digno, e illustradissimo Delegado do Ministerio Publico, Dr. *Coelho*, que está tanto acima do *Zina* a todos

os respeitos, quanto o sol exede em grandeza o mais vil athmo terrestre, ou em esplendor a luz, que fulgura na cauda de um perilampo!!! Que parallelo pode haver, Compadre, entre a luz e as trevas, entre o calor e o gelo, entre a virtude e o vicio? Nenhum: é precizamente o mesmo, que ha entre o improbo, e deshonesto *Zina* e o honradissimo Dr. *Coelho*, que é uma antitheze d'aquel'e bisborria, rebotalho da magistratura judiciaria!

Quanto ao 1.º fim, é sestro inveterado deste nogento animalejo, vendo, que todo o mundo aqui o despreza, que ninguem lhe dá a menor importancia, e que pelo contrario todos o odeião pelas suas depravadas qualidades, e innumeraveis malversações, inculcar-se pessoa de muito respeito e consideração, para fazer crêr lá fóra, que é aqui bem quisto, e acatado.

Compadre, ou o *Zina* é tolo: ou tão velhaco como tolo: opto pela ultima disjunctiva, e não me engano. *Jorge Jeffrys* foi um magistrado *Inglez*, famoso como o *Zina* por suas iniquidades: occupou os primeiros cargos da magistratura nos reinados de *Carlos* 2.º e de *Jacques* 2.º chegando a ser chanceller mór, quando este ultimo subiu ao throno. Na revolução de 1688 tentou evadir-se da *Grãa Bertanha;* o povo porém, que tinha bem impressas na memoria as suas torpezas e iniquidades, reconhecendo-o na fuga, o conduziu prezo á *Torre de Londres*, onde o pezar fez o officio do carrasco....

Que o *Zina* tenha bem prezente esta historia, e que peça a Deus, que não dê ao Povo da comarca o ensejo desgraçado, que deu ao de *Londres*; porque então conhecerá, ainda que tarde, se é que ainda o não conhece, o respeito, a consideração, e estima, de que goza.....

Quanto ao 2.º fim, Compadre, dando de barato, que *Zina* fosse, como incontestavelmente não é, *probo e intelligente*, segundo elle mesmo se apregôa nesse cartaz, provão por acazo essas qualidades, quando na realidade as tivesse, que elle, *uzeiro e vezeiro* a injuriar as partes, que por infelicidade vão ao tribunal, não injuriára grave e aleivosamente o *Falcão?*

De que serve pois essa coartada de *probo e intelligente*, que não vem nada para o cazo, a não ser para tornar mais aggravante o seu crime? Se elle, sendo arguido de crimes horrorosos, taes como *concussão, peculato, malversão, deshonestidade, e falsificação*, não vem á imprensa para se justificar, e não requer uma syndicancia, para se mostrar impolluto, como vem agora com esse *cartaz*, se não é o jury, nem o publico, que o tem de julgar n'essa querella, mas sim a Relação do Districto? O fim é obvio: é para predispôr á seu favor os juizes, que tem de o julgar.

E que lhe parecem, Compadre, a desfaçatez cynica, a cobardia abjecta e infame com que elle chama *infundada* a queixa do *Falcão?* Haverá

ente mais desprezivel, e cobarde, mais sevandija e vil, que este bisborria, que se atreve a negar a acção, que teve a protervia de praticar, faltando-lhe agora a coragem de a confessar?

Que se espera d'um juiz, que viciou uns autos para encobrir uma concussão; que teve a improbidade de forçar um inventariante a descrever uma divida, cuja cobrança lhe dava interesse, por pertencer ao espolio indiviso do fallecido sogro desse improbo e deshonesto juiz? Em que conta deve ser tido esse juiz, que, tendo sido accuzado dos crimes os mais graves, que podem deshonrar a qualquer, e tornar execravel a sua memoria, e que polluem, maculão, e conspurcão horrivelmente a toga, que indignamente veste, não sente o enorme pezo dessas accuzações, e desconhece o indeclinavel dever, que lhe impoem o brio, o pondunor e honra, de requerer incontinenti, como fez o honradissimo Dr. *Pousão,* uma syndicancia a seus actos, não tanto para confuzão dos que o profligão, e stigmatizão, mas para se rehabilitar, e justificar?

Como ouza dizer, que merece por ser *digno, e integerrimo,* os elogios de toda a gente sensata e honrada desta comarca, quem assim procede tão torpemente, quem dess'arte tanto sublima, e acrizolada a desfaçatez, e o cynismo?

Compadre, ou o que esse homunculo ridiculo chama *sensato e honrado* é o que nos diccionarios, e geral accepção se chama *louco e deshon-*

rado, ou então quiz irrogar, como é do seu louvavel costume, uma atrocissima e clamoroza injuria ao bom Povo d'esta comarca!

Quanto ao 3.º fim, Compadre, vendo, que a bem merecida aura, e prestigio, que pelo seu saber, affabilidade, zelo, e inconcussa probidade, goza tanto n'esta comarca, como em todas, onde tem estado, o actual Delegado do Ministerio Publico, crescem na progressão geometrica em que decrescem, e se aniquilão a respeito do *Zina*, que é aqui execrado; e que as nobres qualidades do digno Delegado são notorias em toda a parte, quiz equiparar-se a elle; e, porque todo o mundo sabe, que a *virtude* não se pode ligar com o *vicio*, para melhor enganar, quem o não conhece, inculcando-se virtuoso, disse no *cartaz*, a que alludo, que elle e o Delegado se dão perfeitamente!!! Que podem dizer-se uns modellos da magistratura!!! O demonio, que se acha sob os pés de *S. Miguel*, e que com a imagem do Santo forma uma só peça, se fallasse, estou certo que não mentiria tão desaforadamente..... assim como estou tambem, que é tal o brio, o melindre do nobre Delegado, que se imaginasse, que alguem o equiparava em qualidades ao *Zina*, que preferiria o suicidio a tal afronta, e a tão infamante vilipendio!

Tem-me esquecido, Compadre, de lhe communicar, que as nossas cartas tem sido publicadas no *Bareellense;* e como com o decurso do tempo

a collecção desse Periodico pode ficar troncada, varios apreciadores do *Zina*, querendo erigir-lhe um monumento *ad perpetuam ejusdem memoriam*, instarão com o Editor, para as imprimir em um volume avulso, que já se acha no prélo.

Em conformidade com a lei tem de ser enviados alguns exemplares para certas Bibliotecas publicas; as gerações futuras ahi encontrarão cantadas em proza, senão didatica, corrente as *gentilezas do Zina. Sic ad sidera itur:* é mais feliz do que *Erostrato* este lunatico.

Seu compadre e amigo,

SIMPLICIO D'ARRUDA.

Carta de Nicolau Tortulho a seu compadre Simplicio d'Arruda.

Compadre e Amigo.

O Conselho de guerra prezidido pelo duque de *Aumale*, e reunido, ha perto de sete mezes, em *Versailles*, para julgar o marechal *Bazaine*, por ter capitulado, entregando aos *Allemães* um poderoso exercito, superior a cento e cincoenta mil homens, e a cidade de *Metz*, senão a mais forte, por certo uma das mais importantes praças de guerra, que a *França* possuia na fronteira da *Allemanha*, acaba de sentenciar unanimemente á degradação militar e á morte o referido *Bazaine*, por não ter feito, o que lhe prescrevião o dever e a honra.

Em seguida ao julgamento todos os mem-

bros do Conselho de guerra assignarão uma petição dirigida ao chefe do Governo, o marechal *Mac-Mahon*, pedindo-lhe o perdão do condemnado.

Acho nobilissimo o procedimento dos membros do Conselho de guerra: sendo todos militares, e pondo de parte o espirito de camaradagem, e de classe, ou antes, se o Compadre o entender melhor assim, inspirados por um bem entendido zelo, amor, e credito da sua classe, não hezitarão condemnar a ser exauthorado das honras e insignias militares, e a morrer fuzilado, um seu collega, que havia enxovalhado, aviltado, e deshonrado a sua nobre classe, deixando de fazer quanto a honra e o dever lhe impunhão; para que porém a austeridade rigida, com que assim procedião, não podesse ser attribuida a má vontade, a inveja, ou a outro qualquer sentimento ignobil da parte d'elles para com o réo, tiverão o nobre e cavalleiroso procedimento de se constituirem medianeiros, e intercessores, para que o chefe da nação lhe perdoe. E perdoará elle? Veremos.....

Se bem que o homem nunca seja tamanho, nem se assemelhe tanto á Divindade, como quando perdoa; com tudo sendo *Mac-Mahon* rispido observador da disciplina militar, e *Bazaine* pela sua insciencia, desleixo, *Napoleonismo*, ou pelo que o moveu a capitular, a cauza principal das desgraças incalculaveis que desta fatal capitulação advierão á França, que foi apeada do fastigio de

gloria, a que as azas de suas aguias a havião outr'ora elevado, como nação bellicosa, muito temo por *Bazaine*, e que, feito bode expiatorio, queirão lavar no seu sangue o desdouro, porque a *França* passou, com o fim de fazer crêr ao mundo, que se a *França* succumbiu, foi por culpa d'esse general, e não porque os *Allemães* excedão na coragem, valor e tactica os Francezes....

N'este momento, Compadre, acabo de vêr telegrammas, que noticião o perdão de *Bazaine*, a quem *Mac-Mahon* comutou a pena de morte em 20 annos de prizão, e confirmou a degradação militar, dispensando-o das formalidades dessa pena, que na verdade são um terrivel e vergonhoso transe para quem as soffre! Dissiparão-se pois as minhas aziagas aprehenções.

Sem receio de errar, Compadre, asseguro-lhe, que o *Zina*, o qual, pela sua excessiva vileza, ignora, e não comprehende o que seja nobreza, por certo não considerará nobre o procedimento dos Juizes, que condemnarão *Bazaine*; porque espera, e tem como certo, segundo ostenta, que por um repprovado, e mal entendido zelo, e espirito de classe, os Juizes, que tem de sentencial-o na querella *Falcão*, o absolverão infalivelmente, sem lhe passar pela desmiolada bola, que é esse mesmo zelo e espirito de classe, que mais devem actuar nos julgadores para abrirem no *Zina*, que tanto, e tão torpemente tem polluido e conspurcado a beca, que indignissimamente veste, um

exemplo de sua imparcialidade, e rectidão, e que ponha cobro, não só ás demazias de qualquer *petulante*, como tambem ao desprestigio, em que desgraçadamente vai cahindo a magistratura judiciaria, por cauza do *Zina*, e de outros, que taes e quejandos, que são o flagelo dos Povos, e a escoria da nobre classe da magistratura.

Parece-me, Compadre, que não será fóra de propozito observar-lhe, que sendo importantissimo, e complicadissimo o processo *Bazaine;* que constando de muitas mil folhas de papel, e de innumeraveis documentos, mappas & &; que dependendo o seu andamento e conclusão da hida de alguns Vogaes ao logar, onde tiverão lugar os factos, para o exame topographico do local; e que tendo de ser inquiridas centenares de testemunhas pró, e contra o accuzado: tudo isso se concluiu em cerca de sete mezes, ao passo, que essa ridicula farça, que se está reprezentando em *Lisboa*, e a que dão o enfatico nome de Conselho de guerra dos implicados na *pavoroza e tetrica* conspiração do novo Catilina, *Souza Cazacão*, já dura, vai em dois annos, e Deus sabe quantos mais durará.... para a final vermos..... *mons parturiens ! !*

Compadre, ou os *Francezes* são uns levianos, e nós uns pensadores profundos; ou aliás, tudo isto, que por cá vemos, é uma farça para desvairar e entreter o Povo, e enganar o Soberano, a quem querem incutir panico..... como judiciozamente opinão os nossos Amigos *Torgas e João de Vigo*,

que são uns perfeitos *Metternichs* na politica interna e externa.

Ha dias no café do boulevard *Voltaire*, em Pariz, apagarão-se repentinamente todos os candieiros de gaz, que o illuminavão. Os frequentadores espavoridos escaparão-se a toda a pressa, por temerem uma explozão, um ataque ás aljebeiras, ou outro qualquer incidente por cauza das trevas. Averiguado o cazo, conheceu-se, que mão estranha havia fechado o respectivo contador, e com a claridade viu-se a auzencia de varios chapeos, guarda-chuvas, bengalas & e de uns amabilissimos setenta e tantos mil réis, que estavão sobre o balcão. É ociozo dizer-lhe, que os *escamoteadores* empalmarão tudo o que faltava, escudados na escuridade, que havião produzido, fechando o contador do gaz.

Narrando este facto, Compadre, são incansaveis alguns jornaes em proclamar, como eminentes na *ladroagem*, os gatunos de Pariz, unicamente porque roubão ás escuras! Se tal louvor não é loucura, é sem duvida fascinação patriotica: sem receio de que assim me qualifiquem, antepondo o *Zina* aos *escamoteadores* de Pariz, exporei as razões, em que me fundo, para que lhe conceda a palma. *Cesse tudo o que a muza antiga canta, que outro louvor mais alto se alevanta.*

É incontroverso, Compadre, que aquelle, que rouba abroquelado, com as trevas, é menos audaz, menos destro, menos corajoso, menos impudente,

do que o que rouba ou furta á luz do dia, diante de todos, e sem temer as consequencias do rasto, e vestigios, que pode deixar; porque é muito mais insigne nos ardis e artimanhas, que emprega, do que o que rouba ou furta na escuridade: ora sendo o nosso *Zina* concussor; porque leva emolumentos, ora indevidos, ora mais do que os devidos, e tanto isto é verdade, que compellido pelo clamor publico, e pela imprensa, já com bastante magua e pezar seu teve de restituir alguns ás partes expoliadas por elle; e subtrahiu um requerimento com propozito e intenção de fazer mal e prejudicar o interessado, de quem elle é figadal inimigo; e praticando todos esses actos torpes á luz do dia, em publico tribunal, e sem apagar os vestigios de suas *concussões*, que em bom Portuguez não são outra couza mais do que *furtos;* está elle, ou não muito superior aos gatunos de Pariz, que exercem nas trevas a *ladroagem?*

Ninguem o negará: *ergo* não devo ser taxado, de que me alucina o patriotismo, reivendicando para o amantetico *Zina* a superioridade sobre os gatunos de Pariz. *Suum jus cuique*, o seu a seu dono, como costuma dizer o nosso profundo *Torgas*, de quem ha dias recebi carta, na qual me faz estas mesmas ponderações, que deixo relatadas.

Os *Janisaros*, meu bom Compadre, segundo me conta um meu vizinho, que, sendo moço, navegou muito para o *Bósphoro*, e portos da *Turquia*, erão uma milicia criada, dizem uns por

Amurat 1.° em 1362, e outros por *Bajazet* 1.° em 1389, com o fim de guardar o throno, e defender as fronteiras: tendo prestado grandes e relevantes serviços á *Porta*, com especialidade em *Varna*, e em *Cassovia*, onde o seu valor decidiu da victoria, com o decurso do tempo fizerão-se os *Janisaros* temidos pela sua indisciplina, e insobordinação, até que, insurreccionados em 1826, forão dissolvidos, e por fim exterminados.

O Corpo de policia militar de Lisboa, vulgo *Municipaes*, foi criado para manter a ordem, e o socego publico na capital, e mais especialmente para coadjuvar, e prestar o auxilio da força armada ás diligencias da Policia Civil. É inegavel, que, como os *Janisaros* de Constantinopla, esse Corpo tem prestado muitas vezes grandes e relevantes serviços; mas tambem é certissimo, e incontestavel, que desde certo tempo para cá, maxime actualmente, tem deixado de preencher os fins de sua instituição, e que preciza d'uma radical reforma, porque vai quazi litteralmente parodiando os *Janisaros* da Turquia; e, pelo que consta, quem mais podorosamente concorre para tão notavel desvirtuamento de fins, é o seu proprio commandante, o Barão de *Zezere*, que em guerra aberta com a Policia Civil, nem merece as simpathias do publico; porque maltrata os cidadãos, nem respeita as auctoridades civis, com quem a cada momento arma conflictos.

Umas vezes esse commandante, transgredindo

as ordens policiaes, passa no seu carro, por onde estava vedado o transito; outra vez um pobre homem é maltratado, e peior recebido n'uma casa da guarda, e horas depois morre no hospital; n'outra occazião, um cidadão pacifico é conduzido ás des horas da noite ao *Limoeiro*, como se fosse um facinora; lá surge um conflicto entre a Camara Municipal de Lisboa, e o commandante da Policia militar; eis que agora se suscita outro no circulo *Price* entre o mesmo commandante e o commissario da Policia Civil! Que optimos exemplos para disciplinar e sobordinar um corpo militar!

Somos, Compadre, força é confessal-o, uma nação pequena e pobre; os nossos recursos financeiros estão esgotados, e explorados com tanto excesso, que o mizero Povo já receia com razão, que lhe tributem o *ar*, que respira, a *agua*, que bebe, e o *solo*, que os pés occupão; isso não obstante o *deficit* ainda não desappareceu, e só Deus pode saber, se algum dia desapparecerá esse terrivel cancro.....

Em vista deste medonho painel, convem que tenhamos a maior e mais restricta economia. E como pode havel-a, se continuão as *sine-curas*, os esbanjamentos; e se para commandar um corpo de Policia é nomeado um *General*, cujo soldo, forragens, cavalgaduras, e mais vantagens são excessivos, e importão annualmente em centos de mil réis, se, para fazer o mesmo, que elle faz, é mais que sufficiente um *Tenente Coronel*?

Compadre, não sou *historico*, nem *reformista*, nem *regenerador*; sou unicamente *Portuguez*, do que muito me ufano, e como tal, lamento do fundo d'alma as nossas desgraças; affianço-lhe porém, sob minha palavra d'honra, que quando seguisse um partido politico, nunca seria o *regenerador*; porque o considero o mais impopular, e o mais nefasto de todos.

Ha quantos mezes, Compadre, se tem posto a calva á mostra, com factos provadissimos ao Conselheiro ministro *Zina*, réo convicto de *concussões*, de *peculatos*, de *falsificações*, de *tropelias*, de *malversações*, *e innumeras torpezas*, qualquer d'ellas a mais escandalosa, e digna de prompto, e immediato castigo, não só para desaggravo das leis incessantemente conculcadas por elle, como tambem para alivio dos Povos d'esta comarca horrivelmente flagellada por elle, e para credito da magistratura judiciaria, que por cauza d'elle vai perdendo a olhos vistos o prestigio, que lhe é indispensavel? Ha quazi um anno.

É por acazo o clamor publico contra este *Verres* tão pouco unisono, tão pouco estrondoso, e Portugal um colosso tão grande e extenso, que esse clamor não chegue, nem aos ouvidos do proprio Governo central, nem dos seus delegados no Districto, e no Concelho? Quem dirá que o clamor publico não é unisono, nem estrondoso, e que por ser Portugal um colosso, como a Russia, o Governo do Estado, nem os seus delegados po-

dem ouvir esse clamor? Ninguem.

Estou certo Compadre, que se estivesse no poder ou o partido *historico*, ou o *reformista*, e não o *regenerador*, que sempre foi o patrono da devassidão e deshonestidade, visto que o *Zina* não requer uma syndicancia a seus actos, qualquer desses dois partidos, ha muito, teria mandado proceder a uma minuciosa syndicancia, para desaggravo do *Zina*, se está innocente, e da lei, se culpado, como na realidade está. E que maior prova da sua culpabilidade, além dos documentos inconcussos, que delle existem nos cartorios, e em poder dos particulares, do que o indifferentismo cynico, e abjecto, com que elle deixa macular de um modo horrivel, de uma maneira nunca vista o seu credito, a sua reputação e honra, finalmente aquillo, que o homem de bem deve antepôr e preferir á propria vida?

Só esta unica circumstancia era mais, que bastante, para que um qualquer Governo, que não fosse regenerador *in nominé*, como o actual mandasse syndicar de um juiz, a quem o clamor publico com razão preconiza como o rebutalho e escoria da magistratura judiciaria: o proprio governo da *Communa* não deixaria de o fazer!

Por hoje basta; até á vista: pois lá vai consoar quem preza ser cordialmente

Seu compadre e amigo.

NICOLAU TORTULHO

Carta de Simplicio d'Arruda a seu compadre Nicolau Tortulho

Compadre e Amigo

Em vista do exuberante contentamento, que a sua prezença, e amavel companhia cauzarão a todos desta sua casa, e da profunda magua produzida pelo seu regresso a essa, não posso aquilatar, nem decidir, qual seja maior, se a alegria, que todos sentimos, quando temos a ventura de o vermos entre nós, se a pungente saudade, que tanto nos penaliza, vendo-o partir: tão subido é o apreço, que damos á sua prezença e companhia!

Muito estimando pois, que o novo anno, mais propicio, do que esse de catadura tão antipathia, e repellente, como a do *Zina*, que ha poucas horas acaba de se sumir na voragem da eterni-

dade, proporcione a meu bom Compadre tantas felicidades, quantas para nós anhelamos, faço sinceros e fervorosos votos, para que regressasse incolume a seus lares, e continue a fruir a mais perfeita saude: o mesmo lhe apetecem cordialmente todos os meus, que saudozamente muito se lhe recommendão, e com muita especialidade o seu afilhado *Barnabé*, que reverente lhe pede a benção.

O rapaz Compadre, (leve a breca a comparação, que não leva couza que preste) sonha tanto com o Padrinho, como o *Zina* com um inventario, onde possa metter o *gatazio* ou *atolar o dente*; e, como não ser assim, se o Compadre lhe aguça de continuo a cubiça com os muitos mimos, que lhe manda? Quem dá, parece-se com Deus.

A visita de medico, com que o Compadre nos honrou, apenas nos permittiu, que dessemos um passeio rapido por este nosso ninho patrio, para de relance vermos alguns dos melhoramentos materiaes, que por cá tem havido, inhibindo-nos de moralizar-mos ácerca da dubia utilidade d'alguns.

Lembrado deve estar meu bom Compadre, de que ficamos extaticos, boquiabertos, e surprehendidos por vermos collocado um lampeão da illuminação publica no campo da Feira, em frente da carreira bem plana, larga, e recta, que d'elle vai entestar com a frontaria da igreja e hospital da Mizericordia; e, que não podendo nós

atinar de modo nenhum com os *ponderozos* motivos, e *altos fins* de semelhante collocação, sem duvida por não sermos versados na *Algebra politica do christianismo das nações*, e nunca termos lido as *viagens do infante D. Pedro ás sete partidas do mundo*, a taxamos de excentrica, e absurda, e como tal digna de ser revogada pela nova Vereação, para que superfluamente se não gaste o dinheiro do Municipio.

Assim levianamente o decedimos, ficando convencidos, de que mettemos uma lança em Africa com a apreciação, que fizemos; quanto porém nos enganamos! *O teu parecer não desprezarás, mas o dos outros ouvirás*, diz com muito acerto o nosso mestre das sentenças *Torgas*.

Uma discipula no *misticismo* da fallecida *Garapaia*, diz, que estando os tempos revoltos pela impiedade, e que tendo os ultra-republicanos de Hespanha feito apear dos lugares publicos de algumas cidades as imagens dos Santos, a velha Vereação, por espirito de religiosidade, como contraste, e em opposição a esses *iconocolastas*, ultra-republicanos Hespanhoes, mandára collocar o lampeão da nossa embirra no lugar, onde se acha, com o fim de alumiar ás imagens, em pedra, da *Vizitação*, collocadas no frontispicio da igreja da Mizericordia. Sendo assim, como é de crêr, louvemos a devoção, confessemos, que erramos no juizo que fizemos, e acceitemos o quinau da serva de Deus.

Ouça agora, Compadre, o nosso eminente João de Vigo, que é tão metaphizico como um *Humboldt*: diz elle, que sendo um Hospital o *porto*, onde muitos vão pôr termo á viagem neste valle de lagrimas, e devendo com toda a propriedade, ser considerada *barra* desse *porto* a carreira, que vai ter ao Hospital; e, porque não ha nação alguma civilizada, por mais pobre, que seja, que deixe de mandar collocar pharoes, que indiquem aos navegantes as barras dos seus portos, a Municipalidade compenetrada d'esse louvavel costume e necessidade urgente, mandára alli collocar aquelle lampeão, cuja utilidade nós contestamos *levianamente*, para servir de pharol e guia aos *chavecos* humanos, que queirão procurar o abrigo d'aquelle *porto*.

Diz ainda elle: se *Hero* acendia no alto de uma torre um archote, que servisse de guia a *Leandro*, quando a nado atravessava o *Hellesponto*; é por ventura menos perigoso, que este, o campo da Feira, menos preciosa do que a de *Leandro*, que era um bregeiro, a vida de qualquer cidadão enfermo; e mais extremoza, do que a Municipalidade, essa menina *Hero*, que além de ser pagã era uma loureira impudica? Em vista deste arrazoado magistral, confessemos, Compadre, que erramos, e que nos mettemos a tarallhões.

Torgas, que é tão subtil como *Scoto*, e que em nada cede o passo a *João de Vigo*, por saber de côr e argumentado o *Roteiro da vida tempes-*

tuosa, e a Biblia do justo meio, diz, que o fim, que a Vereação velha teve em vistas, collocando o lampeão da nossa *injusta* quizilia, é alta e sublimemente moral; e que aquelle lampeão vale tanto ou mais, do que um dos melhores sermões, prégados com tanta uncção pelo nosso grande *P.e Antonio Vieira*. Que aquelle lampeão lembra, aos argentarios, aos que queirão fazer bom uzo da sua riqueza, como o nosso amantetico e esdruxulo *Zina*, a necessidade de contemplar com uma gloriosa menção testamentaria aquella casa de caridade; aos devassos, e immoraes a precizão de arrepiarem carreira, para que mui breve alli não vão encontrar o seu fim; aos prodigos e esbanjadores, para que sejão economicos, e regrados nas despezas, para que não cheguem a precizar d'aquelle refugio, e assim por diante. E que tal lhe parece o da rabecca; Compadre, é bico ou cabeça? Erramos ou não erramos na censura, que fizemos? Confesso, que sim.

Estes pareceres desencontrados, meu bom Compadre, em prol da collocação do tal lampiãozinho naquelle lugar, fazem lembrar-me a anecdota de um *padre*, e uma *namoradeira*, que ouvindo dizer, que a *Lua* era habitada, olhavão para ella por um telescopio. O *padre* dizia, que as sombras, que via nesse planeta, erão o *campanario* d'uma igreja, teimava a *namoradeira*, que erão *dois amantes* felizes, que conversavão á puridade!

Assim a discipula da *Garapaia* interpreta

a collocação do lampeão mistica e asceticamente: *João de Vigo* metaphisicamente; *Torgas* moralmente; o Compadre e eu superflua, e absurda, e tanto mais absurda, quanto é certo, que alli de nada serve, e ha ruas, onde, ou não ha lampeão, ou, se os ha, são como Oazis nos dezertos da Arabia. Porque telescopio verá esse lampeão dos meus peccados a nova Vereação? Façamos votos para que seja pelo grande telescopio da conveniencia publica.

Saiba, Compadre, que um tal *Knecht*, de Glaris, como noticião ao *Bund*, acaba de fazer uma descoberta, que no dizer d'este jornal, terá um lugar importante entre os inventos uteis deste seculo: sabidas as contas, não é nada mais, nem nada menos, do que o meio de dar aos perfuradores dos tunneis toda a dureza de uma verdadeira ponta de diamante, junta a uma tenacidade extraordinaria.

Estes estrangeiros, Compadre, de um argueiro fazem um cavalleiro, com o intuito de se exalçarem, e de fazerem, com que as demais nações vejão, por um microscopio, o que é d'elles.

Sou partidario acerrimo das expoziçõoes internacionaes; querer provar a immensa utilidade, que d'ellas provem, seria o mesmo, que provar a quem não é cego, a utilidade da luz, ou a quem está sequioso, que a agua lhe mitiga a sede; por isso deixo de me explanar a tal respeito. Se o *Zina*, quando não fosse por gloria propria, com

o que elle pouco se importa, attenta a incommensurabilidade da sua nimia *modestia*, mas sim para honra e gloria de *Sinfães*, se prestasse a ser mettido n'uma gaiola de ferro, qual *surucucú* vivo, para todos sem receio o examinarem de perto, e á vontade, e fosse assim conduzido á exposição de *Vienna d'Austria*; á que se projecta fazer em *Madrid*, *Londres*, *e Genebra*, segundo noticião os jornaes, estou certo que eclipsaria a gloria, que os admiradores do tal snr. *Knecht* tanto decantão.

Verião então com pasmo esses estrangeiros, que os perfuradores de *Knecht* estão muito á quem na tempera, e na tenacidade do perfurador inventado pelo *Zina*, para perfurar as aljebeiras dos que recorrem ao tribunal, quer como requerentes, quer como auctores, ou réos.

Ha lá por ventura tunnel ainda o mais silicoso, que se compare a uma *acção d'Alma*, a um *inventario*, a uma *vistoria* bem disputada? Com que subtileza, e tenacidade não perfura ahi o *Zina* a bolsa dos litigantes? Haverão por ventura tempera e tenacidade iguaes, em vista de exercicio tão diuturno, sem que o perfurador tenha embotado uma unica vez?

É de opinião o nosso grande *João de Vigo*, que os de *Sinfães* devem o quanto antes protestar contra a gloria, que os estrangeiros querem dar a *Knecht*, para reivindical-a para o seu conterraneo *Manel Zé Zina*, com o fim de evitar, que

se reproduza a uzurpação de gloria e invento, que nos fizerão os Francezes, attribuindo aos *Montgolfiers* o que muito antes havia inventado o Portuguez *P.e Bartholomeu Lourenço de Gusmão*; já vê, Compadre, que me refiro ao invento dos balões aerostaticos. O cazo agora é mais sério, e por mal cozinhado não devem deixar ir o guizado!

Na minha antecedente missiva enumerei, Compadre, parte dos *cartazes*, que o *Zina* de vez em quando manda affixar, qual *saltimbanco* de feira, no *Jornal do Porto*, com o fim de se elogiar a si proprio, visto que, com verdade, ninguem tem a coragem de o fazer; e com effeito, quem isso fizesse, emprehenderia uma empreza tão difficil e ardua, como a d'esses intrepidos nautas, que em vão tem tentado procurar uma passagem pelo pólo arctico, ou mar delle, para o outro hemispherio: a verdade seria o gelo eterno, que embaraçaria de navegar no mar dos encomios quem emprehendesse tecer-lh'os.

Posto que alguns dos *cartazes*, que enumerei, mostrem á luz do dia o quanto o *Zina* é jactancioso, farfante e bazofiador, todavia não posso rezistir ao prurido de lhe contar um facto, que confirma a jactancia e bazofia, desse parvo.

Costumava elle antes de cazar, e quando morava aqui na Villa, ter em cima da meza, onde escrevia, trez, ou quatro castellos de libras em ouro, e que, quando muito, sommarião duzentos mil réis, para ostentar, aos que lá lhe levavão

algum requerimento a despachar, ou papel forense a assignar, que era *mui rico!!* Não teria o lunatico outro lugar mais conveniente, por exemplo, uma gaveta, uma arca, um bahú, finalmente nem uma bolsa ou sacco, em que guardasse aquelle dinheiro? Quem o negará? Logo é obvio, que era por jactancioso, farfante, e bazofiador, que elle alli o punha em spectação, para, em harmonia com o que as *criadas* assoalhavão, apparentar, que era mui rico. Vir com tal insignificancia ostentar aqui, que é um *Crezo* ou *Midas* é mais que loucura, é desaforado atrevimento! O homunculo sempre se persuadiu, que *Barcellos* era *Sinfães*, a *Carapinhada*, ou *Seixo de Gatões*; mas que amargos, e crueis desenganos do contrario não tem tido o *patarata!*

Vi, ha dias, Compadre, publicada n'um jornal dessa uma sentença, que na linguagem, fundamentos, argumentação, deducção e mais bellezas, que encerra, parece ser o modelo de muitas, que o *Zina* aqui tem dado, com a unica innovação introduzida por elle de *Vistos os autos, vê-se.* Este exordio é primoroso, e' só por si torna *Demosthenica* a reputação do *Zina* que ufano pode dizer: *Posteridade és minha!* Eis a sentença, a que alludo.

«Vistos estes autos f. Pondo os olhos em «Deus Nosso Senhor, e em minha Mãe Maria San«tissima. Empunhando esta Vara Vermelha, com «que prezentemente me acho na mão, que signi«fica a de Moyzés, quando tocou na pedra, e fez

«sahir o sagrado licôr, com que matou a sede ao «povo de Israel, que caminhava para a terra da «promissão por mandado de Deus, que lhe appa- «receu n'uma sarça de fogo abrazado; e attendendo «ao incomparavel empenho de minha comadre «Maria da Silva, e á muita vontade, que tenho «de servir ao réo, e á mulata Catharina; sem em- «bargo das testemunhas que jurarão *contra pro- «ducentem*, não estou por isso; e mando, que «contra o réo se não proceda, dando-se-lhe baixa «na culpa, e condemno ao auctor nas custas, e «em pedir perdão ao réo na missa conventual pelo «dolo e malicia com que o accuza, sem embargo «de ter razão. Villa de Aguas Frias & *João Anto- «nio Durão*—o juiz.»

Vou, Compadre, logo que possa, a *Ferreiros* consultar o *Corpo aberto*, que é a nossa *Pytho- nissa*, como sabe. Desconfio, tenho um presen- timento intimo, que o tal *Durão*, se não era as- cendente do celebre *P.e Clavina*, era por certo parente mui proximo d'elle, e por conseguinte parente tambem do Conselheiro ministro *Zina*, que se inculcou *Durão* ou mais que *durão*, quan- do no *Primeiro de Janeiro* disse, que os *discolos* que o guerreavão, o que querião, era um *juiz fraco*, isto é que não fosse *durão!*

Seu compadre e amigo,

SIMPLICIO D'ARRUDA.

Carta de Nicolau Tortulho á seu compadre Simplicio d'Arruda.

Compadre e Amigo

Para que possa medir com exactidão mathematica o grau d'affecto, que me ufano de lhe consagrar, e a todos os seus, a quem respeitosamente saúdo, e me recommendo saudoso, é bastante, que o aquilate pelo subido grau d'aquelle, que se dignão dedicar-me: por elle conhecerão, o quanto me seria excessivamente penoso separar-me de meu bom Compadre, e de toda a sua respeitabilissima Familia, cuja amavel companhia tive o indizivel prazer de gozar, apenas dois dias, que passarão tão rapidos, como um relampago!

Se logo que a esta regressei, não escrevi a meu bom Compadre, como era dever meu, do que

espero me relevará, foi devido a uma angina catharral, que attribuo por certo ao ardente sol, que apanhei na jornada; incommodo, de que felizmente me acho livre, mas que muito me torturou.

Ora, Compadre, assim como Deus nos dotou de orgãos duplicados para alguns sentidos, como de dois olhos para vermos, dois ouvidos para ouvirmos, duas ventas para cheirarmos, duas mãos para tactearmos; porque não nos havia de dotar tambem de duas boccas, para gostarmos, e duas guellas para engulirmos? Se nos désse em duplicado esses dois trastes, era uma felicidade; por que, quando qualquer d'elles estivesse impossibilitado de exercer o seu mister, ou precizasse de reparos, lançava a gente mão do sobrecellente. Elle, que o não quiz assim fazer, por certo alguma razão poderoza teve para isso: segundo opina o nosso profundo e abalizado *João de Vigo*, essa razão não podia ser outra, senão ter Deus previsto, que havião de haver homens de bocca tão damninha, de guella tão voraz e tragadora, que serião capazes de engulir este mundo inteiro, e que, se em lugar de uma só bocca, e uma só guella, tivessem duas, engulirião este mundo e o outro.....

João de Vigo, Compadre, será sempre para mim *magnus Apollo*; nunca falla sem fundamento; senão repare, e pense. Se o *Zina* tendo uma só bocca, e essa povoada apenas com meia duzia de

solitarios, e uma só guella, é capaz de engulir *um carro de bolotas*, custas *indevidas, e mais* do que as devidas; se espreme, como um lagar, com essa meia duzia de solitarios de *habito negro*, que são restos de maior quantia, uma *vistoria*, um *processo orphanologico* um *inventario*, até, que lhes extraia todo o churume, o que não faria elle, se tivesse duas boccas, e duas guellas? *Retro vade, Satanaz*. Bendito seja Deus; pois tudo, quanto fez, tem o cunho da perfeição. O *Zina* é uma perfeita *harpia*, e um *mau* perfeito!

Constou-me aqui, Compadre, que o digno Vereador da Camara transacta, encarregado do pelouro dos expostos, por despedida, tomára uma medida altamente moralizadora, e convenientissima; mas que o *Zina* tomou, como uma bomba de obuz *Krupp*, e que se sujeitára rezignado aos sues terriveis effeitos não, por virtude, e zelo; mas por medo, (quem tal havia de esperar d'aquelle *espirra-canivetes?*), e para ostentar abnegação e desinteresse; elle, que por dinheiro é capaz de lamber a cabeça d'um tinhoso! *Mouro, o que não podes haver, dá ao diabo por amor de Deus*, diz o nosso eximio *Torgas:* assim fez o *Zina*.

Existião ha annos, por um desleixo inqualificavel, trezentos e tantos expostos de ambos os sexos, e maiores de sete annos, em completo abandono, quazi entregues a si mesmos, vivendo, uns mendigando, outros vadeando, e vagabundeando, e quazi todos, ou pela maior parte, na es-

cola dos vicios, sem officio, sem beneficio, sem occupação, nem trabalho, e o que é peior ainda, sem poderem adquirir o habito deste! Que podia esperar a Sociedade no futuro de quem dest'arte tão pessimos principios levava? Só males e nada mais. Prestantes operarios do *communismo!*

Com quanto os Art.os 285, e 286 do Cod. Civil preceituem, que os expostos e abandonados, logo que perfação sete annos de idade, sejão postos á dispozição do *conselho de beneficencia pupillar*, ou de qualquer outra *magistratura*, a quem a lei administrativa incumbir desse mister, para dar aos mesmos expostos ou abandonados o rumo de vida, que lhes fôr mais vantajoso, fazendo-os entrar em algum estabelecimento, ou entregando-os por contracto a pessoas, que queirão encarregar-se da sua educação, e ensino; todavia são por ora inexequiveis entre nós taes artigos, na parte, que diz respeito ao *conselho de beneficencia pupillar*, pelo não haver constituido; não assim na disjunctiva, que ordena, que sejão entregues á *magistratura*, a quem a lei administrativa incumbe desse mister.

. Ora, mandando terminantemente o Alvará de 31 de Janeiro de 1765, as Portarias de 13 de Fevereiro de 1838, e de 9 de Outubro de 1839, que, logo que os expostos completem sete annos, deve a Camara municipal fazel-os entregar aos juizes, para estes lhes nomearem tutores, e os assoldadarem, deixando-os de preferencia ás amas,

que os tiverem creado, é inquestionavel, que é essa a *magistratura*, a que se referem os Art.os 285, 286, 287, 288, e 289 do Codigo Civil; e por isso acho, no meu humilde entender, que andou legal e acertadamente o digno ex-Vereador encarregado do pelouro dos expostos.

Tambem aqui se sabe, Compadre, que foi tal o despeito, e a raiva, com que o *Zina* viu rebentar tal bomba, que indo na relação desses expostos alguns, que se achão rezidindo fora desse Concelho, como na freguezia da *Graça*, que pertence ao de *Braga*, e em outras, que pertencem ao de *Ponte do Lima*, os mandára riscar, e excluir, por entender, que indevidamente se achavão incluidos!!!

Se no seu lunatico e apoucado *bestunto* elle não pode attingir a razão, pela qual a Camara os tinha incluido, não era mais racional, e curial, mais cordato e conveniente, que pedisse á Camara, esclarecimentos á duvida pueril, que embaraçava a rachitica, e acanhada esphera de sua apoucada intelligencia, do que desse modo revelar o seu mau humor, o despeito e raiva, com que recebia uma sagrada incumbencia, que a lei lhe impoem? *Trabalho sem proveito, faz dôr do peito*, diz o *Communista*, discipulo, ou mestre do *Zina*.

Não sabe o alarve de *Sinfães*, esse *patóla*, que a si proprio nos cartazes, que publica no *Jornal do Porto*, denomina *illustrado e intelligente (?)*, que os expostos são considerados natu-

raes da localidade, em cuja roda forão expostos, e cuja Municipalidade os subsidiou, embora rezidão e tenhão sido criados em Concelho diverso? Donde julga o *lunatico*, que a Camara extrahiu a relação dos expostos, que lhe foi remettida, a não ser da matricula respectiva, e dos livros, em que se achão minuciosamente exarados os termos de entrada desses expostos? Como pois mandou elle eliminar da relação os expostos, que se achão em freguezias, que não pertencem a esse Concelho? Foi por ser bruto irracional, ou por despeito e raiva, vendo, que d'ahi nenhum provento lhe rezultava?

Foi por ambos os motivos; embora alguem tente desculpa-lo, allegando, que a ideia da eliminação lhe foi insufflada por *outrem*. É isso crivel; pois já tem *assessor* um ente tão opiniatico, tão obstinadamente teimoso, tão capitoso, e casmurro, tão balofamente enfatuado, que não admittia a mais leve observação, embora cordata, e razoavel? Quanto pode o medo, meu bom Compadre!!

Sim, essa metamorphoze, que tão sensivel hoje se nota nesse abjecto bisborria, não é virtude, é operada pelo medo, que delle se apossou. Poderá dizer-se fiel o ladrão, que deixa de roubar com medo da cadeia, ou do exilio; e dotado de temperança o crapulôso, que deixa de se embriagar, com medo de uma apoplexia, ou de aggravar os seus padecimentos? Assim o *Zina*. Quanto não deve o Povo dessa infeliz comarca ao *Bar-*

cellense, e sobre tudo ao *Ozorio*, que foi o *Barnabau*, que domou essa fera gerada e criada nas brenhas de *Sinfães!*

Compadre, por aqui não faltão na actualidade distracções e divertimentos. Acha-se em expozição em uma casa na *Batalha* uma moça *andaluza* de 24 annos tão alta, e nutrida, que peza 285 kilogrammas, isto é, a bagatella de 19 arrobas e quazi 13 arrateis: qualquer pessoa de mediana altura, ao pé daquelle collosso de carne, parece um pigmeu! Quando a vi, Compadre, tive um desejo extravagante; era aninhar-lhe na aljebeira o *Zina*; com a cabeça apenas de fóra pareceria um *Sagui*, ou quando muito um *mico* de Cabo Verde.

Não sei, se o Compadre se lembra ainda da celeberrima *Manélla*, que no anno de 1848 ou 49 ahi reprezentou n'um cazebre da rua de *S. Vicente* scenas da mais revoltosa impostura, fingindo chagas, como as de Nosso Senhor Jesus Christo, mão-communada, não sei com que *bom* Padre, para zombar da credulidade publica; impostura, que foi desmascarada pelo habil Facultativo *Manoel Lopes d'Albuquerque*.

Pois bem; um jornal de *Aisne*, em França, dá a noticia, de que no cantão de *Oulchy-le chateau* uma rapariga, originaria da *Belgica*, installada com sua Familia desde o S. Martinho em *Grand Rozoy*, como a celebre *Manélla* dessa Villa, finge soffrer a Paixão de Nosso Senhor Jezus Christo, reproduzindo as differentes attitudes, e diversas

phazes della, desde quinta feira de cada semana até o sabbado ! Imagine, Compadre, pelo que ahi aconteceu com o mal reprezentada impostura e fingimento da *Manêlla*, que rebuliço não irá entre os povos simplices dos cantões proximos a *Rozoy*, taes como *Soissons, Fraisne, Fere &:* é uma affluencia continua de povo, que quer vêr e venerar a pertendida *santa !* Sobre a porta do quarto onde ella habita, está affixado um cartaz, onde se lê:

A familia pede: 1.° que não entrem mais de sete pessoas; 2.° que não conversem, mas sim rezem o rozario; e 3.° que não se demorem mais de meia hora.

Nesse quarto ha sempre uns dez *Padres*, um dos quaes, que é director, mora na caza da rapariga, e veio com ella da terra da sua naturalidade !

Oh ! Compadre, isto bem longe de beneficiar a Religião, prejudica-a, e desacredita-a, dando armas aos impios, que a combatem: se ella não fosse verdadeira e divina, como é, e eu firmemente a creio, e professo, convenho, que precizasse, como a de *Dalai-Lama*, dessas imposturas ridiculas; mas tendo em si o cunho da divindade, e da verdade, para que taes imposturas ! Que maiores provas da infinita bondade de Deus, que assim permitte, que se zombe delle, e do que ha mais santo e sagrado ?

Não me admiro, Compadre, que ainda no seculo actual se empreguem taes imposturas, para

se especular com a credulidade publica; sempre houve quem uzasse dessas artimanhas e farças: um pouco fazem os impostores, que Nosso Senhor Jezus Christo escreva uma carta, remettendo o seu retrato, a *Abgaro*, rei de *Edessa*, e ahi corre impressa com a resposta do mesmo rei: outro pouco fazem que nossa Senhora tambem dirija outra á cidade de *Mecina* e a seus cidadãos, *e che prometteva di liberarli d' ogni qualunque male*, promettendo livral-os de todo o genero de males! Admiro-me sim, que gosando o clero Francez da fama de ser o mais illustrado, o mais bem conduzido do catholicismo, sejão alguns membros delle os principaes fautores da farça, que actualmente está reprezentando em *Rozoy a Manélla Belga*. Quem levára lá o Lopes d'Albuquerque!

Muita gente pergunta, como das brenhas de *Sinfães* se foi acoutar nessa a fera voraz *Zina?* Que espanto pode esse infausto acontecimento cauzar? Não foi, ha poucos dias, morta na *Anadia*, se bem me recordo, uma especie de Onça, e não veio o bicharoco para lá de muito mais longe, do que *Sinfães?* Não tem os lobos descido das serras do *Gerez*, da *Estrella*, e doutras para povoados distantes, onde tem feito carnificinas horrorosas em gados, e gente?

Ha dias, Compadre, na povoação de *Cebolla*, do concelho da *Covilhã*, appareceu um lobo *Zinal*, mais que esfaimado e sedento; todos o soppunhão

hydróphobo; fez muitas victimas racionaes e irracionaes: as pessoas mordidas por elle morrião umas após outras! Um pobre homem chamado *João Mathias*, imitando *Codro*, rei d'Athenas, ou *Curcio* romano, sacrificou-se para salvar os outros; arremeteu com a fera, e introduzindo-lhe na bocca a mão esquerda nua, para lhe conter o impeto, com a direita, armada d'uma faca, lhe cortou o pescoço: ambos cahirão por terra, o lobo degolado, e o homem exhausto de forças e com os dedos da mão, que mettera na bocca do lobo. todos cortados!! Talvez morra este heroico e denodado cidadão.

Seu compadre e amigo.

NICOLAU TORTULHO

Carta de Simplicio d'Arruda a seu compadre Nicolau Tortulho

Compadre e Amigo

Celebra a Santa Madre Igreja no dia 28 de Dezembro de cada anno da Graça, que corre, a festividade dos Santos Innocentes, que *Herodes* o grande, ou o *Ascalonita*, mandou matar em *Bethleem*.

O *Barjona de Freitas*, actual ministro das Justiças, para memorar esse nefando e iniquo morticinio, invejoso da *gloria*, que delle proveio a *Herodes*, tambem quiz ser *Herodes*; porque parodiando a negra acção desse execravel scelerado, e empunhando o terrivel cutello, tão impiedoso, como *Herodes*, mas mais deshumano, que elle, pela sua propria mão matou, e de um só golpe 21

Julgados! Se o não fez no dia prefixo, em que a Igreja memora, e celebra a morte dos Santos Innocentes, como convinha, foi por serem ferias: a decapitação dos Julgados precedeu 5 dias a morte dos Innocentes; por isso piamente se deve crêr, que a lembrança desta catastrophe suscitou a ideia d'aquella. *Salus, honor, virtus quoque.*

Pedia a boa administração da Justiça, Compadre, exigião os interesses, e conveniencias de alguns Povos, que fossem extinctos alguns Julgados, que não tinhão razão de ser tanto, porque lhes faltavão os meios materiaes, como cadea, onde fossem recolhidos os criminosos, edificio apropriado e conveniente, que servisse de tribunal, e em que funccionassem as repartições publicas &&; como tambem porque são nelles rarissimas as pessoas, ainda as mais mediocremente habilitadas, para exercerem os cargos inherentes á autonomia desses Julgados.

Não forão de certo estas as circumstancias, que actuarão no animo do novo *Herodes*, em vista do que succedeu: cheio de furor empunhou o mortifero cutello, e degolou a torto e a direito 21 Julgados! E onde foi elle enterrar os cadaveres de alguns desses decapitados? A 45 kilometros de distancia, como succedeu ao Julgado de *Mondim de Basto*, que foi annexado á comarca de *Villa Pouca d'Aguiar*, que dista d'elle de 30 a 45 kilometros; de sorte, que qualquer, que rezida em certas freguezias de *Mondim*, e tenha de

ir depôr, como testemunha, em *Villa Pouca*, ou de requerer seu direito alli, tem de palmilhar entre ida e volta 90 kilometros, isto é a bagatella de 18 leguas, quando se fosse annexada á comarca de *Celorico de Basto*, que lhe fica mais proxima apenas andaria 5 a 6 kilometros! Isto é que se chama *zelar*, como se deve, o commodo e interesses dos Povos.

Diz o nosso subtil *Torgas*, que assim como ha hoje escolas de natação, de equitação, de gimnastica, de esgrima &, o *Barjona de Freitas*, quiz tambem com essa annexação formar no extincto julgado de *Mondim* uma escola de *andarilhos*. A não ser o que o *Torgas* pensa, tão iniqua medida só pode ser interpretada, como furor *herodino!*

Em *Alvito*, em *Mação*, no *Sardoal*, e com especialidade em *S. Thiago de Cacem*, que todos forão decapitados, a barbaridade do novo *Ascalonita* tem produzido nos Povos a maior irritação, e, se o parlamento não fizer revogar o acto iniquo do Governo, Deus sabe o que d'ahi rezultará! A decapitação de *Cacem* é tão escandalosamente revoltosa, que o proprio Governo não achando meios airosos, com que se desculpe, succorre-se á tangente, de que foi enganado pelas auctoridades judiciaes, que assim o informarão.

Ora, se o Governo foi illudido, se praticou um acto imprudente, e iniquo em virtude das falsas, e capciosas informações, que lhe forão da-

das pelas respectivas auctoridades judiciaes; por que razão não revoga immediatamente esse acto iniquo, e não manda proceder com o maior rigor contra essas auctoridades, por se acharem incursas no Art.° 285 do Cod. Penal?

Não enganou torpemente o esdruxulo *Zina* o Governo, accuzando aleivosamente o honrado *Dr. Pousão?* Enganou, e tanto o Governo reconheceu a innocencia provada deste digno e probo magistrado, e que era totalmente calumniosa, e manifestamente aleivosa a denuncia do abjecto *Zina*, que julgando desnecessaria a syndicancia requerida pelo *Dr. Pousão* a seus proprios actos, cabal, concludente, e plenissima a sua defeza, o removeu para comarca tanto, ou mais lucrativa, que esta, o que equivale a uma tremenda bofetada no *focinho do Zina*; essa bofetada porém apenas foi um desaggravo, uma justa apreciação do merito do accuzado injusta e aleivosamente; mas nunca o merecido castigo ao falso e infame delator.

Que castigo infligiu o Governo ao falsario e aleivoso denunciante? Deixal-o em santo ocio gozar dos proventos, tanto mais gordos e pingues, quanto mais é voraz a sua descommunal avareza, e rapacidade..... ! Um Governo pois, que deixou de punir um juiz, que o enganou, será capaz de proceder devidamente contra as auctoridades judiciaes, que o illudirão, que lhe derão informações falsas a respeito de *S. Thiago de Ca-*

cem? Não o esperemos. *Hoc opus, hic labor est,* como judiciosamente costuma dizer o nosso *João de Vigo.*

Contão os jornaes, Compadre, como um phenomeno curiozo, que existe em *Pariz* uma rapariga, por nome *Maria Verdin*, de 18 annos de idade, que padece uma enfermidade tão rara, como estranha: é *nyctálope;* porque vê melhor de noite, do que de dia; tem natureza de *mocho* e de *coruja*, que só veem de noite. Os negros *Alvinos* todos padecem de *nyctalópia;* porque pouco ou quazi nada veem de dia, e perfeitamente de noite; por isso não me parece tão rara e estranha a molestia de tal rapariga. Quanto mais raro e estranho não é o sestro do *Zina*, que nada vê, nem ouve, não farejando dinheiro, e quando o fareja, tem ouvido de phthisico, e vista de lince: é capaz de vêr então um argueiro na India! Como alimento desse sestro, elle tem tornado *chrysopeios* os mais simplices actos judiciaes, como por exemplo, o mandado de acompanhamento, e mais tretas, que precederão a entrada do *Sebastião d'Avó* na cadeia, quando voluntarlamente se deu á prizão.

Saiba, meu bom Compadre, que tendo sido julgada procedente a querella intentada por *Falcão* contra o insolente e petulante Juiz de direito desta infeliz comarca, o mazorral *Zina*, breve teremos por aqui o juiz de direito de *Famalicão* a inquirir testemunhas sobre o facto incriminado,

e sobre a circumstancia importantissima e essencial, de ser o mesmo amavel *Zininha* uzeiro e vezeiro a praticar idemticas *amabilidades*. Que sacrificios porém, e despezas enormes não custa ao *Falcão* este desforço, este desaggravo legal, a que outrem menos prudente, e mais ardido do que *Falcão*, por certo teria preferido um *fueiro*, como mais efficaz, prompto, e milagroso?

Sendo a vida commercial tão melindrosa, como deve ser o procedimento moral de uma donzella, que zela a sua reputação, que funesto e terrivel alcance não tem o improperio, e convicio, dirigidos por uma auctoridade judiciaria em publico auditorio, e na occazião, em que exercia a sagrada missão, que a lei lhe incumbe, a um homem de procedimento exemplar, que professa a vida commercial, dizendo-lhe em tom brutal e descomedido, qual o que distingue o *Zina*: *eu já estou informado, que V. m. não é pessoa séria!* Isto, Compadre, é mais que injuria, é mais que insulto, é mais que calumnia: é deitar uma nodoa indelevel no credito, e reputação desse homem, que segue a vida commercial; é tolher-lhe a sua nobre e utilissima carreira; é um assassinato moral.....

Se as transacções commerciaes se bazeão muito mais no credito, de que deve gozar o negociante, do que nos meios pecuniarios, com que gira; que confiança pode merecer, como poderá progredir, nem prosperar na carreira commercial aquelle, a

quem a propria auctoridade, guarda, e executor da lei, lançou o labêo, e impoz o ferrete de *pouco sério*, que na geral accepção quer dizer *velhaco e traficante*, e se esse labêo passar em julgado, ou sem o devido correctivo, e o insolente calumniador ficar impune? Por isso bem fez *Falcão* tomando o desforço legal, que tomou contra o *Zina*: o expediente do *fueiro* era bem cabido n'outro qualquer cazo; nunca porém neste, que exige uma reparação solemne, e essa só a podem dar os tribunaes.

Compadre, quanto não está ora manso, e menos insolente e atrevido o *Zina*, depois que *Falcão* querellou d'elle! Está mesmo um borrego de lã macia!—Se o padre a quem elle injuriou, dizendo-lhe: *temos Padre, é testemunha falsa*, e o negociante a quem disse: *o sr. será tudo o que quizer, menos homem de bem*, tivessem dado ao *Zina* o ensino, que *Falcão* lhe está dando, mais cedo este bisborria teria entrado no bom caminho, ainda que *burro velho não toma andadura*, como diz o nosso mestre das sentenças e aphorista mór *Torgas*.

Este homunculo além de ser grosseiro e inculto, resente-se da pessima, ou nenhuma educação, que teve; parece, que nunca tractou, senão com as camadas mais infimas da sociedade; e que maior prova quer disso, e da sua grosseria e descomedimento, do que o facto, de que já nas nossas anteriores cartas fallamos, quando elle

disse perante as pessoas convocadas para tractar dos festejos, que se devião fazer por occazião da vinda de Sua Magestade a esta Villa: *Sua Magestade se quizer comer, que o traga!*

Ha coiza alguma, que eguale a grosseria, a petulancia, o brutal descomedimento de tal expressão! Quanto me não dôe, Compadre, que não houvesse alguem n'aquella reunião, que asperrimamente lhe exprobrasse tão selvatica grosseria, e descomedimento: foi tambem um insulto, que dirigiu aos assistentes; porque os considerou, aventando tal ideia, tão brutos e grosseiros como elle.....

Veja, porém, Compadre, a vileza infame d'aquella desprezivel creatura, e até onde chega aquelle fôfo orgulho. Dizendo, *Sua Magestade se quizer comer, que o traga*, votou em linguagem arrieiratica contra a proposta de se dar um copo d'agua, ou de jantar a Sua Magestade; mas quando El-Rei estava servindo-se da refeição, que lhe fôra offerecida, andava pairando por diante delle, para vêr se o convidava a comer com elle; e como visse, que El-Rei o não convidava, tendo convidado aliás o vereador, que servia de Prezidente da Municipalidade, sahiu abruptamente, e mais furioso, do que um cavallo desbocado! Que bajoujo patarata!

A população maritima de *Pariz*, Compadre, ficou sobresaltada com uma nova descoberta: foi o cazo, o que vai vêr. Suspendendo um dos

rebocadores, que navegão no *Sena*, a corrente, que costumão estender de *Pariz a Montereau*, veio embaraçado n'ella um cadaver horrivelmente desfigurado, entrajado á moda do seculo passado: calção, collete de setim á *Luiz 15*, camiza com punhos de renda, sapatos com fivellas, e tacões altos.

Imagine a estupefacção d'aquella pobre gente, vendo aquelle figurão assim entrajado! Procedendo-se a exame, encontrou-se nos bolsos do affogado a chave, que aclarou o misterio. Foi um patusco, que querendo representar de *marquez* n'um baile de carnaval, por ter bebido de mais, cahiu no rio, e affogou-se.

Se grande foi o pasmo da população maritima, muito maior seria, se pescassem o cadaver do *Zina:* entrajado de *pintalegrete*, como costuma andar, tomavão-no por certo como um *macaco* de realejo; e paramentado com a capa de *conselheiro ministro*, (que a fallar a verdade lhe fica a matar, como se costuma dizer), todos apostarião, que era um *Familiar de Santo Officio*.

Está proxima, Compadre, a eleição de procurador á junta geral de Districto: certos *Amalecitas*, que se não podem conformar com a ideia, de que lhes seque uma *videirinha*, que lhes proporciona *aprazivel sombra, e saborosissimos fructos*, arrepellão-se, e extorcem-se, só com a terrivel lembrança, de que a podem perder, e por isso empenhão-se, e barafustão, para que lhes não

advenha essa desgraça..... Julgo, Compadre, uma inqualificavel desconsideração para a nossa terra, menosprezar os nossos conterraneos, e eleger estranhos; é mostrar que somos tão pobres de pessoas habilitadas, que nos vemos forçados a mendigal-as fóra do Concelho ! Oh ! isso nunca ! Que os outros nos menosprezem injustamente, mau é; que sejamos nós mesmos que nos menosprezemos, elegendo estranhos, além da falta de patriotismo, é vileza. Nesta eleição não pode entrar a politica, e se entra, mostrão então, que o partido *regenerador*, não tem sequazes no Concelho; porque se vai buscar fóra d'elle, quem o seja.

Seu compadre e amigo,

SIMPLICIO D'ARRUDA.

Requerimento do Zina

Diz o patife do Zina
malcreado sem igual,
que lhe furtarão ha dias
os morangos do quintal;
e pois, que tinha desejos
de brindar os seus *amigos*
vê-se na necessidade
d'esperar até aos figos.
Pede então aos redactores
do *jornal que elle não lê*
se conformem com a troca
e receberão mercê.

Não, senhor, não se lhe espera, pague e não bufe.

Replica

Quer pagar o supplicante,
redactores do *Barcellense*;
ninguem dá o que não tem,
diz o sabio Genuense.
Quer sómente apresentar-vos,
em lugar dos moranguinhos,
um açafate de figos
dos chamados *bacorinhos*.
Sendo o seu valor egual,
que rasão vos amofina?
Aceitai: assim o espera
o *conselheiro* do Zina.

Elle a dar-lhe e a burra a fugir;—bacorinhos!.... bacorinho será elle e toda a sua geração;—faça-se fino e espere-lhe a volta. Meu caro, senhor, pão pão—queijo queijo—ou moranguinhos ou duas caxoladas, entende?.....

FIM.


PREÇO 300

biblioteca municipal barcelos
7219
Cartas de Simplicio d'Arruda a seu compadre Nicola